

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

SILVIA SEGOVIA ARAUJO FREIRE

**O SILÊNCIO E O SOFRIMENTO/ADOCIMENTO PSÍQUICO DOCENTE SOB A
ANÁLISE DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL: das condições às emoções**

CAMPO GRANDE - MS
2023

SILVIA SEGOVIA ARAUJO FREIRE

O SILÊNCIO E O SOFRIMENTO/ADOCIMENTO PSÍQUICO DOCENTE SOB A ANÁLISE DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL: das condições às emoções

Relatório de defesa de Tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Faculdade de Educação como requisito parcial à obtenção do título de Doutor.

Área de Concentração: Educação

Linha de Pesquisa: Processos formativos, práticas educativas, diferenças.

Grupo de Estudo GEPPE – Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicologia e Educação.

Orientadora: Professora Doutora Sônia da Cunha Urt

CAMPO GRANDE - MS
2023

Freire, Silvia Segovia Araujo Freire. 2023.

O silêncio e o sofrimento/adoecimento psíquico docente sob a análise da psicologia histórico-social: das condições às emoções/Silvia Segovia Araujo Freire. – Campo Grande, 2023. 250fl.

Trabalho de Tese (Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus Campo Grande, 2023.

Orientadora: Professora Doutora Sônia da Cunha Urt

1. Palavras-chave: 1.2 Sofrimento/Adoecimento Psíquico; 1.3 Psicologia Histórico-cultural; 1.4 Professores de Escola Pública. I. Freire, Silvia Segovia Araujo. II. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. – *Campus* de Campo Grande. III. O silêncio e o sofrimento/adoecimento psíquico docente sob a análise da psicologia histórico-social: das condições às emoções.

CDD (XX) XXX XXX

SILVIA SEGOVIA ARAUJO FREIRE

**O SILÊNCIO E O SOFRIMENTO/ADOCIMENTO PSÍQUICO DOCENTE
SOB A ANÁLISE DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL: das condições
às emoções**

Trabalho Acadêmico apresentado ao
Programa de Pós- Graduação em Educação
da Universidade Federal de Mato Grosso
do Sul – *Campus* de Campo Grande como
requisito parcial para obtenção do título de
doutor em Educação.

Campo Grande, MS, _____ de _____ de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Sônia da Cunha Urt
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Marilda Gonçalves Dias Facci
Universidade Estadual de Maringá – UEM
Membro Titular

Prof.^a Dr.^a Flavines Rebolo
Universidade Católica Dom Bosco – UCDB
Membro Titular

Prof.^a Dr.^a Celia Beatriz Piatti
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS
Membro Titular

Prof.^a Dr.^a Josiane Peres Gonçalves
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS
Membro Titular

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Lima dos Santos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS
Membro Suplente

Dedico esta Tese à minha família, pelo
apoio incondicional, e a todos os professores
que fazem da educação uma arte de transformar vidas!

AGRADECIMENTOS

A Deus a quem, de forma carinhosa, refiro-me sempre como “O Cara lá de cima”, em quem acredito e a quem confio meus sonhos, desejos, angústias, tristezas e toda a minha vida.

À minha família, meus pais, minha sogra, meus irmãos, cunhadas (os), sobrinhos (as) que sempre me apoiaram incondicionalmente e me ajudaram de todas maneiras para realizações dos meus sonhos, em especial ao meu esposo Maurício que sempre compreendeu minhas ausências e de todas as formas esteve junto a mim, e ao meu filho Juliano, para quem busco sempre fazer e ser melhor, razão da minha vida.

Aos meus colegas de trabalho pelo apoio e compreensão frente as minhas falhas e ausências, e que se fizeram presentes durante toda a minha caminhada até a finalização do meu trabalho.

As ASSS, que de colegas de trabalho que se tornaram amigas para vida!

Ao Ertz Clarck Melindre amigo que a graduação e a vida me presentearam.

À Professora Doutora Sônia da Cunha Urt, leonina, sinônimo de intensidade, apaixonada pela docência que me recebeu com paciência e me encaminhou para a concretização desta Tese, mesmo diante das minhas dificuldades, e que me proporcionou grandes e valiosos aprendizados.

Ao GEPPE e aos colegas de grupo que me proporcionaram longas e intensas noites de estudo e me receberam desde o início da forma mais acolhedora possível.

Agradeço a banca examinadora que em muito contribuiu com o meu trabalho, a Professora Dra. Marilda Gonçalves Dias Facci, Professora Dra. Flavines Rebolo, Professora Dra. Celia Beatriz Piatti e a Professora Dra. Josiane Peres Gonçalves.

À Professora Doutora Regina Baruki-Fonseca, por quem tenho imenso carinho e admiração, que sempre esteve presente nas minhas caminhadas e conquistas acadêmicas e que, com sua humildade e sabedoria, sempre me incentivou a acreditar em mim mesma.

À Adaline, companheira de estudo, orientação, apresentação de trabalhos e eventos, que me fez perceber a força de vontade do ser humano quando, em seu trabalho de turno noturno, em plena pandemia, discutíamos nossos artigos, em meio a sinais sonoros de monitores cardíacos e respiratórios.

À Ariane e à Jussimara que, de colegas de grupos de estudo, transformaram-se em amigas para a vida toda e que proporcionaram boas e leves risadas durante nossos encontros de estudo, assim como Valquíria que nunca hesitou em colaborar com seus conhecimentos tecnológicos e atenção.

À Secretária Adjunta Maria do Carmo Provenzano, que não hesitou em colaborar de todas as maneiras necessárias para a realização desta pesquisa.

A todos os professores que, de forma carinhosa, dedicaram um pouquinho do seu valioso tempo para participar e contribuir para a consumação desta Tese.

RESUMO

Na realização de sua atividade o ser humano envolve seus desejos, expectativas, sentimentos e suas emoções, e a forma como os organiza e os controla contribui diretamente para sua atuação frente as diferentes situações do ambiente de trabalho. A partir dessa compreensão, esta pesquisa teve como objetivo principal analisar as causas do sofrimento/adoecimento psíquico dos professores da rede municipal de educação do município de Corumbá – Mato Grosso do Sul sob o olhar da Psicologia Histórico-Cultural (PHC). A escolha por essa abordagem teórica ocorreu por possibilitar entender os fenômenos como o sofrimento/adoecimento psíquico e sua amplitude a partir das questões que abarcam a atividade do ser humano e suas dimensões constituídas concreta e historicamente. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou como procedimentos metodológicos a aplicação dos seguintes instrumentos: um questionário com cinco itens de investigação e duas escalas, o Questionário de estresse nos Professores: Ensino Básico e Secundário (QSPEBS) e o *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20), aplicados em um mesmo formulário para os professores por meio da plataforma online. Para os gestores, foi aplicado um questionário que teve como objetivo investigar a existência de ação, projeto ou programa de enfrentamento e a concepção do sofrimento/adoecimento psíquico docente com a finalidade de complementação aos discursos dos professores. O questionário foi aplicado aos professores que se encontravam em sala de aula, e no total de 984 questionários aplicados, atingimos 118 (12%) respostas, e em relação aos gestores, de 251 participantes, alcançamos 26 respostas (10,35%). Ao todo, entre professores e gestores participantes, obtivemos 144 respostas. Devido a pandemia os instrumentos foram aplicados por meio de plataforma online organizados no *Google Forms*. As informações coletadas foram organizadas em tabelas e as respostas apresentadas por frequência. Para o processo de análise e discussão, consideramos as quatro primeiras respostas com maiores frequências de cada tabela. Os resultados revelaram semelhanças e disparidades nas respostas dos professores e gestores, mas apontaram que as relações interpessoais, as condições de trabalho, situações inesperadas como a pandemia, disponibilização e formação para o uso de recursos tecnológicos, a falta de ambiente saudável e de uma escuta qualificada e a ausência de ações, projetos, programas para instrumentalizar os professores a administrar ou minimizar o sofrimento/adoecimento psíquico são aspectos considerados importantes para os professores e gestores. Os gestores identificaram a ausência ou a precarização de ação, projetos ou programas para prevenção do sofrimento/adoecimento psíquico docente. Tanto os professores quanto os gestores que participaram da pesquisa apontam que assuntos pertinentes à saúde mental, atendimento psicológico, coletivo ou individual, ambientes de trabalho saudáveis, mais e melhores formações e aspectos relativos às condições de trabalho são temas importantes para futuros projetos que visem o enfrentamento ao sofrimento/adoecimento psíquico docente. Foi evidenciado nessa pesquisa que as condições sociais consequentes da materialidade da sociedade capitalista resultam na desvalorização e falta de prestígio do trabalho docente, nas condições inadequadas e sobrecarga de trabalho, e, portanto, propiciam o comprometimento das relações interpessoais e o silenciamento das emoções dos professores oportunizando o sofrimento/adoecimento psíquico.

Palavras-chave: Sofrimento/Adoecimento Psíquico; Psicologia Histórico-Cultural; Professores de Escola Pública.

ABSTRACT

In carrying out their activity, human beings involve their desires, expectations, feelings and emotions, and the way in which they organize and control them will directly contribute to their performance in the face of different situations in the work environment. Based on this understanding, this research had as its main objective to analyze the causes of suffering/psychic illness of teachers from the municipal education network in the municipality of Corumbá - Mato Grosso do Sul from the perspective of Historical-Cultural Psychology (PHC) The choice for this The theoretical approach made it possible to understand phenomena such as psychic suffering/illness and its scope based on questions that encompass human activity and its concrete and historically constituted dimensions. This is qualitative research that used the following instruments as methodological procedures: a questionnaire with five research items and two scales, the Stress Questionnaire for Teachers: Basic and Secondary Education (QSPEBS) and the Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20), applied in the same form to teachers through the online platform. For the managers, a questionnaire was applied with the objective of investigating the existence of action, project or coping program and the conception of the teaching psychic suffering/illness with the purpose of complementing the teachers' speeches. The questionnaire was applied to the teachers who were in the classroom, and in the total of 984 questionnaires applied, we reached 118 (12%) answers, and in relation to the managers, out of 251 participants, we reached 26 answers (10.35%). In all, among participating teachers and administrators, we obtained 144 responses. Due to the pandemic, the instruments were applied through an online platform organized in Google Forms. The collected information was organized in tables and the answers presented by frequency. For the analysis and discussion process, we considered the first four responses with the highest frequencies in each table. The results revealed similarities and disparities in the responses of teachers and managers, but pointed out that interpersonal relationships, working conditions, unexpected situations such as the pandemic, availability and training for the use of technological resources, the lack of a healthy environment and listening qualified and the absence of actions, projects, programs to equip teachers to manage or minimize psychological suffering/illness are aspects considered important for teachers and administrators. Managers identified the absence or precariousness of action, projects or programs to prevent teacher suffering/psychic illness. Both teachers and managers who participated in the survey point out that issues related to mental health, psychological care, collective or individual, healthy work environments, more and better training and aspects related to working conditions are important topics for future projects aimed at coping with the teaching psychological suffering/illness. It was evidenced in this research that the social conditions resulting from the materiality of capitalist society result in the devaluation and lack of prestige of teaching work, in inadequate conditions and work overload, and therefore lead to the compromise of interpersonal relationships and the silencing of teachers' emotions, providing opportunities for psychic suffering/illness.

Keywords: Suffering/Psychic Illness; Historical-Cultural Psychology; Public School Teachers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização de Corumbá em Mato Grosso do Sul	98
Figura 2 – Valores - Profissional de Educação 20 horas	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 –	Trabalhos encontrados com o descritor sofrimento psíquico dezembro de 2020	55
Tabela 02 -	Instrumentos/Procedimentos para coleta de dados/Teoria/Método – Descritor Sofrimento Psíquico	56
Tabela 03 -	Trabalhos encontrados com o descritor Adoecimento Psíquico descrito nos resumos em janeiro de 2022.....	56
Tabela 04 -	Instrumentos/Procedimentos para coleta de dados/Teoria/Método – Descritor Adoecimento Psíquico.....	57
Tabela 05 -	Relação dos artigos nos bancos de dados SCIELO e BIREME sobre adoecimento psíquico relacionado ao trabalho docente.....	58
Tabela 06 -	Relação dos artigos nos bancos de dados SCIELO e BIREME sob o aporte da THC e Adoecimento Docente.....	59
Tabela 07 –	Relação de teses e dissertações no Banco de teses e dissertações da CAPES com o descritor -adoecimento psíquico- relacionado ao trabalho docente à luz da PHC.....	60
Tabela 08 -	Identificação: sexo, idade e estado civil.....	99
Tabela 09 -	Graduação e ano de conclusão.....	99
Tabela 10 -	Pós-Graduação e ano de conclusão.....	100
Tabela 11 -	Sensação em relação ao seu trabalho.....	105
Tabela 12 -	Repostas das condições que mais e menos agradam os professores.....	107
Tabela 13 -	Atividades realizadas no trabalho consideradas prazerosas e consideradas menos prazerosas.....	111
Tabela 14 -	Gosta do trabalho? Motivos que justifiquem gostar do trabalho.....	115
Tabela 15 -	Se pudesse, mudaria de profissão? Caso sua resposta for sim, para qual profissão? Por que?.....	116
Tabela 16 -	Possui problema de saúde? Caso tenha respondido Sim, qual.....	120
Tabela 17 -	Seu problema de saúde é anterior ou posterior ao início da sua atividade profissional?.....	122
Tabela 18 -	hipótese sobre o adoecimento e situações que pode manifestar a doença	124

Tabela 19 - Solicitação de afastamento do trabalho por razões de saúde nos últimos 12 meses. Se sim, por quanto tempo ficou afastado?.....	129
Tabela 20 - Toma ou tomou algum medicamento nos últimos 12 meses? Caso sim, qual medicamento?.....	130
Tabela 21 - Efeitos positivos e Efeitos negativos do medicamento.....	132
Tabela 22 - Você considera que os problemas de saúde enfrentados causam prejuízo na sua atividade profissional? Considerações sobre os prejuízos na atividade devido aos problemas de saúde.....	135
Tabela 23 - Considera que a atividade docente pode ter provocado seu problema de saúde? Se sim, como o trabalho pode ter causado seu problema de saúde.....	136
Tabela 24 - A pandemia prejudicou sua saúde?.....	138
Tabela 25 - Você teve dificuldade de exercer seu trabalho em tempo de pandemia? Caso sim, qual?.....	141
Tabela 26 - Foram disponibilizados os recursos tecnológicos para o desempenho das atividades docente? Caso sim, quais?.....	144
Tabela 27 - Foi ofertada formação para a utilização? Caso tenha respondido Sim, fale sobre essas formações.....	146
Tabela 28 - A pandemia prejudicou a qualidade do seu trabalho? Caso tenha respondido Sim, de que forma? Exemplifique.....	148
Tabela 29 - Relate alguma experiência ou projeto de enfrentamento que você conhece ou participou para situações emergenciais de adoecimento?...	150
Tabela 30 - Quais medidas/ações de enfrentamento poderiam ser realizadas para minimizar o Sofrimento/adoecimento psíquico do(a) professor(a)? Descreva neste espaço.....	153
Tabela 31 - Informações que considere importantes acrescentar.....	155
Tabela 32 - Respostas da Escala – SRQ-20.....	159
Tabela 33 - O nível de estresse que sente geralmente no exercício da sua atividade profissional.....	163
Tabela 34 - Fontes potencialmente geradoras de estresse – Quesito ALUNOS.....	165
Tabela 35 - Fontes potencialmente geradoras de estresse – Quesito CARREIRA...	168
Tabela 36 - Fontes potencialmente geradoras de estresse – Quesito ORGANIZAÇÃO/CONDIÇÕES DE TRABALHO.....	172
Tabela 37 - Identificação: sexo, idade e estado civil.....	176

Tabela 38 -	Graduação e ano de conclusão.....	176
Tabela 39 -	Pós-Graduação e ano de conclusão.....	177
Tabela 40 -	Vínculo empregatício/ Cargo que ocupa/ Função que desempenha.....	177
Tabela 41 -	Existe algum Programa, Ação, Projeto para prevenção do adoecimento docente no município de Corumbá MS? Se sim, Qual?.....	178
Tabela 42 -	Caso Não, por quê?.....	179
Tabela 43 -	Em relação a escola que coordena, existe alguma Ação, Projeto, Programa para prevenir o adoecimento docente? Caso afirmativo, como?.....	181
Tabela 44 -	Na sua opinião, quais temáticas e períodos seriam necessários em Programas para prevenção do sofrimento/adoecimento docente?.....	182
Tabela 45 -	Atualmente tem conhecimento das principais causas de afastamento para tratamento de saúde dos docentes? Se sim, fale sobre elas.....	186
Tabela 46 -	Foram disponibilizados recursos tecnológicos para o desempenho das atividades docentes? Se sim, quais?.....	188
Tabela 47 -	E quanto à qualidade dessa disponibilidade, fale sobre ela.....	188
Tabela 48 -	E houve formação para os docentes utilizarem os recursos tecnológicos? Se sim, qual?.....	189
Tabela 49 -	Quais ações considera importante para contribuir com o Trabalho Docente caso persista o trabalho remoto?.....	193
Tabela 50 -	Quais ações considera importantes para contribuir com Saúde Psíquica do Docente, evitando o seu adoecimento, caso persista o trabalho remoto?.....	194
Tabela 51 -	Houve afastamento de docentes por problemas de ordem psíquica no período de pandemia? Se sim, saberia descrever quais?.....	197
Tabela 52 -	Causas de afastamento no período de 01/01/2020 até 31/12/2021 CID 10- F.....	198
Tabela 53 -	Informações que considere importantes acrescentar.....	200

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABRASME** – Associação Brasileira de Saúde Mental
- CAPS** – Centro de Atenção Psicossocial
- CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEBES** – Centro Brasileiro de Estudos em Saúde
- CEMEI** – Centro de Educação Municipal de Ensino Integral
- CEP** – Comitê de Ética em Pesquisa
- CID** – Classificação Internacional de Doenças
- COVID** – Corona Vírus Disease
- MLA** – Movimento da Luta antimanicomial
- MTSM** – Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental
- MS** – Mato Grosso do Sul
- NAPS** – Núcleo de Apoio Psicossocial
- NASF** – Núcleo de Assistência à Saúde da Família
- PHC** – Psicologia Histórico-cultural
- PMC** – Prefeitura Municipal de Corumbá
- PNASH/Psiquiatria** - Programa Nacional de Avaliação dos Serviços Hospitalares
- QSPEBS** - Questionário de estresse nos Professores: Ensino Básico e Secundário
- RAPS** – Rede de Atenção Psicossocial
- SENAD** – Secretaria Nacional sobre Drogas
- SISNAD** – Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre drogas
- SRQ-20** - Self-Reporting Questionnaire
- SRTs** – Serviços de Residências Terapêuticas
- SUS** – Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
1.0 SAÚDE E SOFRIMENTO/ADOCIMENTO: Da forma de se pensar o cuidado à compreensão do sofrimento/adoecimento psíquico à luz da Psicologia Histórico-cultural.....	25
1.1 A importância da reforma psiquiátrica para o cuidado da pessoa com sofrimento mental.....	26
1.2 Conceito de saúde e doença: normal e patológico na saúde mental - algumas reflexões	32
1.3 Sofrimento /adoecimento psíquico na concepção da Psicologia Histórico-Cultural.....	38
1.4 Levantamento de dados a partir de um único descritor em períodos e banco de dados distintos: em busca do aporte da Psicologia Histórico-cultural para análise do sofrimento/adoecimento psíquico docente.....	53
2.0 DOCÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES PSÍQUICAS	65
2.1 O sujeito professor e sua constituição: trajetória profissional e pessoal.....	66
2.2 Sofrimento psíquico/adoecimento: quando as emoções são silenciadas.....	74
2.3 Quando o docente se cala, o corpo e mente adoce.....	80
2.4 Docência e o trabalho remoto: percepções e consequências da pandemia na educação.	86
3.0 SOFRIMENTO PSÍQUICO E ATIVIDADE DOCENTE: como o professor percebe o sofrimento/adoecimento psíquico	92
3.1 Pressupostos teóricos.....	93
3.2 Percursos metodológicos.....	96
3.3 Contexto e sujeitos da pesquisa.....	98
3.4 Dos questionários dos professores: resultados e análises.....	99
3.4.1 <i>identificação dos participantes da pesquisa</i>	99
3.4.2 <i>Percepção do trabalho docente</i>	105
3.4.3 <i>Visão sobre o trabalho docente</i>	114
3.4.4 <i>A visão sobre o adoecimento do docente</i>	119
3.4.5 <i>Trabalho remoto e adoecimento docente</i>	137
3.4.6 <i>Percepção docente sobre o enfrentamento ao adoecimento</i>	150
3.5 Das escalas dos professores: resultados e análises	158
3.5.1 <i>Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20)</i>	158
3.5.2 <i>Questionário de estresse nos Professores: Ensino Básico e Secundário (QSPEBS).</i>	162
3.6 Dos questionários dos gestores: resultados e análises	175
3.6.1 <i>identificação dos participantes da pesquisa.</i>	176

3.6.2 <i>Projetos realizados para prevenir o adoecimento docente</i>	178
3.6.3 <i>Processo de trabalho docente em tempo de pandemia</i>	188
3.7 Docentes x Gestores: percepções sobre o sofrimento/adoecimento psíquico.....	202
CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS	210
REFERÊNCIAS	215
APÊNDICE	234
Apêndice A – TCLE Termo de Consentimento Livre Esclarecido.....	234
Apêndice B – Solicitação e autorização para coleta de dados da secretaria municipal de educação de Corumbá MS.....	235
Apêndice C - Questionário aplicado para coleta de dados dos professores.....	236
Apêndice D – Questionário aplicado para coleta de dados dos gestores.....	239
ANEXO	241
Anexo A – Aprovação do projeto de pesquisa pelo colegiado dos cursos de mestrado e doutorado em educação.....	241
Anexo B - Aprovação e autorização da pesquisa - comitê de ética.....	242
Anexo C - Resposta e disponibilização à solicitação de informações da superintendência de recursos humanos.....	249
Anexo D - Escala Self-Reporting Questionnaire – SRQ-20.....	250
Anexo E - Questionário de estresse nos Professores: Ensino Básico e Secundário (QSPEBS).....	251

APRESENTAÇÃO

Este trabalho teve como objeto de estudo investigar a concepção dos profissionais de educação do município de Corumbá MS sobre do sofrimento/adoecimento psíquico docente e como percebem essa situação em si e/ou no outro. Para fundamentação teórica optou-se pela Psicologia Histórica Cultural (PHC) por perceber o ser humano como ser atuante e transformador de sua sociedade por meio de sua atividade considerando seu conhecimento cultural e científico.

O interesse pelo tema surge após anos de exercício profissional em saúde mental, atendimento em serviço substitutivo – Centro de atenção psicossocial (CAPS) e a paixão pela docência. Me formei em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, e desde a minha formação me dediquei a saúde pública, mais especificamente as políticas de saúde mental e a prática no serviço público. Durante os meus contínuos processos de aprendizado como profissional sempre me interessei também pela docência, praticando sempre que possível a função docente, tanto em instituição pública quanto privada, pois para mim, a saúde mental e docência são duas paixões, que ao meu ver, se relacionam, se misturam e se completam. Sou mestre em Saúde, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Campo Grande, pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde e Desenvolvimento da Região Centro-Oeste no ano de 2012.

Inicialmente tive a vontade de estudar a prevalência de doenças sexualmente transmissíveis em dependentes químicos, público atendido no centro de atenção psicossocial álcool e outras drogas (CAPS ad), onde trabalhei por muitos anos. Em contrativas verbais com o orientador, estudamos primeiramente em puérperas, por ser o público alvo de suas pesquisas, para futuramente então, estudar na população da qual eu tinha interesse. Porém, com o passar do tempo, a dedicação ao serviço público e as experiências cada vez mais frequente no ensino superior concomitante ao anseio de exercer a docência, me fizeram ver no doutorado a possibilidade de estudar algo que contribuísse tanto para o meu aprendizado e formação, quanto a união da saúde mental e docência de fato. Foi uma mudança radical, mas que com o passar do tempo, me possibilitou perceber e estudar realmente algo que faria sentido para minha atuação.

Nesse sentido, após longos e permanentes anos da luta antimanicomial é nítido o preconceito histórico gerado acerca das pessoas que se diferem, seja de forma quantitativa ou qualitativamente das “normas” de uma sociedade que preconiza exclusivamente, por interesse, o sujeito produtivo como caminho para o enriquecimento.

Nesse modelo de enquadramento não se descarta a educação, que por sua vez, está sendo cada vez mais pautada em indicadores e metas a serem cumpridos. Contudo, importante ressaltar que em todo esse processo existe o fator humano, que desempenha sua atividade em busca do cumprimento desses resultados. Me refiro ao professor, profissional que tem desempenhado suas atividades tentando satisfazer as suas próprias necessidades e ao mesmo tempo, às exigências de uma sociedade que se necessário, aliena, causa sofrimento e o adoecimento para atender aos seus interesses. Eis aqui, mais uma vez, a saúde mental e à educação interligadas em um emaranhado de interesses, desejos, motivos e conflitos.

A partir do momento que consegui apreender um pouco da teoria da PHC, sobre Vigotski¹ e suas obras, e estudos e atividades desenvolvidas no grupo de estudo e pesquisa GEPPE/UFMS, percebi que muitas indagações que existiam quanto ao sofrimento/adoecimento, formas de lidar com diferentes situações da vida, desenvolvimento qualitativo do ser humano, percepção, formas de trabalho e suas consequências, foram sendo compreendidas, e reafirmando a ideia que sempre temos algo a aprender, que o aprendizado nunca é acabado, mas sempre ampliado. Poder aprender e se apropriar de melhores conhecimentos que possam contribuir com a minha prática e me preparar para a vida acadêmica me motivou a seguir com o desafio do doutorado.

A teoria de Vigotski proporcionou a expansão dos meus questionamentos quanto aos processos de trabalho e do sofrimento/adoecimento como possível consequência desse percurso. Nessa perspectiva, a educação é o meio pelo qual o sujeito pode ter melhores e maiores possibilidades de se desenvolver, de as suas relações se expandirem, e mais, maior probabilidade do desenvolvimento qualitativo de suas funções psicológicas superiores, e assim, ser um ser criativo e consciente no desempenho de suas inúmeras atividades ao longo da vida, inclusive no ambiente de trabalho. Logo, essa pesquisa se justifica pela relevância social em compreender o processo de trabalho do professor e as possíveis causas de sofrimento/adoecimento que acometem inúmeros trabalhadores da educação que são integrantes ativo no processo de desenvolvimento do ser humano, além de pensar possíveis formas de prevenção e enfrentamento para essas consequências.

Ao aprender que as relações humanas podem influenciar o desenvolvimento do ser humano ou mesmo, podem ocasionar o sofrimento/adoecimento, foi possível a compreensão desse fenômeno e refletir sobre possibilidades de propiciar melhores condições e propor novas

¹ Nas referências ao psicólogo soviético, a grafia do seu nome é registrada de diversas formas, como Vigotski, Vigotsky, Vygotsky. Neste trabalho, usamos Vigotski, para preservar a grafia usada pela maioria dos autores consultados.

formas de prevenção e/ou enfrentamento às diferentes adversidades vividas por esses profissionais.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, a atividade – (trabalho) - desempenhada pelo ser humano para sua sobrevivência vem sofrendo incontáveis mudanças visando acompanhar o desenvolvimento tecnológico, social e econômico da sociedade.

A atividade é uma ação que possui transformações constantes e compõem aspectos psicológicos, corporais e materiais. Leontiev (2021) explica que a atividade é uma unidade da vida mediada pelo reflexo psíquico, cuja função se baseia em orientar o ser humano no mundo externo. Em outras palavras, a atividade não é uma reação ou um conjunto de reações, mas um sistema que tem estrutura, transições e transformações internas e desenvolvimento próprio.

É evidente que a atividade de cada pessoa, individualmente, depende de seu lugar na sociedade, das condições que lhe cabem, de como isso se organiza em circunstâncias individuais únicas (LEONTIEV, 2021, p. 104).

Assim, o trabalho é considerado de aspecto fundamental na vida do ser humano, proporciona a construção de sua identidade e o possibilita satisfazer suas necessidades, porém, o mesmo pode provocar o sofrimento/adoecimento físico e psíquico:

Os profissionais professores também acompanharam transformações no trabalho educativo, principalmente nas últimas duas décadas. A erosão dos salários, a falta de estrutura material e humana nas escolas, a descontinuidade de anos letivos devido a frequentes greves, a crescente violência nas comunidades, entre outros, simultaneamente produtos e produtores da desvalorização profissional e do decorrente sofrimento no trabalho (MOREIRA; RODRIGUES, 2018, p. 237).

Nesse caminho, Martinez (2002) aponta os reflexos que essas novas formas de produção e de relações sociais têm sobre o mundo do trabalho: incremento da produtividade pelo aumento do ritmo de trabalho; diminuição das pausas para descanso e aumento da carga de responsabilidade dos trabalhadores; flexibilização de horários com diminuição da jornada de trabalho e/ou exigência de horas-extras; medo da demissão e insegurança quanto ao futuro, gerando competitividade; e a tendência de controle dos riscos ocupacionais mais agressivos, com persistência de exposições a riscos em baixas dosagens, arriscando a vida em ambientes insalubres. Esse processo tem produzido mudanças no perfil de morbimortalidade dos trabalhadores, produzindo efeitos físicos, psicológicos e comportamentais.

Nesse cenário, Codo (2006, p. 54) afirma que o possível enquadramento da doença mental como “doença profissional” arranca a discussão e o diagnóstico do foro privado e o remete a uma instância pública, necessariamente política.

A exposição dos trabalhadores a riscos físicos, químicos, ergonômicos, psicossociais e/ou biológicos advindos da execução do trabalho pode contribuir para o desenvolvimento de doenças e agravos ocupacionais. Apesar de representar um operador fundamental na construção

do ser humano, o trabalho - tanto no que se refere ao desenvolvimento das capacidades humanas quanto à garantia das condições materiais de sobrevivência - tem sido, ao longo dos tempos, provocador de sofrimento, adoecimento e morte (Conselho Nacional de Secretários de Saúde/CONASS, 2011).

Ademais, o ano de 2020 foi marcado por um fenômeno que atingiu mundialmente as pessoas e todos os contextos dos quais estavam inseridos (MEDEIROS; AZEVEDO, 2022), a pandemia do COVID -19, infecção causada pelo vírus Sars-CoV-2.

Diante da necessidade de criar estratégias para contenção da contaminação por COVID-19, os professores se depararam com uma nova forma de trabalho criada de imediato em resposta a indispensabilidade do processo ensino aprendizagem, o trabalho remoto.

Ocorre que emerge o fenômeno 'aula remota', termo que merece uma reflexão à parte, pois, em substituição à educação presencial, ainda que temporária e com consequências inimagináveis, põe em questão suas diferenças com a educação à distância. A aula remota é um terreno sobre o qual docentes do ensino fundamental tinham pouco domínio, vendo-se inesperadamente obrigados a repensar seus processos de trabalho por ambiente virtual e por plataformas de videoconferência que, até então, estavam restritas ao ensino superior (SOUZA, et. al., 2021. p. 5).

Infinitas foram as sensações, sentimentos e consequências do trabalho remoto para os professores, mas a gratidão e a empatia surgem como possíveis aliadas para o desempenho da atividade docente em tempos de pandemia como forma de prevenção e/ou enfrentamento ao sofrimento/adoecimento docente:

Sobre as implicações do trabalho remoto e da pandemia na saúde mental dos(as) docentes, é importante destacar os relatos frequentes de sintomas associados a transtornos mentais como ansiedade, depressão e estresse. Contudo, entre os fatores que têm auxiliado nas dificuldades, o reconhecimento, por parte das escolas, das famílias, estudantes e da sociedade como um todo, aparece como um importante balizador para continuar exercendo sua profissão (COELHO et. al., 2021, p. 29).

Diante o exposto, são consideradas as seguintes questões problema: Qual a compreensão dos profissionais de educação do município de Corumbá MS sobre saúde psíquica e adoecimento? Percebem essa situação em si ou no Outro? Quais as consequências frente às adversidades no processo de trabalho?

Nesse caminho, a Tese aqui defendida é que: As condições sociais consequentes da materialidade da sociedade capitalista resultam na desvalorização e falta de prestígio do trabalho docente, nas condições inadequadas e sobrecarga de trabalho, e, portanto, propiciam o comprometimento das relações interpessoais e o silenciamento das emoções dos professores oportunizando o sofrimento/adoecimento psíquico.

Nessa perspectiva, o objetivo geral foi analisar as causas do sofrimento/adoecimento psíquico dos professores da Rede Municipal de Ensino Corumbá (MS), sobre sob o olhar da Psicologia Histórico-Cultural. No que tange aos gestores, o interesse foi investigar a existência

de ações, programas e/ou projetos que visem o cuidado e a percepção sobre a saúde psíquica dos docentes. E os objetivos específicos foram:

a) Inventariar os afastamentos de docentes – aposentadorias por doença – e no caso doença psíquica.

b) Mapear a existência de ações ao bem estar e/ou adoecimento do professor no município de Corumbá MS;

c) Traçar o perfil sociodemográfico dos professores da rede municipal de ensino de Corumbá MS;

Como procedimentos adotados os seguintes instrumentos utilizados para a coleta de dados dos professores:

01 questionário, com cinco itens de investigação: dados de identificação (sexo, idade, estado civil, formação, ano e instituição, Pós-Graduação, ano e instituição); questões sobre o trabalho docente; questões sobre adoecimento; questões sobre trabalho docente na pandemia; questões sobre ações para o enfrentamento docente (Apêndice C)

02 escalas: *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20) (Apêndice D), e o Questionário de estresse nos Professores: Ensino Básico e Secundário (QSPEBS) (Apêndice E).

Os três instrumentos para coleta dos dados foram organizados em um único documento e aplicado por meio da plataforma *google forms*.

Em relação aos gestores, foi aplicado o questionário *online* (Apêndice D) que objetivou coletar as informações sobre a existência de algum programa, projeto ou ação para prevenção e a concepção sobre o sofrimento/adoecimento docente. As informações foram coletadas a partir das seguintes questões: dados de identificação; Questões sobre Projetos realizados para prevenir o adoecimento docente e Questões sobre o processo de Trabalho Docente em tempo de pandemia, o questionário foi aplicado por meio da plataforma *google forms*.

Inicialmente, foi proposto que a coleta de dados ocorreria com aplicação presencial dos instrumentos pela própria pesquisadora. Porém, devido às restrições impostas pela pandemia da COVID-19, essa opção teve de ser revogada. Em reunião com a Secretária Adjunta de Educação, optou-se pelo envio dos instrumentos por meio do aplicativo WhatsApp, devido à probabilidade de alcançar maiores índices de participação do que por outros meios virtuais por existir um grupo de WhatsApp de cada escola. Os instrumentos foram enviados três vezes para cada grupo de professores de cada escola, incluindo as escolas urbanas, rurais e das águas, com uma mensagem introdutória da pesquisadora, esclarecendo o objetivo e a importância da participação. Também foi ressaltada a valiosa participação dos Profissionais de Educação durante as reuniões (online) da Secretaria Municipal de Educação e gestores de cada instituição

escolar durante o período em que esteve disponível para preenchimento, de maio a agosto de 2021. Ao final, de 984 professores que estão em sala de aula, recebemos 118 (12%) respostas. Em relação aos gestores, o mesmo processo foi realizado, e de 251 participantes, recebemos 26 (10,35%) respostas. Na soma de participantes, entre professores e gestores, obtivemos 144 respostas.

Os dados coletados por meio dos questionários foram organizados em tabelas para melhor compreensão do processo de análise. As respostas foram reunidas por frequência; dada à importância de cada resposta, todas foram descritas, para melhor entendimento. Para o processo de análise e discussão, levou-se em conta as quatro primeiras respostas de cada tabela, por estarem organizadas de acordo com o número de frequência. Algumas respostas dissertativas foram inseridas junto às análises, com o intuito de enriquecer os dados e o conhecimento.

O presente texto foi organizado em três seções, e no início de cada uma delas citamos um filme relacionado ao tema, como também, ao término, inserimos uma poesia que pudesse contribuir com as reflexões. A escolha pelos filmes e poesias se deram com intuito de propiciar a leveza e a fruição durante a leitura e aprendizado, pois tratam de aportes culturais criados historicamente pelo ser humano, como também outras formas de artes, o teatro, a música, filosofia, a pintura e muitos outros, que favorecem e enriquecem o desenvolvimento humano e a aprendizagem, além de contribuir para saúde psíquica.

Na seção 1, denominado **Saúde e sofrimento/adoecimento²: Da forma de se pensar o cuidado à compreensão do sofrimento/adoecimento psíquico à luz da Psicologia Histórico-cultural**, apresenta-se a importância da reforma psiquiátrica brasileira para o cuidado da pessoa com sofrimento psíquico, a discussão do conceito do normal e patológico e a concepção do sofrimento/adoecimento psíquico sob o olhar da Psicologia Histórico-Cultural. No encerramento do capítulo, está exposto um levantamento de dados em bancos de dados distintos, a respeito do aporte da Psicologia Histórico-Cultural, para a análise do sofrimento/adoecimento psíquico docente.

Ao fazer o resgate da história da reforma psiquiátrica e o cuidado da pessoa com sofrimento psíquico, estabelecemos diálogos com autores como Paulo Amarante, Franca Basaglia e Michel Foucault por constituírem parte do processo histórico.

A seção 2, **Docência e suas manifestações psíquicas**, por sua vez, aborda a constituição e a formação do professor, buscando compreender a sua trajetória profissional e

² Entendemos que nem todo mundo que sofre adoecer, por isso, usaremos no decorrer do trabalho os termos sofrimento/adoecimento psíquicos dessa maneira, não como sinônimo, mas como forma de indicar que pode ocorrer tanto um fenômeno quanto o outro no trabalhador.

pessoal. Além disso, este capítulo exhibe a compreensão do sofrimento/adoecimento psíquico, a partir do silenciamento das emoções no fazer pedagógico, quando o docente se silencia e o corpo e a mente reagem, adoecem. Por fim, vale ressaltar que esta parte da tese trata também, especificamente, da nova e inesperada forma de trabalho, o ensino remoto, que atingiu diretamente as condições e a saúde dos profissionais de educação.

Alguns estudiosos mais influentes sobre o tema desta seção foram utilizados como base, entre eles Antonio Manuel Seixas Sampaio da Nóvoa (1989, 2003, 2009).

A seção 3, **Sofrimento psíquico e atividade docente: como os professores percebem o sofrimento/adoecimento**, apresenta os resultados coletados reunidos em tabelas e as análises e discussões, organizados da seguinte maneira: **Dos questionários dos professores: resultados e análises:** identificação dos participantes da pesquisa; e os **eixos divididos de acordo com as questões:** Percepção do trabalho docente; Visão sobre o trabalho docente; Visão sobre o adoecimento do docente; Trabalho remoto e adoecimento docente; Percepção docente sobre o enfrentamento ao adoecimento. **Das escalas dos professores: resultados e análises:** *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20) e Questionário de estresse nos Professores: Ensino Básico e Secundário (QSPEBS).

Em relação aos gestores, os dados foram organizados na seguinte ordem: **Dos questionários dos gestores: resultados e análises:** identificação dos participantes da pesquisa: Sujeito; Questões sobre projetos realizados para prevenir o adoecimento docente; Questões sobre o processo de trabalho docente em tempo de pandemia.

O item 3.6 **Docentes x gestores: percepções sobre o sofrimento/adoecimento psíquico**, discorre sobre a comunicação, as semelhanças nas análises das respostas dos participantes, professores e gestores nas questões similares respondidas pelos dois grupos.

E, finalmente, o tópico 5 que esboça possíveis considerações extraídas das análises e discussões dos resultados de todo o material analisado.

1.0 SAÚDE E SOFRIMENTO/ADOECIMENTO³: Da forma de se pensar o cuidado à compreensão do sofrimento/adoecimento psíquico à luz da Psicologia Histórico-cultural

“O hospício é construído para controlar e reprimir os trabalhadores que perderam a capacidade de responder aos interesses capitalistas de produção”
(Franco Basaglia)

O filme Nise: o coração da loucura, baseado em fatos reais, foi lançado em 2015, sob a direção de Roberto Berliner. Contou com a participação da atriz Glória Pires no papel principal e de Fabrício Boliveira, Fernando Eiras, Perfeito Fortuna, Roberta Rodrigues, Augusto Madeira, Simone Mazzer, Zé Carlos Machado, Tadeu Aguiar, entre outros. O filme retrata a ruptura do sistema manicomial existente nos anos 1950. Relata a luta enfrentada pela psiquiatra Nise da Silveira, que se recusava a utilizar as técnicas da lobotomia e do eletrochoque em pacientes considerados perigosos e com quadros psiquiátricos compreendidos como crônicos e irreversíveis. Ela procurou, na individualidade e na potencialidade de cada um, o bem-estar e o desenvolvimento de suas habilidades, e considerou as emoções como parte fundamental do tratamento. Assim, o filme permite uma análise de como a sociedade percebe a pessoa com sofrimento mental, esclarece a maneira de como essa mesma sociedade exclui essas pessoas, e contribuiu para compreensão de diferentes formas de entender a pessoa com sofrimento mental.

A partir da referência desse filme, endereçamos temas que iniciam esta tese, para a compreensão do sofrimento/adoecimento psíquico e a compreensão de que, mesmo diante de algumas limitações, o ser humano é capaz de criar, produzir, trabalhar, etc. Retratando a história da psiquiatra, Nise da Silveira realizou de forma humanizada o tratamento de pessoas com sofrimento psíquico e provou que o ser humano pode viver em sociedade mesmo tendo as suas diferenças. A conhecida “loucura” nos possibilita inúmeras interpretações, mas, não impede nenhum ser humano de expressar suas dores, seus sofrimentos e sentimentos, mas também, o que há de mais puro e singular.

O Brasil passou por diferentes etapas na reestruturação da assistência em saúde mental. Houve períodos com marcantes avanços, outros nem tanto. Porém, todos trouxeram peculiar contribuição para a ressignificação no cuidado da pessoa com sofrimento mental.

³ Esses termos sofrimento/adoecimento psíquicos não são aqui utilizados como sinônimos, mas como forma de indicar que pode ocorrer tanto um fenômeno quanto o outro.

Os anos 1980 e 1990, por exemplo, compreenderam períodos significativos para a reforma psiquiátrica. Foram marcados por movimentos de trabalhadores, usuários dos serviços e familiares e pelo surgimento de novas políticas públicas (HIRDES, 2009).

Desde então, o Brasil passou por constantes mudanças e substituições no modelo de cuidados da pessoa com sofrimento mental. Além disso, ocorreu a ampliação da discussão sobre o normal e o patológico e o quanto o estigma pode engessar o desenvolvimento do ser humano e excluí-lo da sociedade e de suas relações. Apesar de os debates sobre o que é o normal e o patológico inserirem inúmeras concepções, o tema usualmente pouco compreende o sujeito em sua totalidade, limitando-o ao sintoma e não à causa do seu sofrimento.

O filme mencionado permite ampliar a compreensão sobre a importância da reforma psiquiátrica brasileira e sua contribuição para o cuidado da pessoa com sofrimento mental, além de discutir sobre os conceitos de normal e patológico e refletir o quanto a estigmatização pode limitar o ser humano a desenvolver suas habilidades, suas relações e reprimir suas emoções desencadeando o sofrimento/adoecimento humano.

1.1 A importância da reforma psiquiátrica para o cuidado da pessoa com sofrimento mental.⁴

Esse subtítulo aborda a importância da história da reforma psiquiátrica brasileira para o cuidado da pessoa com sofrimento mental, e propõe uma reflexão quanto a dificuldade da sociedade em perceber as diferenças em relação ao sofrimento/adoecimento psíquico humano e de como a sociedade percebe a pessoa com sofrimento mental de forma estigmatizada causando o medo e a insegurança em verbalizar o próprio sofrimento ocasionando na piora dos sintomas. Trata-se de uma história carregada de preconceito e estigmatização que desencadeia nas pessoas o medo de assumir suas fragilidades e suas dores, devido a constante discriminação, levando-os a silenciar seus sentimentos, angústias, e suas emoções.

No Brasil, temos uma das mais importantes e perspicazes críticas ao alienismo ou mesmo à sua versão contemporânea, a psiquiatria. Aliás, trata-se de uma crítica não apenas ao alienismo, mas ao modelo de ciência positivista que o autorizou e o legitimou (AMARANTE, 2007, p. 37).

O início da Reforma Psiquiátrica no Brasil foi contemporâneo com a eclosão do ‘movimento sanitário’ dos anos 1970, em favor da mudança dos modelos de atenção e gestão nas práticas de saúde, defesa da saúde coletiva, equidade na oferta dos serviços e protagonismo dos trabalhadores e usuários dos serviços de saúde nos movimentos de gestão e produção de

⁴ Paulo Amarante, Franca Basaglia e Michel Foucault foram citados nesse item por serem referência para essa discussão.

tecnologias de cuidado (BRASIL, 2005). Esses movimentos retrataram a necessidade de mudança na maneira que os serviços públicos atendiam a população de modo geral.

A reforma psiquiátrica brasileira é processo social complexo caracterizado por uma ruptura aos fundamentos epistemológicos do saber psiquiátrico, pela produção de saberes e fazeres, que se concretizam na criação de novas instituições e modalidades de cuidado e atenção ao sofrimento psíquico e que buscam construir um novo lugar social para a loucura. Este processo situa-se, no caso brasileiro, no contexto histórico e político do renascimento dos movimentos sociais e da redemocratização do país, na segunda metade dos anos 70 (YASUI, 2006, p. 21-22).

A reforma psiquiátrica brasileira é um dos dois movimentos sociais que transformaram a saúde pública do país. Advinda após a reforma sanitária, passou por inúmeras transformações e eventos até se consolidar por meio da Lei 10.216/2001, resultando na desinstitucionalização de inúmeras pessoas.

Diante da necessidade de se reformular o modo de cuidar das pessoas se buscou a partir da desinstitucionalização uma nova maneira de propor um acompanhamento digno, e porque não, pensarmos também na forma de identificar esse movimento. Podemos substituir o termo Reforma Psiquiátrica pelo termo Reforma da Saúde Mental, ou Reforma dos Serviços de Saúde Mental. Primeiro porque não devemos direcionar a mudança do modelo a especialidade médica da psiquiatria, como muitas pessoas o fazem, e segundo porque ajuda na compreensão de que foi uma reforma no modelo de cuidado, na forma de como as pessoas com sofrimento mental eram e ainda são percebidas e de como estavam sendo cuidados.

De acordo com Rotelli (1990), desinstitucionalização significa desarticulação do núcleo do cuidado da instituição para a comunidade, distrito ou território. Trata-se de um momento de expressivas transformações, como a ruptura do modelo clínico e a reconstrução da possibilidade; o deslocamento, com destaque na cura, para a descoberta de saúde; as transformações das relações de poder entre a instituição e os sujeitos; menos investimentos em recursos materiais e mais em recursos humanos; e a substituição dos serviços com modelos estáveis para os modelos dinâmicos.

Goulart (2019) descreve que a desinstitucionalização deve progredir junto ao que é produzido pelos indivíduos durante o percurso, e nesse decorrer precisam saber lidar com as dificuldades, obstáculos que venham a surgir no encontro entre muitas particularidades individuais e sociais.

No entanto, avançar nesse caminho implica desenvolver referenciais teóricos por meio dos quais essas singularidades possam se tornar inteligíveis, para além de qualquer romantização do processo de desinstitucionalização (GOULART, 2019, p. 35).

Os primeiros movimentos em relação ao cuidado com a pessoa com sofrimento mental partiram de denúncias feitas por acadêmicos e profissionais recém-formados, por volta

dos anos 1970, que patenteavam maus tratos, violência e exclusão social nas instituições consideradas ‘responsáveis pelos cuidados’. Essas denúncias repercutiram para o início da reforma psiquiátrica. Durante décadas, milhares de pessoas foram institucionalizadas à força, sem um diagnóstico sequer que justificasse a sua permanência em hospitais psiquiátricos.

Arbex (2013) retrata a crueldade ocorrida em um dos maiores hospitais psiquiátricos do Brasil, o Colônia, na cidade de Barbacena, em Minas Gerais. Milhares de pessoas, sem qualquer possibilidade de defesa, foram submetidas a inúmeras atrocidades. A jornalista resgata a tragédia brasileira que resultou em pelo menos 60 mil mortos, torturas e humilhações.

A partir de denúncias e da atuação de movimentos sociais e políticos, a reforma foi compreendida como um conjunto de mudanças das práticas, saberes, valores culturais e sociais no cotidiano da vida das instituições, dos serviços e das relações interpessoais. O movimento da reforma psiquiátrica avança, marcado por impasses, tensões, conflitos e desafios (BRASIL, 2005).

Dentre as ações, registram-se a constituição do Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM) e a realização de diferentes atividades, como o V Congresso Brasileiro em Psiquiatria em Camboriú (SC) e o I Simpósio Sobre Políticas Grupos e Instituições, no Rio de Janeiro, que contou com o envolvimento de personalidades internacionais, que já vinham exigindo mudanças no cuidado da pessoa com sofrimento mental em outros países, tais como Franca Basaglia, Robert Castel, Felix Guattari, Ronald Laing, Donald Cooper, Howard Becker e Thomas Szasz. Alguns desses convidados colaboraram substancialmente para o movimento da reforma psiquiátrica brasileira, como Franco Basaglia, que retornou ao Brasil por mais duas vezes (AMARANTE; NUNES, 2018).

As ações do MTSM foram especialmente relevantes, por terem encaminhado as denúncias sobre os manicômios, a mercantilização da loucura e a preeminência de uma rede privada de assistência. O Movimento concorreu para a construção coletiva de uma crítica ao chamado saber psiquiátrico e ao modelo hospitalocêntrico na assistência às pessoas com sofrimento mental (BRASIL, 2005).

Após o MTSM ser transformado em Movimento da Luta Antimanicomial (MLA), passou a organizar eventos próprios, aproximou-se da Associação Brasileira de Saúde Mental (Abrasme) e estabeleceu o dia 18 de maio como o Dia Nacional da Luta Antimanicomial, ampliando as ações para atividades políticas, culturais, científicas e sociais, para comemorar e reivindicar, cada vez mais, melhorias para a saúde mental. Devido aos resultados positivos dessas ações, passou-se a comemorar maio como o mês da Luta Antimanicomial, abrangendo

ações cada vez maiores e melhores em todas as localidades do país (AMARANTE; NUNES, 2018).

O MLA protagonizou mudanças radicais na maneira de cuidar as pessoas com sofrimento mental. Não foi apenas uma reforma no modelo dos serviços, mas de transformação na maneira de pensar e de agir, propiciando o empoderamento dos usuários, familiares, trabalhadores e de toda a sociedade civil. A atuação expandiu as estratégias de cuidado, abandonando-se o uso exclusivo de medicamento, exclusão e o acompanhamento psicoterápico insuficiente. Ao contrário, incluíram-se a cultura, as atividades coletivas, a arte e as tecnologias como formas de tratamento.

Um fato marcante na desinstitucionalização, de acordo com Amarante e Nunes (2018), foram os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) incluídos na Constituição de 1988, o que possibilitou novas perspectivas, autonomia e desenvolvimento das políticas municipais. Goulart (2019) reforça a ideia de que a articulação da reforma psiquiátrica com os princípios e diretriz do SUS foram primordiais, pois a saúde é vista como direito do cidadão e dever do Estado, com base nos princípios da integralidade, equidade e universalidade.

No final dos anos 1980, surgiram os novos serviços e práticas, inovando as estruturas, o funcionamento, as ações e as estratégias que preconizavam a inclusão e a desmitificação da loucura. Os primeiros serviços, em especial os criados em Santos/SP, viabilizaram a confirmação da eficácia dos dispositivos substitutivos criados para o cuidado das pessoas com sofrimento mental, favorecendo a desinstitucionalização (AMARANTE; NUNES, 2018).

Em 1989, deu entrada no Congresso Nacional o Projeto de Lei do deputado Paulo Delgado (PT/MG), com a proposta da regulamentação dos direitos da pessoa com transtornos mentais e a extinção progressiva dos manicômios no país. Foi o início das lutas do movimento da Reforma Psiquiátrica nos campos legislativo e normativo (BRASIL, 2005). A Lei foi sancionada em 06 de abril de 2001, no mesmo ano em que foi realizada a III Conferência Nacional de Saúde Mental, o que esboçou um panorama favorável e esperançoso para o campo da saúde mental (AMARANTE; NUNES, 2018).

Os anos 1990 foram marcados pelo compromisso firmado pelo Brasil na assinatura da Declaração de Caracas e pela realização da II Conferência Nacional de Saúde Mental, quando passaram a entrar em vigor as primeiras normas federais regulamentando a implantação de serviços de atenção diária, baseadas nas experiências dos primeiros CAPS, NAPS e Hospitais-dia, e as primeiras normas para fiscalização e classificação dos hospitais psiquiátricos (BRASIL, 2005).

Com a Lei 10.216/2001, os serviços substitutivos foram sendo criados e implantados por todo o Brasil. Novas Leis e Portarias surgiram, para colaborar com o modelo de substituição. A Portaria MS/GM nº336/2002 definiu as modalidades de centros de atenção psicossocial, modelo de base comunitária, afirmando a cidadania da pessoa com transtorno mental. A Lei 11.343/2006 instituiu o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (SISNAD), requerendo as políticas de redução de danos e as ações de prevenção como base comunitária no cuidado das pessoas usuárias de substâncias psicoativas (GUIMARÃES; ROSA, 2019).

O período de 1990 a 2015 foi determinante para a constituição e a ampliação das Políticas Públicas para saúde mental no país. A Coordenação de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas foi dirigida por mentores ativos da reforma psiquiátrica. Foi ampliada a sua participação no Ministério da Justiça, por meio da Secretaria Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (SENAD). A partir de 2003, os problemas pertinentes ao consumo de substâncias psicoativas passaram a ser reconhecidos como questões de saúde pública (GUIMARÃES; ROSA, 2019).

Durante esse período, incrementou-se a criação de serviços substitutivos, por meio de Portarias e Leis que asseguraram o direito da pessoa com sofrimento mental, entre eles os Serviços de Residenciais Terapêuticos (SRTs) regulamentados pela Portaria 106/2000 e 1.220/2000, que se caracterizam por residências para pessoas egressas de internações de longa permanência em hospitais psiquiátricos, quando não possuem suporte familiar e social que viabilizem a sua inclusão social. O programa de Volta Para Casa, Lei 10.708/2003, instituiu o auxílio-reabilitação psicossocial para pacientes acometidos de transtornos mentais egressos de internações. O Programa Nacional de Avaliação dos Serviços Hospitalares psiquiátricos iniciou um trabalho de avaliação regular dos hospitais psiquiátricos (PNASH/Psiquiatria). Foi instituído em 2002, por normatização do Ministério da Saúde, que impulsionou a política de desinstitucionalização. Em 2008, outro serviço valioso para a constituição da rede foi o Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), com a finalidade de favorecer o apoio matricial às equipes de Saúde da Família (AMARANTE; NUNES, 2018; BRASIL, 2005).

Em 2011, foi instituída a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), com a Portaria GM/MS nº 3.088/2011, que abrangeu uma variedade no conjunto de serviços e ações, para oferecer atenção psicossocial nas diferentes esferas de cuidado e suas complexidades, desde a atenção primária, secundária e hospitalar, até outros serviços substitutivos com maior articulação (AMARANTE; NUNES, 2018; GOULART, 2019).

Apesar de a desinstitucionalização ter diminuído os leitos psiquiátricos, de 80 mil, nos anos 1970, para 25.988, em 2014, com a consequente redução dos gastos hospitalares, de 75,24%, em 2002, para 20,61%, em 2013, viabilizando maior investimento nos serviços de atenção psicossocial, de 24,76% para 79,39%, no mesmo período (AMARANTE; NUNES, 2018), e o aumento de pessoas beneficiadas com a implantação dos serviços substitutivos, algumas ações atualmente ameaçam, objetivamente, os avanços da reforma psiquiátrica.

A partir de 2015, o Ministério da Saúde passou a realizar modificações com objetivos contrários aos princípios do SUS e da Reforma Psiquiátrica. Os interesses corporativos que não estão engajados com o avanço da reforma psiquiátrica sofreram mudanças significativas, em dezembro de 2017. Após 25 anos, resgatam o modelo manicomial como prioridade para o cuidado da pessoa com sofrimento mental, com seus resultados já conhecidos como ineficazes, caminhando para o desmonte da reforma psiquiátrica e suas melhorias (AMARANTE; NUNES, 2018; GOULART, 2019). Guimarães e Rosa (2019) denunciam um retrocesso de toda reforma psiquiátrica:

A análise de leis e documentos ministeriais identifica tendência de remanicomilização do cuidado em saúde mental no Brasil no período de 2010-2019, quando seus princípios foram ameaçados pelo Decreto 7.179/2019 que institui o Plano Integrado de Enfrentamento ao crack e outras Drogas e, em 2017, negados pela Portaria 3.588, e reafirmados, em 2019, pela Nota Técnica 11/2019 que gerou significativas mudanças na Política Nacional de Saúde Mental, fortalecendo a lógica de mercado e reversão dos direitos garantidos constitucionalmente, desconsiderando o processo construído ao longo de décadas no contexto da reforma psiquiátrica brasileira. (GUMIARÃES; ROSA, 2019, p. 111).

Embora as constantes lutas da reforma psiquiátrica tenham trilhado caminhos intensos e difíceis, nos anos de 2017 a 2022, o governo apresentou verdadeiras intenções para o desmonte de um dos momentos mais marcantes da história da saúde pública brasileira, a desinstitucionalização, que proporcionou transformações no campo da saúde mental e de toda sociedade, abriu caminhos para a inclusão, respeito ao sujeito e sua individualidade, protagonizou lutas coletivas, propiciou a reflexão sobre o saber médico e a discussão sobre o normal e o patológico.

Todo esse movimento partiu do desafio de ir além das mudanças estruturais dos serviços, foi também de garantir as transformações no modelo de cuidado, reintegrando o ser humano de forma consciente e participativa em seu próprio tratamento.

A Reforma Psiquiátrica buscou politizar a questão da saúde mental, especialmente, na luta contra as instituições psiquiátricas; produziu reflexões críticas que provocam uma ruptura epistemológica; criou experiências e estratégias de cuidado contra hegemônicas; conquistou mudanças em normas legais e buscou produzir efeitos no campo sociocultural (YASUI, 2006, p. 26).

Apesar dos últimos acontecimentos, a esperança de dias melhores se renova, pois, no início do mês de março de 2023, o então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva

nomeou a Professora Doutora Sônia Barros ao cargo de Diretora do Departamento de Saúde Mental da Secretaria de Atenção Especializada à Saúde do Ministério da Saúde, o que caracterizou uma conquista coletiva dos movimentos sociais em defesa a luta antimanicomial.

Diante da necessidade da permanente luta em busca do respeito às pessoas com sofrimento psíquico e a compreensão das diferenças, o próximo tópico discorre sobre o normal e o patológico, conceitos utilizados para justificar a supressão e a indiferença das políticas excludentes, nas medidas de retrocessos da reforma psiquiátrica e nas relações da sociedade.

A compreensão dos conceitos normal e patológico aviva a possibilidade de discussões acerca das diferenças dos sujeitos, de como cada ser humano é único e como se deve permitir-lo a expressar suas emoções sem o medo da estigmatização, do que é o normal, o aceito e o que é patológico, que não se encaixa nos padrões da sociedade.

1.2 Conceito de saúde e doença: o normal e o patológico na saúde mental – algumas reflexões

A forma de como as pessoas com sofrimento mental foram tratadas por longos anos emerge lembranças dolorosas e vexatórias da história da saúde pública brasileira. Não diferente, gera o medo nas pessoas de assumirem suas “fragilidades” por terem receio de se verem rotuladas e discriminadas, pois ainda nos dias de hoje impera a necessidade de diagnosticar e classificar como normal ou patológico o ser humano que sofre.

Durante a Idade Média, por muito tempo, as pessoas com sofrimento mental foram rotuladas como possuídas por forças sobrenaturais e julgadas de acordo com ideias religiosas. Foucault⁵ (1975) relata:

Afirmou-se, até demais que o louco era considerado até o advento de uma medicina positiva como um “possuído”. E todas as histórias da psiquiatria até então quiseram mostrar no louco da Idade média e do Renascimento um doente ignorado, preso no interior da rede rigorosa de significações religiosas e mágicas. Assim, teria sido necessário esperar a objetividade de um olhar médico sereno e finalmente científico para descobrir a deterioração da natureza lá onde se decifram apenas perversões sobrenaturais. Interpretação que repousa num erro de fato: que os loucos eram considerados possuídos; num preconceito inexato: que as pessoas definidas como possuídas eram doentes mentais; finalmente, num erro de raciocínio: deduz-se que os possuídos na verdade loucos, os loucos eram tratados realmente como possuídos. De fato, o complexo problema da possessão não revela diretamente de uma história da loucura, mas de uma história das ideias religiosas (FOUCAULT, 1975, p. 75).

O emprego dos termos ‘normal’ e ‘patológico’ justificou, por muito tempo, a inclusão ou a exclusão do sujeito na sociedade, pouco se fazendo para a compreensão real e total do

⁵ Michel Foucault foi citado por fazer parte do processo histórico.

fenômeno em sua vida. Alguns autores como Silva et al. (2010) chamam a atenção para a particularidade da discussão sobre esses conceitos:

A delimitação entre o que pode ser considerado normal e o que deve ser tido como “patológico” é uma questão que gera constantes discussões conceituais. No terreno da psicopatologia, essa discussão ainda é mais relevante, já que sua demarcação é muito mais flutuante e suas fronteiras pouco rígidas (SILVA, et al., 2010, p. 195).

Para a apreensão dos conceitos normal e patológico, é preciso entender como a ciência propôs-se a investigar os fenômenos psíquicos ao longo da história e as diferentes formas de defini-los. Pesquisadoras como Silveira e Nascimento (2015) descrevem como a divisão do que é normal contribuiu para o surgimento do patológico:

Ao que nos parece a separação entre a normalidade e a anormalidade foi o que possibilitou a construção do espaço para o patológico, mais comumente denominado loucura, significação esta que se insere ao longo dos tempos de diferentes maneiras na sociedade, e que carrega consigo aspectos inerentes ao contexto histórico e sócio-cultural de cada época (SILVEIRA; NASCIMENTO, 2015, p. 2).

A loucura tem sido alvo de intensas e extensas formas de a sociedade compreendê-la e interpretá-la, desde estigmas e preconceitos do cotidiano até a utilização lírica/artística do fenômeno. Peças teatrais, literatura, estabelecimentos reservados aos ditos ‘loucos’ e da loucura como fonte de cultura foram algumas das maneiras pelas quais a sociedade tem se relacionado com a insanidade. Contudo, foi no século XVII que o olhar para a loucura passou do ‘entretenimento’ à exclusão. O significado da loucura como algo divino e nobre, que antecedeu a sua exclusão, é analisado por Del’Omo e Cervi (2017) como algo que ne sempre foi negativo.

De acordo com Glende e Kraut, na Grécia antiga, ela chegou a ser considerada até mesmo um privilégio. Note-se que filósofos, como Sócrates e Platão, destacaram o aspecto místico da loucura referindo a existência de uma loucura tida como divina, fazendo uso da palavra manikê para designar tanto o “divino” como “delirante”. Nesse aspecto, homens privilegiados poderiam acessar as verdades divinas (DEL’OMO; CERVI, 2017, p. 199).

No século XVII, confirmou-se a loucura como algo inadmissível, intolerável, cabendo a exclusão social das pessoas consideradas irracionais ou que, de alguma forma, incomodavam a sociedade ou qualquer outra pessoa que pudesse impor seu confinamento. Nem todas as inúmeras pessoas que tiveram o isolamento social imposto por outrem padeciam, necessariamente, de algum tipo de sofrimento mental.

Nesse cenário, surgiram as instituições responsáveis pelo ‘tratamento’, ou mesmo o trancamento de quem pudesse gerar desconforto, não se comportar conforme as normas sociais, ou não ser aceito, entre outros motivos.

Foucault (1975) narra a criação dos locais para a internação dessas pessoas que incomodavam a sociedade não somente como um lugar para internar os loucos, mas sim, todos

que de alguma maneira incomodava, os que eram diferentes dos outros, pelo menos os que não atendiam os critérios considerados corretos.

Criam-se (e isto em toda Europa) estabelecimentos para internação que não são simplesmente destinados a receber os loucos, mas toda uma série de indivíduos bastante diferentes uns dos outros, pelo menos segundo nossos critérios de percepção: encerram-se os inválidos pobres, os velhos na miséria, os mendigos, os desempregados opiniáticos, os portadores de doenças venéreas, libertinos de toda espécie, pessoas a quem a família ou o poder real querem evitar um castigo público, pais de família dissipadores, eclesiásticos em infração, em resumo todos aqueles que, em relação à ordem da razão, da moral e da sociedade, dão mostras de “alteração” (FOUCAULT, 1975, p. 78).

O autor expõe que as casas, os hospitais e as demais instituições para manter as pessoas com sofrimento mental não tinham qualquer disposição para tratá-las, porque elas não deviam ou não podiam mais fazer parte da sociedade (FOUCAULT, 1975).

No Brasil não foi diferente, várias instituições existiram, e ainda existem, e mais, locais que muitos insistem em sustentar, mesmo diante todas as comprovações de insuficiência e maus tratos.

Arbex (2013) comenta sobre a forma de exclusão em um dos maiores hospitais psiquiátricos do país, e de como era quando as pessoas chegavam ao Colônia, sendo anuladas como se nunca tivessem existidos. Seus cabelos, suas roupas, suas identidades, tudo eram arrancando-lhes.

Perderam o nome, foram rebatizadas pelos funcionários, começaram e terminaram ali. Cerca de 70% não tinham diagnóstico de doença mental. Eram epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, gente que se rebelava, gente que se tornava incomoda para alguém com mais poder. Eram meninas grávidas, violentadas por seus padrões, eram esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, eram as filhas de fazendeiros as quais perderam a virgindade antes do casamento. Eram homens e mulheres que haviam extraviado seus documentos. Alguns eram apenas tímidos. Pelo menos trinta e três eram crianças (ARBEX, 2013, p. 14).

A loucura passou ser objeto do saber médico a partir do século XVIII, criaram-se diferentes formas de tratá-la ou contê-la, para minimizar os chamados ‘riscos’ que as pessoas poderiam causar na sociedade. Entre os diversos tratamentos, persistiram o eletrochoque, o uso excessivo de medicamentos, as contenções e algumas práticas consideradas desumanas.

Ainda sobre a forma de se ver a doença, no caso, o sofrimento mental, segundo Foucault (1975), mesmo após algumas mudanças nos locais de confinamento, que passaram a manter apenas os chamados insanos, constatavam-se, nos registros dos médicos dos séculos XVII e XVIII e nas práticas no século XIX, a continuidade dos maus tratos e a necessidade de provar a cura da loucura por meio de readaptação:

Estes tratamentos não eram nem psicológicos nem físicos: eram ambos ao mesmo tempo – a distinção cartesiana da extensão e do pensamento não tendo afetado a unidade das práticas médicas; submetia-se o doente à ducha ou ao banho para refrescar seus espíritos ou suas fibras: era-lhe injetado sangue fresco para renovar sua circulação perturbada; provocava-se provocar nele impressões vivas para modificar o curso da sua imaginação.

Ora, estas técnicas que a fisiologia da época justificava foram retomadas por Pinel e seus sucessores num contexto puramente repressivo e moral. A ducha não refrescava mais, punia; não se deve mais aplicá-la quando o doente está “excitado”, mas quando cometeu um erro; em pleno século XIX ainda Leuret submeterá seus doentes a uma ducha gelada na cabeça e empreendera neste momento, com eles, um diálogo durante o qual forçá-los-á a confessar que sua crença é apenas delírio (FOUCAULT, 1975, p. 82-83).

A loucura, assim, passou a ser vista cada vez mais como propriedade de atuação médica, com a causa identificada fisiologicamente. Conforme Del’Omo e Cervi (2017), a sociedade compreende o sofrimento como objeto do ato da ciência médica. Por isso, tem recebido o estereótipo de ‘doença mental’, com diferentes terminologias: loucura, alienação, doença mental, transtorno mental, sofrimento psíquico, que têm sido utilizadas em diferentes momentos da história.

Basaglia⁶ (2015) aponta que o tema saúde/doença é tão amplo e geral, que possibilita uma reflexão que, mesmo centrada na doença mental e a assistência psiquiátrica, parte de uma questão mais ampla, que envolve os próprios fundamentos culturais das ciências médicas.

Resende, Pontes e Calazans (2015) elaboram uma crítica ao projeto da psiquiatria que, mesmo criando manuais diagnósticos e expandindo o uso de farmacológicos, ainda não alcançou o seu objetivo de ser uma ciência médica. Destacam a existência dos poucos transtornos que têm legitimado uma causa fisiológica, restringindo a aplicação apenas a casos de demência e de deficiência mental e às psicoses orgânicas e sintomáticas.

Araújo e Neto (2014) delineiam a visão da psiquiatria sobre o sofrimento psíquico como uma tradução da psicopatologia, que segue o modelo médico estabelecido desde os tempos hipocráticos, nos quais os diagnósticos não se baseavam na ciência, mas sim na percepção.

A observação, descrição e categorização de enfermidades que compartilham sinais e sintomas permite a formulação de diagnósticos que, por sua vez, auxiliam na identificação da causa de uma determinada patologia, na previsão de sua evolução e no planejamento terapêutico (ARAÚJO; NETO, 2014, p. 67).

A partir dessa visão, os autores esclarecem os critérios para a formulação diagnóstica, e de como a medicina se prende aos diagnósticos com base características dos comportamentos indesejados, ou incômodos.

Para a análise do comportamento, a formulação de um diagnóstico passa pela compreensão dos comportamentos que são tidos como inadequados e isso requer a análise das contingências que os instalaram e que os mantêm. Nesse sentido o uso de classificações categoriais é limitante pois a topografia de um comportamento não é suficiente para a compreensão da sua função para um determinado indivíduo. A análise funcional do comportamento é imprescindível para o planejamento da intervenção clínica (ARAÚJO; NETO, 2014, p. 67).

⁶ Franca Basaglia foi citado por fazer parte do processo histórico

Foucault (1975) frisa que, antes do século XIX, a loucura era experienciada de diferentes formas, com diferentes atitudes médicas em relação às doenças tidas como curáveis.

Sem dúvida, desde a medicina grega, uma certa parte no domínio da loucura já estava ocupada pelas noções de patologias e as práticas que a ela se relacionam. Sempre houve, no Ocidente, curas médicas da loucura e os hospitais da Idade Média comportavam, na sua maior parte, como o Hôtel-Dieu de Paris, leitos reservados aos loucos (frequentemente leitos fechados, espécies de jaulas para manter os furiosos). Mas isto era somente um setor restrito, limitado às formas da loucura que se julgavam curáveis (frenesis, episódios de violência, ou acessos “melancólicos”). De todos os lados, a loucura tinha uma grande extensão, mas sem suporte médico (FOUCAULT, 1975, p. 77).

Braatz e Kraemer (2011) aludem ao limite entre o normal e o patológico, que é confuso para os indivíduos quando considerados ‘simultaneamente’, ou seja, com base em determinadas regras, pois o que se define como doença, em um determinado caso, em outra situação pode não ser.

Nessa perspectiva, Canguilhem (2009), ao observar a doença tanto por meio dos sintomas quanto pelos mecanismos funcionais que afetam a totalidade do organismo vivo, pode levar à apreensão da diferença qualitativa entre a saúde e a doença. A implicação de patologia ainda é continuamente equivocada, por levar em conta uma simples variação quantitativa dos fenômenos fisiológicos, o que indicaria a sua normalidade. Isso torna esse método limitado e deficiente, apesar de não desconsiderar os aspectos bioquímicos.

Apesar de reconhecer que o valor eventual de certos erros bioquímicos inatos provém de uma relação entre organismo e o meio, assim como o valor de sintoma de certos lapsos ou atos falhos provém, segundo Freud, da relação com uma determinada situação, abstermo-nos de definir o normal e o patológico simplesmente por sua relação com o fenômeno da adaptação. Durante o último quarto de século, esse conceito tem recebido uma tal extensão — às vezes descabida — em psicologia e em sociologia que, mesmo em biologia, só pode ser utilizado do ponto de vista mais crítico possível. A definição psicossocial do normal a partir do adaptado implica uma concepção da sociedade que o identifica subrepticiamente e abusivamente com o meio, isto é, com um sistema de determinismos, apesar de essa sociedade ser um sistema de pressões que, antes de qualquer relação entre o indivíduo e ela, já contém normas coletivas para a apreciação da qualidade dessas relações (CANGUILHEM, 2006, p. 129).

O autor expõe como a sociedade, de forma incisiva, determina o comportamento do sujeito, para que se enquadre nos parâmetros tidos como normais e aceitos socialmente. Ressalta que, ao discordar dessas categorizações, o sujeito torna-se ‘anarquista’. Além disso, destaca os estados de saúde e doença e as relações entre eles, e que a cura não constitui o estado de saúde anterior, mas novas maneiras de viver, diferentes das precedentes. O normal e o patológico estão interligados com o modo de vida do sujeito e todas as condições oferecidas a ele pelo seu meio social, cultural e físico (CANGUILHEM, 2009).

Foucault (1975) explica que a insistência em explicar a saúde e a doença psicológica se dificulta pela aplicação maciça de conceitos destinados à medicina somática. E ainda, que

para além das patologias mental e orgânica, existe uma patologia geral e abstrata que as domina, que as confere os métodos e à maneira de postulados.

Gostaríamos de mostrar que a raiz da patologia mental não deve ser procurada em uma “metapatologia” qualquer, mas numa certa relação, historicamente situada, entre o homem e o homem louco e o homem verdadeiro (FOUCAULT, 1975, p. 8).

Os motivos que podem ou não causar modificações no comportamento do sujeito não obedecem a uma regra exata, única. Podem acontecer em um mesmo meio, de formas diferentes ou não, podem atingir um único sujeito de um grupo ou mais. As relações dizem muito

A interpretação e percepção de cada sujeito é única, e de forma particular se desenvolve. Nessa perspectiva, Delari (2017) explica como cada um sente a seu modo de acordo com seus significados. Toda dor é sentida de modo corporal, por não haver outro meio de senti-la. “A distinção fica por ser debatida mais quanto à origem do sofrimento em seus aspectos físicos “mudos” ou na materialidade das relações humanas mediadas na construção de significação” (DELARI, 2017, p. 5).

Os vínculos do sujeito com o mundo envolvem suas relações e suas atividades, que ocorrem em uma determinada família, classe social e época, em que constroem suas estruturas motivacionais e emocionais. A quantidade e a qualidade desses vínculos, assim como o conteúdo das relações objetivas e sociais, fazem parte de apropriações disponíveis ao sujeito e do desenvolvimento da sua personalidade. Os significados sociais e o sentido pessoal unem-se ou se alienam, causando o adoecimento (MARTINS, 2004).

Silveira e Nascimento (2015) realçam a singularidade de uma definição em relação ao normal e ao patológico, e da relação com o contexto histórico do ser humano, e também, de seus aspectos subjetivos, que contribuem significativamente na construção da psique.

Essa foi, é, e ainda será uma empreitada que segue com a trajetória das sociedades, vale observar que cada época pode fazê-lo a seu modo, e de acordo com a sua perspectiva vigente (SILVEIRA; NASCIMENTO, 2015, p. 2).

As discussões sobre o normal e o patológico tendem a continuar por algum tempo. Por longos anos, o tema vem sendo apreciado sob diferentes perspectivas, envolvendo diversas particularidades históricas e interpretações, interesses e sujeitos.

Para essa discussão, a compreensão singular do ser humano é crucial. Apesar de ser objeto de análise a tentativa de entender e explicar o sofrimento/adoecimento, é preciso buscar apreender as motivações, as relações, a intensidade, o contexto histórico e toda a particularidade do ser humano. Anular a existência humana em função do seu sofrimento é

apagar a sua história, é desconsiderar seus motivos e razões pessoais, é negar-lhe a possibilidade de se reinventar, e não lhe apresentar outra alternativa de sobrevivência ou mesmo de entender o seu próprio sofrimento/adoecimento.

Assim, no próximo tópico discorreremos sobre o sofrimento/adoecimento psíquico a partir da Psicologia Histórico-Cultural, aporte teórico metodológico que subsidia as discussões e as análises dos dados desta pesquisa. Importante ressaltar que os subtítulos anteriores contribuirão para a discussão do conceito do sofrimento/adoecimento, pois resgatar sobre os meios de tratamento anterior a reforma psiquiátrica e a necessidade de definir o que é normal e patológico estão ligados diretamente a definição do conceito sofrimento/adoecimento, pois o sofrimento e a dor também podem ser silenciados pelo ser humano por medo dos julgamentos que podem surgir diante suas angústias.

1.3 Sofrimento/adoecimento psíquico na concepção da Psicologia Histórico-Cultural

Os estudos de Vigotski sobre o desenvolvimento humano e suas particularidades contribuíram para o entendimento do momento em que o ser humano, durante a sua infância, passa a se perceber e absorver conteúdos externos e a somá-los aos conteúdos internos, para o seu desenvolvimento e sobrevivência.

A PHC enfatiza a qualidade das relações interpessoais, o tempo, no sentido de historicidade, e as mediações como fatores relevantes no desenvolvimento psicológico humano, entende o psiquismo humano, mas sem se restringir ao amadurecimento biológico, pois, nos constituímos por meio de nossas relações com os outros seres humanos, com a cultura, com as experiências e educação.

Nessa perspectiva, as relações que estabelecemos com os outros e com o mundo e as aprendizagens decorrentes dessas relações são internalizadas no complexo movimento da dialética de tal modo que não produzem conexões lineares entre experiências ou eventos ocorridos em um determinado tempo/espaço, mas um amálgama dinâmico, complexo, contraditório e de interconstituição entre os diversos significados e sentidos que atribuímos às coisas ao longo da vida (CICARELLO JUNIOR; CAMARGO, 2019, p. 91-92).

O ser humano precisa dos conteúdos históricos e culturais para o seu desenvolvimento. A apropriação desses conteúdos propicia a evolução diferentemente do animal. Essa historicidade colabora para o desenvolvimento qualitativo do ser humano e o instrumentaliza para lidar com as diferentes situações que ocorrem em torno de suas relações interpessoais.

Compreender o percurso histórico da humanidade, ou seja, o percurso do desenvolvimento filogenético, contribui para esclarecer o percurso do desenvolvimento ontogenético das funções psíquicas superiores. Assim, sua constituição em ser social envolve a transição da história natural dos animais à história social dos homens, marcada pelo trabalho social, pelo emprego dos

instrumentos e pelo desenvolvimento da linguagem (LINHARES; FACCI, 2021, p. 32-33).

A apropriação da cultura vai além das primeiras relações que a criança tem na infância. Trata-se da apropriação por meio das relações que produzem e medeiam os conteúdos sistematizados e elaborados. A realização da atividade (trabalho) e o uso de instrumentos e da linguagem só são possíveis porque a apropriação do conteúdo organizado é resultado do acesso à educação:

Considerando então que a humanidade não “nasce” nas pessoas a partir delas mesmas, mas resulta da humanidade objetivada e disponibilizada às suas internalizações, a Psicologia Histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica não são indiferentes à análise das condições objetivas que, em uma sociedade de classes, reservam para diferentes indivíduos condições desiguais de humanização. Mais do que não serem indiferentes, essas teorias evidenciam a necessidade de superação da ordem econômica fundada na propriedade privada dos meios de produção, isto é, da posse privada dos produtos do trabalho humano, no que se inclui o produto do trabalho intelectual. Afirmam, ainda, a educação escolar como processo privilegiado para, no âmbito da transmissão dos conhecimentos, opor-se as referidas desigualdades. É a serviço do desenvolvimento equânime dos indivíduos que a educação escolar desponta como um processo ao qual compete oportunizar a apropriação do conhecimento historicamente sistematizado – o enriquecimento do universo das significações –, tendo em vista a elevação para além das significações mais imediatas e aparentes disponibilizadas pelas dimensões meramente empíricas dos fenômenos (MARTINS, 2015a, p. 272).

Cicarello Junior e Camargo (2019) reforçam a importância da apropriação dos elementos culturais, pois à medida que o ser humano se apropria dos elementos da cultura, as funções elementares ascendem as funções superiores, por meio da internalização, que ocorre a partir das experiências humanas que podem ser transformadas pela aprendizagem, que é marcado pelo momento interpsicológico para o intrapsicológico.

Partindo para a sociogênese, a noção de tempo que se faz presente e necessária para compreender esse plano genético é a de um momento ou movimento de transição de fora para dentro, denominado internalização (CICARELLO JUNIOR; CAMARGO, 2019, p. 95).

Compreender o sofrimento/adoecimento psíquico com base em uma perspectiva teórica que envolva o ser humano em sua totalidade e que possibilite perceber as transformações do seu psiquismo e os movimentos de suas relações com o meio permite entender as mudanças e as constâncias do seu desenvolvimento. No momento em que essas transformações deixam de existir ou se limitam às relações alienantes/superficiais, e as suas aptidões e habilidades ficam prejudicadas, pode ocorrer uma dor intensa, que colabora para a manifestação do sofrimento/adoecimento psíquico.

A partir desse entendimento, é que adotamos a Psicologia Histórico Cultural como fundamentação teórica para a compreensão do sofrimento/adoecimento psíquico, pois aspectos importantes da teoria como a linguagem, percepção, emoção, funções psicológicas superiores

essenciais para o desenvolvimento humano, aspectos que influenciam diretamente na ação do ser humano e são fundamentais para a compreensão de como a inexistência, o desenvolvimento desigual, ou a repressão dessas funções podem ocasionar o sofrimento/adoecimento do trabalhador.

O conjunto das relações que o ser humano vivencia ao longo do processo de desenvolvimento resulta em sua maturação, que pode conferir-lhe saltos valorativos e cruciais para sua vivência e sobrevivência com tudo e todos em seu meio.

Em suma, a teoria histórico-cultural, em consonância com o aporte filosófico materialista dialético, postula o psiquismo humano como unidade material e ideal construída filo e ontologicamente por meio da atividade, isto é, nos modos e meios pelos quais o homem se relaciona com a realidade, tendo em vista produzir as condições de sua sobrevivência e de seus descendentes (MARTINS, 2015a, p. 30).

É por meio da atividade consigo e com o meio, com a realidade, que o ser humano une as funções elementares ao conhecimento e as transformações existentes no decorrer do seu desenvolvimento às funções psicológicas superiores:

A atividade do sujeito - externa e interna- é mediada e regulada pelo reflexo psíquico da realidade. Aquilo que no mundo objetivo aparece para o sujeito como motivos, objetivos e condições de sua atividade deve ser, de alguma forma, por ele percebido, apresentado, compreendido, retido e reproduzido em sua memória; isso vale também para o processo de atividade em relação a si mesmo, a seus estados, características, peculiaridades. Do ponto de vista histórico e genético, isso significou o reconhecimento da existência de um psiquismo pré-consciente dos animais e o surgimento no ser humano de uma forma qualitativamente nova, a *consciência* (LEONTIEV, 2021, p. 145-146).

Na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, os processos psíquicos não são frutos das capacidades inatas transmitidas biologicamente, mas como: “aspectos da atividade que se formam durante toda a vida” (ZEIGARNIK, 1981, p. 26-27).

Apesar de não encontrar uma enunciação clara e explícita por parte de Vigotski e seus companheiros sobre sofrimento e adoecimento, é possível abstrair uma cognição do que seja saúde, sofrimento e adoecimento a partir dos pressupostos da Psicologia Histórico-cultural (QUEIROZ, 2021).

A discussão sobre o sofrimento e o adoecimento se faz importante porque esses conceitos podem guiar a compreensão das particularidades do fenômeno aqui discutido. Pode, por exemplo, ser comum, quando se refere ao sofrimento, o fato de que todo sofrimento é ruim ou deveria ser evitado ou ainda ser banido da vida do indivíduo. No entanto, isso não é possível em relação ao sofrimento (MARINO-FILHO, 2020, p. 79).

Para o estudo sobre o sofrimento/adoecimento psíquico a partir da Psicologia Histórico-Cultural, fundamentamo-nos em como Vigotski se propôs a compreender o desenvolvimento humano e as funções psicológicas superiores, considerando a linguagem como produto da cultura e suporte essencial. Ressaltamos a linguagem várias vezes nessa tese como aspecto crucial por defendermos que o silenciamento das emoções ocorre devido ao ser

humano não se expressar, não extravasar suas angustias, medos, conflitos, entre outros sentimentos que lhe causam desconforto.

Resgatamos em Vigotski e Luria (1966) a concepção de como o desenvolvimento qualitativo é importante para o ser humano e como pode administrar situações que exijam de si a organização e elaboração de suas emoções.

Vigotski e Luria (1996) esclarecem que, ao estudar o “homem cultural adulto”, deve-se, além da evolução do comportamento do animal e do homem primitivo, estudar também o desenvolvimento do comportamento da criança.

Existe, profundamente enraizado na consciência geral, um conceito incorreto, que é a ideia de que a criança difere do adulto somente quantitativamente. Não precisamos mais do que encolher o adulto, torná-lo mais fraco, diminuir suas habilidades e fazê-lo um pouco menos inteligente e teremos uma criança.

Esse conceito da criança como um pequeno adulto é muito difundido. São poucas as pessoas que consideram a ideia de que a criança nem sempre é simplesmente uma réplica em miniatura do adulto e que, sob muitos aspectos, a criança difere radicalmente do adulto – que a criança é uma criatura singular, completamente diferente (VIGOTSKI; LURIA, 1996, p. 152).

A teoria de que a criança se diferenciava do adulto apenas em aspectos quantitativos perpetuou por longos períodos. A maneira como a sociedade percebia os infantes podia ser observada em diferentes contextos.

[...] em qualquer galeria de pintura pode-se ver dezenas de madonas com bebês ao colo, os quais, pelas proporções do corpo, mostram acentuada semelhança com adultos. Todos esses meninos-Jesus, pequenos cavaleiros e duques trajados como adultos nas galerias de retratos de castelos alemães são, de fato, adultos anões; não serão eles, prova do fato de que durante séculos, a humanidade considerou a criança um pequeno adulto? Durante séculos, as pessoas subestimaram o fato de que a criança, por sua aparência física e suas características psicológicas, é um tipo muito especial de criatura, que difere qualitativamente do adulto e cujas leis de vida e atividade devem, sem dúvida alguma, ser estudadas com atenção especial (VIGOTSKI; LURIA, 1996, p. 153).

Vigotski e Luria (1996) defendem que a criança difere do adulto por meio do pensamento, da maneira como percebe o mundo, da lógica baseada em princípios qualitativos diferentes caracterizados por grande especificidade, como também, a estrutura e as funções de seu corpo em relação às do organismo do adulto. A criança possui aspectos hereditários que compõem o seu desenvolvimento e podem aparecer mais ou menos em determinados momentos. Mas, é a partir da relação com o meio que ocorre um salto qualitativo e não só quantitativo nesse processo: “Logo, o desenvolvimento contém sempre, numa unidade, aspectos hereditários e do meio” (VIGOTSKI, 2018, p. 72).

A existência do corpo físico é necessária para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Mesmo defendendo que a cultura se sobrepõe ao elemento biológico, Vigotski não abandonou o estudo sobre as questões biológicas e sua relação com o fator cultural. Seus estudos trataram da relação de unidade, que abrange dialeticamente a

historicidade e o meio social, determinantes para a apropriação da cultura. Os aspectos inatos e instintivos existem e permanecem no sujeito, porém as transformações de natureza qualitativa e humana ocorrem à medida que o sujeito se relaciona com a sociedade. Essa visão é dialética. O autor não separa o aspecto biológico do cultural, mas entende o primeiro como base para o desenvolvimento verdadeiramente humano.

Partindo das observações e constatações sobre o desenvolvimento humano, a Psicologia Histórico-Cultural contraria as demais teorias que descrevem o desenvolvimento psicológico humano com base apenas em aspectos orgânicos e cronológicos:

Nesse sentido Vygotsky e seus discípulos, ao invés da maturação orgânica, se debruçaram mais sobre a dimensão da historicidade e da atividade para compreender e explicar o movimento de constituição da personalidade numa perspectiva dialética, vislumbrando o desenvolvimento humano como síntese de múltiplas determinações (CICARELLO JUNIOR; CAMARGO, 2019, p. 84).

Os pesquisadores explicam que as condições apresentadas durante esse processo contribuem para o desenvolvimento de funções mais elaboradas, e são essas funções que fazem com que o ser humano se expresse quando algo não o faz bem. Esse comportamento, ou ação do ser humano só é possível diante as transformações reais e qualitativas.

Assim como para o Materialismo Histórico Dialético, para a Psicologia Histórico-cultural (PHC) a questão do tempo não se resume à quantidade de tempo que dura uma fase de transformação. A PHC, voltada à compreensão e explicação do desenvolvimento psicológico humano, engloba especialmente o processo e o que é necessário para superar o nível atual do desenvolvimento e avançar para outros possíveis. Ou seja, a questão é menos a duração e mais as condições que subsidiam a superação de um determinado momento ou estado para outro mais complexo ou elaborado (CICARELLO JUNIOR; CAMARGO, 2019, p. 91).

Em relação ao estudo do sofrimento psíquico, Vigotski (1983) ressalta o quanto os estudos psicológicos iniciais se baseavam em uma concepção puramente quantitativa do desenvolvimento infantil. Tratava-se de um método complicado, pois determinava o grau de insuficiência do intelecto, com a medição de proporções e tamanho, visando a responder a um único esquema de mais ou menos, de cálculo e de medida, ao invés de experimentar, observar, analisar, diferenciar e generalizar, descrever e definir qualitativamente. Silva (2012) aponta que:

É importante ressaltar que o interesse nas patologias do desenvolvimento foi manifestado por Vigotski desde o início da sua trajetória científica. Dedicou-se ainda ao estudo do papel da linguagem no desenvolvimento humano através de casos clínicos envolvendo patologias da linguagem, no caso, a afasia, bem como as demências e as doenças de Parkinson e de Pick. De forma geral, enfatizou nesses estudos as características peculiares do desenvolvimento e da desintegração, relacionadas com a idade em que ocorrem, argumentando contra as hipóteses localizacionais em áreas cerebrais (SILVA, 2012, p. 76).

Zeigarnik (1981) teme o uso de testes quantitativos que medem as capacidades cognitivas. Assegura que estes testes apontam apenas o nível de desenvolvimento atual do ser

humano, deixando “ocultas suas possibilidades potenciais”. E ainda descreve, que as análises quantitativas são permitidas quanto já se realizou uma análise qualitativa das circunstâncias. Nesse sentido, Zeigarnik (1981) afirma que: “antes de iniciar a medição, deve ficar determinado o que é que se mede” (ZEIGARNIK, 1981, p. 27). Ademais, a autora ressalta a importância de conhecer as dificuldades que os doentes apresentam em suas dificuldades, além de ser necessário reconhecer onde seus erros e dificuldades esbarram. Assim, “[...] é precisamente a análise dos erros cometidos pelos doentes ao executar tarefas experimentais o que nos proporciona significativo material para a valoração de uma determinada alteração na atividade psíquica dos doentes” (ZEIGARNIK, 1981, p. 28).

Silva e Tuleski (2015) assinalam o quanto as queixas relacionadas ao sofrimento mental, em seus diferentes níveis de complexidade, ainda são tratadas sob o viés biológico e farmacológico. Essa perspectiva sofreu críticas de Vigotski:

A saúde mental foi relegada ao cuidado da psiquiatria sob o viés fisiológico, com estudos iniciais de Zeigarnik no campo da Patopsicologia Experimental ainda sem muitas perspectivas, pois estavam no caminho contrário à separação imposta entre a psiquiatria e a psicologia (SILVA; TULESKI, 2015, p. 210).

Dagher (2019) comenta sobre as análises de Vigotski quanto às concepções anteriores à Psicologia Histórico-cultural, sobre o sofrimento psíquico e de como as teorias biologizantes desconsideravam a subjetividade, e de como o autor buscou considerar o movimento histórico e cultural da sociedade e de como esta produz a subjetividade do ser humano.

As explicações do comportamento humano, sua relação com a saúde/doença mental unicamente pelo viés de cunho biológico ou de fatores intrapsíquicos, naturalizantes e individualistas, foi uma das críticas de Vigotski à Psicologia e Psiquiatria da época (DAGHER, 2019, p. 30).

Como vimos, o termo patológico, ao longo da história, propiciou o surgimento de outras nomenclaturas carregadas de preconceitos e limitações quanto ao cuidado da pessoa com sofrimento/adoecimento psíquico, a especialidade da psiquiatria.

Almeida (2018) elucida que optou pelo termo sofrimento psíquico, tomando como base a Psicologia Histórico-Cultural, devido os demais termos como “doença mental”, “transtorno mental” ou “síndrome psiquiátrica” terem significados carregados de racionalidade psiquiátrica e também, porque o campo da saúde mental e atenção psicossocial brasileira ter adotado esse termo por criticar os demais.

Pautamo-nos na definição de Almeida (2018) por entender que o ser humano é um conjunto de aspectos elementares que se direcionam a elementos superiores a partir das relações interpessoais, aprendizagem e mediações durante todo o seu processo de desenvolvimento. Além disso, as demais definições ou explicações do termo

sofrimento/adoecimento psíquico veem repletas de estigmas que limitam ou impossibilitam o ser humano de se expressar. E é a partir desse entendimento que também diferenciamos o sofrimento do adoecimento.

O sofrimento ele afeta a qualidade das ações, da atividade do ser humano devido a dor experienciada, mas não o impede de exercê-la, já o adoecimento o impossibilita e compromete o seu percurso, seu trabalho, suas relações, sua vida, resultado muitas vezes do silenciamento de sua dor. Assim, o ser humano não consegue planejar suas ações e não controla seus comportamentos.

De acordo com Silva (2014), pelo fato de Vigotski estudar sobre o desenvolvimento humano, o seu trabalho pode se relacionar com o campo da psicologia clínica, levando ao entendimento do sofrimento psíquico. Também declara que Vigotski é citado por outros autores como um pensador analítico e sintético, que mostrou coerência com o próprio método e o modo de pensar a Psicologia que ele havia criado, como na análise que realiza acerca da crise no campo psicológico.

De acordo com a Psicologia Histórico-Cultural, a formação do psiquismo humano ocorre por meio da filogênese e ontogênese, ambas definidas social e historicamente conforme as transformações na sociedade e a participação do sujeito por meio de suas atividades. Ou seja, da transformação das funções psicológicas elementares para as funções psicológicas superiores, por meio da apropriação dos conhecimentos sistematizados e do desenvolvimento da consciência. Quanto mais possibilidades materiais que a sociedade oferece ao ser humano, ao psiquismo, mais ele se desenvolve, mais capacidades e habilidades terá para se relacionar com as diferentes situações impostas pela sociedade.

A transformação das funções psicológicas elementares em funções psicológicas superiores é complexa. Resulta na humanização do sujeito, o que o leva ao desenvolvimento de sua consciência. Vigotski (2001) esclarece que o pensamento humano só é possível devido a apropriação da linguagem, e que esse processo só ocorre por meio das relações do sujeito com o meio que permite a apropriação da cultura.

Nesse sentido, Tuleski (2019) explica que Vigotski verificou que a esquizofrenia é o resultado de uma fragmentação progressiva da unidade complexa das funções psíquicas. Esse processo se dá quando as funções superiores sofrem rupturas durante a mediação de funções como a percepção, memória, atenção, que contrapõem as funções elementares que são imediatas. Esse processo ocorre no período de transição da infância para adolescência. A criança possui funções básicas que vão sendo aperfeiçoadas e se tornando mais complexas por meio da mediação cultural e qualitativa, quando esse processo sofre uma ruptura, não ocorre

de forma qualitativa e mediado culturalmente, as funções elementares não se desenvolvem em superiores. Trata-se de um curso dialético: normal x patológico.

Em relação ao psiquismo, Martins (2015a) sustenta que o salto qualitativo para o desenvolvimento humano é a significação dos objetos pela humanidade. Explica que o sujeito lê e identifica o significado dos signos. Para que isso aconteça, o signo precisou ser criado/desenvolvido/elaborado por um outro humano, que também o aprendeu. Essa é a dinâmica da apropriação para a objetivação, ou seja, quando o sujeito se apropria de um universo simbólico e, por isso, consegue objetivá-lo e transpor ao outro.

A criança não relaciona espontaneamente uma dada palavra a um determinado grupo concreto e transfere o seu significado de um objeto para outro, ampliando o círculo de objetos abrangidos pelo complexo. Ela apenas segue o discurso dos adultos, assimilando os significados concretos das palavras já estabelecidos e dados a ela em forma pronta. Em termos mais simples, a criança não cria a sua linguagem, mas assimila a linguagem pronta dos adultos que a rodeiam. Isto diz tudo. E compreende também o fato de que a criança não cria por si mesma complexos correspondentes ao significado da palavra, mas os encontra prontos, classificados com o auxílio de palavras e denominações comuns. Graças a isto, os seus complexos coincidem com os conceitos dos adultos e surge o pseudoconceito - o conceito-complexo (VIGOTSKI, 2000 [1929], p. 196).

Para Vigotski (2001), a linguagem é produzida historicamente pela humanidade. Quando uma criança é criada sem contato com a linguagem e com a cultura, não terá condições de pensar tal qual um ser humano.

Martins (2015a) explica que, quando a criança usa uma palavra, não há garantia de que ela saiba o significado implicado. É a mediação de signos que transforma as funções psíquicas, pois quanto maior for a relação da criança com o objeto, maior é o impulso para o desenvolvimento.

Silva e Tuleski (2015) acrescentam que o desenvolvimento psíquico é resultado da educação e apropriação da experiência humana acumulada, os instrumentos e signos por meio da mediação social, e baseadas em Zeigarnik (1981 [1976]) explicitam que em casos patológicos, o biológico reage diferente na pessoa doente do que na saudável, desenvolvendo condições que alteram a atividade mental humana.

Para a Patopsicologia Experimental, deve ser mantida a importância das apropriações sociais nesse desenvolvimento, voltando-se à relação dialética entre organismo e meio social no estudo e intervenção das alterações patológicas ao longo do desenvolvimento ontogenético do sujeito adoecido (SILVA; TULESKI, 2015, p. 211).

Vigotski (1983) aclara que a criança não relaciona, compreende ou entende o significado de uma palavra espontaneamente, ela faz uso da palavra a partir das relações criadas pelos adultos que a cercam.

Toda forma superior de comportamento aparece em cena duas vezes durante seu desenvolvimento: primeiro, como forma coletiva do mesmo, como forma interpsicológica, um procedimento externo de comportamento. Não nos damos conta

desse fato porque sua cotidianidade nos cega. O exemplo mais claro disto é a linguagem. No princípio, é um meio de vínculo entre a criança e aqueles que a rodeiam, mas, no momento em que a criança começa a falar para si, pode se considerar como a transposição da forma coletiva de comportamento, para a prática do comportamento individual (VIGOTSKI, 1996 [1930], p. 112).

Martins (2015a) assinala que esse movimento ocorre em dois momentos: o primeiro, de forma interpessoal para interpsíquico; depois que ocorre a internalização, torna-se intrapsíquico, e retorna para o interpsíquico. À medida que o psiquismo se desenvolve, novos sistemas vão surgindo, partindo do pensamento concreto para o abstrato – quanto mais pobre de concretude é a palavra, mais rica é a abstração, e vice-versa.

[...] não se trata de que as alterações se dêem exclusivamente no seio das funções, mas de que existem alterações nas conexões e na infinita diversidade de formas de estas se manifestarem; que em uma determinada fase de desenvolvimento aparecem novas sínteses, novas funções cruciais, novas formas de conexões, e que devemos nos interessar pelos sistemas e pela finalidade dos sistemas (VIGOTSKI, 1996 [1930], p. 135).

Retomamos Vigotski (1996 [1930]) que explica que a doença, mas especificamente a esquizofrenia, ocorre devido a desintegração da consciência: “o estudo dos sistemas e de suas funções é muito instrutivo não apenas no caso do desenvolvimento e da construção do psiquismo, mas também no caso de sua desintegração” (VIGOTSKI, 1996 [1930], p. 128). Assim, percebemos que, mesmo que haja a pré-disposição genética, os fatores externos e sociais contribuem diretamente para o surgimento do sofrimento psíquico.

Com base nesse entendimento, reportamo-nos a Martins (2021)⁷ que, durante uma explanação, explicou que como resultado da humanização por meio da apropriação da cultura, o ser humano consegue se controlar e ‘guardar’ o que há de mais primitivo dentro de si, assim, consegue controlar suas emoções. Caso não consiga, significa que sua constituição foi comprometida, o que pode resultar em comportamentos inadequados e até mesmo em atos de barbáries (informação verbal). Desse resultado, constata-se que houve um desenvolvimento do psiquismo sem qualidade, empobrecido de oportunidades, de educação, limitando o desenvolvimento de suas funções psicológicas superiores, ou seja, há poucas ou nenhuma oportunidade, experiências, relações e acesso ao conhecimento científico e sistematizado. A consequência é, comumente, a falta de desenvolvimento e de controle de sua consciência e de suas emoções.

Silva (2014) sublinha que o fato de Vigotski ter trabalhado desde os anos 1920 com a debilidade mental infantil e tê-la considerado um tipo especial de desenvolvimento e não

⁷ Fala da Professora Doutora Lígia Márcia Martins no curso Vigotski: fundamentos e práticas de ensino e artes realizado dia 20/05/2021 pela EGOV: Escola de Governo do Estado de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=haJUsEh8gUk>. Acesso em 31 de mai de 2021.

uma diferença do estado normal permite-nos comparar os transtornos mentais a partir da ideia da patologia como um ‘desenvolvimento’ desigual, com base na qualidade do desenvolvimento normal.

Silva e Tuleski (2015) veiculam, a partir da Psicologia Histórico-Cultural, a concepção dos transtornos mentais atrelada às determinações históricas e sociais. Vigotski (1929/2000) considera que todos os seres humanos têm medos, angústias e delírios, entre outras sensações. Contudo, o que difere uns dos outros é a intensidade, a hierarquia dada a cada sensação, a cada sentimento e o quanto acreditam ou não nos delírios.

Martins (2015a) aponta que, diante da necessidade de superar a psicologia como uma ciência multifacetada, Vigotski formulou a psicologia geral, com base no materialismo histórico-dialético, por abarcar a natureza, o pensamento e a história. Centralizou seus estudos no desenvolvimento do psiquismo, que ocorre por meio da cultura historicamente organizada, da educação e do trabalho humano. Daí, o que se vê como normal ou patológico está de acordo com o momento histórico do sujeito, a economia, a cultura, a qualidade do seu desenvolvimento e os interesses da sociedade. O filme de Charles Chaplin (1989 – 1977) “Tempos Modernos”, lançado em 05 de fevereiro de 1936, nos Estados Unidos, exemplifica perfeitamente as relações do sujeito que adocece devido às exigências incessantes de uma sociedade pautada no capitalismo. O personagem principal é visto quase como uma máquina, até o momento em que é internado, após ser capturado e preso em uma camisa de força.

De acordo com Silva e Tuleski (2015), o adoecimento psíquico é constituído histórica e socialmente, e com base nas relações. Esse percurso pode ser favorável a um desenvolvimento saudável ou não.

Se o ser humano se humaniza no interior das relações sociais por meio de sua atividade vital e metabólica com a natureza – o trabalho –, quando esta forma de atividade se encontra alienada e precarizada, as possibilidades para o desenvolvimento pleno da personalidade humana encontram-se obstaculizadas (SILVA; TULESKI, 2015, p. 209).

Nesse caminho, é importante entender como se constitui a personalidade, estrutura de extrema relevância para o ser humano, pois, o controle e a condução das emoções dependerão diretamente dessa estrutura. A personalidade, para Psicologia Histórico-Cultural, é a objetivação da individualidade do sujeito. A personalidade, portanto, é contínua e evolui conforme as transformações da atividade que produz e suas relações essenciais com o meio. Assim, trata-se de um aspecto importante para a compreensão do ser humano e de tudo que a influência, seja de forma positiva ou negativa, e de como conduzirá as situações que lhe causam desconforto, incomodo ou sofrimento/adoecimento. Sob esse viés, Silva (2017) afirma que:

É a forma peculiar pela qual cada ser humano se apropria das objetivações sociais que configura sua personalidade, e exatamente neste momento histórico, em que

estas subjetividades estão empobrecidas, que a lógica do capital coloca na personalidade dos/ os professores/os toda a exigência para o bom êxito da educação (SOUZA, 2017, p. 171).

Quanto à personalidade, Martins (2004) salienta as relações do sujeito desde o seu nascimento. A autora trata que como a atividade e sua consciência são propulsoras do seu desenvolvimento, e adverte sobre a relevância da atividade do ser humano na sua constituição. Ainda, a estudiosa aponta que a personalidade representa um sistema fechado sobre si mesmo, que desde o nascimento direciona as estruturas psicológicas humanas, sendo interpelada com algo existente dentro do ser humano e que se atualiza de acordo com as condições de existência.

A atividade humana, que por sua natureza é consciente, determina nas diversas formas de sua manifestação a formação de capacidades, motivos, finalidades, sentidos sentimentos etc., enfim engendra um conjunto de processos pelos quais o indivíduo adquire existência psicológica. O estudo desses processos psíquicos nos leva necessariamente ao plano da pessoa, do homem como indivíduo social real: que faz, pensa e sente, e é neste plano que nos deparamos com a personalidade (MARTINS, 2004, p. 84).

As relações e as atividades, de acordo com Silva e Tuleski (2015), influenciam diretamente na constituição da personalidade, que ambas e mais o vínculo das atividades, a objetivação das relações com a sociedade auxiliam na apropriação da cultura e na forma do ser humano ser. Ou seja, é durante a apropriação do mundo dos objetos e fenômenos criados pela humanidade, por meio da socialização, da atividade humana que as necessidades irão surgir, os motivos e interesses, que constituem a personalidade do ser humano.

Martins (2004) distingue que a realização do sujeito se efetiva por meio de toda a história que constrói. O ponto de partida são as suas condições biológicas, que evoluem socialmente, dadas as condições históricas que, por sua vez, determinam como se desenvolve o psiquismo humano. Durante esse percurso, todas as relações contribuem para a constituição da personalidade do sujeito. Se o sujeito estiver sob relações sociais de dominação, e se a apropriação e a objetivação forem alienadas ou alienantes, haverá prejuízo no desenvolvimento de sua consciência.

Assim, as relações sociais, a apropriação da cultura e a atividade do sujeito são elementos essenciais para a formação da personalidade e o desenvolvimento da consciência humana, e influenciam diretamente na maneira do ser humano ser e sentir, e de como lidar com as emoções e administrá-las. A partir do momento em que esses subsídios se tornam restritos, ou mesmo ausentes, compromete-se o desenvolvimento do psiquismo, tendo, como resposta, o sofrimento psíquico, pois não haverá condições de organização de todo sentimento se não houver habilidades qualitativas para organizá-los e gerenciá-los.

Esper (2019) elucida que, para a Patopsicologia Experimental, o ser humano adoecido é abordado com foco em sua personalidade, em suas vivências e necessidades e não apenas em

seu organismo doente, seus sintomas e quadros clínicos. A autora salienta ainda, que sob a perspectiva do materialismo histórico-dialético, os transtornos mentais precisam ser percebidos com base nas relações sociais humanas, pois são produtos delas.

A qualidade no desenvolvimento da personalidade do sujeito é de extrema importância, assim poderá se observar, compreender e organizar suas ações, mantendo a consciência de todos os seus atos e consequências, e de como se comportará diante de situações adversas, mas principalmente elaborar e organizar suas emoções.

A doença, ao modificar a atividade psíquica do homem, conduz a distintas formas patológicas de personalidade. Nas publicações psiquiátricas pode-se encontrar descrições extraordinárias por sua vivacidade e veracidade sobre as alterações da personalidade, que são características para distintas doenças e estados. Contudo, a análise destas alterações realiza-se fundamentalmente nas condições da psicologia cotidiana ou na já superada [psicologia] empírica. Por este motivo, uma das metas de maior perspectiva consiste na investigação das alterações de personalidade a partir do ponto de vista da atual psicologia materialista. Estes estudos são necessários não apenas para a prática psiquiátrica, mas também são úteis para resolver problemas teóricos da psicologia da personalidade (ZEIGARNIK, 1981, p. 20).

A atividade consciente colabora para o desenvolvimento do sujeito, para a sua compreensão psíquica entre as suas ações e fins. Suas ideias precisam estar conservadas no exercício da atividade. É indispensável ter consciência interna e externamente durante a sua realização de se relacionar internamente (objetivos, desejos, consciência) e externamente (em relação com outros, com o meio) (MARTINS, 2004).

Nessa relação do trabalho consciente e motivado, o sujeito preserva a sua personalidade. Martins (2004) comenta que, a partir do momento em que o sentido e o significado da atividade se separam, ocorre uma alteração na estrutura interna da consciência, resultando na alienação: “os motivos geradores de sentido são aqueles motivos que ao impulsionarem a atividade lhe conferem sentido pessoal” (MARTINS, 2004, p. 91).

Conforme Almeida (2018), o sofrimento psíquico surge diante de determinadas relações e suas experiências. Trata-se de como o ser humano se organiza, vive, sente e produz, e o que torna significativo a ele diante todas a essas circunstâncias.

Assim, o sofrimento psíquico emerge como possibilidade a qualquer indivíduo, inserido nessas relações, quando se torna uma obstrução a seus modos de andar a vida. Ou seja, em nosso entendimento, as várias formas de manifestação do sofrimento psíquico não são exclusividade de um grupo de pessoas predispostas por características biológicas ou psíquicas, senão produzidas no movimento da vida e determinadas socialmente (ALMEIDA, 2018, p. 64).

Delari (2017) também contribui com a observação de como as diferentes relações são possíveis propulsoras do sofrimento e de como as inúmeras situações que vivemos podem gerar a dor. Delari (2017) ressalta que essas relações podem ser com outras pessoas ou conosco

mesmo, e entende o “sofrimento psíquico” como estado e/ou situações da vida humana que sente dores originadas das relações sociais mediadas por processos simbólicos.

Nestes dois planos que se relacionam e se complementam justo por não serem idênticos, mas antitéticos, qualitativamente distintos. Poderíamos dizer sofrimentos afetivos, mas seria artificial tentar conferir “autonomia” do afeto com relação à cognição e vice versa. Não podemos sentir qualquer emoção sem que nada pensemos sobre ela. Nem pensarmos seja no que for sem qualquer emoção sentir ao fazê-lo (DELARI, 2017, p. 8).

Marino-Filho (2020) explica que todo ser vivo é ativo para manter sua vida, sendo essa uma condição básica do ser vivo. Por exemplo, em qualquer atividade animal existem determinadas formas de objetivar a atividade. São sistemas de orientação, execução e controle da atividade vital e, com base em Vigotski (1986), descreve:

O que para o animal viabiliza esse sistema é a sinalização que ativa as relações sensíveis com o meio. Possibilitar a análise das informações e ativar os meios de orientação, de execução e de controle para a atividade são algumas das funções da sensibilidade. Para os homens, além dessa condição biológica, o que organiza esse sistema é a transformação da sinalização em significação, isto é, os homens criam novos sinais ao transformar a natureza e estes sinais passam a ser meios para a manutenção da sua vida em comunidade com outros homens (MARINO-FILHO, 2020, p. 76).

Assim, quando a atividade exercida pelo sujeito não atende às suas necessidades, o resultado do seu trabalho prejudica a formação da sua personalidade. Ao deixar de ter autonomia para manifestar a sua individualidade, em função da negação de suas próprias aspirações, passa a realizar a atividade sem atribuir-lhe sentido:

O trabalho como atividade humana, como atividade vital, é realizado pelo consumo da própria força física e intelectual. O homem usa a si mesmo como meio, como instrumento para realização da sua atividade. Nesse sentido, a atividade vital como uso e consumo da própria força é, para o homem, uma condição. A manutenção da sua vida não é possível sem que ele se submeta à atividade, sem que ele suporte o esforço para a sua manutenção. Destacam-se, por isso, alguns dos sentidos da palavra sofrimento como sustentar, submeter-se, tolerar, uma dada condição imposta por outra força que não a do indivíduo sujeito (MARINO-FILHO, 2020, p. 80).

Pessoa e Leonardo (2020) expressam que a atividade sem sentido não proporciona o desenvolvimento dos sujeitos envolvidos em uma relação, e quando a desenvolvem apenas para alcançar os indicadores estabelecidos não proporcionam a formação humana possível por meio da mediação. Essa forma de trabalho nada mais é que a simples troca, ação desprovida de motivação.

Caso o docente preocupe-se apenas com o cumprir metas e transmitir conteúdos, perde-se de vista o caráter de humanização dos sujeitos pela Educação. Pode-se afirmar que o professor está inserido em um sistema de venda de sua força de trabalho e, no caso da atividade de ensino, reflete em muitos casos a elaboração de ações sem fornecer sentido ao aluno e à sua realidade, tampouco a si mesmo (PESSOA; LEONARDO, 2020, p. 12).

Nesse cenário, surge a alienação como resultado da falta de motivação, mesmo havendo a consciência durante a execução da atividade, o ser humano deixa de se ver como responsável pela ação transformadora, e passa a ser apenas o executor. Segundo Martins (2004), a alienação é uma questão de grau na vida do sujeito, podendo ser maior ou menor. É percebida quando sua compreensão for além da particularidade, quando alcançar a sua condição humano-genérica.

A partir da Psicologia Histórico-cultural, as funções psíquicas são entendidas não como funções inatas, mas sim como produto das atividades desenvolvidas ao longo da vida, o que faz com que as alterações psíquicas sejam compreendidas e investigadas como resultantes das alterações da atividade. Desse modo, é possível a análise qualitativa das distintas formas de desintegração do psiquismo, a descoberta dos mecanismos da atividade alterada e as possibilidades para sua reabilitação (SILVA; TULESKI, 2015, p. 212).

As autoras prosseguem o raciocínio: “nesta perspectiva, encontra-se um novo lugar social para as pessoas em sofrimento mental, pensando no sujeito que sofre a partir de sua vivência de sofrimento, em condições concretas de vida” (SILVA; TULESKI, 2015, p. 214).

Zeigarnik (1981 [1976]) percebe as mudanças da atividade psíquica, tanto cognitiva quanto a motivada emocionalmente, não como um resultado direto da doença mental, mas como um percurso complexo que envolve formação e desenvolvimento. Essa percepção pode estar ligada ao método genético, sugerido por Vigotski, por meio da investigação do ser humano adoecido e as informações com base no experimento psicológico.

Como elucidamos no início do trabalho, o sofrimento se difere do adoecimento, contudo os escrevemos dessa maneira sofrimento/adoecimento entendendo que pode ocorrer um ou outro fenômeno no trabalhador, ou mesmo os dois.

Apoiada em Marino-Filho (2020), afirmamos que o sofrimento pode ocorrer como uma forma de desfrutar de algo como condição para criação e a humanização para si, e como conteúdo de transformação também para outros, mas quando o ser humano passa a desempenhar sua atividade de forma alienada, seu sofrimento não frui mais para si, e sim para os que o dominam, e essa condição gera um sentimento negativo, pois não é mais o protagonista na sua atividade e no processo de transformação, não tem mais autonomia, e luta para manter sua integridade psicológica e biológica.

Quanto ao adoecimento psicológico, a partir das reflexões de Leontiev (1978), Marino-Filho (2020) assinala que a desconexão entre sentido e significado que orienta a execução e controle das ações, e essa condição o leva a criar um processo criativo e fantasioso dessa própria condição, e caso isso persista pode ocorrer o adoecimento crônico ou a continuidade do sofrimento, resultando em prejuízos no funcionamento psicológico e/ou biológico. E esses prejuízos apontados pelo autor, geram contrassensos das ações do ser

humano com a realidade, e esse fenômeno pode ser percebido a partir da criação de outros sentidos pessoais com interpretações fantasiosas criadas para suportar o insuportável.

Nesse caso, como mau funcionamento, o adoecimento psicológico se manifesta como a perda da coerência das ações dos indivíduos com a sua realidade. Isso significa que o indivíduo passou a criar outros sentidos pessoais para as suas ações, baseado em uma interpretação fantasiosa da realidade como alternativa para uma realidade insuportável. Os problemas para o sistema psicológico se concretizam como frustração das próprias ações na realidade concreta, já que o sentido na orientação das ações se relaciona a uma realidade mal interpretada, diferente ou inexistente na realidade concreta (MARINO-FILHO, 2020, p. 83).

Nesses termos, entendemos que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e a formação da personalidade possibilitam ao ser humano a aquisição da autonomia, a satisfação e o prazer das suas ações, mesmo diante do sofrimento, desde que gere uma motivação, uma fruição para o sujeito realizar sua atividade buscando satisfazer as suas necessidades e desempenhá-las de forma consciente. Contudo, a partir do momento em que a sua atividade passa a gerar uma atitude negativa, impedindo a manutenção da sua consciência, alienando o ser humano e ‘obrigando-o’ a realizar as suas atividades sem qualquer condição, surge o adoecimento.

Ressaltamos que apesar de todo ser humano sofrer, não significa obrigatoriamente que irá adoecer. O sofrimento psíquico/físico intenso pode gerar o adoecimento psíquico e/ou físico quando escapar do ‘controle’, e ainda assim manter sua consciência, resultando na repressão de sua dor, de suas emoções.

Diante do exposto, podemos apresentar duas explicações para o sofrimento/adoecimento psíquico pautado na Psicologia Histórico-Cultural. Primeiro, a privação da apropriação de conteúdos, de instrumentos, de signos, de relações saudáveis consigo e com outros, de conceitos criados e modificados histórica e culturalmente podem prejudicar o desenvolvimento ou desintegrar a unidade complexa das funções psicológicas superiores, que se desenvolvem por meio do pensamento e linguagem. Segundo, a partir do comprometimento no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, a estrutura humana, personalidade também sofre prejuízos, e diante essa consequência, o ser humano tem dificuldade em expressar seus sentimentos, elaborar e organizar suas ideias, e conseqüentemente não consegue expressar suas emoções, as reprime a ponto de gerar uma dor interna intensa desencadeando o sofrimento/adoecimento. A complexa e importante qualidade, a mediação, a educação, a oferta de oportunidades no desenvolvimento das funções psicológicas superiores do ser humano, serão fundamentais para propiciá-lo a ter o controle de suas emoções e comportamentos diante as diferentes adversidades da vida humana.

Neste capítulo, recordamos a importância da reforma psiquiátrica brasileira para entendermos e introduzirmos uma reflexão sobre o preconceito enraizado cultural e historicamente em relação ao ser humano que não se enquadra nos parâmetros descritos como ‘normais’ pela sociedade. Vimos como a discussão do normal e do patológico denunciam a exclusão e os rótulos existentes na sociedade capitalista e suas relações, o que muitas vezes direciona o ser humano a silenciar a sua dor em função do medo que sente sobre o que podem pensar a respeito de si e de suas fragilidades. Também, com base na Psicologia Histórico-Cultural, constatamos que o sofrimento psíquico surge não apenas das privações nas experiências e apropriação da cultura, mas também nas possibilidades limitadas de aprendizagem, na não abstração do pensamento e da linguagem, na alienação como resultado da desintegração do sentido e significado da atividade, das relações em suas diferentes formas, seja com o meio ou consigo mesmo e, ainda, de poucos ou nenhum estímulo das funções psicológicas superiores, por meio da restrição ao acesso ao conhecimento sistematizado, e ainda, por saber conduzir suas emoções. Também observamos como é importante respeitar as diferenças e entender que o sujeito, apesar de algumas limitações, pode cultivar funções significativas para a vida.

O sentido pessoal e o significado social, em relação a atividade do ser humano, são fatores essenciais para o trabalhador desenvolver seu trabalho de forma consciente e particular mesmo pertencendo a coletividade. São conceitos criados e estudados procurando entender a importância da subjetividade e objetividade do ser humano no processo de trabalho. O sentido é entendido como algo humano no ser humano, subjetivo, é pessoal e está ligado diretamente a consciência humana. A emoção, motivação e o desejo são o que gera prazer. Já o significado é o aspecto objetivo da atividade, é social e construído historicamente, por meio de atividades sociais coletivas, ao contrário do sentido: é estável. Ou seja, a união dos conceitos no desempenho da ação do ser humano é fundamental para a conservação da sua saúde psíquica, colabora para a existência e permanência dos motivos, desejos, da consciência.

A partir da compreensão do sofrimento/adoecimento psíquico a partir da Psicologia Histórico-Cultural, foi realizado um levantamento para identificar pesquisas que utilizam dessa perspectiva para fundamentar suas análises.

1.4 Levantamento de dados a partir de um único descritor em períodos e banco de dados distintos: em busca do aporte da Psicologia Histórico-Cultural para análise do sofrimento/adoecimento psíquico docente.

A complexidade e a dimensão do âmbito educacional possibilitam a criação e a intensificação de pesquisas com o potencial de contribuir para o desenvolvimento humano. Essas produções auxiliam na formação, atualização e atuação de outros profissionais, sejam eles professores, gestores e até mesmo os próprios pesquisadores, que se utilizam do conhecimento de outros para instruir-se, aperfeiçoar-se e internalizar novos aprendizados, com aprimoramento constante.

Vigotski e Luria (1996) sublinham a relevância da ciência em indagar a respeito dos modos pelos quais a mente primitiva da criança se transforma, passo a passo, na mente de um homem adulto cultural. O desenvolvimento não é apenas um amadurecimento, mas um ‘reequipamento’, tomado como a maior causa das mudanças observadas na criança, à medida que se torna um adulto cultural (VIGOTSKI; LURIA, 1996).

Nesse tópico apresentaremos três pesquisas realizadas em períodos e com descritores diferentes que trataram sobre o sofrimento e adoecimento psíquico docente. Analisamos os resumos dos trabalhos para verificar quais foram os instrumentos e/ou procedimentos utilizados para coleta de dados e quais descreviam a abordagem teórica metodológica que fundamentaram suas análises. O primeiro levantamento foi realizado em dezembro de 2020 quando iniciamos a pesquisa do doutoramento, e foi com um único descritor, **sofrimento psíquico**, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). O segundo, também no banco da CAPES, em janeiro de 2022, com a pesquisa já em andamento, também com um descritor único, dessa vez: **adoecimento psíquico**. Por esse motivo se justifica a diferença no período dos levantamentos. Esclarecemos também que a mudança no descritor sofrimento psíquico para adoecimento psíquico no segundo levantamento ocorreu propositalmente como objetivo de possibilitar o achado de novos trabalhos, o que foi constatado de acordo com os resultados. O filtro para ambos foi em termos da Grande Área de Conhecimento Ciências Humanas. Para os demais afunilamentos da pesquisa, o filtro Educação. O período das produções não foi restrito, devido à finalidade de localizar o maior número possível de produções.

Contudo, com o objetivo de ampliar as buscas realizamos um terceiro levantamento como forma de complementar os dados, e esse, também foi realizado em janeiro de 2022, e foi efetuado nos bancos de dados Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) e Bireme (Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde), no qual utilizamos o descritor único **adoecimento psíquico**. Como filtros gerais, incluímos na pesquisa somente títulos em português, publicações de artigos inteiros e citáveis e sem limitação de período de publicação. Uma vez regatados todos os títulos, selecionamos somente aqueles que

contivessem, em seu título ou resumo, o descritor Docente ou termos similares (professores, docência). Por último, realizamos a busca novamente no banco de dados da CAPES, mas desta vez expandimos os filtros também para Psicologia.

Por ser a Psicologia Histórico-Cultural o aporte teórico metodológico que fundamentou a Tese apresentada, e por entendermos que favorece a compreensão da relação entre desenvolvimento e aprendizado, se tratando de uma união que leva o ser humano a se constituir humano, estabelecer relações e permanecer em processo contínuo de desenvolvimento, os levantamentos buscaram identificar os trabalhos que a utilizaram também como fundamentação.

Compreendendo a educação uma área de significado ímpar para a constituição do sujeito, as pesquisas nesse campo conduzem a uma melhor compreensão do ser humano, como alguns autores que discorrem sobre a especificidade das pesquisas na educação. Segundo Cedro e Nascimento (2017):

A pesquisa educacional assume muitas formas distintas e reveste-se de algumas características específicas. Essa situação acontece pelo fato de que pesquisar em Educação significa investigar questões relacionadas aos seres humanos em seu próprio processo de humanização. Isso faz com que a pesquisa educacional compreenda uma diversidade de questionamentos de variadas conotações que tem em comum a relação com o desenvolvimento humano, das comunidades e da sociedade (CEDRO; NASCIMENTO, 2017, p. 13).

Com menção ao primeiro levantamento de dezembro de 2020 com o **descritor sofrimento psíquico**, encontramos 116 produções, das quais apenas 35 apresentaram o descritor sofrimento psíquico no resumo (Tabela 01). Dentre elas, 10 dissertações e 06 teses. Outros 10 trabalhos, divididos em 09 dissertações e 01 Tese abordaram sobre o sofrimento psíquico de crianças e adolescentes; sobre o sofrimento psíquico discente foram 03 produções, 02 dissertações e 01 Tese, e 02 dissertações e 02 Teses, somando 04 trabalhos se referiram a outros públicos.

Tabela 01: Trabalhos encontrados com o descritor Sofrimento Psíquico descrito nos resumos em dezembro de 2020

Tipo	Sofrimento Psíquico docente	Sofrimento Psíquico discente	Sofrimento psíquico crianças e adolescentes	Sofrimento Psíquico outros
Dissertações	10	2	9	2
Teses	6	1	1	2
Total	18	3	10	4

Fonte: Freire, 2023.

Por ser o sofrimento/adoecimento psíquico docente o nosso objeto de estudo, as análises foram realizadas apenas nas produções que trataram especificamente sobre esse tema. Verificamos que as 10 dissertações e as 06 teses apresentaram os instrumentos e/ou

procedimentos para coleta de dados; quanto a teoria ou método de análise, 03 dissertações especificaram a Psicodinâmica, sendo 01 destas junto a teoria Sociologia Clínica, 01 baseada na Pedagogia Histórico-Crítica e 01 que descreveu o Materialismo Histórico-dialético. Referente às teses, 02 especificaram a teoria Psicanálise e 01 Psicodinâmica do Trabalho e Psicossociologia. Outras 05 dissertações e 03 teses não especificaram a teoria e/ou eventualmente citaram alguns estudiosos que embasaram as análises.

Tabela 02 – Instrumentos/Procedimentos para coleta de dados/Teoria/Método – Descritor Sofrimento Psíquico

DISSERTAÇÃO	
Instrumentos/procedimentos	Teoria/Método
1 pesquisa bibliográfica/pesquisa de campo por meio a uma entrevista semiestruturada.	X
2 Realizados encontros coletivos	Psicodinâmica do Trabalho
3 Entrevistas semiestruturadas	Sociologia Clínica e com contribuições da Psicodinâmica do Trabalho
4 Questionário/entrevistas semiestruturadas análise de documentos	Psicodinâmica do Trabalho
5 Grupo de estudos	Pedagogia Histórico-Crítica
6 Entrevistas/análise documental de jornais do CEPERS-Sindicato.	X
7 Observação do objeto	Materialismo Histórico-dialético
8 Levantamento das licenças médicas / questionário e a entrevista.	X
9 Levantamento de produções do tipo estado do conhecimento	X
10 Pesquisa bibliográfica e empírica/ entrevistas	X
TESE	
Instrumentos/procedimentos	Teoria/Método
1 narrativas orais e escritas, por meio de coletas online	X
2 entrevistas	Psicanálise
3 Grupo de conversação; a análise,	Psicanálise
4 entrevistas semiestruturadas	X
5 realizadas entrevistas semiestruturadas	X
6 Análise de documentos/entrevistas semiestruturadas	Psicodinâmica do Trabalho e Psicossociologia

Fonte: Freire, 2023

No que tange ao levantamento de janeiro de 2022, com o **descritor adoecimento psíquico**, foram encontrados 122 trabalhos, sendo que 33 trataram de forma particular do adoecimento docente, e sendo 23 dissertações e 10 teses, outros três trabalhos trataram sobre outros tipos de adoecimento (duas 02 dissertações e uma tese) (Tabela 03).

Tabela 03: Trabalhos encontrados com o descritor Adoecimento Psíquico descrito nos resumos em janeiro de 2022.

Tipo	Adoecimento Psíquico docente	Adoecimento Psíquico discente	Adoecimento psíquico crianças e adolescentes	Adoecimento Psíquico outros
Dissertações	23	0	0	2
Teses	10	0	0	1
Total	33	0	0	3

Fonte: Freire, 2023

Dos 33 trabalhos analisados com o descritor adoecimento psíquico, a identificação dos instrumentos/procedimentos para coleta foi verificada em 23 dissertações e nas 10 Teses. A teoria ou método de análise foi descrita em 05 dissertações, sendo 04 o Materialismo Histórico-dialético e 01 a Teoria Social Cognitivo. Sobre as Teses, 03 fundamentaram as análises no Materialismo Histórico-dialético, 01 na Perspectiva Histórico-Cultural e na Clínica da Atividade, a Análise arqueogenealógica dos discursos foi a base de 01; outras 18 dissertações e 05 teses não especificaram a teoria, e/ou ocasionalmente citaram pesquisadores que colaboraram com as análises.

Tabela 04 – Instrumentos/Procedimentos para coleta de dados/Teoria/Método – Descritor Adoecimento Psíquico

DISSERTAÇÃO	
Instrumentos/procedimentos	Teoria/Método
1 Revisão bibliográfica sobre a temática a ser abordada, contando com análise de dissertações, artigos e textos/ registros médicos	Materialismo Histórico-dialético
2 levantamentos bibliográfico e pesquisa empírica, com os recursos instrumentais do questionário e a entrevista semiestruturada	Materialismo Histórico-dialético
3 Análise documental das licenças saúde	X
4 Análise documental/ pesquisa bibliográfica	X
5 Entrevista semiestruturada	Materialismo Histórico-dialético
6 Levantamento e análise das políticas públicas	X
7 Pesquisa bibliográfica e documental	X
8 Pesquisa bibliográfica e documental	X
9 Revisão Sistemática da Literatura (RSL)	Teoria Social Cognitiva
10 Levantamentos bibliográficos e estatísticos	X
11 Entrevistas semiestruturadas	X
12 Pesquisa documental	X
13 Pesquisa documental	X
14 Aplicação do Maslach Burnout Inventory (MBI)/ entrevistas semiestruturadas	X
15 Pesquisa de campo	X
16 estudo exploratório algumas categorias orientaram as análises.	Materialismo Histórico-dialético
17 Pesquisas bibliográficas e webgráficas	X
18 Pesquisa documental - Registro de Perícia	X
19 Pesquisa exploratória/ questionário socioeconômico/ o CESQT-PE/ o questionário de estressores	X
20 Pesquisa bibliográfica/análise documental/entrevista semiestruturada e o questionário “Medical Outcomes Study 36 Short-Form Health Survey (SF-36)”	X
21 Pesquisa bibliográfica/ Revisão de literatura	X
22 Pesquisa qualitativa/exploratória	X
23 Entrevista/ Escala de Bem-Estar Docente (EBED)	X
TESE	
Instrumentos/procedimentos	Teoria/Método
1 Entrevistas semiestruturadas e notas de campo	X
2 Pesquisa bibliográfica/pesquisa de campo	Materialismo Histórico-dialético
3 Análise do discurso	X
4 Entrevistas semiestruturadas	Materialismo Histórico-dialético
5 Estudo de Caso	X
6 Entrevistas de confrontação	Perspectiva Histórico-Cultural e na Clínica da Atividade
7 Pesquisa documental/entrevista/questionário	Materialismo Histórico-dialético
8 Narrativas	X

9 Análise de discurso	Análise arqueogenealógica dos discursos
10 Questionário	X

Fonte: Freire, 2023

Sobre o terceiro levantamento, na plataforma Scielo 173 títulos foram encontrados. Após aplicados os filtros e desconsiderados todos os títulos que não se relacionassem à educação, ensino, escola ou processos de formação, organizamos as produções por temas. Na primeira organização, localizamos 57 abordando processos educativos e práticas políticas pedagógicas; 18 trouxeram em seu escopo a função ou atividade do psicólogo escolar ou psicologia da Educação; 29 sobre processos e discussões sobre inclusão, educação especial ou educação para pessoas com deficiências diversas; e 25 sobre a atividade ou a formação docente.

No banco de dados da Bireme, com o **descriptor Histórico-cultural**, listamos 200 títulos em português de artigos inteiros e citáveis. Depois de aplicarmos os demais filtros e desconsiderarmos os que estavam repetidos e que não se relacionavam com a educação ou ensino, chegamos a 15 títulos que tratavam de inclusão, educação especial ou educação para pessoas com deficiências diversas; 31 sobre processos educativos ou políticas educacionais, cinco sobre atuação do psicólogo ou psicologia da educação ou psicologia escolar; 12 relacionados à docência ou aos processos formativos docentes (Tabela 06), mas apenas o trabalho de Mota e Silva (2020) está relacionado ao trabalho docente sob aporte da THC.

Tabela 05. Relação dos artigos nos bancos de dados SCIELO e BIREME sobre adoecimento psíquico relacionado ao trabalho docente

	ANO	AUTORES	TÍTULO	PERIÓDICO
1	2011	Marques, SVD; Martins, GB; Sobrinho, OC.	Saúde, trabalho e subjetividade: absenteísmo-doença de trabalhadores em uma universidade pública	Cadernos EBAPE
2	2012	Giannini, SPP; Latorre, MRDO; Ferreira, LP.	Distúrbio de voz e estresse no trabalho docente: um estudo caso-controle	Cad. saúde pública
3	2014	Bernardo, MH.	Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes	Psicol. soc. (online)
4	2016	Coelho, RN; Ramalho, GM; Brito, ES; Miranda, BB; Silva, TIO; Pereira Filho, FAA.	A saúde do trabalhador no âmbito universitário: uma parceria de êxito na UFC	Rev. psicol. (Fortaleza, Online)
5	2017	Silva, VA; Coimbra, AKS; Yokomiso, CT.	Saúde dos professores do ensino fundamental da rede pública e a construção dos espaços psíquicos compartilhados	Vínculo
6	2018	Ferreira-Costa, RQ; Pedro-Silva, N.	Níveis de ansiedade e depressão: o mundo da prática docente e o adoecimento psíquico	- Estud. psicol. (Natal)

7	2018	Siqueira, BC; Boarini, ML.	A saúde do professor no cotidiano escolar: uma pesquisa histórica	Psicol. Educ. (Online)
8	2019	Vivian, C; Trindade, LL; Rezer, R; Vendruscolo, C; Rodrigues Junior, SA.	Estratégias de defesa contra o sofrimento no trabalho de docentes da pós-graduação stricto sensu	Cad. psicol. soc. trab
9	2020.	Mota, CA; Silva, AKL.	A atividade de trabalho e o adoecimento psíquico em trabalhadores de uma instituição federal de ensino	Estud. psicol. (Natal)
10	2021	Prata-Ferreira, PA; Vasques-Menezes, I.	Conflitos do professor universitário: o que sabemos sobre isso?	Psicologia em Estudo
11	2021	Souza, KR; Simões-Barbosa, RH; Rodrigues, AMS; Felix, EG; Gomes, L; Santos, MBM.	Trabalho docente, desigualdades de gênero e saúde em universidade pública	Cien Saude Colet
12	2022	Figueiredo, SL; Silva, EF.	Desafios do Fazer Docente nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM)	Psicologia: Ciência e Profissão

Fonte: Freire, 2023

Ainda nessa terceira pesquisa, conduzimos uma nova procura a partir do **descriptor Histórico-Cultural**. Utilizamos, novamente, os mesmos filtros de busca e os mesmos processos de seleção que se referem ao docente sob o aporte da teoria/Psicologia Histórico-cultural.

Em seguida, após a fusão da pesquisa nos dois bancos de dados, aplicando-se o afinamento para pesquisas envolvendo docente e retirando-se os títulos que estavam repetidos, identificamos 30 artigos relacionados à atividade ou à formação docente, sendo que apenas 01 fez menção ao adoecimento ou sofrimento do professor de maneira geral, incluindo o adoecimento psíquico.

Tabela 06. Relação dos artigos nos bancos de dados SCIELO e BIREME sob o aporte da THC e Adoecimento Docente

ANO	AUTORES	TÍTULO	PERIÓDICO
1	2018 Facci, MGD; Urt, SC; Barros, ATF	Professor readaptado: a precarização do trabalho docente e o adoecimento	Psicologia Escolar e Educacional

Fonte: Freire, 2023

Quanto ao levantamento com o **descriptor adoecimento psíquico- relacionado ao trabalho docente à luz da PHC** no banco da CAPES com os filtros expandidos também para psicologia, obtivemos sete trabalhos envolvendo Docente, adoecimento psíquico e THC, sendo cinco dissertações e duas teses. Ressaltamos que, desses achados, apenas duas dissertações têm o adoecimento psíquico docente como tema central (FERNANDES 2019; SANTOS, 2014).

Os demais constam, em seu título, adoecimento ou termo análogo e referem-se ao adoecimento psíquico no trabalho.

Tabela 07. Relação de teses e dissertações no Banco de teses e dissertações da CAPES com o descritor - adoecimento psíquico- relacionado ao trabalho docente à luz da PHC

ANO	AUTORES	TÍTULO	TIPO	PROGRAMA E UNIVERSIDADE
1	2014	SANTOS, DIEGO AUGUSTO DOS	Contribuições da Psicologia Histórico-cultural para a compreensão do adoecimento e sofrimento psíquico de professores'	Dissertação Psicologia Universidade Estadual De Maringá
2	2019	FERNANDES, LETICIA BRITO DA MOTA.	O adoecimento psíquico (in)visível docente: uma perspectiva da Psicologia Histórico-cultural	Dissertação Psicologia Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul

Fonte: Freire, 2023

A escolha dos descritores para as pesquisas científicas é fundamental. Caso eles não estejam de acordo com a nomenclatura das bases de dados, o trabalho pode não ser encontrado, e por isso nem será citado. Além de a informação ficar perdida, gera prejuízo também para a revista em que foi publicado, pois quanto mais citada, mais valorizada será a revista. E há perda para o autor, pois um maior número de citações acrescenta relevância ao valor da pesquisa e de seus resultados. Ademais, é frequente a dificuldade vinculada à busca, ou seja, quais palavras devem ser inseridas no campo de pesquisa. O descritor confere maior especificidade à busca realizada (BRANDAU; MONTEIRO; BRAILE, 2005; POMPEI, 2010).

Esse dado, apesar de *a priori* ser frustrante, remete-nos à duas proposições: a importância da construção e remodelamento da pesquisa durante o seu processo, uma vez que, mesmo em uma pesquisa teórica, é necessário atentar às possibilidades de procura, à utilização de termos similares, à ampliação da base de dados e à leitura mais aprofundada dessas produções. Por outro lado, esse achado revela ainda a carência de estudos acadêmicos que tratam diretamente do sofrimento/adoecimento psíquico em meio educacional com o aporte da PHC, o que nos sugere a urgência e a acuidade das nossas investigações.

Reportamo-nos a Rebolo et al. (2020) em uma pesquisa no mesmo banco de dados, utilizando os descritores 'saúde dos professores' e 'adoecimento dos professores'. Concluíram que as referências mais utilizadas foram Psicodinâmicas do Trabalho, Análise Ergonômica do Trabalho e Ergonomia da Atividade, Teoria das Representações Sociais, Psicologia Histórico-cultural e mal-estar docente.

Facci, Leonardo e Silva (2010) observaram, em uma análise dos textos publicados sobre a formação do professor nos Anais das Reuniões Anuais da ANPEd, no período de 2002 a 2006, que a Psicologia Histórico-cultural e a Pedagogia Histórico-Crítica raramente foram adotadas como fundamentação teórica.

Inferimos que as abordagens teóricas abraçadas nas pesquisas encontradas nesse levantamento correspondem ao método de conhecimento dos pesquisadores, pois só é possível transmitir informações e propiciar a transformação por meio da propriedade do conhecimento.

Urt (2005) expõe que a produção científica é uma forma de transmissão e divulgação daquilo que vem sendo investigado em determinada área de conhecimento e em dado momento histórico, o que nos reporta às prováveis preferências de abordagens teórico-metodológicas das pesquisas, que necessitam de maiores aprofundamentos.

Seguindo a mesma lógica, Martins (2005) declara que a pesquisa epistemológica e científica advinda da apreciação de produções acadêmicas nos permite minimizar meras reproduções do conhecimento e avançar cientificamente com novas propostas de compreensão da realidade, identificando lacunas, aspectos ainda por explorar ou modos diferentes de tratar temas de pesquisa.

As pesquisas no âmbito da educação podem contribuir para melhorar o processo de constituição do ser humano, do seu desenvolvimento e da sua apropriação das experiências culturais. Ademais, possibilita aprender sobre o desenvolvimento da personalidade, entendida como aspecto metodológico central, como a expressão autêntica e genuína dos componentes social e cultural, da história da personalidade.

O interesse em abordar a questão do método nas pesquisas educacionais já expressa a existência de certo grau de insatisfação com o estado atual das mesmas, significa uma procura por novas respostas a partir de novas hipóteses, um olhar mais aprofundado sobre a aplicação na prática dos princípios e construtos da teoria histórico-cultural. Aceitar o papel que o estado de insatisfação e insuficiência traz para o desenvolvimento, permite compreender a importância da necessidade de pensar no método nas pesquisas educacionais (MENDONÇA; PENITENTE; MILLER, 2017, p. 41).

Como vimos neste levantamento, a busca por trabalhos a partir de um único descritor pode, inicialmente, frustrar o pesquisador, devido ao número de estudos encontrados, em contraste com o quantitativo esperado. Por outro lado, ocorre a identificação da prevalência do método ou abordagens teórico-metodológicas mais utilizadas sobre o tema. Em suma, toda pesquisa efetuada com qualidade é geradora de conhecimento e contribui para o interesse e aprendizado de novos pesquisadores.

A pesquisa é um conjunto de operações ou atividades que objetivam desvendar novos conhecimentos em vários domínios, principalmente no âmbito científico, que abarca um

processo sistemático de busca e análise e que procura investigar e/ou compreender uma realidade, um contexto ou um problema (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002; DAMASCENO et al., 2014).

Castro (2020) assevera que, independentemente do método, a pesquisa se transforma em um estudo descritivo e identifica pontos importantes para a compreensão de um fenômeno, no caso deste texto, o sofrimento psíquico docente.

Em acordo com o método materialista dialético e metodologia de revisão bibliográfica, uma análise realizada pode ser classificada como um estudo descritivo que se processou a partir de uma abordagem quantitativa e de análise de conteúdo, a fim de identificar categorias e subcategorias que se relacionam aos estudos que fazem referência ao adoecimento docente e levando em conta a criticidade do material coletado, promovida pela observação da realidade com uso do materialismo histórico-dialético ou não (CASTRO, 2020, p. 64).

Com base no levantamento e análise realizados, entendemos que toda pesquisa favorece o desenvolvimento, o aprendizado e a aquisição de novos conhecimentos sistematizados e empíricos. O conhecimento vai se aprimorando, à medida que se publicam novas mediações de conteúdo, exemplos e domínio do método e metodologia adotados.

As pesquisas científicas possibilitam compartilhar o conhecimento. Colaboram para o processo de transformação e asseguram a importância da educação para o desenvolvimento humano e de toda sociedade.

Neste capítulo expusemos as manifestações psíquicas do sujeito professor, sua constituição e formação pessoal, o sofrimento a partir do silenciamento de suas emoções, o adoecimento e a atividade durante o período da pandemia, além da forma de obter acesso às pesquisas sobre o sofrimento e o adoecimento psíquico e as abordagens utilizadas para análises das informações. Foi significativo aprender e entender o quanto a profissão docente é motivadora de transformação, com uma função literalmente de divisor de águas. Ao mesmo tempo, contudo, enfrenta situações de desvalorização e de más interpretações quanto à sua função. Em tempo, finalizamos esse capítulo convidando o leitor a refletir o conteúdo exposto o relacionando a poesia de Rosilene Rocha que retrata a passos largos de maneira real a depreciação e o desrespeito do professor, mas que mesmo diante de uma sociedade alienante que insiste em silenciá-lo, o professor não desiste, persiste e resiste por acreditar no poder de transformação da educação.

Iniciamos esse capítulo pontuando considerações do filme “Nise da Silveira: o coração da loucura” que propõe uma reflexão ampla sobre as formas e locais de tratamento que antecederam os modelos substitutivos. Ainda, contribui para a discussão do normal e patológico e as possibilidades de superação e valorização das habilidades e o que há de mais singular de cada ser humano. E finalizamos esse capítulo com a poesia INSONIA de Fernando

Pessoa, que descreve a dor de um ser humano que sofre com as noites que o engole em meio aos numerosos e dolorosos pensamentos, descreve a dor sufocada e a turbulência de sentimentos, do silêncio de dentro e de fora, da esperança em descansar em um sono profundo ainda não experienciado, e que de certa forma retrata alienação da humanidade que tudo esquece, que cria seu próprio mundo na tentativa de sobreviver.

No próximo capítulo, discorreremos sobre o sujeito professor e suas manifestações psíquicas, personagem principal da nossa pesquisa. Buscamos descrever sua formação social, o desempenho da atividade docente e tecemos considerações a respeito do sofrimento psíquico docente.

INSÔNIA

Não durmo, nem espero dormir.
 Nem na morte espero dormir.
 Espera-me uma insônia da largura dos astros,
 E um bocejo inútil do comprimento do mundo.
 Não durmo; não posso ler quando acordo de noite,
 Não posso escrever quando acordo de noite,
 Não posso pensar quando acordo de noite
 Meu Deus, nem posso sonhar quando acordo de noite!
 Ah, o ópio de ser outra pessoa qualquer!
 Não durmo, jazo, cadáver acordado, sentindo,
 E o meu sentimento é um pensamento vazio.
 Passam por mim, transtornadas, coisas que me sucederam
 Todas aquelas de que me arrependo e me culpo ;
 Passam por mim, transtornadas, coisas que me não sucederam
 Todas aquelas de que me arrependo e me culpo;
 Passam por mim, transtornadas, coisas que não são nada,
 E até dessas me arrependo, me culpo, e não durmo.
 Não tenho força para ter energia para acender um cigarro.
 Fito a parede fronteira do quarto como se fosse o universo.
 Lá fora há o silêncio dessa coisa toda.
 Um grande silêncio apavorante noutra ocasião qualquer,
 Noutra ocasião qualquer em que eu pudesse sentir.
 Estou escrevendo versos realmente simpáticos
 Versos a dizer que não tenho nada que dizer,
 Versos a teimar em dizer isso,
 Versos, versos, versos, versos, versos...
 Tantos versos...
 E a verdade toda, e a vida toda fora deles e de mim!
 Tenho sono, não durmo, sinto e não sei em que sentir.
 Sou uma sensação sem pessoa correspondente,
 Uma abstração de autoconsciência sem de quê,
 Salvo o necessário para sentir consciência,
 Salvo, sei lá salvo o quê...
 Não durmo. Não durmo. Não durmo.
 Que grande sono em toda a cabeça e em cima dos olhos e na alma!
 Que grande sono em tudo exceto no poder dormir!
 Ó madrugada, tardas tanto... Vem...

Vem, inutilmente,
 Trazer-me outro dia igual a este, a ser seguido por outra noite igual a esta...
 Vem trazer-me a alegria dessa esperança triste,
 Porque sempre és alegre, e sempre trazes esperança,
 Segundo a velha literatura das sensações.
 Vem, traz a esperança, vem, traz a esperança.
 O meu cansaço entra pelo colchão dentro.
 Doem-me as costas de não estar deitado de lado.
 Se estivesse deitado de lado doíam-me as costas de estar deitado de lado.
 Vem, madrugada, chega!
 Que horas são? Não sei.
 Não tenho energia para estender uma mão para o relógio,
 Não tenho energia para nada, para mais nada...
 Só para estes versos, escritos no dia seguinte.
 Sim, escritos no dia seguinte.
 Todos os versos são sempre escritos no dia seguinte.
 Noite absoluta, sossego absoluto, lá fora.
 Paz em toda a Natureza.
 A Humanidade repousa e esquece as suas amarguras.
 Exatamente.
 A Humanidade esquece as suas alegrias e amarguras.
 Costuma dizer-se isto.
 A Humanidade esquece, sim, a Humanidade esquece,
 Mas mesmo acordada a Humanidade esquece.
 Exatamente. Mas não durmo.

Fernando Pessoa (1888 - 1935)

Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993).
 Online disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/facam28.html>.

2.0 DOCÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES PSÍQUICAS

Certa vez, um rapaz esquizofrênico, que já estava em situação razoável [...] tinha dúvidas: “Eu vou me curar?”. Eu lhe perguntei o que ele chamava de cura e ele me respondeu que estar curado seria voltar ao trabalho. Ele era escriturário. Eu lhe disse: “Nem sonhando! Eu quero que você seja muito mais do que um escriturário”. (Nise da Silveira)

O filme *Mucize*, lançado em 01 de janeiro de 2015, na Alemanha, com direção de Mahsun Kırmızıgül, produção de Murat Tokat e roteiro de Mahsun Kırmızıgül, conta a história de Mahir, um professor enviado por sua família para o interior da Turquia, nos anos 1960, para ajudar os moradores de uma pequena vila a construir uma escola e fazer ressuscitar a esperança do povoado. Além do poder de transformação da educação, o enredo inclui discussões acerca da tradição, valores e cultura de um povo.

Com base nesse filme, iniciamos o presente capítulo em busca da compreensão da constituição do professor, sua função e contribuição para sociedade, mesmo em tempos de calamidade pública, e suas manifestações psíquicas. A citação dessa obra cinematográfica é apropriada para introduzir os subtítulos a seguir, de como o professor pode ser protagonista na vida de seus alunos, da importância de sua formação, da singularidade na condução de suas emoções, e das inúmeras possibilidades a partir de uma atividade consciente, prazerosa e motivada.

O filme nos permite relacionar a ação do professor com base em uma mediação de conteúdos de qualidades ao importante papel da educação. Nesse sentido, citamos Piatti (2018) que descreve a função da educação como transmissora e assimiladora da cultura produzida historicamente.

As aquisições e as apropriações da criança não são inerentes, elas estão postas no mundo. Tem-se acesso aos fenômenos do mundo pela mediação. A mediação é o processo de intervenção de um elemento em uma relação. Tal relação não é direta, mas mediada por tudo que foi concebido na cultura; o fator dessa mediação são os instrumentos e os signos (PIATTI, 2018, p. 112).

São os instrumentos e signos que permitem o professor mediar conteúdos que possibilitarão o aprendizado que pode resultar na transformação do ser humano. Os instrumentos são elementos utilizados pelo ser humano que gera a transformação na natureza, está entre o ser humano e o objeto da sua atividade. Quanto aos signos, trata-se de elementos simbólicos, instrumentos psicológicos que foram sendo criados e transformados ao longo da

história, que podemos atribuir significados, cooperam com as atividades psicológicas do ser humano, são esses elementos que permitem o ser humano a compartilhar e gerar os conhecimentos.

Ser professor requer reconhecer, entre tantas outras, duas funções essenciais na execução de sua atividade. A primeira é a responsabilidade de contribuir para a formação de outro ser humano; a segunda é ser elemento participativo. É na realização da sua atividade que o ser humano se percebe e percebe o mundo e atende às suas necessidades físicas e psíquicas.

E é pelo processo de *trabalho*, para o qual já não bastam as propriedades orgânicas naturais ou primárias, que novos atributos se desenvolvem no homem, e especialmente, um psiquismo complexo que comportará uma relação consciente com a natureza. E como o próprio homem é parte insistentemente da natureza, uma relação consciente para consigo próprio (MARTINS, 2014, p. 99).

Nesse caminho, os subtítulos a seguir apresentam a importância da formação profissional e pessoal do professor, o desenvolvimento psíquico e as emoções como propulsoras ou não do sofrimento/adoecimento psíquico, as adversidades frente à pandemia e a maneira que professores e alunos se viram diante de um modelo de trabalho pouco utilizado, o remoto.

2.1 O sujeito professor e sua constituição: trajetória profissional e pessoal

O campo da educação sempre foi objeto de pesquisas sobre diferentes temas, tais como formação de professores, planos curriculares, políticas públicas educacionais e práticas educativas. Mais recentemente, tem crescido o interesse pelo sujeito professor e o sofrimento psíquico docente. Com o intuito de elucidar este último tópico, primeiramente discorreremos sobre a constituição do sujeito professor.

Fundamentados na Psicologia Histórico-cultural, assumimos a importância da educação escolar para a formação e o desenvolvimento do psiquismo. A formação do sujeito não diz respeito somente a tornar-se profissional, mas a constituir-se como pessoa (Eu), o que favorece uma formação reflexiva com maior autonomia, independência, criatividade, inspiração e mais crítica, considerando a subjetividade humana:

De acordo com a Psicologia Histórico-cultural, o ensino tem um papel central em todo o sistema de organização da vida da criança, determinando seu desenvolvimento psíquico, pois constitui uma via, um meio sistematizado e organizado de transmissão da experiência social, daí a importância de se ter um professor que, estando humanizado, possa humanizar seu aluno (FACCI; LEONARDO; SILVA, 2010, p. 225).

A necessidade de formar seres humanos imbuídos principalmente dos seus interesses e sentidos pessoais e sociais próprios, priorizando a sua subjetividade, incita-nos a resgatar as concepções de Vigotski (2004) referentes à escola para o trabalho. O autor procurou esclarecer

quais os tipos de escola e o objetivo de cada uma no decorrer do desenvolvimento histórico e dentro das possibilidades psicológicas. Essa organização permite entender a formação do ser humano, e a partir do modelo experienciado a forma como realiza seu trabalho.

Vigotski (2004) analisou os tipos de educação para o trabalho e incrementou o conhecimento sobre a importância da educação escolar na formação do ser humano e do trabalhador. Dentre as concepções, o primeiro tipo é a escola profissionalizante ou escola de ofício, cujo objetivo é preparar o aluno para um determinado trabalho. Não há diferenças entre esse tipo e qualquer outro, pelo fato de que toda pedagogia tem, como finalidade, preparar para a atividade futura. A segunda forma é entendida não como objeto de ensino, mas como novo método. O exemplo dado pelo autor é a forma como a criança é orientada a pregar o prego na madeira, para que seja da melhor maneira possível, além de mais limpa. Apenas ensina-lhe uma melhor maneira de assimilar. E a terceira e última possibilidade da escola não introduz o trabalho como objeto de ensino, ou meio de aprendizagem, mas como matéria educativa. Esta última concepção serve como base ao nosso sistema de educação e é a que necessita de uma fundamentação psicológica, diferentemente das outras.

Assim, é essencial compreender o papel da educação e do professor no desenvolvimento do ser humano, pois sua prática interfere diretamente no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como apontam Facci, Leonardo e Silva (2010):

A prática docente implica em criar possibilidades de que o aluno se aproprie dos instrumentos psicológicos necessários para desenvolver os processos psicológicos superiores. Por meio da internalização dos instrumentos dados culturalmente, via mediação educativa, o homem passa a ter acesso a produções culturais cada vez mais amplas e diversificadas (FACCI; LEONARDO; SILVA, 2010, p. 225-226).

Martins (2015b) enfatiza que em pesquisas atuais, tem sido referenciado sobre a importância da subjetividade do professor, considerando o papel de sua expressão tanto a sua formação quanto a execução de sua atividade:

Afirmam-se novos pressupostos para a formação de professores autônomo e no incentivo às estratégias de autoformação, nos quais grande ênfase é concedida ao desenvolvimento pessoal. As características pessoais, as vivências, profissionais, as histórias de vida, a construção da identidade etc. com maior frequência tornam-se objetos da investigação educacional, que aponta a impropriedade de se estudar o ensino sem se levar em conta a subjetividade do professor (MARTINS, 2015b, p. 7).

A estudiosa ressalta que não se deve romantizar a personificação do professor e se deixar embarcar nas ideias mascaradas pela ideologia do capital, o que ocasiona um esvaziamento do trabalho educacional. A personalidade do professor deve ser respeitada e discutida em sua formação, mas é imprescindível o cuidado para fazer a mediação do conteúdo aprendido historicamente e sistematizado, para que o professor e o aluno intervenham na realidade.

Sob essa perspectiva, Vital e Urt (2018) ponderam sobre a constituição docente e as relações existentes, pois, sua constituição está relacionada tanto com a ação educativa quanto com as pessoas que fazem parte desse processo, e sua atividade pode ser caracterizada como uma ação mediadora, entre o ser humano e o conhecimento. Pelo fato de esta constituição ser pensada no contexto da educação integral, o sujeito só pode ser concebido como um sujeito também integral (VITAL; URT, 2018, p. 1-2).

Assim, vemos que os estudos sobre o sujeito professor merecem atenção singular quando se pensa na contribuição da atividade docente para o desenvolvimento humano durante a educação escolar e conseqüentemente para toda a sociedade. Contudo, nem sempre o professor foi visto como ser atuante, participativo e independente.

Nóvoa⁸ (1989) narra que, por longos séculos, o ensino coube às congregações religiosas, com destaque para os jesuítas. A responsabilidade do ensino inicial era exclusiva de mestres laicos que, por meio de acordos com as famílias, contratos com os municípios, ou lugares notáveis, exerciam a atividade docente como secundária ou acessória. A educação subordinava-se à igreja:

A diversidade de situações e de práticas educativas, bem como a heterogeneidade dos estatutos dos professores e dos mestres, encontram um único denominador comum na subordinação e na obediência a Igreja: até ao século XVIII a educação é sobretudo uma empresa religiosa. As ordens religiosas da atividade docente vão acompanhar os professores ao longo de toda a sua história socioprofissional. “Agentes da Igreja”, os professores transformar-se-ão durante o século XVIII em “funcionários do Estado”, sem que grande parte das motivações originais da sua profissão tenham sido substituídas por outros valores (NÓVOA, 1989, p. 436).

Com o passar dos anos e as reformas de governos, a profissão docente foi se distanciando das influências religiosas e ocupando melhores espaços. Os professores buscavam a segurança como profissionais. Passaram a receber subsídios para ocupar o cargo por meio de documentos que foram se transformando, a passos lentos, mas com resultados valiosos para os sujeitos:

Durante longos anos imputou-se a gênese da profissão docente à ação dos sistemas estatais de ensino; hoje em dia, sabemos que no início do século XVIII havia já uma diversidade de grupos que encaravam o ensino como ocupação principal, exercendo-a por vezes a tempo inteiro. A intervenção do Estado vai provocar uma homogeneização, bem como uma unificação e uma hierarquização à escala nacional, de todos estes grupos: é o enquadramento estatal que institui os professores como corpo profissional, e não uma concepção corporativa do ofício. A partir do final do século XVIII não é permitido ensinar sem uma licença ou autorização do Estado, a qual é concedida na sequência de um exame que pode ser requerido pelos indivíduos que preencham um certo número de condições (habilitações, idade, comportamento moral, etc.). Este documento constitui um verdadeiro suporte legal ao exercício da atividade docente, na medida em que contribui para a delimitação do campo profissional do ensino e para a atribuição ao professorado do direito exclusivo de intervenção nesta área. A criação desta licença (ou autorização) é um momento

⁸ António Manuel Seixas Sampaio da Nóvoa foi citado neste trabalho por contribuir com a historização da pessoa do professor, devido aos seus inúmeros trabalhos sobre a constituição e formação docente.

decisivo do processo de profissionalização da atividade docente, uma vez que facilita a definição de um perfil de competências técnicas, que servirá de base ao recrutamento dos professores e ao delinear de uma carreira docente. Este documento funciona, também, como uma espécie de "aval" do Estado aos grupos docentes, que adquirem por esta via uma legitimação oficial da sua atividade. As dinâmicas de afirmação profissional e de reconhecimento social dos professores apoiam-se fortemente na consistência deste título, que ilustra o apoio do Estado ao desenvolvimento da profissão docente (e vice-versa) (NÓVOA, 2003, p. 17).

Apesar de a história da profissão docente ser hipnotizadora, devido aos seus acontecimentos e relevância, não nos prenderemos aos marcos históricos temporais, pois acreditamos que esse tema é digno de uma maior discussão. Daremos, assim, continuidade à compreensão da constituição do sujeito professor.

A partir da regularização do exercício da profissão, o professor se percebeu como agente atuante, político e de grande relevância social, agente propulsor de transformação. A educação passou a ser vista como proposta de erradicação da pobreza, violência, analfabetismo e desigualdade social.

É inegável a singularidade da regularização da profissão, mas em que momento não incluímos o sujeito professor como protagonista integral de sua constituição?! Essa indagação pode ser refletida com Labaree (1992) apud Nóvoa (2009, p. 15): “[...] os discursos sobre a profissionalização dos professores tendem a melhorar o estatuto e o prestígio dos especialistas (formadores de professores, investigadores, etc.) mais do que a promover a condição e o estatuto dos próprios professores”.

Morettini e Urt (2005) assinalam que os professores são pessoas reais e trabalhadoras que pertencem a um grupo social, vivenciam várias experiências, que trazem consigo uma condição social e histórica e só serão compreendidos a partir das relações que constituem com o mundo.

Nesse sentido, para apropriarem-se do conteúdo das atividades com as quais entram em contato em suas relações sociais, eles passam por um processo de “formação” que não pode ser entendido numa relação simples de sobreposição, de armazenagem de conhecimentos, de acumulação de experiências, mas como um processo dialético entre a apropriação/objetivação (MORETTINI; URT, 2005, p. 129).

Nóvoa (2009) aponta três medidas que, apesar de não esgotarem todas as questões, podem, ao menos, responder algumas indagações e redirecionar o entendimento sobre o sujeito professor:

- **Primeira medida - É preciso passar a formação de professores para dentro da profissão** - O autor enfatiza a necessidade de os professores ocuparem os lugares principais na formação dos seus colegas. Como exemplo, cita a formação em medicina, em que médicos ensinam futuros médicos.

- **Segunda medida – É necessário promover novos modos de organização da profissão** - Apesar dos discursos sobre autonomia direcionados ao professor, a realidade é contrária, pois tendem a ter suas ações controladas e dependentes. É preciso um campo profissional autônomo, assim como arquitetos, médicos, engenheiros, que se comunicam com outros profissionais e estudantes e mantêm relações de integração.
- **Terceira medida - Importante reforçar a dimensão pessoal e a presença pública dos professores** – O autor refere-se à liberdade de escolha quanto às inúmeras formações, que deveriam ser opções, mas que são colocadas como obrigação, e sobre a necessidade da visibilidade pública do sujeito professor, de exercer a comunicação com o público.

Aguiar (2009) define o ‘ser professor’ e como o sujeito pode ser despercebido ou incompreendido em sua profissionalidade, e ainda, como a expressão ‘ser professor’ pode sugerir uma ambivalência que pode ser compreendida a partir do verbo “ser professor” ou do substantivo “o ser professor”:

Pensamos que essa suposta ambivalência sugere ao mesmo tempo indissociabilidade e interdependência – de como “o ser” se forma, constitui-se professor ao longo de sua história, ou seja, em um determinado contexto temporal e espacial. Foi com essa intenção que usamos essa expressão para poder realçar a complexidade da profissionalidade docente, suas possibilidades, entaves, contradições e potencialidades (AGUIAR, 2009, p. 2171).

A definição ambígua da autora remete-nos a Nóvoa, e a quanto a sociedade não percebe as particularidades do sujeito professor, ou seja, não há uma percepção apurada para a sua subjetividade. Também, indaga sobre a formação do ser-professor de um modo geral e sua complexidade, pois, além de pensar quais foram as possibilidades ofertadas ou furtadas, até mesmo as conquistadas, se incorporam realmente o modo de “ser” professor (AGUIAR, 2009).

Nóvoa (2009) também questiona as constantes formações e as poucas ou nenhuma consideração das experiências pessoais e profissionais, pois, vários programas de formação permanecem se apresentando serem inúteis. Ademais, ressalta a necessidade de recusar o consumo excessivo de cursos, seminários e ações que caracterizam o atual “mercado da formação” que alimenta um sentimento de “desatualização” dos professores.

A única saída possível é o investimento na construção de redes de trabalho coletivo que sejam o suporte de práticas de formação baseadas na partilha e no diálogo profissional (NÓVOA, 2009, p. 23).

É necessário, assim, preparar os professores para saberem lidar com a sociedade atual, com as dessemelhantes situações do dia a dia que venham a surgir. Martins (2015b) garante que o professor pode desempenhar a sua função com sucesso, desde que consiga dirigir as diversas situações do cotidiano e que sua formação objetive a sua capacidade de acompanhar as intensas e inúmeras mudanças da sociedade contemporânea:

Portanto, o êxito do profissional assenta-se em sua capacidade para manejar situações concretas do cotidiano e resolver problemas práticos mediante a integração “inteligente e criativa” do conhecimento e da técnica.

A capacidade de analisar situações significa, nessa perspectiva, possibilitar permanentemente a elaboração de ações adequadas em relação aos contextos e às próprias possibilidades existentes, o que, em última instância, representa preparar os professores para as aceleradas mudanças sociais características do mundo atual (MARTINS, 2015b, p. 11).

A retirada do sujeito professor do profissional não permite a execução da atividade consciente, com o real sentido social do seu trabalho. É crucial formar seres humanos com seriedade, criadores, que propiciem integração entre as técnicas e os seus conhecimentos. É imperativo formar professores protagonistas, não mais coadjuvantes.

Seguindo a mesma lógica, Vital e Urt (2017) descrevem a constituição do professor por meio de sua atividade, e de como o trabalho realizado por esse profissional é um elemento importante no desenvolvimento de sua própria constituição, uma vez que o processo social do trabalho e as condições históricas e o seu modo de vida, são modificados e vão sendo firmados pela humanidade.

Dessa maneira, o professor vai se apropriando dos bens da cultura, participando do trabalho, da produção e das diversas formas de atividade social, formando assim as aptidões especificamente humanas, a constituição docente é, portanto, sempre um processo educativo, mesmo quando essa educação realiza-se de maneira informal, sem relação consciente (VITAL; URT, 2017, p. 153).

Nóvoa (2009) nos convida a delinear novos caminhos para a profissão professor. Relata que, no início do século XXI, esse sujeito volta a adquirir uma ampla relevância pública. De fato, o professor desempenha um papel de protagonismo ímpar na educação escolar, pois concorre para o desenvolvimento e a emancipação humana, além da apropriação das significações criadas historicamente, por meio da cultura:

A Educação Escolar, por meio da atividade, permite que se reproduzam as funções sociais dos instrumentos e conhecimentos humanos com a finalidade de transformação da realidade e de si mesmo. É preciso garantir que todos tenham acesso a esses bens, pois caso contrário, são reduzidas as possibilidades de desenvolvimento e de humanização (PESSOA; LEONARDO, 2020, p. 5).

Martins (2015b) enfatiza a notoriedade na mudança da formação inicial do professor e lista alguns critérios importantes a serem seguidos, como não se basear apenas em critérios intelectuais, mas também nos de personalidade, principalmente nas abordagens descritivas,

focadas na ação do professor, naquilo que ‘é’ e ‘faz’, relacionando a formação à atividade prática e real.

Então, não há como separar o sujeito (Eu) do professor (profissional) – o sujeito tem a sua forma única de ser, o seu todo. O sujeito é o que faz, faz o que é, torna-se o sujeito professor.

Pessoa e Leonardo (2020) acentuam que a percepção da relação entre significado e sentido da atividade humana é categórica para a educação, pois é a partir das ações sociais e pessoais sobre a educação escolar que há ou não uma disposição para que os conhecimentos sejam minuciosamente aplicados em sala de aula:

Dessa forma, se os significados sociais são partilhados e trabalhados na escola, o modo como o professor vivencia seu papel e elabora suas ações de ensino incide diretamente na maneira como os alunos podem ou não se apropriar dos conhecimentos escolares. A atividade docente se constitui a partir desses significados sociais sobre sua profissão e ainda sobre o sentido pessoal que atribui a seu papel, direcionando como as ações de ensino serão desenvolvidas (PESSOA; LEONARDO, 2020, p. 3).

Zanelato, Couto e Urt (2021) salientam as implicações da atividade docente e a relação com os alunos durante o seu trabalho, e o quanto essa ação pode contribuir com o seu próprio desenvolvimento e também de seus alunos. Por esse motivo, a formação tem papel peculiar e a partir de determinações sociais é decisiva na atividade do professor.

Trabalho esse que pode criar condições de apropriação de conhecimentos que impulsionem o desenvolvimento psíquico dos estudantes adolescentes. Essa dinâmica, por sua vez, possibilita em ambos o desenvolvimento de uma visão mais ampla e crítica da realidade e de si próprios (ZANELATO; COUTO; URT, 2021, p. 3).

Segundo Pessoa e Leonardo (2020), é preciso organizar as formações tendo em mente as significações individuais, apropriadas pelos sujeitos. Somente dessa maneira o sujeito (Eu) poderá exercer sua atividade como professor (profissional), tendo o seu sentido próprio.

No processo de apropriação desses significados, são atribuídos sentidos pessoais pelo sujeito, pois uma vez apropriados os significados sociais, é possível que o sujeito imprima suas marcas nestas significações, formando para si sentidos pessoais a partir de suas vivências. O sentido pessoal é aquilo que o sujeito tem como base para suas relações com o mundo, com seus pares e consigo mesmo (PESSOA; LEONARDO, 2020, p. 4).

Do mesmo modo, Vital e Urt (2017) registram a compreensão do trabalho sob o viés da Psicologia Histórico-cultural e os motivos pessoais em sua realização. E que, o significado do trabalho do professor é formado pelo seu objetivo de ensinar, e tem consciência das condições reais e objetivas do processo ensino-aprendizagem, e como meta deseja que o aluno se aproprie do conhecimento. E quanto ao motivo subjetivo, salientam que é necessário perceber o que o motiva exercer tal atividade, qual é o seu motivo pessoal.

Diante das constatações sobre a constituição do sujeito professor, não nos restam dúvidas sobre a imprescindibilidade de uma formação que viabilize o seu pleno aprimoramento. As apropriações do conhecimento e da cultura são permanentes, constantes. O sujeito não deixa de aprender enquanto estiver vivo e for atuante: relaciona-se e subjetiva-se.

Uma formação que consista em assegurar os conteúdos externos (conteúdos formativos) e internos (pessoais, particulares) do ser humano impulsiona-o a dominar seu conhecimento e tão logo a sua atividade, os seus objetivos. Esse mecanismo pode favorecer um desempenho profissional menos desgastante em face das adversidades da carreira. Pode ser um modo de prevenir o adoecimento.

Vigotski (2004) visualizou, na psicologia pedagógica, uma maneira de educar com o propósito de promover o desenvolvimento e não somente de ensinar conteúdos de forma superficial, nada reflexiva e sem caráter científico, como nas demais psicologias. Sobre essa obra, a psicologia pedagógica, torna-se importante ressaltar que a obra foi elaborada em um período que houve um olhar peculiar, mais centrado no aluno, contudo, tomamos o cuidado de apreciá-la e utilizá-la na elaboração dessa Tese por conter conteúdos relevantes quanto aos vários aspectos que envolvem processo ensino-aprendizagem.

Vital e Urt (2017) asseguram que a Psicologia Histórico-Cultural percebe, no trabalho do professor, uma mediação pedagógica que reúne, além de elementos referentes à função da escola, o entendimento da relação entre aprendizagem e desenvolvimento, evidenciando que o papel da aprendizagem é precedente ao desenvolvimento humano:

A concepção vigotskiana estabelece ao professor uma nova relação com os processos de educação e de ensino e, conseqüentemente, um novo olhar sobre sua responsabilidade e papel no desenvolvimento das qualidades humanas, visto que educação e ensino transforma-se em possibilidades universais do desenvolvimento humano (VITAL; URT, 2017, p. 155).

Facci, Leonardo e Silva (2010) destacam a importância de repensar a formação do professor, e acreditam que, enquanto durar a prevalência das tendências não-críticas como base na formação do professor, será difícil ocorrer uma mudança no panorama observado nas escolas. Além disso, lembram das condições objetivas importantes para melhorar a qualidade do ensino, entre elas, condições de trabalho, maior investimento em educação, escolas mais estruturadas, entre outras.

Não diferentemente, Soares e Martins (2017) comentam sobre a formação empobrecida e suas conseqüências, pois uma formação superficial quanto ao valor da transmissão dos conhecimentos científicos, filosóficos, artísticos mais desenvolvidos, além da

real particularidade do trabalho pedagógico, contribui para a ausência de sentido do mesmo, e atinge tanto o professor quanto o aluno.

Como complemento à formação e à atuação do professor, destacamos o pensamento de Moretti e Moura (2010, p. 347): “analisar o processo de formação docente a partir de uma perspectiva histórico-cultural passa por compreender a atividade docente como trabalho em sua dimensão ontológica”.

Desse modo, uma formação que considere as questões objetivas, subjetivas e com profundo entendimento dos valores imprescindíveis para transmissão do conhecimento científico, oportuna a formação de profissionais além de conscientes, críticos, e que formarão também alunos auspiciosos, encorajados e conscientes do poder do conhecimento.

O professor reflexivo é visto como quem criticamente analisa e interpreta sua prática, torna-se investigador de sua ação, não apenas absorvendo conhecimento, mas produzindo novos conhecimentos (PIATTI, 2006).

Com essa proposta, explanamos, neste tópico, o formar para ser (Eu) e fazer profissional (Professor), para uma formação docente crítica que substancie a realização da atividade consciente e humanizada, respeitando suas particularidades. A proposta de compreender o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e a importância da educação escolar como parte fundamental de toda formação do ser humano facultam-nos a possibilidade de explorar as discussões sobre a constituição do sujeito professor e, ao mesmo tempo, de analisar as possíveis causas de adoecimento desse profissional, a partir da PHC.

2.2 Sofrimento e adoecimento psíquico: quando as emoções são silenciadas

Às vezes nós não sabemos dar nome ao que sentimos. Sendo assim, dói dobrado, pois o sentimento só pode receber algum comando, controle, quando submetido às regras de nossa inteligência. (Pe. Fábio de Melo)

A partir dessa reflexão, iniciamos o tópico sobre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e o controle das emoções. O desenvolvimento do ser humano precisa de condições que o propicie alcançar o mais elevado nível de consciência para se permitir conhecer a si e ao outro, e esse processo deve ocorrer desde o seu nascimento e enquanto durar sua vida.

Se desejamos estudar a psicologia do homem cultural adulto, devemos ter em mente que ela se desenvolveu como resultado de uma evolução complexa que combinou pelo menos três trajetórias: a da evolução biológica desde os animais até o ser humano, a da evolução histórico-cultural, que resultou na transformação gradual do homem primitivo no homem cultural moderno, e a do desenvolvimento individual de uma personalidade específica (ontogênese), com o que um pequeno recém-nascido

atravessa inúmeros estágios, tornando-se um escolar e a seguir um homem adulto cultural (VIGOTSKI; LURIA, 1996, p. 151).

Vigotski e Luria (1996) anunciam que as novas formas ‘adultas’ culturais do comportamento substituem gradativamente as formas primitivas da infância. No tocante ao processo de desenvolvimento:

No processo de desenvolvimento, a criança não só cresce, não só amadurece, mas, ao mesmo tempo – e isso é a coisa mais fundamental que se pode observar em nossa análise da evolução da mente infantil -, a criança adquire inúmeras novas habilidades, inúmeras formas de comportamento. No processo de desenvolvimento, a criança não só amadurece, mas também se torna reequipada. É exatamente esse “reequipamento” que causa o maior desenvolvimento e mudança que observamos na criança à medida que se transforma num adulto cultural. É isso que constitui a diferença mais pronunciada entre o desenvolvimento dos seres humanos e o dos animais (VIGOTSKI; LURIA, 1996, p. 177).

É imperativo comentar sobre o desenvolvimento da linguagem, fator que mereceu grande atenção na teoria de Vigotski para a constituição do sujeito e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Assim, discorreremos sobre o modo como o autor vincula a fala à ação prática, elementos conectados para satisfazer as nossas necessidades e agir como eficientes aliados na prevenção do adocimento:

Descobrimos que o início do desenvolvimento do pensamento e da palavra, período pré-histórico na existência do pensamento e da linguagem, não revela nenhuma relação e dependência definidas entre as raízes genéticas do pensamento e da palavra. Deste modo, verifica-se que essas relações, incógnitas para nós, não são uma grandeza primordial e dada antecipadamente, premissa, fundamento ou ponto de partida de todo um ulterior desenvolvimento, mas surgem e se constituem unicamente no processo do desenvolvimento histórico da consciência humana, sendo, elas próprias, um produto e não uma premissa da formação do homem (VIGOSKI, 2001, p. 395).

Para Vigotski (2001), a linguagem do antropoide, em termos fonéticos, possui semelhanças com a do homem, mas não inclui subsídios intelectuais. No estágio inicial do desenvolvimento infantil, há um estágio pré-intelectual no processo de formação da linguagem e um estágio pré-linguagem no desenvolvimento do pensamento. O autor complementa: “O pensamento e a palavra não estão ligados entre si por um vínculo primário. Este surge, modifica-se e amplia-se no processo do próprio desenvolvimento do pensamento e da palavra” (VIGOTSKI, 2001, p. 396). Em se tratando das diferenças entre os antropoides e o homem, Vigotski e Luria (1996) destacam a utilização dos instrumentos, o pensamento e a fala:

Exatamente a ausência de sequer os começos da fala no sentido mais amplo da palavra – a falta de capacidade para produzir um signo, ou introduzir alguns meios psicológicos auxiliares que por toda parte marcam o comportamento do homem e a cultura do homem – é o que traça a linha divisória entre o macaco e o ser humano mais primitivo (VIGOTSKI; LURIA, 1996, p. 86)

Assim, o pensamento e a linguagem são resultados do desenvolvimento humano na sua forma mais elaborada, pois o significado da palavra constitui um traço indispensável à sua

existência. A partir da existência do significado da palavra, há o pensamento, portanto, há um discurso intelectual, “[...] é um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente, é a unidade da palavra com o pensamento” (VIGOTSKI, 2001, p. 398). Os significados desenvolvem-se e não mais se mantêm estáveis, como desenhado por outras teorias.

Segundo Vigotski (1991), a linguagem desempenha um papel específico na realização da atividade prática e no alcance do objetivo. Exerce uma função psicológica complexa, dirigida para a solução de problemas. Quanto mais complexa a ação, mais importante é a fala. O desenvolvimento intelectual ocorre quando a fala e a atividade prática se encontram, se voltam para mesma direção.

Ou seja, se percebemos a linguagem como caminho para elaborarmos os meios de atender às nossas necessidades por meio de nossas práticas, é ela própria que nos possibilita verbalizar e extravasar nossas emoções. Se utilizamos a linguagem para compreender a realidade, por ela também conseguimos nos expressar. Quando não o fazemos, acumulamos conteúdos e enclausuramos nossas emoções, o que pode resultar em sofrimento/adoecimento psíquico.

A teoria das emoções ou sentimentos é um capítulo estudado por diversas correntes teóricas. No entanto, sobre esse aspecto do comportamento humano pouco foi revelado, por ser o mais difícil de descrever, classificar e relacionar. A velha psicologia exteriorizou significativas concepções sobre a natureza das reações emocionais. Os primeiros a considerar esses aspectos foram Lange e James, cada qual com seu ponto de vista. O primeiro enfatizou as amplas mudanças corporais que acompanham os sentimentos; o segundo, por sua vez, enfatizou as mudanças vasomotoras que os acompanham. Contudo, ambos chegaram à conclusão de que as emoções transcorrem em ordem inteiramente diversa daquela que se imaginava. Outros autores, como Descartes e Espinoza, estabeleceram teorias acerca das paixões. Até mesmo naturalistas como Charles Darwin, ao estudar a origem das espécies, escreveu sobre a expressão das emoções nos homens e nos animais (VIGOTSKI, 2004; LEITE, SILVA; TULESKI, 2013).

A Psicologia Histórico-cultural, de forma contrária a esta visão dualista/mecanicista, discute a emoção, assim como as demais funções superiores – embora o tema da emoção não seja abordado de forma direta como as demais funções – como sendo características humanas formadas a partir do desenvolvimento histórico e social. Esta teoria não desconsidera a base fisiológica do comportamento humano, mas entende que esta adquire novas estruturas com o desenvolvimento e a aprendizagem, os quais são dependentes das relações sociais, isto é, do contexto histórico-social dos indivíduos (LEITE; SILVA; TULESKI, 2013, p. 39).

Apesar de Vigotski pouco ter se aprofundado no tema das emoções, devido ao seu estado de saúde, em *A Teoria das emoções* considera os fatores biológicos e culturais no

desenvolvimento emocional de forma dialética, ou seja, analisa o ser humano em sua totalidade, diferentemente das demais teorias, que adotam um caráter a-histórico. (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011; SILVA, 2011).

Para Silva (2012), Vigotski disserta que não existe emoção que, por natureza, seja inferior ou superior, portanto, não há razão para dividir o campo extenso da emoção em duas partes. A única diferença está na complexidade que toda emoção pode adquirir em função do desenvolvimento histórico e social da psique. Como apontam Leite, Silva e Tuleski (2013):

Com base em tais pressupostos é possível afirmar que as emoções, assim como a memória, a percepção, a atenção e demais funções superiores, possuem uma raiz biológica que sofre alterações e define a passagem do desenvolvimento filogenético para o ontogenético, ou seja, as reações puramente fisiológicas, decorrentes de comportamentos inatos gerados por estímulos que são captados por órgãos dos sentidos, sofrem alterações em um processo contínuo que leva a aquisição de características diferenciadas de acordo com a ordem social e o momento histórico vivenciado pelo indivíduo (LEITE; SILVA; TULESKI, 2013, p. 41).

De acordo com Vigotski (1896-1934/2004), a psicologia comum e o senso comum distinguem três momentos no sentimento, sendo o primeiro a partir da percepção de algum evento, objeto, o segundo trata do resultado da percepção do primeiro, pode ser alegria, tristeza, medo, e assim por diante, e o terceiro, é por meio de comportamentos em função ao primeiro momento, podendo ser, tremores, lágrimas, sudorese, entre outros.

O primeiro A – é a percepção de algum objeto ou acontecimento ou noção dele (o encontro com um bandido, a lembrança da morte de uma pessoa querida, etc.); B – um sentimento provocado por essa percepção (medo, tristeza); C- expressões corporais desse sentimento (tremor, lágrimas). O pleno processo do fluxo da emoção era concebido na seguinte ordem: ABC (VIGOTSKI, 1896-1934/2004, p. 128).

Assim, o desenvolvimento da palavra é constante, da mesma forma que o controle e a educação das emoções. A maneira como desenvolvemos nossa fala e controlamos nossas emoções interfere diretamente em nosso modo de ser, logo, nas nossas relações. Vigotski (2001) especifica como a palavra e seus significados se transformam:

O significado da palavra é inconstante. Modifica-se no processo do desenvolvimento da criança. Modifica-se também sob diferentes modos de funcionamento do pensamento. É antes uma formação dinâmica que estática. O estabelecimento da mutabilidade dos significados só se tornou possível quando foi definida corretamente a natureza do próprio significado. Esta se revela antes de tudo na generalização, que está contida como momento central, fundamental, em qualquer palavra, tendo em vista que qualquer palavra já é uma generalização. Contudo, uma vez que o significado da palavra pode modificar-se em sua natureza interior, modifica-se também a relação do pensamento com a palavra (VIGOTSKI, 2001, p. 408)

Da mesma forma, o autor descreve como podemos educar as emoções. Parte da primeira regra que deve consistir na organização da vida e do comportamento da criança - de maneira que ela se descubra de maneira minuciosa com os estímulos entre quais deve haver transferência de sentimento, e também aprender a organizar o meio - dessa forma, a educação

dos sentimentos sempre será uma reeducação dos próprios sentimentos, ou seja, será uma modificação no sentido da reação emocional inata (VIGOTSKI, 2004).

Gottman e De Claire (1997) sublinham que cuidar das emoções é um aspecto fundamental para o desenvolvimento, pois, de acordo com a ciência, as emoções tem papel importante em nossas vidas. Além disso, os estudiosos constataram que a percepção emocional e a capacidade em lidar com os sentimentos, mais até que o QI, estabelecem e influenciam os resultados, como o sucesso e a felicidade de uma pessoa em todos os setores da vida, inclusive nas relações familiares (GOTTMAN; DE CLAIRE, 1997, p. 20).

Vigotski foi além, pois percebeu na arte, a capacidade de sistematizar um campo particular do psiquismo humano, mas especificamente o campo do sentimento. Por meio da arte, o ser humano é capaz de refletir diversas formas de cultura que vão se estabelecendo nas relações históricas e sociais por ele vivenciadas. Nessa relação dialética, ao mesmo tempo transmite as culturas de uma determinada época, como também é criada por ele. O contato e o conhecimento das artes é um dos fatores essenciais na constituição da emoção como função superior (SILVA, 2011; LEITE; SILVA; TULESKI, 2013).

Para Vigotski, as emoções são funções psicológicas superiores, portanto, culturalizadas e passíveis de desenvolvimento, transformação ou novas aparições. Além disso, a concepção vigotskiana de emoção coloca esse processo psicológico em estreita relação com outros do psiquismo humano (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011; SILVA, 2011).

A fala e o pensamento favorecem ao ser humano o enriquecimento das suas relações, das suas aspirações, além da sua humanização. A restrição ou a privação dessas experiências essenciais para o desenvolvimento o desumanizam, levam-no a desintegrar o seu psiquismo. Portanto, quando o ser humano se abstém de se expressar, de ansiar por seus objetivos, deixa de se relacionar, de se transformar, sofre e adocece.

É a linguagem que proporciona o desenvolvimento de instrumentos internos, ou seja, instrumentos de qualidades equivalentes aos instrumentos externos. Propicia que o indivíduo atue na realidade circundante e organize a atividade psíquica (VIGOTSKI, 2018; SANTOS; LEÃO, 2014).

A fala nem sempre está ligada ao pensamento. Por vezes, pode ser uma reação emocional demonstrada por meio de gritos, movimentos, expressões e fortes emoções, cujo objetivo é aliviar a tensão. Essas reações em nada ajudam as pessoas na solução de funções complexas. Esse processo também ocorre quando o sujeito não possui suas funções psicológicas superiores desenvolvidas com propriedade, o que pode desencadear

comportamentos inadequados, que venham a comprometer a sua interação social (VIGOTSKI; LURIA, 1996; MARTINS, 2015a).

A Psicologia Histórico-Cultural pondera sobre as interações sociais, a utilização de instrumentos e as oportunidades como maneiras de contribuir para a constituição do sujeito. Porém, questionamo-nos: em que momento o sujeito se priva de verbalizar ou de expressar suas emoções e as guarda para si, resultando no seu adoecimento psíquico? E se a linguagem é o aspecto fundamental do desenvolvimento humano e as transformações colaboram para o controle das emoções, como entender a dificuldade do sujeito em falar sobre o que o aflige/provoca amargura? O que o impede de se expressar? Esses questionamentos fazem parte da nossa compreensão sobre a importância da linguagem e o pensamento para o desenvolvimento do sujeito e as diferentes formas de se relacionar.

Diferentes são as abordagens teóricas que estudam a dificuldade de expressar as emoções e as inúmeras consequências que o acúmulo de sofrimento pode acarretar ao sujeito. Alguns estudiosos definem o fenômeno que caracteriza a dificuldade em expressar os sentimentos como Alexitimia.

Alexithymia é uma palavra com raízes gregas: a partícula *a* tem um sentido de negação, de ‘falta ou ausência’; *lex*, significa ‘palavra’; e *thymos* é ‘emoção ou sentimento’. Literalmente, alexitimia pode ser traduzida como ‘sem palavras para sentimento’ (FREIRE, 2010). Esses comportamentos foram descritos na literatura especializada já há algum tempo. Outros estudiosos enunciaram distintas formas de caracterizar a ausência ou a dificuldade de expressar os sentimentos, as emoções. Os estudos foram sendo ampliados para se adequarem às observações que apontavam não se tratar de uma característica exclusiva de pacientes psicossomáticos, mas também com outras patologias, como transtornos psíquicos, quadros de depressão e até mesmo dependência de álcool e drogas, em que aparece como uma predisposição. Mas todos são unânimes em ressaltar que coube a Sifneos (1972, 1973) a criação da palavra e do conceito de alexitimia (FREIRE, 2010; CARNEIRO; YOSHIDA, 2009; YOSHIDA, 2007).

Embora no Brasil o termo *Alexitimia* ainda seja pouco conhecido e estudado, diversos países buscam a compreensão e a criação de instrumentos para entender e explicar a origem do fenômeno. Várias são as propostas para a classificação. Há os que defendem a causa de origem fisiológica, outros neurológica. Alguns identificam patologias de ordem psiquiátricas; outros entendem ser resultados de experiências traumáticas com o meio (FREIRE, 2010; YOSHIDA, 2007).

Freire (2010) distingue as características da linguagem no fenômeno da alexitimia, e o apresenta como um constructo que circunda três componentes. Primeiro é a dificuldade de utilizar a linguagem apropriada para expressar e descrever sentimentos e distingui-los de sensações corporais; segundo, há uma capacidade de fantasiar e imaginar empobrecida, e o terceiro e o último, um estilo cognitivo prático, com base no concreto e direcionado, conhecido como pensamento operacional.

A partir da exposição de Freire (2010), remetemo-nos às funções psicológicas superiores e às relações de Vigotski: se desenvolvidas de forma insatisfatória, o sujeito pode ter dificuldade de expressar as suas emoções:

Devemos considerar as emoções como um sistema de reações prévias, que comunicam ao organismo o futuro imediato do seu comportamento e organizam as formas desse comportamento. Daí abre-se ao pedagogo nas emoções um meio sumamente rico de educação dessas ou daquelas reações. Nenhuma forma de comportamento é tão forte quanto aquela ligada a uma emoção (VIGOTSKI, 2004, p. 143).

Leão (2020) exemplifica a relação da emoção para e na realização da atividade por ser motivada por aspectos materiais, sociais e emocionais. Trata-se da objetivação do motivo que leva o ser humano a realizar sua atividade. Os motivos emocionais podem ser considerados os estimuladores, mas não são os determinantes da atividade, embora sejam os regulamentadores da dinâmica da personalidade, podem continuar velados para o próprio ser humano, tanto na consciência, quanto na sua afetividade imediata.

Isto se dá porque os aspectos sensoriais dos objetos motivadores são percebidos, e nesta representação apreende-se qual é o conjunto de características do objeto que impulsiona a atividade ou a impede, mas não se alcança a representação consciente do objeto que motiva a mesma atividade. Este permanece diluído nas sensações primárias – odor, sabor, forma, sensação tátil etc. – e são refletidas como vivências da vontade ou tendência para um fim, mas sem serem elaboradas pelo pensamento racional (LEÃO, 2020, p. 385-386).

E assim, compreendemos que, mesmo diante dos motivos que estimulam a atividade, as emoções podem ser instigadoras, mas não responsáveis pela execução da atividade, pois podem estar ocultas, seja de forma consciente, quando reprimidas, ou mesmo inconscientes por estarem envolvidas nas sensações elementares.

Por esse caminho, fulcrados na Psicologia Histórico-cultural, advogamos o papel do pensamento e da linguagem como relevantes aliados da consciência humana, na condição no controle das emoções para a prevenção do sofrimento/adoecimento docente.

2.3 Quando o docente se cala, o corpo e a mente adoecem

O que é o homem? Para Hegel é o sujeito lógico. Para Pavlov é a soma, organismo. Para nós é a personalidade social = o conjunto de relações sociais,

encarnado no indivíduo (funções psicológicas, construídas pela estrutura social) (VGOTSKI, 1929, p. 33).

Para a Psicologia Histórico-Cultural, com base no materialismo histórico-dialético, o sofrimento/adoecimento psíquico é tomado como constituído histórica e socialmente, uma vez que, contrário às teorias naturalistas e biologistas sobre a emoção, considera que o caráter histórico e as relações sociais são fatores fundamentais na constituição das emoções, além dos outros comportamentos que se formam na relação do ser humano com a cultura em que está inserido (LEITE; SILVA; TULESKI, 2013).

Leão et al. (2006) defendem que o ser humano se constitui humano por suas atividades. No trabalho social se encontra a maior exigência para a construção de instrumentos práticos e psicológicos que lhe autorizam operar no meio em que vive e adaptá-los conforme as suas necessidades e os seus motivos.

Antepondo-se à lógica pós-moderna, acentua-se assim o fato de que, apesar de indispensável ao processo, apenas a prefiguração não realiza o trabalho, é preciso objetivá-lo, o que significa inserir o trabalho na materialidade. Somente a ação material do sujeito sobre a matéria natural, transformando-a, é a que realiza o trabalho, implicando sempre um movimento indissociável em dois planos: no plano subjetivo – pois a prefiguração ocorre no plano do sujeito – e no plano objetivo – que resulta na transformação material da natureza (SOARES, 2017, p. 166-167).

Vital e Urt (2019) estabelecem a relação entre a atividade do ser humano e a sua constituição, por ser o ser humano um resultado da sua vida em sociedade e da apropriação da cultura que advém de um processo histórico-cultural, resultado do conhecimento, valores e de comportamentos que são produzidos pelo seu grupo que o leva a humanizar-se.

Nesse contexto, Zanelato e Urt (2021) evidenciam o desenvolvimento psíquico do ser humano por meio das transformações, também como resultado da sua atividade que modifica a natureza gerando as mudanças em seu desenvolvimento psíquico. Trata-se de um processo dinâmico, em que a consciência, a partir de determinantes da realidade concreta, se desenvolve e reestrutura seus sistemas complexos, ampliando as condições do sujeito de compreensão da realidade e de si próprio (ZANELA; URT, 2021, p. 2).

Para Soares e Martins (2017) a junção entre saúde e educação e de como as relações sociais podem contribuir para o adoecimento está relacionada com o trabalho. Isso se deve também porque podemos considera-lo o precursor da humanidade, e assim, deve ser a categoria principal na análise do eixo saúde-doença:

Isto porque quando pretendemos compreender a saúde de um modo geral, a educação como um meio possível de promoção de saúde e analisamos o atual quadro de sofrimento de professores e alunos dentro do contexto da educação escolar, estamos, via de regra, diante de produtos das relações sociais que, como sabemos, refletem as relações sociais de produção de um dado tempo histórico (SOARES; MARTINS, 2017, p. 53).

Quando a prática docente ocorre sem o sentido pessoal, não tem significação social, por isso vai se transformando em uma prática alienada. Corresponde a uma ação sem consciência, independentemente do contexto histórico social (SANTOS; URT; VITAL, 2017; MARTINS, 2004). A partir do momento em que as necessidades não são as do sujeito, sua atividade se dá sem autonomia, restando, apenas, a busca pela sobrevivência.

Marino Filho (2020) descreve que a partir do momento que o ser humano se orienta de maneira coesa com o meio e com os objetos que satisfazem suas necessidades, movimentase por meio de sentidos com valor afetivo, emocional e cognitivo positivos para sua existência. Entretanto, se por algum motivo, razão, o ser humano não tem os meios, não entende as suas necessidades, não as satisfaz de maneira lógica, dá-se início, portanto, a um processo de frustrações na execução de suas atividades e do controle de todo o conjunto.

O contínuo esforço sem sucesso para a solução das dificuldades para a execução da atividade leva ao sofrimento e, por consequência, pode levar ao adoecimento. Esse processo existe em todos os seres humanos, independentemente da idade ou atividade/ocupação. O sofrimento e o adoecimento podem ser encontrados em crianças, jovens, adultos ou idosos. O sofrimento e o adoecimento psicológico resultam das condições de produção da vida em sociedade e não podem, por isso, ser atribuídos, exclusivamente, a condições biológicas a priori (MARINO-FILHO, 2020, p. 77).

Quando as relações sociais existem por meio da mediação entre a atividade e seus objetivos, com sentido pessoal e social, as particularidades da consciência, junto aos fatores intrínsecos e extrínsecos do sujeito, contribuem para a constituição da sua personalidade. Contudo, quando há a perda do sentido e do significado no desempenho da atividade, surge a alienação. (MARTINS, 2004; FACCI, 2019):

O desenvolvimento da personalidade, na perspectiva da Psicologia Histórico-cultural, abarca o natural, o histórico no ser humano, e é um conceito social. A personalidade não é inata, ela surge como resultado do desenvolvimento cultural, e o sofrimento do professor provoca alterações na estruturação da sua personalidade e na forma como realiza o seu trabalho, decorrente das relações estabelecidas na sociedade (FACCI, 2019, p. 134).

Dagher (2019) ressalta a importância de considerar o sujeito e a forma como realiza seu trabalho e todas as demais relações da sociedade em que se insere, e de como o sofrimento psíquico deve ser analisado considerando o contexto em que vive e o sentido dado a sua vida, nas relações e trabalho, e também, de como interpreta os significados sociais da cultura. Compreendemos que nenhum sintoma deve ser visto isoladamente, mas em um contexto maior, ou seja, a partir da relação sujeito-sociedade (DAGHER, 2019, p. 95-96). Marino-Filho (2020) considera que o sofrimento e o adoecimento não são exclusividades do sujeito professor ou de qualquer outro ser humano. Ocorrem com todo ser humano singular, inserido em uma sociedade, de toda outra classe trabalhadora.

Essas mesmas condições podem ser encontradas em diferentes atividades laborais, porque fazem parte da lógica de organização da atividade produtiva nesta sociedade. As condições de trabalho tanto interferem no desenvolvimento da personalidade quanto podem potencializar e criar processos de adoecimento (MARINO-FILHO, 2020, p. 77).

No mesmo caminho, Vital, Freire e Urt (2020) analisam as condições e as relações do sujeito na sociedade, pois podem contribuir para o sofrimento/adoecimento psíquico, e ainda, não pode ser designado apenas as condições biológicas do sujeito-professor.

O adoecimento não é exclusividade docente, é humano, e pode ser causado por situações particulares de uma classe trabalhadora (o professorado) e das configurações e formas de existência desta atividade social. Por causa da lógica de organização da atividade produtiva nesta sociedade, as condições adoecedoras podem ser encontradas em diversas atividades de trabalho (VITAL; FREIRE; URT, 2020, p. 1167-1168).

A forma como a sociedade organiza o seu sistema econômico direciona a maneira como trata os seus trabalhadores, pois dessa relação depende a produção. Neta, Cardoso e Nunes (2020) apontam que o capitalismo, sistema econômico predominante em nossa sociedade, sofreu transformações durante as últimas décadas que impactaram expressivamente o mundo do trabalho. Além disso, os autores pontuam que o sistema econômico em questão também vivenciou inúmeras crises, nas tentativas de organização nos padrões de funcionamento, gerando vários percalços, entre eles, o adoecimento do trabalhador.

[...] a realidade política, econômica e social na qual os docentes estão submetidos, desencadeia processos de mal-estar/adoecimento docente e, conseqüentemente, resultam no afastamento de suas funções, desdobramento da lógica expansionista do capital (NETA; CARDOSO; NUNES, 2020, p. 137).

A noção de adoecimento mental, segundo Oliveira e Santos (2021), implica um estado de luta do sujeito contra as forças que o estão empurrando em direção ao sofrimento mental. E esse sofrimento é formado pelo sofrimento organizado por meio dos sintomas de insatisfação, estresse e ansiedade (OLIVEIRA; SANTOS, 2021).

O processo do adoecimento mental não representa a mesma coisa para todos os indivíduos. Isto dependerá da forma como cada sujeito vive ou frequenta os ambientes, sejam ocupacionais ou não. Entende-se por adoecimento mental quando o indivíduo não consegue manter equilíbrio emocional e estabilidade entre as atividades que costumava realizar.

A origem do adoecimento mental pode estar no encontro entre a trajetória individual e uma dada forma de organização do trabalho. A vida pessoal e o trabalho quando são impedidos ou que estão em processo de similaridade, possivelmente contribuem para o desencadeamento de doenças mentais (OLIVEIRA; SANTOS, 2021, p. 3-4).

Dias (2021) ressalta que o psiquismo humano está em contínuo processo de desenvolvimento, se direcionando aos processos psíquicos superiores. Deste modo, ao ocorrer algo nos processos superiores, os processos biológicos são afetados, causando o adoecimento.

É possível supor que os processos psíquicos superiores são afetados, quando do enfrentamento das exigências contraditórias da atividade docente, tipicamente humana, e que também sejam requeridos para a construção de respostas saudáveis,

de superação das contradições. Uma vez que a linguagem humana, compreende várias formas de expressão – a doença parece estar ‘falando’, sendo a voz do docente, e teremos que ‘escutá-la’ para compreendê-la (DIAS, 2021, p. 66).

No tocante ao trabalho docente, o processo de alienação está presente em sua atividade. O professor, cuja função social é ensinar, a partir do momento em que não mais realiza essa função, não encontra o motivo que impulsiona a sua atividade (FACCI, 2019).

Facci, Leonardo e Alves (2020a), baseadas em Tumolo e Fontana (2008), avaliam que o professor vive no proletariado, em condições de trabalho inadequadas, com salários baixos, desqualificação e desvalorização da profissão e falta de autonomia no desempenho de sua função. Já Lapo e Bueno (2003) discorrem sobre como o mal-estar docente acarreta em uma série de complicações que não dizem respeito somente ao professor, mas também aos alunos e a toda a sociedade.

O adoecimento dos professores, portanto, é resultado de um processo complexo que, embora pertencente ao âmbito do subjetivo, está altamente relacionado às especificidades dessa atividade laboral e ao contexto social e organizacional onde esse trabalho é realizado.

Assim, tanto a saúde quanto o adoecimento dos professores podem ser considerados estados resultantes de múltiplas variáveis, interdependentes e inter-relacionadas, relacionadas às condições sociais (de vida e de trabalho) e institucionais, onde o trabalho é realizado, e, também, às características pessoais/individuais de cada professor (REBOLO et al., 2020, p. 215).

O professor percebe a quantidade de mudanças ligadas à sua função e o quanto vêm transformando a sua profissão. Não nos resta dúvidas de como a organização e as exigências da sociedade tem interferindo desde a graduação até as outras diferentes possibilidades de formação, além do mais, as interferências quanto a forma de desenvolver o seu trabalho.

Atualmente, com a crescente complexidade das tarefas exigidas ao professor, a quantidade de recursos que se exigem dele se tornou tão infinitamente diversa e se complicou tanto que, se um professor desejar ser um pedagogo cientificamente formado, vai ter de aprender muito. Antes se desejava apenas que conhecesse sua matéria e o programa e que soubesse dar alguns gritos na sala de aula ante um caso difícil. Hoje a pedagogia se transformou em uma arte verdadeira e complexa, com uma base científica. Portanto, exige-se do professor um elevado conhecimento da matéria e da técnica de seu trabalho. Além disso, o próprio método de ensino exige do professor a mesma atividade e o mesmo coletivismo [espírito de grupo] que deve impregnar a alma da escola (VIGOTSKI, 2003, p. 300).

Cantarelli, Facci e Campos (2017) explicitam que o adoecimento é um reflexo, na subjetividade do sujeito, da forma como a atual organização da base material incide sobre a ideação e sobre as condições de sua objetivação.

As determinações e condições de trabalho arranjadas pela sociedade em relação ao trabalho do professor levam-no a descaracterizar sua principal função de educador e de sujeito. O acossamento vivido em seu cotidiano faz com que o docente se cale, provocando o seu adoecimento.

As patologias que acometem os professores estão principalmente vinculadas às condições de trabalho e às relações interpessoais estabelecidas no ambiente escolar que, geralmente, são consideradas muito insatisfatórias pela maioria dos professores (REBOLO et al., 2020).

Cantarelli, Facci e Campos (2017) relatam que, entre os professores permeia uma desconfiança quanto ao grau de sofrimento e adoecimento que afastam o professor de sua atividade fim: o ensino, o processo de transmissão e apropriação dos conhecimentos científicos.

Esse afastamento limita a transformação do conhecimento, da natureza e do próprio ser humano. Se pela educação temos a possibilidade de modificar o mundo que nos cerca, o adoecimento e a perda da motivação pelo trabalho do professor redundam em prejuízos incalculáveis.

Os homens, para poderem existir, devem transformar a natureza, sem a qual a sua existência e a reprodução da sociedade seria impossível. Portanto, na medida em que a ação sobre a natureza é sua condição de existência – tanto física quanto psíquica – ressalta fundamental nesse processo a categoria trabalho e, nela, os elementos da ideia inicial e da ação orientada pela ideia (CANTARELLI; FACCI; CAMPOS, 2017, p. 21).

A dialética do trabalho se revela no processo por meio do qual o ser humano, ao mesmo tempo em que transforma a natureza, transforma as suas funções psicológicas (CANTARELLI; FACCI; CAMPOS, 2017, p. 22).

Dessa maneira, o trabalho docente encerra a magnitude do desenvolvimento humano, a possibilidade de modificar tudo em volta do ser. Indo além, se Vigotski percebeu que a arte pode propiciar o mais alto grau de evolução da espécie, do desenvolvimento do psiquismo, a arte de educar é um espetáculo da natureza humana para a compreensão da história e da evolução humana.

É na escola, nas trocas entre alunos e professores, que o sujeito se humaniza e se transforma qualitativamente. É esse processo que difere a relação entre professor e aluno das demais relações. Não se trata de uma mera convivência, mas de uma conexão extraordinária e necessária para o desenvolvimento do ser humano.

O professor deve viver na coletividade escolar como parte inseparável. Os relacionamentos entre professor e aluno podem alcançar vigor, limpeza e elevação incomparáveis (VIGOTSKI, 2003).

Diante do exposto, o que pensar quando essa relação é interrompida e prejudicada? Quando algo desconhecido surge, em meio do nada, gerando prejuízos e perdas imensuráveis? Quando a organização do trabalho se torna ainda mais fatigante? Esses questionamentos direcionaram essas reflexões devido à pandemia, quando em março de 2020, a pandemia

causada pela SARS-CoV-2 – COVID-19 chegou ao Brasil e desestabilizou o mundo e todas as formas de relação, organizações de trabalho, originando dor, sofrimentos, perdas e incertezas.

2.4 Docência e o trabalho remoto: percepções e consequências da pandemia na educação

A música O dia em que a Terra parou, uma composição de Raul Seixas e Claudio Roberto Andrade de Azeredo, lançada em 1977, tornou-se tão contemporânea quanto qualquer outra melodia do século XXI. Foi o dia em que todas as pessoas do planeta inteiro resolveram que ninguém ia sair de casa, como que fosse combinado. Naquele dia ninguém saiu de casa, ninguém (SEIXAS, 1977). O compositor e cantor não imaginava que, após 43 anos, sua arte seria o retrato exato de um fenômeno desconhecido e temido pelo mundo – a pandemia da COVID-19.

Em 30 de janeiro de 2020, a OMS – Organização Mundial de Saúde declarou que o surto do novo coronavírus constituiu uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Essa decisão objetivou aperfeiçoar a coordenação, a cooperação e a solidariedade global para cessar a proliferação do vírus. O termo ‘pandemia’ se refere à distribuição geográfica de uma doença, e não à sua gravidade. (OMS, 2020).

A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e tem, como principais sintomas, febre, cansaço e tosse seca. Alguns pacientes podem apresentar dores, congestão nasal, dor de cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar e/ou olfato, erupção cutânea ou descoloração dos dedos das mãos ou dos pés. Esses sintomas geralmente são leves e começam gradualmente (OMS, 2020). A situação atípica instaurada pela doença infecciosa causada pela SARS-CoV-2, causou medo, dor e desespero para sociedade, inclusive aos profissionais de educação.

Além de o número de óbitos no Brasil decorrentes da COVID-19 ter atingido o número de 700.556 mil⁹, a sociedade perpassou o agravamento de outras crises que já estavam em curso, a exemplo das crises econômicas e sociais. Essas características evidenciam a complexidade do sistema capitalista e sua forma de explorar a força de trabalho e a geração de mais valia para sustentar o ritmo da acumulação de capital, expondo fraturas produzidas por esse sistema que já existiam antes, como no caso das desigualdades educacionais, e colaboram para a efetivação de um cenário mais perverso para os professores e para todos os outros

⁹ Dados do site: <https://covid.saude.gov.br/>. Painel Coronavírus Atualizado em: 04/04/2023 16:26

trabalhadores (MARQUES; ASSIS; GOMIDE, 2020; NETO; PIRES, 2020; ZANDAVALLI; SILVA, 2020; SOUZA, et al., 2021).

Nesse território de veias abertas, a educação pública brasileira instituída nunca foi investida para possibilitar que a população saqueada enxergasse a ladroagem e as extorsões contra as suas vidas e as vidas dos seus, muito pelo contrário, ela traz, historicamente, a incumbência de controlar os corpos rebeldes em potencial, explorados e oprimidos preferenciais. Todos pobres dos direitos violados: todo corpo escolar, sobretudo professoras, estudantes e suas famílias (CARVALHAL; OLIVEIRA; RIBEIRO, 2020, p. 26).

Conforme o fragmento citado acima, Marques, Assis e Gomide (2020) desvelam o quanto a sociedade foi atingida pelo irracionalismo, neopragmatismo, fundamentalismo e negacionismo. Os autores ainda destacam que a educação é um direito de deveria ser garantido:

Na conjuntura atravessada por uma pandemia viral, que tem retroalimentado o darwinismo social do “faz parte do processo, sempre tem uns que caem e outros que resistem”, destacamos algumas das tantas desgraças que a pandemia tem exposto, daquilo que já é política de morte faz tempo, mas, ainda, bastante invisibilizado na educação pública remotamente emancipatória.

Entendemos a educação como direito que precisa garantir acesso e a apropriação dos conhecimentos produzidos pela humanidade, ao longo da nossa história. Educação como política de vida e convivência interseccionalmente coletiva (CARVALHAL; OLIVEIRA; RIBEIRO, 2020, p. 22- 23).

Castro (2020) aponta que não é imprudente afirmar que a mudança radical do ensino presencial para o ensino remoto, ou outra modalidade, como EaD, tem gerado consequências catastróficas para educação brasileira, e mais, que existia uma crise estrutural disfarçada muito antes da pandemia, e com toda sinceridade, há pelo menos 500 anos.

Marques, Assis e Gomide (2020) percebem o ensino remoto como uma forma de impulsionar a desigualdade social, pois diferente das instituições privadas que podem manter o ensino devido todas as condições disponíveis, as instituições públicas, para a classe desprovida de recursos tecnológicos, internet, não há possibilidade de ter acesso mínimo de qualidade para participar efetivamente das atividades online:

Grande parte da população brasileira não possui os instrumentos tecnológicos mínimos e acesso à Internet com a qualidade necessária para participar efetivamente das dinâmicas pedagógicas não presenciais. Além disso, boa parte das instituições de ensino denominadas “públicas”, financiadas pelo Estado, não possuem recursos financeiros, tecnológicos e humanos para migrar o ensino para o ambiente digital. Assim, ampliam-se antigas desigualdades socioeducativas, num evidente favorecimento das classes mais abastadas da sociedade brasileira (MARQUES; ASSIS; GOMIDE, 2020, p. 8).

No contexto da pandemia, o ensino remoto escancarou as desigualdades sociais, a sobrecarga do trabalho docente e a busca incessante da classe dominante em restringir o acesso à educação. Nas palavras de Neto e Pires (2020) o ensino remoto não é ensino, e na tentativa forçosa de tentar fazer parecer ser, na prática acarretou ainda mais a sobrecarga do trabalho docente por terem que adequar suas práticas para que essa maneira se tornasse o mais próximo

possível do modelo real de ensino, e assim passaram a trabalhar mais de 16 horas diárias e muitas vezes tiveram seus salários reduzidos.

Professores exaustos, tentando manter crianças na frente da tela do computador ou da Tv e, ao mesmo tempo, tiveram que dar conta da aula de seus filhos, além de, numa sociedade capitalista patriarcal, cuidar dos afazeres domésticos, sendo esses, quase sempre, tarefa feminina. A roda do capital não pode parar de produzir mercadoria e a rede particular de ensino demorou a seguir seu suposto funcionamento normal, exigindo mais dos professores, repetindo a tendência desse “século de incertezas” em que as empresas pensam o assédio ao trabalhador como estratégia de gestão (NETO; PIRES, 2020, p. 43-44).

Ainda sobre as lacunas no ensino, Neto e Pires (2020) afirmam que a educação tem experienciado esse processo, antes mesmo da pandemia, por fazer parte dessa sociedade capitalista.

A escola vivencia todos os problemas de uma sociedade capitalista e tem sido agredida no seu campo ideológico, como pode ser visto, por exemplo, no movimento escola sem partido, em que professores são chamados de doutrinadores, em que o conhecimento científico, artístico e filosófico é limitado para a classe trabalhadora a partir de reformas curriculares como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (NETO; PIRES, 2020, p. 41).

Além das complexas questões pedagógicas relativas ao ensino remoto, a discussão sobre o contexto atual do trabalho docente envolve o tema da infraestrutura das escolas, das condições sociais e de saúde de toda a comunidade escolar (DUARTE et al., 2020, p. 5).

Zaidan e Galvão (2020) observam que tal situação apontada no parágrafo anterior não se instalou com a pandemia, pois, tal situação é, antes, consequência da exasperação de forças conservadoras e neoliberais na política brasileira, que fortalece a exploração da mão de obra, uma vez que o trabalho se apossa de todos os momentos e espaços, como do ambiente de descanso e do lar dos docentes, sem qualquer ressarcimento. Essa situação nem é percebida ou valorizada. Ao contrário, muitas vezes, o trabalho docente é subestimado. Além disso, além de serem tomados por uma situação não prevista, muitos docentes não estão preparados para a utilização das ferramentas de aula remota.

O isolamento social impôs novas rotinas de trabalho aos docentes. A oferta de ensino remoto, utilizando-se de meios tecnológicos pouco usuais no trabalho presencial, tem sido uma novidade e um grande desafio para a maioria dos professores (DUARTE et al., 2020). Zavandelli e Santos (2020) elencam algumas questões inquietantes durante o ensino remoto:

Observa-se no caso brasileiro muitos fatores preocupantes: a) a fragilidade da formação inicial e continuada de professores para o uso de TDICs pela descontinuidade de políticas nessa área; b) a infraestrutura escolar carente de equipamentos tecnológicos adequados e suficientes, bem como cobertura de internet insuficiente; c) as limitações de acesso às tecnologias por parte dos estudantes e de suas famílias; d) o agravamento da situação socioeconômica bastante desfavorável da maioria da população brasileira, dada a crise econômica e o desemprego crescente (ZAVANDELLI; SANTOS, 2020, p. 2).

Não só na educação pública brasileira observou a exploração do trabalho docente. Souza, et al. (2021) retratam a sobrecarga dos professores de escolas privadas no período da pandemia:

Destarte, professoras e professores de escolas particulares passaram a realizar suas tarefas de forma inesperada por meio de aparatos tecnológicos e plataformas digitais sem terem sido formados ou recebido condições materiais e prescrições mínimas para isso. Essa exigência obrigou essas e esses profissionais abruptamente a se adaptarem ao novo formato de ensino e ao ambiente virtual de trabalho, tendo que improvisar o próprio espaço doméstico e dividir, simultaneamente, a sua atenção entre as atividades profissionais e familiares (SOUZA, et al., 2021, p. 3).

O fato é que esse isolamento tem levado ao mal-estar individual no trabalho e desafia as organizações sindicais a construir novas ações coletivas de resistências e lutas contra a nocividade do trabalho (SOUZA, et al., 2021).

As professoras e os professores, sobretudo de educação básica, já encontravam dificuldades anteriores à pandemia, tanto pela carga horária extraclasse, quanto pela remuneração e condições de exercício no que toca às ferramentas de trabalho. A precarização da classe professoral não é uma temática nova. Em tempos de pandemia, é necessário discutir e evidenciar o possível aumento da demanda de trabalho dos professores, a possibilidade de redução de carga horária, a não familiarização com novas ferramentas e a falta de formação sobre esses meios, entre tantas outras facetas do fazer docente (PALUDO, 2020, p. 45).

A pandemia intensificou o trabalho docente e descarregou uma série de situações novas em sua rotina de trabalho, além das já existentes. O professor se deparou com novas funções que vão além do domínio de conteúdos e estratégias pedagógicas. Foi-lhe imposto a obrigatoriedade de se inteirar da ferramenta online e adaptar o ensino remoto, sendo de sua responsabilidade despertar o interesse dos alunos independente do âmbito das questões sanitárias Pontes e Rostas (2020):

Além de precisar adaptar o conteúdo e as rotinas para um modelo diferente do habitual, vivenciando inclusive experiências pedagógicas síncronas e assíncronas e estar disponível para participar de conferências virtuais em horários díspares ao seu trabalho presencial, precisou ajustar a sua casa para receber os alunos e os colegas nas diversas reuniões de trabalho (PONTES; ROSTAS, 2020, p. 279).

Dados sobre o trabalho docente em tempos de pandemia, no relatório do Duarte et al. (2020) realizado durante a pandemia e a execução do trabalho remoto, apontam que grande parte (84%) dos professores de todo o país continua a desenvolver atividades de trabalho de forma remota. Quase a metade (46%) desses docentes mantém a interação com os estudantes e mais da metade (53,6%) não possui preparo para ministrar aulas não presenciais. Os dados observados no relatório realizado em todos os estados do país realçam, por si só, a excessiva carga física e psíquica assumida pelos docentes durante o período de pandemia.

Não só os docentes vivenciam as angústias, as limitações e o acesso restrito às tecnologias. Os alunos, em sua grande maioria, também sofrem com o ensino remoto, a realidade, acesso à tecnologia não existe para a maioria dos estudantes de escola pública, e por

vezes quando possuem acesso a ferramentas, como computador, internet, o uso é compartilhado:

Se para o docente as condições estão difíceis, para o estudante não é diferente. A universalização da educação passa a ser uma condição difícil de ser alcançada visto que muitos não possuem acesso à rede de internet e, quando o possuem, o computador, o celular, o smartphone é de uso comum/coletivo. A realidade social brasileira está repleta de multiplicidades de classes sociais (PONTES; ROSTAS 2020, p. 282).

Pereira e Barros (2020) listam três fatores essenciais para o processo de ensino e aprendizagem durante o período da pandemia. O primeiro refere-se à formação de professores e à qualidade de materiais didáticos, acesso e habilidades no uso de tecnologias. Em relação aos alunos, o segundo e o terceiro fatores mencionam a necessidade de acesso ao computador, com boa conexão de internet e motivação para que encontrem significado no aprendizado. Frisam, como os demais autores, que a pandemia trouxe à tona o fato de que os alunos menos favorecidos não possuem os recursos tecnológicos ou as condições necessárias para o acompanhamento efetivo das aulas remotas.

Jackson Filho et al. (2020) ressaltam a importância da visibilidade para o aspecto do adoecimento durante o período de pandemia, para que não implique sua pouca valorização nas políticas públicas. O campo do trabalho de forma integral deve ser considerado nesse momento de enfrentamento da COVID-19.

Não restam dúvidas sobre a situação caótica e estarrecedora que denunciou os agravos da educação e as desigualdades sociais durante a pandemia. Se entendemos que a educação representa o principal potencial para o ser humano se aprimorar como espécie e agir para a edificação de relações conscientes, afetivas, de respeito e humanizadas, a valorização da educação pode contribuir para a erradicação da disparidade do acesso de direitos e respeito a todo e qualquer cidadão.

Freire, Rodrigues e Urt (2021) reforçam que a educação pode favorecer e contribuir para a transformação da sociedade, desde que todos tenham acesso a ela, em seus mais profundos e verdadeiros sentidos, significados e recursos favoráveis ao aprendizado. Uma sociedade que vê a educação como principal mecanismo de desenvolvimento pessoal, cultural, histórico e econômico forma um coletivo de pessoas com valores éticos e morais que, em momentos atípicos, como em uma pandemia, disseminam respeito, cooperação, responsabilidades mútuas e empatia.

Conhecer o que dizem as pesquisas sobre o sofrimento psíquico do docente é de extrema importância para traçar políticas de prevenção e enfrentamento e para perceber quais fatores influenciam o aparecimento do adoecimento. No entanto, tornam-se eficazes a organização e a amplitude de possibilidades para que se tenha acesso a essas informações.

Poema: "Educação, Ratos e Inversão"

[...] "Quanto vale um professor e a formação das gerações futuras em nosso quadro social?
 Oxalá fossem os salários, proporcionais ao impacto e relevância social da atividade exercida.

Afinal, não apenas através da medicina é possível se salvar uma vida.
 Mas, a sociedade vendida ao camarote, assiste imóvel ao cúmulo da desvalorização
 Dos mestres nas salas de aula; dos 'valores' a inversão.

Um verme de paletó e gravata, valendo-se dos privilégios de ser político,
 Desviando rios de dinheiro e fazendo o eleitor de otário;
 Enquanto um professor dedicado, Socialmente indispensável e devidamente formado,
 Faz malabarismos intermináveis com as migalhas que lhe ensinaram a chamar de
 salário.

Elites políticas aprenderam há séculos, a fazer papel de parasita.
 E o fazem muito bem, infelizmente. Sugam tudo o que podem, até de quem mais
 necessita.
 Pensam: "Pra quê investir em Educação se o que nos mantém é a doce alienação?"
 "A essa gente, já lhes basta circo e pão!"
 [...]

Rosilene Rocha. Disponível em: (<https://www.pensador.com/frase/MTk4MjA4Mg/>).

3.0 SOFRIMENTO PSÍQUICO E ATIVIDADE DOCENTE: como os professores percebem o adoecimento.

A economia da educação torna-se refém da tecnologia da informação. De intensiva de trabalho, a escola passará a intensiva de capital. (Peter Drucker)

O filme *A poeira – uma história do Pantanal*, baseado no conto “Nessa poeira não vem mais seu pai”, de Augusto César Proença, de roteiro e direção geral do próprio e de Hélio Godoy, lançado em 2008, é um curta-duração de 14 minutos¹⁰. O filme conta a história de um menino que perde seu pai, vaqueiro do Pantanal em um acidente de cavalo, mas as lembranças do pai e da paisagem pantaneira ficam para sempre guardadas, inspirando-lhe coragem e bravura.

O curta retrata a história do peão que, ao realizar sua atividade (trabalho), perde a vida, devido aos riscos de sua profissão. No entanto, mesmo que as condições e instrumentos apresentem perigos, o amor pelo ofício prevalece. Não só a dedicação ao trabalho, mas também as relações e a cultura são retratadas na obra, além de explicar a influência da atividade do pai no desenvolvimento do filho. Sem contar que tal atividade é um aspecto indissociável da cultura regional e do desenvolvimento do povo pantaneiro.

Como nos demais capítulos, aqui também citamos uma obra cinematográfica que pudesse ser relacionada ao tema em discussão. O filme elencado, *A poeira – uma história do Pantanal* por retratar a vida de um peão (profissional do campo) e todas as particularidades que dizem respeito a sua atividade, como as condições, as dificuldades, mas também os prazeres, a satisfação e demais circunstâncias que envolvem a atividade do ser humano, está relacionado diretamente com o capítulo a ser apresentado. Os dados coletados apresentam a percepção dos professores sobre todos os aspectos que podem ser observados no curta, e nos permitem relacionar a motivação e afeto pela profissão, mas também, as inúmeras consequências que podem ser causadas por meio da atividade.

Partindo da interpretação do filme, iniciamos esse capítulo apresentando os pressupostos teóricos e o percurso metodológico, o contexto e os sujeitos da pesquisa, os dados sobre a compreensão do sofrimento/adoecimento para professores e gestores do município de Corumbá MS.

¹⁰ Link para acessar o filme: *A poeira – uma história do Pantanal* liberado na plataforma YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=BKw0MaUt04A>)

3.1 Pressuposto teórico

A Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski (1991) postula que o desenvolvimento biológico e histórico do ser humano, solidificado na filogênese e na ontogênese, desvelam divergências entre espécie e gênero humano. Hominização e humanização compõem particularidades da evolução humana, ou seja, uma vez constituído o *homo sapiens*, surgem novas necessidades que, por meio do trabalho e dos elementos sociais dele decorrentes, possibilitam a ascensão do homem como ser social.

Para propormos uma discussão e a análise dos resultados obtidos a partir dessa pesquisa, foi essencial escolher uma abordagem que considera o ser humano em sua magnitude, suas mudanças e transformações durante todo o seu crescimento pessoal e intelectual. A PHC – Psicologia Histórico-cultural - possibilita essa análise, pois leva em consideração as transformações advindas das experiências, aprendizados, conhecimentos e relações sociais, por ser um ser social.

Pensando assim, a construção e a execução da pesquisa foram pautadas na Psicologia Histórico-cultural, por conceber que as transformações e o desenvolvimento do ser humano acontecem de forma permanente, por meio da educação. Trata-se da junção entre o conhecimento social, do cotidiano, advindo das relações sociais e o conhecimento teórico, crítico e sistematizado, que se consolida por meio do ensino:

Tratar-se-á dos princípios básicos que orientam a escolha do método para abordar a complexa tarefa de pesquisar um objeto, cuja essência é um processo em constante movimento, automovimento e transformação. Assim, o método deve corresponder ao caráter dinâmico do próprio objeto e imbricado nele explicá-lo nas suas múltiplas facetas. Esta tarefa exige aproximar-se ao conhecimento do objeto mediante a análise explicativa das relações dinâmico-causais e não da análise descritiva e/ou da medição quantitativa pontual. Resulta difícil separar a função do pesquisador e do educador, quando de pesquisa educativa se trata (MENDONÇA; PENITENTE; MILLER, 2017, p. 39).

A percepção de que a educação pode desencadear a transformação do sujeito se fundamenta no método materialista histórico-dialético, que dá sustentação à PHC. Esse método trata das leis mais gerais do desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento humano. A aplicação desse instrumental metodológico possibilita ao educador apreender os fenômenos humanos e sociais mais verdadeiros na sua totalidade de existir e manifestar. Como o psiquismo humano está em constante transformação, em função das interações com a realidade social, as determinações sociais, históricas e culturais o constroem, pois são transformações qualitativas impostas ao psiquismo durante todo o processo de desenvolvimento ontogênico do ser humano (FILHO, 2007).

O processo educativo é amplo, complexo e deve ser dinâmico para quem colabora com a aprendizagem e para quem aprende. Apesar da relevância da educação para o ser humano visualizam-se atitudes de descaracterização e desvalorização, em especial quanto ao profissional que desempenha suas atividades laborais com o intuito de contribuir para o desenvolvimento do ser humano, o professor. A escola é um ambiente onde essas relações ocorrem de forma intensa, por isso merece atenção especial.

As relações na escola são contínuas, criadoras de significados intersubjetivos, que geram novas relações, integram histórias de vidas com experiências e vivências, originando os sentidos subjetivos, que nem sempre são percebidos por quem ensina e por quem aprende. Assim, é a vida em sociedade, como constituição histórica e produto de inúmeras determinações, que possibilita que o ser humano se desenvolva (TUNES; TACCA; JÚNIOR, 2005; BERNARDES, 2010).

Zanella et al. (2007) avaliam que a psicologia de Vigotski vem se solidificando no panorama científico como referência em pesquisas que discutem o processo de construção do sujeito em diferentes contextos e condições sociais, inicialmente no contexto educacional. Dessa forma, descrevem como a PHC propõe a análise de um conteúdo:

Neste sentido, a Psicologia Histórico-cultural caracteriza-se pela concepção da realidade como complexa, da interdependência entre fenômenos, da mútua constituição de sujeitos e sociedade. Cada aspecto contemplado na análise, nesse sentido, não é apenas mais um “apêndice” que faz parte de um todo, pois é, ao mesmo tempo, manifestação da totalidade e determinante desta totalidade, pela maneira como se relaciona com os outros aspectos. Por isso, privilegiam-se os movimentos, transições, aquilo que propicia uma compreensão integral dos fenômenos, por contemplar as relações de constituição recíproca desses e da totalidade que os mesmos compõem, e também a gênese das mudanças de qualidade propiciadas por estas íntimas relações (ZANELLA et al. 2007. p. 28).

Bernardes (2010) concebe que esses pressupostos teórico-metodológicos indicam a superação das condições estabelecidas na realidade, além da crítica aos elementos próprios da sociedade. Visam a constatar, na historicidade dos fenômenos estudados, as condições necessárias para que a potencialidade do gênero humano se objetive na individualidade dos sujeitos. Além do mais, ter como referencial teórico-metodológico o materialismo histórico-dialético e a Psicologia Histórico-cultural como o instrumento que permeia as atividades práticas na vida em sociedade requer a objetivação de compromissos políticos e sociais.

O método da PHC favorece a compreensão do sujeito em sua completude, considera seu conhecimento prévio sucedido de suas relações, cultura, meio e o integra aos conhecimentos que o levam a ampliar sua forma de pensar e agir, satisfazer suas necessidades e se tornar crítico. Assim, esse aporte metodológico nos auxilia na compreensão dos fenômenos que envolvem o processo de humanização do coletivo ao individual. Bernardes (2017) pondera:

Para não cair no antigo erro das pesquisas de corte behaviorista, baseadas no esquema estímulo-reação, o pesquisador deve levar em consideração que o comportamento observável guarda uma estreita relação com os processos internos, estes últimos, filtram e organizam o comportamento, mas, ao mesmo tempo controlam e regulam os impactos que tal comportamento tem na realidade, sofre uma nova filtragem para adequar e reconfigurar a conduta em geral. Nesta dialética complexa das funções psicológicas, em que o psíquico, surgido na relação com o contexto, uma vez que se expressa externamente o faz através da autorregulação, que conduz por sua vez a transformação do ato psíquico, exige do pesquisador uma postura dialética. Para compreender esta relação, a organização da pesquisa e a análise dos resultados deve partir do fenômeno em estudo como um processo e não como um resultado. Os fenômenos psíquicos quando refletem a realidade cumprem a função reguladora, transformando constantemente a relação entre o externo e o interno. Apesar do esclarecimento teórico da dinâmica desta relação, ainda é comum o uso de instrumentos de pesquisa voltados para a medição do resultado tácito, externo, a partir dos quais os sujeitos são classificados e incluídos em categorias, que servirão para deduzir aspectos sobre o desenvolvimento psíquico (BERNARDES, 2017, p. 46).

Esses compromissos políticos e sociais, assim como a integração de conhecimentos, experiências e vivências ocorrem por meio da apropriação da e na educação:

O papel das pesquisas educacionais orientado à aplicação da teoria histórico-cultural deve estar atrelado à compreensão dos aspectos centrais que determinam a transformação do natural em cultural e em social. Elucidar com um olhar prospectivo, como, e em função de quais processos e atividades acontece essa transformação constitui um dos desafios principais das pesquisas em educação (MENDONÇA; PENITENTE; MILLER, 2017, p. 42).

Partimos do pressuposto de que a educação é um processo essencial para o desenvolvimento humano e que as relações, nesse contexto, são intensas e de grande relevância. Também assumimos que os significados, sentidos e conceitos sucedidos de todo esse conjunto são integrantes no processo de humanização e pensamos a Psicologia Histórico-cultural como aporte teórico metodológico que colabora de forma ampla para o entendimento no âmbito escolar do processo de constituição do ser humano. Assim, nosso objeto de pesquisa propõe compreender a percepção do profissional de educação em relação à saúde psíquica e ao adoecimento, considerando todo o seu contexto histórico e cultural.

Deduza-se que a condução das pesquisas educacionais na perspectiva histórico-cultural requer a determinação e desenvolvimento de métodos que sejam capazes de penetrar na essência dos processos e funções psíquicas com um olhar prospectivo sobre o objeto. Entenda-se aqui processos e funções que têm sua origem e se desenvolvem na interação com a cultura, que se transformam nela e ao mesmo têm impacto transformador sobre ela. Trata-se, portanto, de um objeto que só existe em desenvolvimento e transformação. Daqui a necessidade de métodos específicos adequados às particularidades deste objeto de altíssima complexidade que não pode ser enquadrado nem preso em compartimentos estancos, parcelas, fatores e todo gênero de classificações esquemáticas (MENDONÇA; PENITENTE; MILLER, 2017, p. 42-43).

O percurso que traçamos foi uma tentativa de aproximação do método de investigação utilizado por Vigotski em suas pesquisas, por exemplo, passando a compreender o mais simples a partir do mais complexo. Tentamos estabelecer, portanto, as condições materiais e as relações

sociais mais complexas que podem envolver as formas mais imediatas e habituais em relação à percepção do professor sobre o sofrimento psíquico.

3.2 Percurso metodológico

Inicialmente, pretendíamos coletar dados com a aplicação presencial dos instrumentos pela própria pesquisadora. Porém, devido à pandemia, essa opção teve de ser revogada, pois o município passou a desenvolver o trabalho remoto a partir de março de 2020 com base no Decreto nº. 2.266 de 19 de março de 2020 que dispôs sobre a jornada especial e temporária nas repartições Públicas do Município de Corumbá como medida de combate ao novo coronavírus COVID-19.

Assim, em reunião com a Secretária Adjunta de Educação, optamos pelo envio dos instrumentos por meio do aplicativo *WhatsApp*, a fim de alcançar maiores índices de participação que por outros meios virtuais por existir o grupo do aplicativo de cada escola, pois o ensino presencial retornou apenas em agosto de 2021, conforme o Decreto nº 2.620, de 15 de julho de 2021, que dispôs sobre o retorno das aulas presenciais para o segundo semestre de 2021 na Rede Municipal de Ensino de Corumbá, e a coleta de dados ocorreu durante o primeiro semestre do ano de 2021.

Os instrumentos foram enviados pela própria Secretária Adjunta de Educação que se disponibilizou em encaminhar o formulário devido o quantitativo de profissionais e por cada escola ter o próprio grupo de WhatsApp dos professores. Os instrumentos foram enviados por três vezes para todas as escolas de Corumbá, as do território urbano, rural e das águas, com uma mensagem introdutória da pesquisadora esclarecendo o objetivo e a importância da participação de cada um. Também foi ressaltada a valiosa participação dos Profissionais de Educação durante as reuniões (*online*) da Secretaria Municipal de Educação e gestores de cada instituição escolar durante o período em que esteve disponível para preenchimento, de maio a agosto de 2021. No ano em que a pesquisa foi realizada haviam 984 professores em sala de aula, e ao final recebemos 118 (12%) respostas. Em relação aos gestores, o mesmo processo foi realizado, e de 251 participantes, recebemos 26 (10,35%) respostas. Na soma das respostas dos professores e gestores somamos 144 participantes no total

Como procedimentos adotados os seguintes instrumentos para a coleta de dados dos professores:

01 questionário, com cinco itens de investigação: dados de identificação (sexo, idade, estado civil, formação, ano e instituição, Pós-Graduação, ano e instituição); questões sobre o trabalho docente; questões sobre adoecimento; questões sobre trabalho docente na pandemia; questões sobre ações para o enfrentamento docente.

02 escalas: o Questionário de estresse nos Professores: Ensino Básico e Secundário (QSPEBS) e o *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20).

Os três instrumentos para coleta dos dados, foram organizados em um único documento e aplicado por meio da plataforma *google forms*.

Em relação aos gestores, foi aplicado o questionário *online* que objetivou coletar as informações sobre a existência de algum programa, projeto ou ação para prevenção e a concepção sobre o sofrimento/adoecimento docente. As informações foram coletadas a partir das seguintes questões: dados de identificação; Questões sobre Projetos realizados para prevenir o adoecimento docente e Questões sobre o processo de Trabalho Docente em tempo de pandemia, também por meio da plataforma do *google forms*.

A pesquisa foi realizada durante o período de pandemia, motivo pelo qual aplicamos os instrumentos por meio de ambiente virtual. Por ambiente virtual entende-se:

Meio ou ambiente virtual: aquele que envolve a utilização da internet (como e-mails, sites eletrônicos, formulários disponibilizados por programas, etc.), do telefone (ligação de áudio, de vídeo, uso de aplicativos de chamadas, etc.), assim como outros programas e aplicativos que utilizam esses meios (CONEP, 2021, s/p).

Apesar de termos optado pelo meio virtual devido a pandemia, e por entendermos que todos, senão a maioria dos professores teriam acesso ao aplicativo WhatsApp, percebemos que o período em que a pesquisa foi realizada, na pandemia, pode ter influenciado na participação dos sujeitos. Esse fato foi observado após a insistência em reenviar o questionário aos os professores e gestores, além dos constantes lembretes realizados pela Secretária Adjunta durante as reuniões. Os professores e encontravam em intenso uso de tecnologias por causa do trabalho remoto.

A aplicação objetivou um alcance maior de respostas, além de proporcionar o sigilo e outras diretrizes, conforme preconizados pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos por meio da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, e também quanto à tranquilidade dos participantes, por se tratar de um município onde as relações são próximas.

Além dos motivos já elencados para a coleta de dados por meio de plataforma *online*, Dasmaceno et al. (2014) descrevem outras vantagens:

[...] o método online apresenta vantagens que podem também minimizar os custos da realização da pesquisa, tais como: facilidade de agendamento da entrevista; possibilidade de executar outras tarefas durante a condução da entrevista; possibilita ao pesquisador e pesquisado não estarem necessariamente na mesma localidade e; por fim, permite uma maior reflexão e objetividade das respostas (DAMASCENO et al, 2014, p. 8).

Organizamos os dados coletados por meio dos questionários em tabelas, para melhor compreensão da análise. Reunimos as respostas por frequência e calculamos o percentual dos participantes em algumas questões. Para o processo de análise e discussão, consideramos as

quatro primeiras respostas de cada tabela, por estarem listadas de acordo com o número de frequência.

Para a coleta de dados, solicitamos a autorização da Secretaria Municipal de Educação após a aprovação do projeto pelo CEP – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, com o Parecer 4.717.66.

3.3 Contexto e sujeitos da pesquisa

A pesquisa comentada a seguir foi realizada no município de Corumbá – Mato Grosso do Sul. De origem tupi-guarani, o nome Curupah significa ‘lugar distante’. Depois de ter outras denominações ao longo de sua história, Corumbá é conhecida como Cidade Branca, devido à cor clara de seu solo, rico em calcário. A ocupação da região teve início no século XVI quando, com a expectativa de encontrar ouro, a área do atual município foi explorada pelos portugueses, que começaram a chegar em 1524 (PMC - PREFEITURA MUNICIPAL DE CORUMBÁ).

Localizado na zona fisiográfica da Baixada Sul, no pantanal mato-grossense, está integrado à bacia do Paraguai. Limita-se com os municípios de Cáceres, Poconé, Barão de Melgaço, Santo Antônio de Leverger, Itiquira, Coxim, Rio Verde de Mato Grosso, Aquidauana, Miranda, Ladário e Porto Murtinho, além de ser fronteira internacional com as Repúblicas da Bolívia e do Paraguai. Ocupa uma área territorial de 64.438,363km²; sua população é estimada em 112.669 pessoas.

Figura – 1 Localização de Corumbá em Mato Grosso do Sul



Fonte: Wikipedia.

Conhecida como a ‘Capital do Pantanal’, destaca-se principalmente no turismo de pesca nas margens do rio Paraguai, que possui uma grande diversidade de espécies de peixes. Além disso, o visitante pode fazer mergulhos, turismo contemplativo na região da Estrada Parque e visitas às minas do Urucum (GOVERNO DO ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL).

O Plano Municipal de Educação 2015-2025, em consonância com o Plano Nacional (PNE) Lei 13.005, de 25 de junho de 2014, e o Plano Estadual de Educação (PEE) Lei nº 4.621, de 22 de dezembro de 2014, visa, de forma objetiva e organizada, trabalhar abordando a universalização e a qualidade do ensino, a formação e a valorização dos profissionais de educação, a democratização da gestão e o financiamento da educação (PMC – SEMED).

De acordo com informações disponibilizadas pela Secretaria Municipal de Educação – SEMED, o município possui 42 escolas mais as extensões: as urbanas, das águas e rurais e os CEMEI – Centro Educacional Municipal Integral. Há, atualmente, 1.314¹¹ Profissionais de Educação no município.

3.4 Dos questionários dos professores: resultados e análises

3.4.1 identificação dos participantes da pesquisa

Iniciamos a caracterização dos participantes a partir das questões de 1 a 5 da primeira parte do questionário, referentes à sua identificação: sexo, idade, estado civil (tabela 08); graduação e ano (tabela 09) e ainda, Pós-Graduação e ano (tabela 10).

Tabela 8 - Identificação: sexo, idade e estado civil.

Sexo		Idade		Estado civil	
Feminino	95 (80,3%)	20 a 30 anos	17 (14,5%)	Casado	56 (47,9%)
Masculino	22 (18,8%)	31 a 40 anos	38 (32,5%)	Solteiro	31 (26,5%)
Outros	01 (0,9%)	41 a 50 anos	39 (32,5%)	União estável	16 (12,8%)
		51 ou mais	24 (20,5%)	Divorciado	15 (12,8%)

Fonte: Freire, 2023

Tabela 9 – Graduação e ano de conclusão.

Formação inicial		Ano de Graduação	
Pedagogia	61 (52%)	1984-2004	54 (46%)
Letras	13 (11%)	2005-2020	21 (18%)
Geografia	07 (6%)	não informaram	43 (36%)
Educação Física	06 (5%)		
Ciências Biológicas	03 (2%)		
Artes/Artes Visuais	03 (2%)		
Curso superior	03 (2%)		
Duas graduações	03 (2%)		
Matemática	04 (3%)		

¹¹ A Rede Municipal de Ensino de Corumbá possui 1.314 Profissionais de Educação, sendo 973 estatutários e 341 contratados. Destes, 139 possuem dois vínculos (dobra de carga horária), totalizando 1.175 pessoas. Desse total, 1.156 atuam diretamente nas escolas, sendo que 815 possuem vínculo estatutário e 341 contratados. Nas unidades de educação, existem 134 Coordenadores Pedagógicos, 30 Gestores Escolares e oito Gestores Adjuntos (todos com vínculos estatutários). Atualmente, a Secretaria Municipal de Ensino possui 79 vínculos de Educação distribuídos em um Secretário de Educação, uma Secretária Adjunta de Educação, dois Servidores cedidos de outros órgãos e 75 Assessores Técnicos.

não especificaram

15 (13%)

Fonte: Freire, 2023

Tabela 10 – Pós-Graduação e ano de conclusão.

Pós-Graduação		Ano de Conclusão da Pós	
Especialização	75 (63%)	1994-2004	07 (6%)
Não possuem	11(9%)	2005-2015	08 (15%)
2 ou mais Especializações	10 (8%)	2006-2021	40 (34%)
9 em andamento	09 (8%)	Não responderam	53 (45%)
Mestrado	09 (8%)		
Mestrado e Especialização	02 (2%)		
Doutorado	02 (2%)		

Fonte: Freire, 2023

Dos 118 professores que participaram da pesquisa, observamos que quase a totalidade de respostas recebidas foi de participantes do sexo feminino.

As informações cedidas levam-nos a algumas interpretações. Primeiramente, nos parece haver maior interesse pelo tema sobre o adoecimento por parte das professoras. Segundo a maioria dos professores do município é do sexo feminino. De acordo com Viana (2001), à docência foi assumindo um caráter eminentemente feminino. Hoje, em especial na Educação Básica (composta da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio), é grande a presença de mulheres no exercício do magistério. O autor complementa:

No século XX, o caráter feminino do magistério primário se intensificou a tal ponto que, no final da década de 20 e início dos anos 30, a maioria já era essencialmente feminina. O Censo Demográfico de 1920 indicava que 72,5% do professorado do ensino público primário brasileiro compunha-se de mulheres e, no total de docentes, sem distinção de graus de ensino, elas somavam 65%. 9 A presença feminina no magistério estendeu-se aos demais níveis de ensino após a progressiva expansão da oferta de vagas nos cursos de ensino primário em cidades de grande porte, como São Paulo, no final da década de 30 e meados de 1940 (VIANA, 2001, p. 85).

Araújo e Purificação (2021) explicitam sobre a inserção da mulher na carreira docente e como isso pode influenciar a desvalorização da profissão, pois a presença feminina no mercado de trabalho ainda era escassa em meados do século XIX, e só foi possível devido a lacuna deixada pelos homens, favorecendo a emancipação da mulher, da cuidadora do lar no mercado de trabalho.

Em 2017, O INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) divulgou um estudo sobre o perfil dos professores no Brasil, revelando que “os professores típicos brasileiros em 2017 são mulheres (81%).” Esse número deixa claro a predominância da mulher no magistério, porém, quando se trata dos setores mais valorizados da profissão, como a universidade, elas representam 45,28% e os homens 54,72%. (ARAÚJO; PURIFICAÇÃO, 2021, p. 3-4).

Na área da educação a participação feminina é extensa. A partir da expansão desse setor no Brasil, no início do século 20, as mulheres foram convidadas a desempenhar a função de educadoras, e sua inserção ao trabalho formal em educação ocorreu devido a percepção de

que a docência, o ato de educar, deveria ser desempenhada por mulheres por caracterizar o cuidado com o outro (ARAÚJO et al., 2006).

Pinho, Ferreira e Pina (2017) descrevem que no Brasil, a predominância de mulheres no setor educacional é evidenciada principalmente no ensino médio, diferentemente do ensino superior, que apesar de a presença feminina no setor da educação superior esteja aumentando significativamente, o percentual de professores do sexo masculino no nível superior é, em média, 10 pontos percentuais mais elevado do que o feminino.

Em uma pesquisa realizada na rede estadual de educação do Paraná, onde a maioria dos participantes eram do sexo feminino, Tostes et. al. (2018) verificaram índices elevados de sofrimento mental (depressão, ansiedade e distúrbios psiquiátricos menores), bem mais elevados que em outros estudos também com professores e outras categorias.

A partir dessas informações, é importante salientar que as mulheres em sua grande maioria trabalham para além de três turnos. Tal afirmação é relevante por ser realidade a necessidade de o referido gênero precisar cumprir não só com o trabalho enquanto profissão, mas também em grande parte precisam cuidar da casa, dos filhos, cônjuges, afazeres diversos que contribuiu para o desgaste físico e mental, e talvez, seja por isso que quando pesquisado a prevalência de afastamentos para tratamentos e/ou acompanhamento de familiares, as mulheres sobressaem.

Nesse caminho, entendemos que por ser as mulheres, a maioria dos profissionais no setor educacional, também compreendemos a prevalência do sexo feminino na participação em pesquisas realizadas nessa área, e conseqüentemente serem mais acometidas pelo sofrimento/adoecimento psíquico.

Outro dado que chama a atenção é o número de professores que possuem Pós-Graduação e suas respectivas idades. Pessoa (2019) ressalta que, para cumprir a sua função, a escola precisa estar em condições para superar a alienação presente na realidade por meio da apropriação dos conhecimentos sistematicamente organizados. Essa afirmação conduz à constatação do interesse dos docentes em alcançar maiores e melhores conhecimentos, com o objetivo de mediar conteúdos de qualidade para propiciar o aprendizado aos seus alunos.

Pessoa (2019) ainda aponta que quanto mais se garante que novas gerações tenham acesso e mais apropriações sejam feitas a partir do que foi já produzido, é mais possível que se criem novos trajetos ao desenvolvimento humano. Ou seja, professores e alunos aprendem mais e melhor quando o acesso ao conhecimento é disponibilizado e ocorre em uma via de mão dupla, a partir da troca de experiências. Contudo, sobre o número de pós-graduações dos docentes, sugerimos que há a busca pela melhoria salarial, considerando que, em sua maioria,

os planos de cargos e carreiras viabilizam um acréscimo no valor do salário base, o que não é diferente no município de Corumbá.¹²

Figura 2 – Valores - Profissional de Educação 20 horas

CLASSE	ÍNDICE	PI = 1,000	PII = 1,300	PIII = 1,600	PIV = 2,000
A	1,00	2.244,17	2.917,42	3.590,67	4.488,34
B	1,16	2.603,24	3.384,21	4.165,18	5.206,47
C	1,22	2.737,89	3.559,25	4.380,62	5.475,77
D	1,32	2.962,30	3.851,00	4.739,69	5.924,61
E	1,47	3.298,93	4.288,61	5.278,29	6.597,86
F	1,52	3.411,14	4.434,48	5.457,82	6.822,28
G	1,58	3.545,79	4.609,53	5.673,26	7.091,58
H	1,66	3.725,32	4.842,92	5.960,52	7.450,64

Fonte: Secretaria Municipal de Finanças e Gestão. Superintendência de Gestão de Recursos Humanos.

Nesse tópico foi possível conhecer um pouco dos participantes dessa pesquisa, e partimos para o próximo item refletindo na citação de Bendassoll e Gondim (2014), que nos faz pensar o ser humano como ser transformador e transformado a partir de suas ações e resultados.

[...] o sentido é entendido como construído nos processos de mediação semiótica entre homem e natureza (atividade), dentro de um contexto sócio-cultural particular. Assim, o trabalho é entendido como uma atividade orientada, ao mesmo tempo para o sujeito, para os outros e para o objeto da atividade, resultando em uma transformação de si, dos outros e do mundo (BENDASSOLL; GONDIM, 2014, p. 137).

A partir deste tópico tratamos dos eixos, que foram criados a partir das questões do questionário aplicado aos professores. Com base nas questões pesquisadas os eixos foram organizados propondo a compreensão das análises e discussões das respostas, e foram identificados por meio do diagrama e suas respectivas cores com o objetivo de orientar a compreensão do leitor dos temas abordados nessa pesquisa.

No eixo **Percepção do trabalho** docente foi pesquisado o grau de satisfação do professor em relação a sua atividade. As questões elencadas foram: o grau de satisfação do trabalho docente; condições que mais e menos agradam os professores; Atividades realizadas no trabalho considerada prazerosa e considerada menos prazerosa.

No eixo seguinte, **Visão sobre o trabalho docente** pesquisamos se os professores gostam da atividade que exercem e as respostas se referem às questões: Gosta do trabalho?

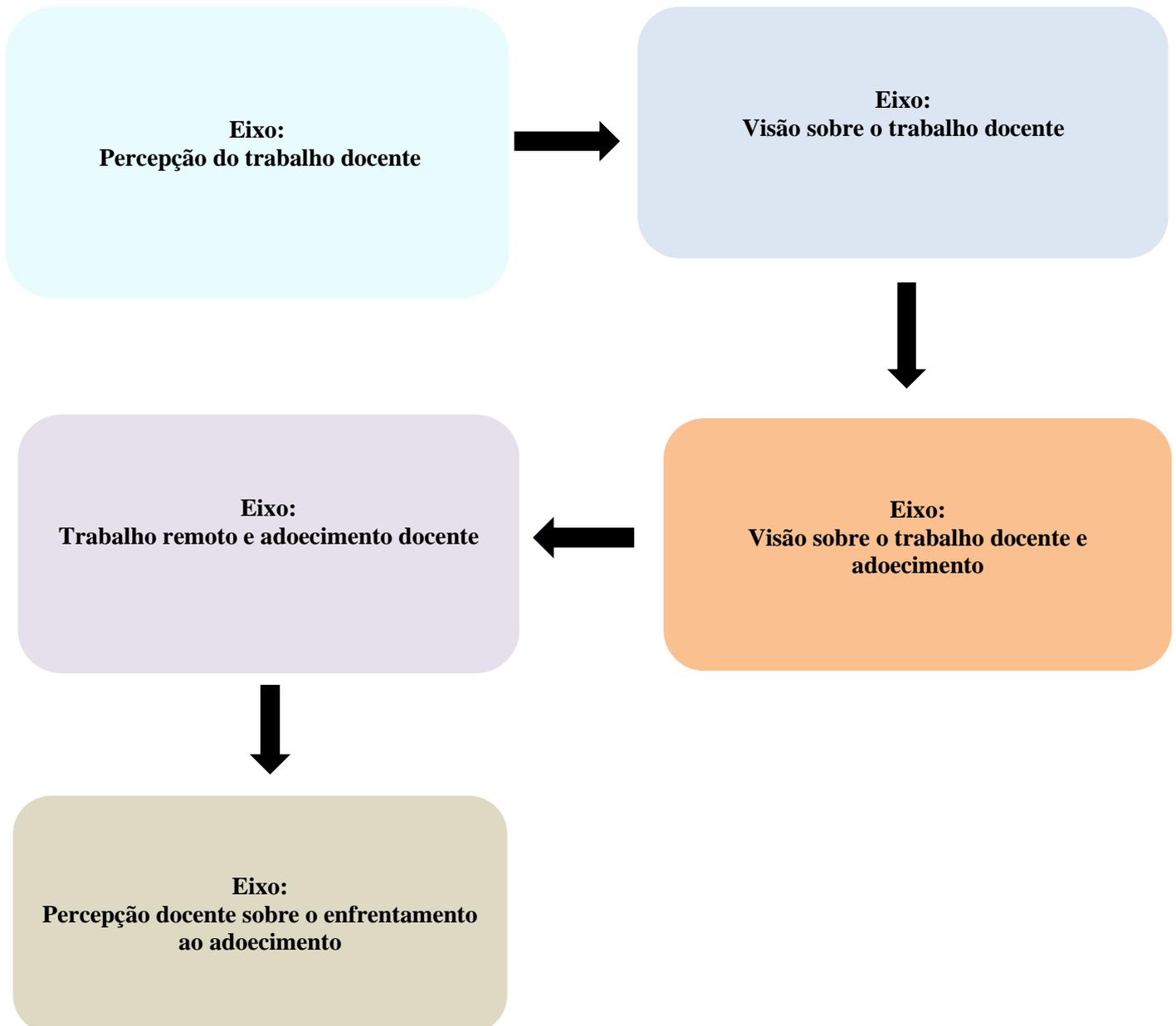
¹² De acordo com informações da Secretaria Municipal de Finanças e Gestão. Superintendência de Gestão de Recursos Humanos da Prefeitura de Corumbá MS, os valores correspondem: PI = Graduação; PII= Pós-Graduação; PIII = Mestrado; P IV = Doutorado; A cada 05 anos mudança de CLASSE A-B-C-D-E-F-G-H.

Motivos que justifiquem gostar do trabalho; se pudesse, mudaria de profissão? Caso sua resposta for sim, para qual profissão? Por que?

A visão sobre o adoecimento do docente é o eixo seguinte e se constituiu das perguntas que propuseram investigar a percepção sobre problemas de saúde e a relação com a atividade docente: Possui problema de saúde? Caso tenha respondido Sim, qual? Seu problema de saúde é anterior ou posterior ao início da sua atividade profissional? hipótese sobre o adoecimento e situações que pode manifestar a doença; Solicitação de afastamento do trabalho por razões de saúde nos últimos 12 meses. Se sim, por quanto tempo ficou afastado? toma ou tomou algum medicamento nos últimos 12 meses? Caso sim, qual medicamento; Efeitos positivo e Efeitos negativo do medicamento; você considera que os problemas de saúde enfrentados causam prejuízo na sua atividade profissional? Considerações sobre os prejuízos na atividade devido aos problemas de saúde; considera que a atividade docente pode ter provocado seu problema de saúde? Se sim, como o trabalho pode ter causado seu problema de saúde;

Trabalho remoto e adoecimento docente se refere ao penúltimo eixo que trata do trabalho docente durante o período da pandemia do COVID- 19, e investigou a percepção sobre esse modelo de trabalho e suas consequências: A pandemia prejudicou sua saúde? Você teve dificuldade de exercer seu trabalho em tempo de pandemia? Caso sim, qual? Foram disponibilizados os recursos tecnológicos para o desempenho das atividades docente? Caso sim, quais? Foi ofertada formação para a utilização? Caso tenha respondido Sim, fale sobre essas formações. A pandemia prejudicou a qualidade do seu trabalho? Caso tenha respondido Sim, de que forma? Exemplifique.

No ultimo eixo, **Enfrentamento ao adoecimento** objetivamos apurar a existência de algum programa, ação, projeto que contribuísse para a elaboração, organização e manejo das diferentes situações que pudessem gerar o sofrimento/adoecimento psíquico e quais ações consideram importantes existir. Solicitamos aos professores: Relate alguma experiência ou projeto de enfrentamento que você conhece ou participou para situações emergenciais de adoecimento? Quais medidas/ações de enfrentamento poderiam ser realizadas para minimizar o Sofrimento/adoecimento psíquico do(a) professor(a)?

EIXOS NORTEADORES DAS ANÁLISES:

3.4.2 Percepção do trabalho docente

[...] o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluída, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme, exata. Como se sabe, em contextos diferentes a palavra muda facilmente de sentido. O significado, ao contrário, é um ponto imutável que permanece estável em todas as mudanças de sentido da palavra em diferentes contextos [...] (VIGOTSKI; 2008, p. 125).

Neste tópico, abordamos o trabalho docente, a satisfação e a percepção em relação à atividade. **As questões que tratam da satisfação estão apresentadas na Tabela 11.** Na tabela 12 os participantes descreveram as **três condições que mais os agradam e as três que os desagradam, igualmente na tabela 13, para as três atividades consideradas mais prazerosas e as três menos prazerosas.**

Tabela 11- Sensação em relação ao seu trabalho

Satisfeito	53 (45%)
Muito satisfeito	23 (19%)
Razoavelmente satisfeito	22 (19%)
Extremamente satisfeito	16 (13%)
Insatisfeito	02 (2%)
Pouco satisfeito	02 (2%)
Total	118

Fonte: Freire, 2023.

A satisfação no trabalho de professores é compreendida por Ramos et al. (2016) como o nível de desempenho docente à eficiência no alcance dos objetivos de ensino, e entendem que os professores mais satisfeitos com a função alcançam melhores resultados e por isso pode ser considerada como um aspecto fundamental da docência.

Entende-se que a satisfação estimula o entusiasmo e o comprometimento, favorecendo a dedicação de mais tempo e energia à melhoria da aprendizagem dos alunos (RAMOS et al., 2016, p. 180). O ser humano é um ser social. Sua atividade orienta a sua existência; a satisfação no desempenho de suas funções estabelece o grau de motivação e significação de sua ação. A concretização do trabalho resulta no sentimento de pertencimento de uma sociedade que é produzida a partir do seu trabalho.

Rebolo e Bueno (2014) acrescentam que o trabalho permite o ser humano a transformar sua realidade e a si próprio, e que inicialmente foi percebido de duas maneiras. Primeiro, como uma ação que servisse apenas para sobrevivência, segundo, como uma ação do

ser humano que gera prazer, satisfação. Contudo, são dois extremos que não podem ser separados, fazem parte de um mesmo processo.

Essa ambiguidade se deve, principalmente, ao fato de a realização do trabalho depender de determinadas condições concretas que podem ou não corresponder às expectativas de quem o executa (REBOLO; BUENO, 2014, p. 324).

Os dados levantados nesta pesquisa em relação à perda da satisfação no trabalho por 24% dos docentes podem levar a crer que há uma ruptura na motivação do desempenho da atividade. Dias e Nascimento (2020) apontam para complexidade do trabalho docente que envolve fatores históricos, sociais, culturais, políticos, econômicos, institucionais, entre outros. O ensinar é uma parte do trabalho docente, pois integra também questões e dificuldades próprias.

[...] colocamos como hipótese que a percepção da valorização/desvalorização social docente é um componente capaz de influir particularmente na relação entre autoestima docente e satisfação/insatisfação profissional do professor, e nas decisões e considerações do professor sobre docência, modulando seu empenho nela, considerando docência como atividade promovida num certo espaço institucional e relacional, e num contexto político, social e econômico determinante (DIAS; NASCIMENTO, 2020, p. 75).

Nesse viés, Rego (2014), com base na teoria marxista, complementa que a origem da sociedade humana e suas especificidades são resultados do trabalho do ser humano, e que, é por meio do trabalho que transforma a si e a tudo que está a sua volta. E a partir da obtenção da satisfação de suas necessidades, a sociabilidade toma formas complexas, sendo a finalidade do trabalho como objetivo necessário para a vida social.

Desta forma, a consciência resulta no pôr de finalidades intrinsecamente ao processo de trabalho, porém ela não se resume a isso, ou seja, na busca da satisfação das necessidades por meio do processo de trabalho. A consciência se dá simultaneamente ao fazer prático humano (FACCI; CRISPIN, 2020b, p. 151).

Ao organizar suas ações com base em suas motivações e a partir dos resultados alcançados, o ser humano se sente realizado, é essa realização que o motiva a buscar sempre por mais e melhores resultados, suas expectativas aumentam, seus desejos são atendidos, e todo esse processo gera a satisfação, pois, é o resultado esperado que ao ser alcançado o permite perceber, dominar e aprimorar suas habilidades.

Ao descrever **as três condições que mais os agradam**¹³ (Tabela 12), temos as questões que envolvem as relações, como equipe, companheirismo, cooperação, comunicação são as mais importantes como condições satisfatórias para o trabalho, também as pertinentes as relações, mas especificamente com a chefia, como suporte, chefia direta, organização e ética.

¹³ Todas as respostas foram reunidas preservando a ideia original dos participantes (palavras, termos, variedades).

Outros docentes apontam estrutura física, recursos materiais, local e boas condições de trabalho. Os alunos, amor e/ou satisfação pela profissão, o salário e plano de carreira, assim também o bom relacionamento com os familiares dos alunos. A carga horária respostas, autonomia, como a valorização que também foi citada.

Tabela12 – Repostas das condições que mais e menos agradam os professores

Condições que mais agradam	Frequência	Condições que desagradam	Frequência
Equipe/Companheirismo/Cooperação/ Trabalho em equipe/comunicação	76	Falta de estrutura física/Recursos materiais/ condições de trabalho/Localização	80
Suporte/Chefia direta /Organização/ética	57	Inexistência de Suporte chefia direta /Organização/ética/diretrizes/comunicação	33
Estrutura física/Recursos materiais/Boas condições de trabalho/Local	43	Desvalorização/desmotivação/sobrecarga	25
Os alunos	26	Ausência do trabalho em equipe/Companheirismo/Cooperação/co municação	15
Amor pela profissão/Satisfação	9	Nada há o que dizer/relatar	10
Salário/plano de carreira	8	Salário/plano de carreira	7
Bom relacionamento com familiares	8	Ausência dos familiares	7
Carga horária	7	Funções Administrativas/Excesso de informações	5
Autonomia	6	Ausência do cuidado com o professor (saúde física e psíquica)	3
Valorização	1	Ausência dos alunos	3
		Carga horária	2
		Falta de investimento/Política partidária	2
		Falta de autonomia/inflexibilidade	2
		Razoável	1
Total	241	Total	195

Fonte: Freire, 2023

As condições que mais agradam os professores são atinentes, na maioria, às circunstâncias que abarcam as relações interpessoais. Das quatro maiores frequências de respostas, três estão ligadas diretamente às relações, ao convívio com o outro, seja entre os próprios docentes, com a chefia, e as relações com os alunos. E uma das quatro maiores respostas registra questões de estrutura física, recursos materiais, boas condições de trabalho e local.

Esses dados instigam-nos a resgatar a discussão da questão anterior, sobre a satisfação. Ao verificar as condições que mais agradam aos professores, as respostas apontam para as situações que envolvem as relações humanas, e não especificamente a prática docente.

Sobre as relações, a teoria do desenvolvimento de Vigotski, tendo a linguagem como ponto de partida, desde o início preconizou as relações como fatores primordiais para o seu percurso. Primeiramente, ressaltando a importância da relação entre os fatores biológicos e os culturais como aspectos essenciais no desenvolvimento humano. Segundo o aperfeiçoamento

da linguagem só foi possível devido às relações do ser humano com outros seres humanos e todas as demais relações existentes que pudessem contribuir de forma qualitativa para a sua evolução.

A partir das relações sociais, o ser humano percebe a realidade e se integra à sociedade de forma consciente (tem a percepção de si e de tudo a sua volta), e a escola por ser uma instituição indispensável para a formação da personalidade e para o desenvolvimento das aptidões, das funções psicológicas superiores, possui um importante papel para a continuidade e qualidade das relações.

Ao considerar o desenvolvimento biológico e social concomitantemente, Vigotski verificou que as contradições existentes entre os dois possibilita o desenvolvimento da criança. As influências de fatores específicos, por vezes com características próprias desse processo, junto às interações sociais, mediações e internalizações integram o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

O ser humano cria maneiras de se relacionar com o mundo, toda a história individual e coletiva dos homens está ligada ao seu convívio social. Sendo assim, a compreensão do desenvolvimento não pode ser justificado, apenas, por fatores biológicos. O desenvolvimento ocorre a partir de diversos elementos e ações que se estabelecem ao longo da vida do sujeito. Neste processo, sem dúvida, a interação com outras pessoas desempenha papel fundamental na formação individual (MELLO; TEIXEIRA, 2012, p. 1).

Ao postular que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores é produto da vida social, Vigotski enfatiza que o ponto crucial do desenvolvimento cultural do comportamento baseia-se nas relações entre o desenvolvimento histórico e o trabalho social e que, ao transformar as inclinações e funções naturais, altera e incorpora formas absolutamente novas e mais complexas de comportamento (MARTINS, 2015b).

As relações estão conectadas diretamente ao desenvolvimento do psiquismo humano e podem contribuir de forma positiva ou não. O reconhecimento próprio, como aspecto da satisfação surge como um fator importante para o desenvolvimento humano e desempenho de sua atividade, o leva a realizar sua ação de forma organizada e consciente, e nesse caminho as relações estão presentes como forma de contribuir ou não, interferindo diretamente no resultado da atividade humana.

A capacidade de as pessoas manterem relações interpessoais positivas, caracterizadas por laços significativos, calorosos e confiáveis, refere-se à dimensão: relações positivas com os outros. É a capacidade de nutrir sentimentos de empatia, de compreensão e de afeto a todos os seres humanos, assim como a capacidade de manter as relações íntimas e amizades profundas com outras pessoas. Indica um sinal de maturidade (GONÇALVES, 2009, p. 52).

Quanto às três condições que mais os desagradam, os professores apontam a falta de estrutura física, recursos materiais, condições de trabalho e localização como as principais

causas desfavoráveis. Fatores como falta de organização do trabalho, de suporte da chefia direta, ética e comunicação também aparecem, assim como a desvalorização, a desmotivação e a sobrecarga. Ainda mencionam ausência do trabalho em equipe, companheirismo, cooperação e comunicação, além de questões salariais e do plano de carreira, as funções administrativas e a ausência de cuidado com o professor, a falta de investimentos e a falta de autonomia/ e flexibilidade.

A falta de estrutura física, recursos materiais, condições de trabalho, localização, inexistência de suporte chefia direta, organização, ética, diretrizes, comunicação, desvalorização, desmotivação, sobrecarga, ausência do trabalho em equipe, companheirismo, cooperação, comunicação estão entre as quatro respostas mais frequentes sobre as condições que desagradam o professor. Essas questões são debatidas de forma rotineira quando se fala das condições do trabalho do professor, e de fato interferem diretamente no resultado advindo do seu trabalho.

As condições de trabalho docente é um dos fatores mais discutidos em todas as ocasiões em que se trata da melhoria do ensino, qualquer que seja a disciplina considerada. Existem vários fatores que determinam as condições do trabalho docente, para uma análise/reflexão crítica, dentre eles: as condições físicas das escolas e a relação com os professores; as condições profissionais dos docentes; o sistema burocrático que é imposto aos docentes; os controles externos sobre o trabalho docente e as implicações do projeto político pedagógico do governo (SILVA; ROSSO, 2008, p. 2014).

As condições desfavoráveis para a realização da atividade docente podem atingir o sujeito não só de forma objetiva, mas também subjetiva, causando a precariedade na sua atividade, contribuindo para sua insatisfação. As condições por muito tempo foram pensadas como aspectos visíveis, estruturais, mas trata se também, das diferentes situações que levam os professores a desanimar durante o desempenho do trabalho, quando precisa organiza-lo e executá-lo. Essas situações vão desde a falta de estrutura física, prédios danificados, falta de recursos tecnológicos, aparatos para o desenvolvimento prático da ação, como ainda, constantes pressões vivenciadas devido as imposições e falta de liberdade nas tomadas de decisões.

Importante atentar-nos para as contradições encontradas nas respostas dos professores referentes as condições na tabela 12. Os achados apontam que as mesmas condições que são consideradas agradáveis para alguns são desagradáveis para outro. Esses dados apontam para importância do respeito a individualidade, dos aspectos subjetivos, pois o que é compreendido de uma maneira por um grupo, não é por outro. Outro ponto importante é a existência de uma boa comunicação para que as necessidades, angustias, experiencias possam ser verbalizadas, e diante da organização do trabalho objetivar considerar, compreender as percepções e desejos diferentes em uma mesma equipe de trabalho.

Quando falamos de condições de trabalho não podemos e não devemos separar os aspectos objetivos dos subjetivos, é uma relação que deve ser estabelecida para que o professor possa desempenhar sua atividade com motivação e alcançar a satisfação. Quando esses aspectos começam a ser considerados isoladamente é como se desintegrássemos o trabalhador, e a partir daí, o desempenho passa a não obter a satisfação, o prazer, mas sim, o sentimento de obrigação em fazer para sobreviver, o levando a iniciar o processo de sofrimento/adoecimento psíquico.

A desvalorização profissional, baixa autoestima e ausência de resultados percebidos no trabalho docente são fatores importantes a serem investigados no âmbito do profissional em educação. Além disso, existem queixas muito frequentes relacionadas à saúde dos docentes como distúrbios psíquicos, associada ao trabalho repetitivo, insatisfação no desempenho das atividades, ambiente intranquilo e estressante, desgaste na relação professor-aluno, falta de autonomia no planejamento das atividades, ritmo acelerado de trabalho e à pressão da direção. Os professores nas escolas inventam todo instante estratégias e saídas para driblar suas dificuldades cotidianas deficitárias de trabalho (SILVA; ROSSO, 2008, p. 2043).

Não há dúvidas quanto à necessidade de uma organização do sistema que reúna todos os elementos necessários para realização do trabalho de forma satisfatória. As relações entre as instituições e as pessoas nelas envolvidas devem ser a mais saudáveis possíveis pensando em todos os atores envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

O trabalho, para que seja realizado satisfatoriamente e para que cumpra seu papel equilibrador, requer o estabelecimento de vínculos específicos com determinadas classes de objetos: instituições, pessoas, instrumentos, organizações. Esses vínculos, no caso deste estudo, são entendidos como o conjunto de relações que o professor estabelece com a escola e com o trabalho docente, e que depende da combinação das características pessoais do professor, das formas de organização e funcionamento da escola, do grupo e do contexto social em que ambos (professor e escola) estão inseridos (LAPO; BUENO, 2003, p. 75).

As atividades (Tabela 13) enumeradas como **as mais prazerosas no trabalho** são as atividades lúdicas, artes, contação de história, atividades com os alunos ou coletivas. Outros descrevem como prazeroso ensinar, ministrar, planejar, ser formador, elaborar as aulas e atender aos alunos, realizar projetos, planejamento, eventos ou reuniões pedagógicas ou inovações. Também mencionam atividades que envolvem os familiares, formações, desenvolvimento pessoal e profissional, bom relacionamento com a direção, coordenação, entre outras.

Entre as diversas **atividades menos prazerosas** estão, burocracia, conselho de classe, atividades *online*, gravação de vídeos, desinteresse do aluno, indisciplina, desinteresse dos pais, reuniões virtuais e reuniões sem objetivos, dar aulas de inglês e história, ficar em sala, aula no final de semana, jornadas pedagógicas, falta de autonomia e política partidária, ainda sistema Tagnos, alimentar a plataforma, nada a declarar, burocracia, preenchimento do diário de classe, avaliação e conselho de classe.

Tabela 13 - Atividades realizadas no trabalho considerada prazerosa e considerada menos prazerosa

Atividades prazerosas	Frequência	Atividades menos prazerosas	Frequência
Atividades lúdicas, artes, contação de histórias, atividades com alunos/coletivas	50	Sistema Tagnos/alimentação de dados na plataforma	19
Ensinar/Ser formadora/ministrar e planejar aulas /elaborar as aulas/atender os alunos	50	Nada a declarar	17
Projetos, planejamento, eventos ou reuniões pedagógicos/ inovação	16	Burocracia/preenchimento do diário de classe/avaliação/conselho de classe	16
Atividades que envolvam familiares/ atender bem alunos e os pais	15	Atividades online/gravar vídeos/ Pandemia/ Uso do celular para auxiliar as atividades	14
Formação/desenvolvimento pessoal e profissional	5	Desinteresse dos alunos/indisciplina/busca ativa (pandemia)	11
Bom relacionamento com a direção, coordenação, apoio	4	Desinteresse dos pais/falta de comunicação	11
Bem estar dos alunos/desenvolvimento/feedback	4	Reuniões virtuais / Reuniões sem objetivos	9
Todas/amo o que faço	3	Falta de apoio e compreensão/ intransigência/pressão/organização/arrogância	9
Troca de experiências	3	Falta de recursos materiais/internet/estrutura	8
Nada a declarar/nenhuma	2	Trabalho docente/dar aula/ aula inglês e história /ficar em sala/aula final de semana	4
Momentos de descontração	2	Jornada Pedagógica/ escalas	3
Ser cooperativa	1	Planejamentos repetitivos	2
Atendimento ao aluno especial	1	Capacitações/formações impróprias	2
Atividades externas	1	Falta de autonomia	1
Cuidado com a higiene como um todo	1	Política partidária	1
Dia a dia, cotidiano	1	Formas / promoção para adquirir materiais para a instituição	1
Coordenar atividades	1	Acordar cedo	1
		Salário	1
		Desvalorização/desmotivação	1
		Atividades que utilizam materiais impressos, exposição e confecções	1
Total	160	Total	152

Fonte: Freire, 2023.

Entre as atividades registradas como as mais prazerosas, identificamos as que envolvem a finalidade da ação educativa e o papel do professor como mediador na constituição do aluno enquanto ser humano em desenvolvimento. As atividades lúdicas, artes, contação de histórias, atividades com alunos, coletivas, ensinar, ser formadora, ministrar e planejar aulas, elaborar as aulas, atender os alunos e projetos, planejamento, eventos ou reuniões pedagógicas e inovação aparecem com maior frequência entre as tidas como prazerosas.

O sujeito professor, ao passar por formações, ao se constituir sujeito (Eu) e profissional (Professor), objetiva a satisfação no desempenho de sua função e compreende a importância de sua atividade na vida de outro ser humano, bem como as ações de outrem em sua vida. Essas ações partem das relações estabelecidas durante sua vida e fazem parte do processo de

constituição de sua personalidade e concorrem para a realização da sua atividade e desenvolvimento de todos à sua volta.

A atividade humana, por ser objetivadora, social, e consciente, realiza o processo histórico de constituição do gênero humano, pelo qual e no qual o homem se apropria de todas as forças essenciais da natureza, constrói e significa os objetos atribuindo-lhes funções histórico-sociais a serem também apropriadas – promove a universalização humana (MARTINS, 2015b, p. 44).

Sob esse foco, Moretti e Moura (2012) revelam a formação do ser humano e todos os subsídios existentes no contexto escolar que permeiam das relações, e percebem que esse processo se dá no decorrer do desempenho de sua atividade e vai revelando sua finalidade que depende da qualidade de suas ações, e de tudo que compõem o contexto escolar e suas interdependências.

A constância da motivação, do prazer na atividade docente contribui para a realização de uma função consciente e emancipadora, e com satisfação e agrado, a ação envolve todos os aspectos do ser humano. Ao realizar sua atividade com a finalidade real da educação que é a de mediar o conhecimento, contribuir para o desenvolvimento do ser humano, o professor trabalha para além do recebimento do seu salário, mas também, para alcançar a finalidade do seu objeto de trabalho, a experiência de conhecer e aprimorar o novo, situação vivenciada pelo aluno por meio do trabalho docente que possibilita constante e contínuo aprendizado de todos envolvidos nesse processo.

O professor, ao elaborar e desenvolver sua atividade docente, constrói sentidos sobre os conteúdos que se apropria e os carrega consigo ao trabalhar com seus alunos. Se esses sentidos estão próximos ao significado social da Educação de apropriação de conhecimentos e formação de sujeitos, maiores chances se têm de que as ações de ensino se configurarem em atividade, para além do exercício de um trabalho que vise apenas a remuneração salarial (PESSOA, 2019, p. 4).

Não só consciente e emancipadora, a atividade pautada no sentido que lhe é atribuído pelo docente pode ser também criativa e crítica, pois integra elementos essenciais que possibilitam alcançar a satisfação a partir de sua execução que pode ocorrer de diferentes maneiras tendo como objetivos propiciar aos alunos a autonomia, a criatividade, desenvolver novas habilidades, concentração, percepção, entre outros fatores importantes no processo de ensino-aprendizagem (REBOLO; BUENO, 2014, p. 327).

A docência tem ainda a seu favor o fato de envolver o uso de diversas habilidades que, embora diferenciadas, não são dissonantes entre si, além de permitir o ‘desligamento’, ou certo distanciamento, dos problemas cotidianos e a chance de o professor fazer escolhas e ter certo controle sobre o processo de trabalho (REBOLO; BUENO, 2014, p. 327).

Diante dessas considerações, Bendassoll e Gondim (2014) descrevem sentido e significado no processo de trabalho, declarando que o significando surge a partir do compartilhamento do grupo, pensando na coesão e adesão, quanto ao sentido, pode ser

entendido na individualidade, independência, na apropriação singular do significado. E a função psicológica do trabalho, pode ser compreendida na articulação do sentido e significado que é orientada por meio da atividade e consciência humana.

É pertinente defender que o sistema escolar transfere ao profissional a responsabilidade de cobrir as lacunas existentes da instituição, a qual estabelece mecanismos rígidos e redundantes de avaliação e contrata um efetivo insuficiente, entre outras ações (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005a). Além disso, a precariedade das condições de trabalho do docente se associa a fatores físicos, administrativos, relacionais, pessoais e éticos, em uma realidade que compõe um cenário de esgotamento físico e mental do docente (CASTRO, 2020).

É comum constatar que, como resultado do excesso de trabalho muitos professores não usam sequer o quadro-negro, limitando-se a, sentados ditar a matéria para os alunos. A estafa também determina que o tempo das aulas seja subutilizado, desperdiçado muito dele para fazer a chamada, passar de uma classe para a outra, conversar sobre assuntos não relativos à matéria (SILVA; ROSSO, 2008, p. 2046).

Cantarelli, Facci e Campos, (2017) refletem que, “[...] no professor, o trabalho pedagógico, por exemplo, deveria ser a mola mestra que impulsiona o desenvolvimento de suas potencialidades – muito embora isso nem sempre ocorra, devido ao processo de alienação”.

Especificamente na educação, há uma cobrança de que os produtos rentáveis da atividade sejam mensurados através de notas, controle de evasão ou outras ações que pragmaticamente provem a utilidade e a produtividade do investimento (HASHIZUME, 2020).

Preenchimento do tagnos (o programa é horrível), busca ativa (a gente precisa meio que implorar para os pais fazerem as atividades, ir na casa. Acho muito desgastante para o professor (Resposta A)¹⁴.

A falta de organização, o excesso de trabalho burocrático, o prejuízo nas relações são algumas situações que podem ocasionar a perda da motivação, interesse da atividade docente, resultando no desprazer. A sobrecarga, além de ocasionar o desagrado da atividade, ainda impõe a constante busca de indicadores. Toda essa conjuntura gera a perda do estímulo do trabalho docente, que não mais seguem seus fins, prejudicando a compreensão psíquica da atividade, resultando no desgosto em trabalhar.

Atividades que envolvem muitos documentos e burocracia; conversar com pais/familiares que não entendem/se interessam pelas dificuldades de seus filhos (Resposta B).

A organização do trabalho, as condições e as atividades desenvolvidas são fatores importantes de investigação do contexto escolar. Trata-se de uma categoria com elevado índice

¹⁴ Ao longo do trabalho, estão transcritas algumas respostas dissertativas contidas no questionário. Por não haver qualquer identificação, estão apresentadas em ordem alfabéticas.

de profissionais, onde os estudos podem apontar as alternativas possíveis e reais que venham a contribuir para a melhora e valorização dessa profissão.

A desvalorização profissional, baixa auto-estima e ausência de resultados percebidos no trabalho docente são fatores importantes a serem investigados no âmbito do profissional em educação. Além disso, existem queixas muito frequentes relacionadas à saúde dos docentes como distúrbios psíquicos, associada ao trabalho repetitivo, insatisfação no desempenho das atividades, ambiente intranquilo e estressante, desgaste na relação professor/aluno, falta de autonomia no planejamento das atividades, ritmo acelerado de trabalho e à pressão da direção (SILVA; ROSSO, 2008, p. 2043).

Facci, Urt e Barros (2018) analisam o quanto as condições podem prejudicar a prática docente, pois não permitem que a ação seja realizada pautada na sua essência, que seria ensinar, isso devido as condições que lhes são apresentadas. Esse caminho os leva a adoecer por terem clareza da finalidade de suas funções, mas que não conseguem realizá-las de fato, apesar de perceberem que mesmo assim é possível o aluno aprender.

Gostam dos alunos, ficam felizes quando eles aprendem, mas as condições de trabalho não possibilitam que eles se vejam como fazendo parte do processo; são apenas apêndices (FACCI; URT; BARROS, 2018, p. 284-285).

Diante o exposto, é notório o quanto as condições influenciam na maneira do professor desenvolver seu trabalho e como podem leva-lo a sentir prazer ou não. interfere diretamente na ação, no processo e resultado, limita-os de serem criativos e autônomos, geram angustias e por vezes o levam a duvidar de suas próprias possibilidades de mediar o conhecimento, podem provocar o aparecimento de sentimentos negativos, como os de incapacidade, inutilidade.

Assim, o conceito de atividade está necessariamente ligado ao conceito de motivo. Não existe atividade sem motivo; atividade não motivadora! Não há atividade desprovida de motivo, mas pode haver atividade com motivo subjetiva ou objetivamente oculto (LEONTIEV, 2021).

3.4.3 Visão sobre o trabalho docente

Para abranger totalmente o processo integral da educação e apresentar à luz da psicologia todos os principais aspectos de seu transcurso, também é preciso levar em conta a psicologia do trabalho docente e mostrar a que leis ela está sujeita (VIGOTSKI, 2003).

Esse eixo trata da visão do professor sobre a atividade docente. Assim organizamos os temas para investigação: se gosta do trabalho; os motivos que justifiquem gostar do trabalho; se pudesse mudaria de profissão; caso sua resposta for sim, para qual profissão? Por quê? (tabela 14)

Alguns deles são: gostar de estar com as crianças, ver o seu desenvolvimento, formação, crescimento intelectual, moral e útil, sentir-se realizado profissional e pessoalmente, identificar-se com o que faz, gostar de ser professor e ensinar/transmitir conhecimento, ter um ambiente acolhedor, com amigos, acreditar na educação como forma de mudar o mundo, apreciar desafios e competição.

Tabela 14 - Gosta do trabalho? Motivos que justifiquem gostar do trabalho

Sim	112 (94%)
Não	3 (3%)
Razoável/maior parte das vezes sim	3 (3%)
Motivos	Frequência
Gosto de estar com as crianças/ desenvolvimento/formação/crescimento intelectual e moral/útil	20
Amo o que faço	19
Sim/Gosto	14
Realização profissional/pessoal/identificação	11
Gosto de ser professor/ não vejo outra coisa a fazer/motivador	9
Gosto de ensinar/transmitir conhecimento/dar aula	8
Ambiente acolhedor/amigos	8
Prazer no que faço/orgulho	7
Acredito na educação como forma de mudar o mundo/ mudança	4
Vocação	4
Gosto dos desafios	3
Não gosto/faço o melhor/falta de valorização e reconhecimento/falta estrutura	3
Por ter exemplos na família da profissão	3
Bem remunerada/ respeitado	2
Aprendo com o meu trabalho	1
Apesar de ver situações que não condizem com o papel do professor/da falta de compromisso/estímulo na competição	1
Carinho dos alunos/retorno	1
Total	118

Fonte: Freire, 2022.

O sentido da ação é determinado por aquilo a que visa o agente e pela sua referência à conduta dos outros, isto é, compartilhada por outros, dando-lhe significado (BENDASOLLI; GONDIM, 2014).

Sim, eu gosto de ser educadora, porém não estou confortável com este modelo de educação que está sendo ofertado, crianças pequenas são induzidas à competição, comunidade escolar é condicionada a participar desde que receba algo em troca, seja um prêmio ou um status. Professores são selecionados e destacados como de excelência. Outros acabam nem tendo condições de participar. Vejo que esta educação acaba sendo muitas vezes injusta e excludente. E principalmente a sociedade e muitos professores acabam se esquecendo que nosso maior compromisso tem que ser com a educação, e nosso maior prêmio é ter um processo de ensino e aprendizagem que garantam o desenvolvimento integral dos envolvidos. (Resposta C)

A satisfação em ser professor é um misto de sentimentos e perspectivas que os preparam e os envolvem na atividade docente desde o início, que constituídos de vários sentidos desde o aprender ao ensinar. Assim, materializa-se o processo de inserção do professor nas

escolas, carregando sentimentos, sensações, afetos e aspectos subjetivos que os levam a se consolidarem professores diante da complexidade dessa profissão (MORAIS, 2019, p. 305).

Sim. Apesar das dificuldades, é muito bom saber que estou contribuindo para a formação integral das crianças, algo que fará bem a elas e a toda a sociedade. (Resposta D).

O professor ocupa um papel fundamental no desempenho do aluno. Por meio da sua mediação gera o interesse, colabora para o desenvolvimento das habilidades, aptidões e interesses do educando, vai além das paredes da sala de aula. O gostar da profissão, por assim dizer, estabelece uma relação propulsora, estimuladora, que assegura aos professores e alunos aprendizados da vida e para vida.

A formação do professor não passa apenas por sua competência técnica, mas também por sua competência em termos de distinguir os conhecimentos necessários ao homem na sociedade atual. São esses os requisitos básicos que permitem ao educador explorar seus limites e possibilidades, de forma que sua prática imediata seja consequente e incorpore uma compreensão das tendências históricas da sociedade contemporânea. Para ensinar não é suficiente conhecer os conteúdos, é preciso saber o que seja a educação e como se configura quanto ao homem educar e quanto ao projeto de uma sociedade justa e desenvolvida (FUNGHETTO; NETTO, 2005, p. 6).

A consciência sobre o próprio trabalho permite manter a motivação e o prazer em seu exercício, e gostar da docência são resultados da satisfação na atividade, e que podem contribuir para a instrumentalização do professor para saber lidar com as adversidades e dificuldades da profissão, das condições que lhe são apresentadas. Nesse viés, reportamo-nos a Leontiev (2021):

Psicologicamente, ou seja, no sistema da consciência do sujeito, e não como seu objeto ou produto, os significados em geral não existem de outra forma senão na realização de determinados sentidos, assim como suas ações e operações não existem senão na realização de determinada atividade, estimulada por um motivo ou necessidade. Outro aspecto é que o sentido pessoal é sempre um sentido *de algo*: um sentido “puro”, imaterial, é tão absurdo quanto uma criatura imaterial (LEONTIEV, 2021, p. 173).

Ao serem questionados se **mudariam de profissão**, obtivemos 25 respostas, apresentadas na Tabela 15.

Tabela 15 - Se pudesse, mudaria de profissão? Caso sua resposta for sim, para qual profissão?

Por que?	
Sim	22 (19%)
Não	96 (81%)
Respostas	
1.	Músico. Por conveniência.
2.	Estou satisfeita
3.	Professora de Universidade. Porque é o meu sonho, sempre gostei muito de falar.
4.	Alguma profissão relacionada à área administrativa. Também me identifico.
5.	Arquitetura
6.	Não mudaria de profissão, mas se pudesse eu mudaria a forma desrespeitosa, desumana, injusta, competitiva, repressiva que a educação vem sendo compreendida e tratada.
7.	Medicina
8.	Uma que trabalhasse com plantas ou animais. Trabalhar com pessoas é muito estressante
9.	Medicina Veterinária, pois amo animais

10. Ainda não sei
11. Terapeuta, porque percebo que eu cresci muito neste sentido. No entanto, percebo hoje que a educação precisa mais deste olhar humano e nós, enquanto profissionais, precisamos trabalhar nossas questões pra acolher o nosso aluno.
12. Bombeiro
13. Odontologia. Profissão que sempre quis, mas não pude fazer pois não tenho condições financeiras.
14. Empreendedorismo
15. Serviços manuais e também culinária
16. Arquitetura. Gosto de construções e viajo nos desenhos.
17. Assistente administrativo, contábil ou de RH.
18. Área da saúde
19. Não se aplica.
20. Atuar somente como Ator ou professor da UEMS. Como curso de Artes Cênicas profissionalizante.
21. Enfermagem. Realização de um sonho de infância.
22. Ainda não sei, mas por um trabalho que exija menos esforço físico e estresse. Mas isso não é de imediato.
23. Concurso de nível federal.
24. Medica
25. Veterinária, gosto de animais.

Fonte: Freire, 2022.

Como já mencionado, a educação é um assunto amplo e dinâmico, que dá margem a inúmeras pesquisas, sob diferentes enfoques. Entre as diversas possibilidades está a identidade do professor, sujeito integrante e participativo no processo de desenvolvimento humano. O fato do ser humano pensar em mudar de profissão, é o resultado da insatisfação em realizar a atividade, das poucas ou nenhuma perspectivas, da desmotivação, do desprazer. Esses pensamentos podem ser decorrentes de vários motivos, mas que com certeza engloba a decepção, o cansaço e/ou desânimo de tentar lutar contra um sistema que pouco se importa com a educação.

O tema da identidade na educação, vem se configurando cada vez mais como emergente e necessário, tendo em vista a própria condição mutável e existencial da essência humana, como em decorrência das transformações que são impulsionadas pela sociedade na vida das pessoas, e nesse contexto específico, na vida dos/as professores/as, os quais sofrem os impactos e metamorfoses do meio circundante, em diferentes espaços e tempos históricos, e que acabam trazendo implicações no ser pessoa e profissional, o qual vai se constituindo, paulatinamente (MORAIS, 2019, p. 306).

Escolher a profissão para atuar não é uma tarefa fácil, vários aspectos precisam ser considerados, entre eles os subjetivos que envolvem os desejos, os motivos que impulsionam o ser humano a se formar, a se capacitar e transformar a si e aos outros. Mas, diante as dificuldades encontradas e as impossibilidades de exercer sua profissão, o professor se depara com a decepção e não se percebe mais como agente capaz de produzir mudanças e mediar os conhecimentos. Essa sensação de não pertencimento gera o sofrimento e por muitas resulta no adoecimento. Ao se deparar com a insatisfação e surgir a possibilidade de se pensar em mudar de profissão, quando não o faz, o professor passa então a silenciar suas percepções quanto a si e ao seu trabalho.

Escolher a profissão de professor implica um grande desafio, principalmente porque o professor tem que estar atualizado e olhando para o futuro. Muitas vezes, o professor sabe que tem condições de realizar muito mais do que exige a programação escolar, mas nem sempre consegue alcançar tais realizações (ESCARABOTO, 2007, p. 134)

Araújo e Purificação (2021) discutem sobre a distorção da imagem social do professor criada pela visão mercantilista de classes dominantes. Nesta visão, o professor é importante na formação dos jovens, para que sejam inseridos no mercado de trabalho, sem capacidade de refletir e intervir nas demandas sociais. Ademais, percebem que muitos permanecem nessa profissão devido à falta de outras oportunidades, ou porque justificam por ser vocação, paixão, como se fosse a atividade do qual foi predestinado.

Procura-se associar o trabalho do professor a uma atividade celestial, que deve ser realizada por amor, sem pensar em compensação social ou financeira. Como se o professor fosse um beato obrigado a ter voto de pobreza e “castidade social”. A desvalorização profissional, o desprestígio social e as péssimas condições de trabalho são as mais recorrentes tentativas de explicação para sanar os questionamentos apontados em relação à cada vez mais escassa presença de professores jovens nas escolas de ensino primário e médio (ARAÚJO; PURIFICAÇÃO, 2021, p. 2).

Ainda não sei, mas por um trabalho que exija menos esforço físico e estresse. Mas isso não é de imediato. (Resposta E)

O fato de 22 (19%) professores terem respondido que mudariam de profissão pode ser a perda do sentido pessoal, da motivação na sua atividade. Diversos fatores podem contribuir para esse fim, mas o que podemos certificar é a perda do prazer. O ser humano baseia sua atividade na relação com o meio, os objetivos, os motivos. Quando não há a confirmação das ideias iniciais, principais, perde-se o significado. O sentido e o significado não podem ser separados. Caso isso aconteça, resultará no rompimento da estrutura interna da consciência (MARTINS, 2004; PESSOA; LEONARDO, 2020).

Por meio do trabalho, o ser humano se relaciona com a sociedade e pode desenvolver suas potencialidades. Não é isso o que sempre ocorre na sociedade capitalista, devido à alienação, mas esta deveria ser uma possibilidade indissolúvel do campo de atuação profissional (FACCI; URT; BARROS, 2018).

De maneira geral, o desejo de mudar de profissão nada mais é que o resultado de um processo de desmotivação, desinteresse, de relações geradoras de ansiedade, angústias, estresse e perda da consciência. Ainda nesse cenário, Araújo e Purificação (2021) citam dados de uma pesquisa da Fundação Victor Civita, realizada por Ratier e Salla em 2013, sobre os inúmeros fatores vinculados ao desinteresse na profissão docente:

Dentre os motivos desta mudança de ambição estão o desinteresse e a falta de apreço por parte dos colegas, as pressões e o estresse causados pela constante cobrança de melhoria no desempenho (como se o culpado fosse somente o professor, e não toda a engrenagem educacional), a falta de remuneração digna e de um plano de carreira que garanta ao profissional o reconhecimento pelos serviços prestados. Tudo isso fez os

poucos jovens que sonhavam com a docência abdicarem de sua vontade e seguir a tendência das profissões que oferecem maior prestígio social e bons salários (ARAÚJO; PURIFICAÇÃO, 2021, p. 5).

Portanto, ao desempenhar a sua função sem o real motivo que o levou à escolha da profissão, o professor perde o entusiasmo em realizar sua atividade, e o fazer por fazer acarreta no sofrimento/adoecimento respectivo a alienação, pois não há satisfação em sua atividade, o que o leva por vezes, a procurar, em outras atividades, a satisfação que atribua razão às suas ações.

O sujeito desenvolve as formas superiores de sua conduta por meio de sua atividade, apropriando-se dos conteúdos da cultura humana e objetivando-se em novos produtos sociais e culturais. No contexto educacional, a atividade aqui mencionada se configura enquanto atividade de ensino, que é o objeto de trabalho do professor.

O significado da atividade do professor é a ação de ensinar e de conduzir o processo de apropriação do conhecimento do aluno. Quando há a ruptura entre o significado social e o sentido pessoal, provocado pelas crises sociais, caracterizada pela consciência humana alienada, não se estabelece o alicerce subjetivo construído por essa dinâmica (SANTOS; URT; VITAL, 2017, p. 78).

Importante nos atentarmos que muitos profissionais não mudam de profissão por terem deixado de gostar do trabalho da noite para o dia, mas na grande maioria é a desmotivação, o desencanto, as decepções, a desvalorização que os levam a pensar em algo menos estressante, que cause menos frustração e angústias. Quando o profissional tem a percepção que sua função que lhe causa sofrimento/adoecimento, ele pode agir de várias maneiras. Uma das possíveis alternativas é a mudança de profissão, procura não continuar exercendo mais uma função geradora de sofrimento/adoecimento. Outra possibilidade, pode ser que ele permaneça realizando a mesma atividade e silenciar suas dores, suas angústias e sofrer ao ponto de adoecer, alienar se conscientemente.

3.4.4 A visão sobre o adoecimento do docente

A forma mais fácil e simples de esclarecer os mecanismos do processo do pensamento e da vontade, antes descritos, é o exemplo particular da linguagem, que constitui o elemento básico realizado por nosso pensamento como sistema de organização interna da experiência (VIGOTSKI, 2003, p. 169).

Neste eixo, versamos sobre a visão do professor no que tange ao sofrimento/adoecimento docente. Para reunir e analisar as respostas, organizamos os temas da seguinte maneira: Se possui algum problema de saúde; caso tenha respondido Sim, qual; seu problema de saúde é anterior ou posterior ao início da sua atividade profissional; você tem alguma hipótese sobre os motivos do seu adoecimento? Caso tenha respondido que tem algum problema de saúde, quais; há situações específicas em que sua doença se manifesta? Caso tenha

respondido que tem algum problema de saúde, quais; Solicitação de afastamento do trabalho por razões de saúde nos últimos 12 meses; Caso afirmativo, quantas vezes nos últimos 12 meses? Se sim, por quanto tempo ficou afastado; Toma ou tomou algum medicamento nos últimos 12 meses; Caso sim, qual medicamento; Efeito positivo do medicamento; Efeito negativo do medicamento; Você considera que os problemas de saúde enfrentados causam prejuízo à sua atividade profissional; considerações sobre os prejuízos na atividade devido aos problemas de saúde; Considera que a atividade docente pode ter provocado seu problema de saúde; Se sim, como o trabalho pode ter causado seu problema de saúde;

Iniciamos sobre a percepção e a consciência do adoecimento docente perguntando aos participantes se possuem algum problema de saúde. Pedimos aos participantes que responderam **ter problema de saúde** que informassem qual seria. Importante ressaltar que o número de doenças especificadas não é o mesmo das respostas afirmativas para sim, porque há professores com mais de um problema de saúde. (Tabela 16).

Tabela 16 – Possui problema de saúde? Caso tenha respondido Sim, qual?

Respostas	Frequência
Sim	49 (42%)
Não	69 (58%)
Pressão alta/hipertensão	16
Depressão/ Crises de ansiedade/ Transtorno de ansiedade /Síndrome do pânico	16
Diabetes	7
Lesão na coluna, cervical e lombar/ Lombalgia/ Desgaste na coluna/ Escoliose	6
Sinusite/rinite	4
Doença autoimune/Fibromialgia/ Vitiligo	4
Asma crônica, Bronquite Asmática/ Bronquite	3
hérnia de disco	2
Síndrome do Túnel do carpo (Dormência e formigamento na mão e no braço causados por um nervo comprimido no punho) / LER	2
Hipotireoidismo/Tireoide	2
Obesidade	2
Transtorno Afetivo Bipolar	1
Ceratocone (visão)	1
Enxaqueca.	1
Artrite/Bursite	1
Adeniose (Condição em que tecido endometrial cresce na parede uterina)	1
Em recuperação (sem especificação)	1
Tendinite (pé)	1
Gastrite nervosa	1
Cardiomiopatia	1
Dermatose	1
Labirintite	1
“Não vou falar sobre o assunto, é muito pessoal”	1
artrite reumática	1
Total	77

Fonte: Freire, 2023

Mota (2012) assinala como a saúde docente vem sendo objeto de estudos e da importância de elaboração de políticas públicas e cuidado quanto ao adoecimento, e enfatiza que os dados que estão sendo gerados são reveladores, pois vêm rompendo o silêncio sobre todos os dissabores vividos pelos professores e apresentam os fatores de risco que os professores estão expostos.

A questão da saúde docente, já se mostra como um campo profícuo de investigação científica, com possibilidades diversas de abordagem, e que pode vir a ser fértil em elementos, que possibilitem a elaboração de políticas públicas inovadoras, no sentido da prevenção e da humanização das condições de trabalho docente (MOTA, 2012, p. 25).

Souza (2017) descreve as precariedades do trabalho docente e o quanto contribuem para o adoecimento, e envolta a muitos questionamentos sobre a organização do trabalho nessa sociedade neoliberal, discorre sobre as inúmeras condições de trabalho desfavoráveis, os vínculos precários e as constantes perdas que permeiam o professor.

A categoria práxis revela o ser humano como ser criativo e autoprodutivo. Ser da práxis, o ser humano é produto e criação de sua autoatividade, ele é o que (se) fez e (se) faz. Se as condições de trabalho são precárias, o ser humano que se produz nessas condições é um ser humano empobrecido enquanto ser portador de capacidades humanas; meramente reduzido à animalidade da reprodução física – comer, beber, dormir – ou seja, mero reproduzidor de força de trabalho (SOUZA, 2017, p. 177).

Além do mais, a forma como a sociedade debruça sobre o professor as cobranças e os vários índices a serem alcançados, a organização desorganizada, os levam a terem sentimentos ambíguos quanto a profissão exercida, e essa relação dos sentimentos apesar de algum momento serem naturais do ser humano, ora sentir prazer, ora estar desanimados, se torna patológico à medida que o descontentamento prevalece devido a percepção do professor diante suas próprias condições perante as condições a ele impostas.

Não é difícil entendermos o processo histórico e dialético que acarretou tais extremos. A partir do século XVIII, o trabalho docente ganhou novo formato, mantendo a ordem capitalista, pautando-se na mais valia e na competição, acarretando salários desvalorizados, extenuante jornada de trabalho e uma maior exposição dos professores a fatores de risco (WEBBER; VERGANI, 2010, p. 8809).

Essas condições, podem influenciar de forma direta ou indireta o sofrimento/adoecimento psíquico, e os estudos que vem revelando as consequências para saúde do professor devido as condições desfavoráveis, os desprazeres, apontam para uma semelhança nas sequelas a saúde do professor.

Ao encontro do nosso estudo, Baião e Cunha (2013) verificaram, por meio de uma revisão de literatura, que as disfunções que tiveram maior destaque foram estresse e exaustão emocional, seguidas de distúrbios da voz e distúrbios musculoesqueléticos, síndrome de Burnout, depressão e Hipertensão Arterial, e como fatores desencadeantes do adoecimento, estão a carga horária elevada, condições de trabalho e dupla jornada e falta de lazer. O adoecimento e desgaste físico do professor advêm da sua atividade e forma que esta é realizada, levando em conta o excesso de trabalho e agentes estressores persistentes (BAIÃO; CUNHA, 2013, p. 18).

Essas informações também são apontadas por Gouvêa (2016), ao expressar que vários outros estudos com base em dados de órgãos oficiais de perícia médica apontam a prevalência,

entre os professores, dos transtornos mentais e comportamentais como os principais motivos de afastamento do trabalho, seguidos pelos transtornos da voz e pelas doenças osteomusculares.

Fonseca et al. (2009) salientam que o que se pode inferir por meio de pesquisas sobre o tema, é que o risco de desenvolvimento da hipertensão arterial e da reatividade cardiovascular parece ser influenciado por fatores emocionais como impulsividade, hostilidade, estressores, ansiedade e raiva. Em contrapartida, Rebolo et al. (2020) realçam que as patologias que surgem com maior prevalência, de 29%, são descritas como transtornos mentais comuns (TCM), 26% lesões vocais ou de voz, 18% síndrome de Burnout, 17% problemas musculares, 4% problemas auditivos e 9% outros problemas.

Diante das exigências, do excesso de burocracias, de condições desfavoráveis e relações humanas desumanas, o professor passa a desenvolver percepções negativas quanto a si e quanto a sua atividade, se sente desprovido de conhecimento e de capacidades, gerando sentimentos de inaptidão. Essas sensações vão tornando se presentes no dia a dia do professor e sem expressar, ele toma para si os sentimentos e percepções negativas e desencadeia o sofrimento/adoecimento.

O professor sente que é alguém improdutivo, que não tem competência. O trabalho em sala de aula, as pressões postas, as cobranças, as dificuldades de lidar com o aluno são tão grandes, que ele incorpora a noção de incapacidade e adocece diante do trabalho que quer executar. Não é necessário que alguém fale que ele não está conseguindo realizar a tarefa proposta. Ele mesmo se sente ameaçado diante dos alunos, dos pais, não consegue lidar mais com o cotidiano, o que leva ao adoecimento (FACCI; URT; BARROS, 2018, p. 285).

Na tabela 17, vemos as respostas dos participantes quanto ao fato de o problema de saúde ser **anterior ou posterior ao início da atividade profissional**.

Tabela 17 - Seu problema de saúde é anterior ou posterior ao início da sua atividade profissional?

Não se aplica	61 (52%)
Posterior	31 (26%)
Anterior	17 (14%)
Não tenho problema de saúde	09 (8%)
Total	118

Fonte: Freire, 2022

Apesar de a maioria dos participantes declarar que não se aplica o problema de saúde anterior ou posterior à atividade profissional, o segundo maior resultado aponta que sim, que o problema de saúde é posterior ao início da atividade. Segundo Silva e Rosso (2008, p. 2050): “[...] o desgaste dos professores é determinado em boa parte, pela carga horária, natureza da atividade, pela forma de organização do seu trabalho, bem como todo o sistema burocrático que é imposto aos docentes, implicando no processo político-pedagógico”. Dessa maneira, conforme complementado pelos autores:

A intensificação do trabalho docente pode contribuir para o aumento de uma desqualificação intelectual do docente, pois, ao ter que cumprir mais essas tarefas, reduz o seu tempo disponível para estudos individuais ou em grupos, participação em cursos e outros recursos que possam contribuir para a sua qualificação e favorecer o desenvolvimento profissional (SILVA; ROSSO, 2008 p. 2050).

Em complemento, Souza (2017) esclarece que a divisão social do trabalho e a propriedade privada são as bases materiais do capitalismo, são características das sociedades de classes. O produto, resultado do trabalho do trabalhador (a) pertence ao seu patrão e não a ele que o executou.

A forma como o trabalho está organizado é responsável pela maneira que o ser humano se vê, e mesmo tendo a consciência, enquanto percepção do modo que está inserido nessa sociedade e nas relações nela existente que o leva a se silenciar para poder atender suas necessidades básicas, excluindo as suas necessidades subjetivas.

Cantarelli, Facci e Campos (2017) consideram que esse problema é um reflexo, na subjetividade do sujeito, da forma como a atual organização da base material incide sobre a ideação e as condições de sua objetivação:

O ser humano se constitui nas e pelas relações que estabelece com o mundo físico e social, com vistas a atender as suas necessidades.

Para que se possa compreender o processo de objetivação/ apropriação, é preciso assinalar que a consciência é constituída também pela linguagem. Por meio dela os homens se apropriam dos significados dados socialmente (CANTARELLI; FACCI; CAMPOS, 2017, p. 31).

A percepção da situação e a ausência de algumas habilidades, como por exemplo conseguir se expressar, para lidar com as divergências são essenciais para que o professor perceba as circunstâncias que ocasionam o sofrimento/adoecimento psíquico, e mais, para que possam compreender que não são responsáveis pelos resultados frente a tantas condições impróprias para e na execução de suas atividades. O fato de o professor perceber essas condições e toda contrariedade que envolve o seu trabalho geram conflitos e angustias que não são demonstradas devido a inúmeros motivos, entre eles o medo de retaliações, desemprego, julgamentos, até mesmo a vergonha de expor seus sentimentos acarretam no sofrimento/adoecimento.

Sentem-se adoecidos, sofrem, mas ainda pensam que a culpa é deles. Sentem vergonha, choram quando falam da situação, principalmente no caso dos transtornos psíquicos, que são os mais difíceis de serem compreendidos pelos demais professores e mesmo por especialistas, no caso das perícias. Sentimentos contraditórios permeiam a atividade profissional desses professores (FACCI; URT; BARROS, 2018, p. 288).

O contexto envolvendo a insatisfação causam a perda do prazer em realizar a atividade, mesmo percebendo tudo a sua volta, o professor desempenha a atividade de maneira alienada porque apesar de perder os desejos, motivos subjetivos da sua ação, precisa se manter trabalhando para sobreviver, e é nesse processo que ao silenciar suas emoções, suas angústias

o leva ao sofrimento/adoecimento psíquico, pois o professor tem noção da real situação, do contexto que está inserido e desenvolvendo sua atividade.

Esta contradição entre o sentido e o significado apresenta o esvaziamento da atividade docente, na medida em que os professores estão adoecendo e afastando-se das práticas pedagógicas, ou seja, da atividade que os caracteriza e proporciona o sentido pessoal de ser professor (SANTOS; URT; VITAL, 2017, p. 81-82).

As hipóteses sobre os **motivos do adoecimento** (Tabela 18) foram descritas por 50 participantes. Em se tratando de situações específicas quanto à **manifestação da doença**, houve uma frequência de 45 respostas:

Atividades estressantes, sobrecarga de trabalho, ausência de lazer, cobrança rígida, atividades diárias: correções de atividades, escrita em quadro, violência escolar. (Resposta F).

Tabela 18 – hipótese sobre o adoecimento e situações que pode manifestar a doença

Alguma hipótese sobre os motivos do seu adoecimento	Frequência	Situações específicas em que sua doença se manifesta	Frequência
Hereditariedade	9	Excesso de trabalho /prazos	12
Não tenho nenhuma hipótese	8	Ansiedade / nevoso/ estresse	10
Desgaste mental/ Busca pela perfeição /ansiedade/ estresse	7	Clima	8
Excesso de trabalho/ ambiente de trabalho	7	Situações específicas como sair de casa, ficar em casa	4
Falta de cuidados com a alimentação / Sedentarismo	4	Não tem situações específicas	3
Dificuldade de me expressar / lidar com as emoções	2	Má alimentação	3
Desorganização com o tempo	2	Postura durante a atividade laboral	2
Pandemia	2	Problemas familiares/ pessoais	1
Má postura	2	Falecimento decorrente da COVID-19	1
Devido a outros problemas de saúde	2	Relacionamento com colegas de trabalho	1
Violência na escola	1		
Infância	1		
Perda de familiares	1		
Problemas pessoais	1		
Mudança de estado/cidade	1		
Total	50	Total	45

Fonte: Freire, 2022

“Cobrança maçante, em relação a prazos de finalização de bimestre, difícil aprendizagem por parte do aluno, irresponsabilidade da família, dos pais em relação ao auxílio no processo ensino e aprendizagem do filho”. (Resposta G).

No que tange às hipóteses sobre os **motivos do adoecimento**, as quatro maiores frequências englobam as questões biológicas (hereditariedade), como também as respostas que não indicam nenhuma hipótese e as desenvolvidas a partir das relações (meio/atividade), tais como: desgaste mental, busca pela perfeição, ansiedade, estresse e excesso de trabalho e ambiente de trabalho. As repostas relacionadas às situações que podem contribuir para a

manifestação da doença destacam excesso de trabalho, prazos, ansiedade, nervoso, estresse, clima e situações específicas, como sair de casa e ficar em casa.

Embora conscientes de que o adoecimento não é uma exclusividade da profissão docente, vários são os exemplos, as formas e os meios de compreender como o sofrimento/adoecimento se desenvolve nessa profissão. Trata-se de uma resposta das condições impostas à subjetividade do sujeito, por meio da organização do trabalho (CANTARELLI; FACCI; CAMPOS, 2017; MARINO FILHO, 2020).

Há pessoas que não sofrem quaisquer consequências diante as condições impostas para o desempenho do trabalho, pois conseguem se adaptar e suportar o sofrimento sem adoecer, e essa contradição que nos leva a pensar quais são as causas mais peculiares do trabalho que se relacionam a questões afetivas, emocionais no âmbito da personalidade (MARINO FILHO, 2020).

Por esse motivo, é necessário compreender o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, pois se entendemos que o ser humano se desenvolve de forma quantitativamente e qualitativamente por meio de suas relações incluindo as da educação, a forma de como ele se instrumentalizará para lidar com as adversidades no ambiente de trabalho serão resultados da qualidade dessas relações e do desenvolvimento das suas funções psicológicas superiores. E a consciência como função superior é essencial para que o ser humano desenvolva sua atividade de forma conscienciosa e organizada, objetivando a materialidade do seu desejo e mantendo a subjetividade dos seus motivos. Sobre tais questões abordadas em relação à consciência, Luria (2010) aponta:

A consciência nunca foi um "estado interior" primário da matéria viva; os processos psicológicos surgem não no "interior" da célula viva, mas em suas relações com o meio circundante, na fronteira entre o organismo e o mundo exterior, e ela assume as formas de um reflexo ativo do mundo exterior que caracteriza toda atividade vital do organismo. A medida que a forma de vida se torna mais complexa, com uma mudança no modo de existência e com o desenvolvimento de uma estrutura mais complexa dos organismos, estas formas de interação com o meio ou de reflexo ativo mudam; todavia, os traços básicos desse reflexo, bem como suas formas básicas tais como foram estabelecidas no processo da história social devem ser procurados não no interior do sistema nervoso, mas nas relações concernentes à realidade, estabelecidas em estágios sucessivos de desenvolvimento histórico (LURIA, 2010, p. 194).

Luria (2010) esclarece que Vigotski partiu da posição, perfeitamente lógica para a filosofia marxista, de que a consciência, que é a 'vida tornada consciente', é sempre significativa e subjetiva em suas características.

A criança, no estágio sensório-motor de seu desenvolvimento, ainda não faz distinção entre si e o mundo exterior, e o reflexo dos estímulos diretos recebidos por ela não vai além das impressões elementares ou de respostas motoras difusas. Na criança, pouco antes do período pré-escolar, estas formas primitivas de consciência são substituídas por formas mais complexas de análise das informações, formadas com o desenvolvimento das ações manipuladoras e a percepção de objetos que surgem em

suas bases, com os traços de seletividade e a constância característica desta percepção (LURIA, 2010, p. 196).

Esse percurso do desenvolvimento humano surge de uma relação dialética dinâmica e complexa. Quando não elaborados de forma qualitativa, geram a má organização ou a não organização dos pensamentos, sentimentos e percepções, e mais que ter a consciência e a percepção exata das condições e adversidades do trabalho que são alheias a sua responsabilidade, é conseguir administrar e se expressar para não resultar no sofrimento/adoecimento. Nesse momento que a linguagem é percebida com aspecto fundamental do desenvolvimento humano, mas imprescindível para as relações, e mais, para tudo que envolva as propriedades objetivas e subjetivas do ser humano.

Finalmente, como foi revelado pelas pesquisas das últimas duas décadas, é com base na linguagem que se formam complexos processos de regulação das próprias ações do homem (Luria, 1956, 1958) — embora, no início, a linguagem seja uma forma de comunicação entre o adulto e a criança, a linguagem vai assim gradualmente se transformando em uma forma de organização da atividade humana (LURIA, 2010, p. 197).

Ao organizar o trabalho, o sujeito elabora, planeja e executa de forma consciente e segura toda e qualquer atividade. Incorpora seus desejos, motivos, necessidades, valores necessários para o alcance dos seus objetivos, pois passa a operar com diferentes sistemas psicológicos, enquanto permanece desenvolvendo o psiquismo. Todo esse percurso passa a ser realizado por meio do pensamento abstrato originário do desenvolvimento da linguagem. Luria (2010) tece comentários sobre a correlação entre as palavras e a consciência, segundo Vigotski;

Enquanto nos primeiros estágios de sua formação o papel principal na estrutura da consciência é desempenhado pelas impressões emocionais diretas, nos estágios posteriores o papel decisivo é assumido inicialmente pela percepção complexa e pela manipulação com objetos, e nos estágios finais, por um sistema de códigos abstratos, baseado na função abstrativa e generalizadora da linguagem. A consciência humana, formada com base na atividade manipuladora, adquire naturalmente um caráter novo, radicalmente diferente dos processos psicológicos dos animais. Vigotski estava, pois, perfeitamente certo ao insistir em que as palavras, como elementos da fala, são correlativas da consciência, são as unidades básicas da consciência humana e não correlativas do pensamento (Vigotski, 1958). Ficará claro como o conceito de consciência, tal como formulado na psicologia moderna, difere radicalmente das noções anteriores, que encaravam a consciência como um estado subjetivo primário, desprovido de conteúdo concreto e de desenvolvimento histórico (LURIA, 2010, p. 198).

Nesse foco, a partir da compreensão do importante papel da linguagem no desenvolvimento do psiquismo que analisamos sob o olhar da Psicologia Histórico-Cultural o quanto o silenciamento das emoções contribui para o sofrimento/adoecimento psíquico docente.

As emoções são processos que decorrem da relação do organismo com o meio, podem sinalizar situações favoráveis ou desfavoráveis para sobrevivência. As condições externas provocam reações comportamentais (bioquímicas, fisiológicas, expressivas e motoras) que

contribuíram para o processo evolutivo e sobrevivência da espécie humana. (MESQUITA; BATISTA; SILVA, 2019).

As emoções são, portanto, na sua gênese, reações do organismo à avaliação contínua da sua relação com o meio e compreendem alterações que ocorrem diante da apreensão sensório-perceptual da realidade, incluindo sensações provenientes do exterior e do interior do organismo (sensações exteroceptivas, interoceptivas e proprioceptivas). Nessa perspectiva, a emoção corresponde ao conjunto formado pelo seu objeto, apreendido sensório-perceptualmente, e pelas sensações corporais decorrentes das alterações orgânicas causadas para facilitar a ocorrência de um comportamento externo adaptativo, necessário à manutenção da vida (MESQUITA; BATISTA; SILVA, 2019, p. 3).

Nesse mesmo sentido, Vigotski (2003) exemplifica que o comportamento e a reação do ser humano ocorre por meio do processo de interação do organismo com o meio, e esse processo ocorrer de três formas. O primeiro caso se dá quando as exigências externas não causam tensão, quando o comportamento flui sem nenhuma intercorrência e o organismo se adapta, predomina sobre o ambiente e gasta o mínimo de energia e força. Outra situação é quando o organismo se adapta com dificuldade ao meio, e o organismo sente uma tensão desmesurada, gastando muita energia, e a adaptação ao meio é mínima. No último caso, ocorre quando há um equilíbrio na interação do organismo com o meio, quando nenhum prepondera, ambos estão equilibrados na disputa. Todos os três casos são essenciais para o desenvolvimento emocional (VIGOTSKI, 2003, p. 117).

Vigotski (2003) entende as emoções como uma reação dos comportamentos nos momentos críticos e desastrosos, como pontos de desequilíbrios, resumo e resultado da conduta que, a qualquer momento retoma as formas do comportamento posterior: “o comportamento emocional tem uma difusão sumamente ampla e, a rigor, até em nossas reações mais primárias é fácil descobrir o aspecto emocional” (VIGOTSKI, 2003, p. 117).

Mesquita, Batista e Silva (2019) entendem que as emoções assim como os processos culturais complexos, são desencadeados a partir dos processos sociais, coletivos, que supõe que as emoções culturais são antes de ser uma reação do ser humano, são padrões culturais de reação.

A relação das emoções com o sofrimento/adoecimento é intrínseca, pois, ao se calar e deixar de expressar seus sentimentos, angústias e medo, o professor acumula sensações que sobrecarregam seu pensamento e provocam diferentes sintomas.

[...] o processo de adoecimento do educador/professor ocorre principalmente pelos agentes estressores enfrentados diariamente na docência e pela maneira que estes são enfrentados. Sabe-se que cada indivíduo responderá de modo diferente a um estímulo, mas isso dependerá da capacidade psicológica, física e intelectual (BAIÃO; CUNHA, 2013, p. 13).

O controle das emoções está fortemente ligado à consciência, a percepção do professor. O prejuízo na personalidade do sujeito que o leva à alienação é resultado da maneira

que se percebe, que administra, organiza e controla as suas emoções, e a ausência de uma instrumentalização emocional pode provocar a instabilidade das funções psíquicas superiores.

A história do desenvolvimento das emoções vincula-se à história da atividade de produção da realidade. Como ser social, o ser humano responde a necessidades forjadas na relação ativa com o mundo, satisfazendo-as por meio da atividade consciente. As emoções se desenvolvem imediatamente após o nascimento, e a cada novo período do desenvolvimento novas formas psíquicas são concebidas e vão provocando mudanças no comportamento da criança (MESQUITA; BATISTA; SILVA, 2019).

É preciso estudar as emoções e de como ela tem a capacidade de influenciar o comportamento do ser humano, é necessário entender como elas vão alcançando funções importantes e passam a regular, mediar, inibir os comportamentos e influenciar a atividade. As emoções compõem a ação do ser humano enquanto desempenha seu trabalho, são partes integrantes de todo processo da atividade, todas as suas relações e de sua vida, e se não são expressadas, se acumulam ao ponto de transbordar por meio do sofrimento/adoecimento.

A periodização do desenvolvimento em geral, bem como do emocional especificamente, corrobora um princípio metodológico do materialismo histórico-dialético, pelo qual o estudo científico das emoções e dos sentimentos demanda a análise desse objeto como processo histórico, no decurso dos períodos do desenvolvimento infantil, explicitando sua origem e explicando suas mudanças a partir das transformações na estrutura e dinâmica da atividade que vincula o indivíduo à realidade (MESQUITA; BATISTA; SILVA, 2019, p. 4).

A tabela 19 demonstra a quantidade de solicitações de afastamento do trabalho por razões de saúde nos últimos 12 meses (período que corresponde aos últimos 12 meses que anteciparam a essa pesquisa), e temos o **motivo da quantidade de vezes em que os docentes se afastaram.**

Tabela 19 – Solicitação de afastamento do trabalho por razões de saúde nos últimos 12 meses. Se sim, por quanto tempo ficou afastado?

Sim		17 (14%)
Não		101 (86%)
Resposta	Frequência	Motivo Período
Uma vez	4	COVID – 19 1 professor por 9 meses (grupo de risco) 3 professores para tratamento (entre 10 a 14 dias)
	1	Não informou o motivo 6 meses
Trinta dias	2	Não informaram o motivo
	1	Cirurgia de catarata
15 dias	2	Não informaram o motivo
3 meses	1	Não informou
20 anos	1	Readaptação de função
10 dias	1	Não informou
7 dias	1	Não informou
5 dias	1	Não informou o motivo
3 vezes	1	Não informou o motivo 5 dias cada uma das vezes que afastou
2 vezes	1	Não informou o motivo nem o período
Total	17	

Fonte: Freire, 2022

Quanto ao número de professores afastados nos últimos 12 meses, podemos inferir duas hipóteses. A primeira é que o instrumento foi aplicado inicialmente no mês de junho de 2021, período em que as aulas estavam ocorrendo por meio remoto devido à COVID 19; a segunda, porque os professores podem sofrer prejuízos salariais em decorrência o afastamento.

Caso a segunda hipótese seja realmente um dos motivos do não afastamento para tratamento de saúde, novamente observamos o silenciamento das emoções frente às angústias e apreensões nas relações com a atividade. As consequências da repressão das emoções podem desencadear sintomas físicos, clínicos, que são não são mais apenas o sofrimento, mas sim o adoecimento psíquico.

Percebe-se que a associação entre distúrbios emocionais e alterações nas funções viscerais, como a hipertensão arterial, se evidencia quando as estruturas límbicas, responsáveis pelas emoções, são acionadas e produzem respostas cardiovasculares e respiratórias (FONSECA, et al. 2009, p. 133).

A percepção de todo o contexto onde realiza o seu trabalho, a identificação das situações que geram a angústia e aflições que levam o professor a sofrer/adoecer. Quando esse sofrimento não é mais algo que faz parte como algo que ainda gere satisfação, do tipo, é sofrido, mas gosto do que faço, algo que não o desmotive, e sim, não aguento mais, sofro sem qualquer prazer, resulta na incapacidade de executar sua ação, passa então, do sofrimento ao adoecimento.

O significado da escola – socializar os conhecimentos – deixa de motivar o professor ao ensino, levando-o a desenvolver outro sentido pessoal para sua ação profissional. Tais pontos interferem na hierarquização de suas atividades e contribuem para a constituição da personalidade marcada pelo adoecimento (FACCI; CRISPIN, 2020b, p. 36).

A consciência do sujeito reforça sua autonomia e subjetividade. É por meio dessa relação que o ser humano realiza suas atividades, objetivando materializar seus desejos, e mantém suas relações coletivas e universais, sem comprometer sua personalidade e sua individualidade. As emoções são aspectos predominantes nesse percurso e contribuem para a permanência da essência e do motivo da atividade:

A partir do exposto sobre as emoções na natureza, a emoção humana pode ser compreendida como os estados do corpo na atividade concreta, dotados de significado e enredo social. Examinando a dinâmica e a estrutura da atividade, identifica-se que as emoções estão vinculadas ao plano concreto (social e histórico) e se expressam na vivência de uma ação concreta (MESQUITA; BATISTA; SILVA, 2019, p. 5).

O uso de medicação nos últimos 12 meses e os medicamentos utilizados pelos participantes foram reunidos e descritos na conforme as indicações de cada medicamento, para elucidar melhor os motivos das prescrições. Houve uma frequência de 73 respostas, como vemos na tabela 20.

Tabela 20 - Toma ou tomou algum medicamento nos últimos 12 meses? Caso sim, qual medicamento?

Respostas / Medicamentos	Indicação	Frequência
Sim		54 (46%)
Não		64 (54%)
Losartana/ Hidroclorotiazida / novanlo / diovan hct / Pres plus / Copressotec/ Pressat Vasopril /Holmes H / Brasart. HCT/ Ablok/ Concor / Propanslol	Hipertensão.	23
1 Nortriptilina / Citalopran / Sertralina Donaren / Fluoxetina / bupropiona	1 antidepressivos 2 indicado para pessoas que querem parar de fumar, ajudando a reduzir os sintomas da síndrome de abstinência e a vontade de fumar. Além disso, também pode ser usada para tratar a depressão.	12
2 VENLIFT/ Venlafaxina	3 antidepressivo da classe dos inibidores seletivos da recaptção da serotonina, que age inibindo a absorção de serotonina pelos neurônios. Os níveis baixos podem causar depressão, síndrome do pânico, ansiedade ou sintomas obsessivo-compulsivos.	
3 Fluoxetina	(diabetes)	6
1 Dipirona	1 dor e febre 2 indicado para dores moderadas a severas de caráter agudo, subagudo e crônico.	6
2 Revange	3 anti-inflamatório e relaxante muscular que pode ser usado no tratamento de doenças como artrite reumatoide, gota, dor na coluna.	
3 TorcilaX	4 indicada para adultos para: tratamento da dor neuropática (dor devido à lesão e/ou mal funcionamento dos nervos e/ou do sistema nervoso) em adultos; como terapia adjunta das crises epiléticas parciais convulsões, com ou sem generalização	
4 Pregabalina		
5 Paracetamol		

	secundária em adultos; tratamento do Transtorno de Ansiedade.	
	5 reduz a febre e proporciona alívio temporário de dores leves a moderadas, tais como dores de cabeça.	
Amoxicilina/azitromicina	Antibióticos	4
Cloridrato de Hidroxizina, Alenia (bombinha) Awamys	soro nasal, antialérgicos problemas respiratórios/sinusite.	4
1 Amato	1 indicado para adultos e crianças, como adjuvante no tratamento de crises epiléticas parciais, com ou sem generalização secundária e crises tônico-clônicas generalizadas primárias/ Insônia.	4
2 melatonina / Zolpidem	2 contribui para uma melhor qualidade do sono e ajuda a tratar a insônia.	
1 Frontal/ alprazolam	1 ansiedade/ fobia.	
2 Venlafaxina	2 indicado para tratamento do transtorno de ansiedade social (TAS), também conhecido como fobia social; tratamento do transtorno do pânico, com ou sem agorafobia.	3
3 Calman	3 calmante leve, indicado nos quadros de ansiedade leve a moderada e distúrbios do sono.	
Pantoprazol/ omeoprazol	para o tratamento de enfermidades causadas pela acidez estomacal.	2
1 Cefaliv	1 destinado ao tratamento das crises de dor de cabeça (cefaleia), incluindo a enxaqueca.	
2 Amitriptilina (de acordo com o participante toma para enxaqueca)	2 Antidepressivo com propriedades analgésicas, utilizado no tratamento da depressão e da dor neuropática.	2
Ibuprofeno/ antiinflamatório	indicado para o alívio da febre e da dor, como dor de cabeça, dor muscular, dor de dentes, enxaqueca ou cólica menstrual. Além disso, também pode ser usado para aliviar a dor de corpo e febre em caso de sintomas de gripes e resfriados comum.	1
Puran T4	reposição ou suplementação do hormônio,	1
Dexilant	medicamento utilizado para tratar lesões e inflamações no esôfago causadas por esofagite erosiva, bem como agir contra o refluxo ácido ou azia.	1
Sinvastatina	reduzir os riscos à saúde decorrentes das doenças cardiovasculares, diminui os níveis do mau colesterol (LDL) e de triglicérides ao mesmo tempo em que aumenta o bom colesterol (HDL) no sangue.	1
Cálcio	mineral essencial para a construção e manutenção dos ossos e dos dentes, além de ser muito importante para a contração muscular e transmissão dos impulsos nervosos.	1
Synthroid	Hipotireoidismo.	1
Prednisolona. (de acordo com participante, tomou para tratamento pós-COVID)	anti-inflamatório e imunossupressor, que é indicado para o tratamento e o controle de vários problemas de saúde, como alergias, distúrbios do sangue, e até certos tipos de câncer, entre outras enfermidades.	1
Total		73

Fonte: Freire, 2022

A Tabela 21 informa os **efeitos positivos e negativos obtidos pelo uso dos medicamentos.**

Tabela 21 – Efeitos positivo e Efeitos negativo do medicamento

Efeitos positivos	Frequência	Efeitos negativos	Frequência
Reduz/estabiliza/controla a pressão	14	Nenhum efeito	15
Alivia a dor	12	Dor no estomago/ gastrite/problema renal/ arritmia / enjoo /dor de cabeça/ Irritabilidade / falta de atenção/ sensação de estar dopada/ visão turva	13
Tranquiliza/relaxa	7	Dependência / medo de ficar dependente do remédio	10
Diminui ansiedade/irritabilidade/depressão	4	Sonolência	6
Melhora a qualidade de vida/saúde	4	Indisposição física/ sensação de cansaço	2
Controla/estabiliza a glicose	3	Ter disciplina	1
Mais disposição	3	Não gosto de tomar remédio	1
Mantém o nível de hormônio	2	Uso prolongado/ contínuo	1
Normaliza o sono	2		
Me ajudam/sinto bem	2		
Relaxa os músculos	1		
Respiração mais leve	1		
Curou a COVID	1		
Controla o colesterol	1		
Total	57		49

Fonte: Freire, 2022

Todos (transtorno mental): disposição para o trabalho, diminuição de tensão e ansiedade e irritabilidade. Os de coluna apenas alívio momentâneo da dor (RESPOSTA H).

A curto prazo não sei, talvez a longo prazo possa prejudicar meu organismo (RESPOSTA I).

Dificuldade de sentir e perceber, sensação de estar "dopada" (RESPOSTA J).

Em relação ao uso de medicação, mais da metade dos participantes 54 (46%) mencionam terem ingerido nos últimos 12 meses, prevalecendo o uso de medicamentos para HAS – hipertensão arterial, os antidepressivos e os para tratamento de diabetes e as medicações para alívio das dores.

O trabalho e suas formas de organização criadas para atender a sociedade capitalista tem trazido inúmeros prejuízos à saúde da classe trabalhadora. Os prejuízos em sua personalidade podem ser observados a partir da ruptura das necessidades objetivas e subjetivas, mais especificamente a perda do prazer e satisfação em realizar sua atividade.

O uso da medicação é histórico e cultural. Busca-se a eliminação do problema de forma imediata e não o conhecimento da causa e percurso do problema de saúde, seja por questões físicas ou psíquicas. Eliminar apenas a dor é prática dessa sociedade que precisa do ser humano pronto a atendê-la e a produzir, e não como algo a ser investigado, amplo e complexo advindo do meio, das relações desconcertantes que interferem na vida do trabalhador.

A prescrição médica tem o poder de determinar e controlar os vários âmbitos da vida das pessoas. Tal fato é mantido por uma lógica que mascara os problemas sociais, transformando-os em individuais, gerando culpabilização no indivíduo e invisibilidade dos reais problemas sociais engendrados por este modo de produção no qual estamos inseridos, que culmina na medicalização da sociedade. Sendo a escola parte desta, adentrou nesse contexto (FACCI et al., 2017, p. 101-107).

Facci et al. (2017) asseveram que a entrada do saber médico na educação é iniciada por meio do Movimento Higienista e prevaleceu à medida que a sociedade foi evoluindo para um tempo cada vez mais acelerado, e ainda, à medida que o professor resiste as diversas situações que afetam sua prática tendem a adoecer.

Conforme conceitos abordados pela Psicologia Histórico-Cultural, a atividade exercida pode ser emancipadora ou alienante, dependendo das relações de sentido e de significado que promove. Logo, a busca de unidade entre aquilo que o professor crê ser o papel da educação e o que exerce ou é forçado a exercer, causa intensos incômodos, e essa é, em nosso entendimento, a gênese de grande parte de seus sofrimentos e adoecimento, levando-o muitas vezes ao consumo de medicamentos (FACCI; ESPER, 2020c, p. 53).

Entre as diferentes condições que podem resultar no sofrimento/adoecimento psíquico, encontra-se a negação ou simplesmente a anulação da subjetividade do sujeito. Esse fato dá-se em função da necessidade de produção e resultados para atender às demandas da sociedade capitalista. Nesse caminho, o professor perde a vontade do fazer, e apenas faz para cumprir. Não há mais a satisfação em mediar, contribuir, mas sim, a obrigatoriedade de exercer e a necessidade de sobreviver.

Essa lógica cientificista e biologizante, que vem pautando nossas vidas, é responsável pela naturalização de diversas práticas sociais e aparta do cotidiano a dimensão das produções de subjetividade, quando é exatamente no cotidiano que essas produções se fazem presentes. Não o bastante, essa organização estabelecida por essa sociedade pautada no capital gera a individualização, o isolamento exagerado. As crianças são medicadas com base nos problemas que lhes são atribuídos, e os professores partilham dessa ideia da medicalização. Os desejos, as demandas, anseios, problemas e responsabilidades estão individualizados (FIORE, 2009, p. 2).

Nesse sentido, Facci e Esper (2020c) ressaltam a importância de analisar qualitativamente as formas que desintegram a psique humana e considerar todos os aspectos que envolvem os meios de trabalhos que são alterados e as possíveis formas de recuperação. O que ocorre é que não considera se o contexto que causa o sofrimento/adoecimento resultando na medicalização do professor, e dessa maneira o responsabilizando pela sua doença.

As doenças são banalizadas, como se fizessem parte da vida cotidiana, e comumente recorre-se a histórias de personagens famosos que tiveram alguma patologia, mas que conseguiram superá-la pelo uso de medicamentos. Se a cura depende somente do uso do medicamento, então tenta-se convencer o leitor, a todo custo, que o problema está nele, em seu corpo, no aspecto biológico (FACCI; ESPER, 2020c, p. 62).

Os efeitos da medicação, quando apontados como positivos, revelam o alívio do sofrimento/adoecimento psíquico, sejam físicos ou psicológicos. Nas respostas dos docentes entrevistados, é perceptível a busca pela cessação da dor e a permanência da sensação de obrigatoriedade de trabalhar, e não a intenção de expor o que de fato o incomoda. Resgatando os dados que antecederam sobre os problemas de saúde e o uso da medicação, se torna cada vez mais nítido o quanto as condições de trabalho levam os professores a perceberem o conjunto a sua volta, e diante o seu silêncio sofre/adoece psicologicamente.

O professor, no contexto de luta pela sobrevivência no trabalho, recorre muitas vezes, ao uso de medicamentos. O significado da educação, que deveria ser a transmissão-apropriação dos conhecimentos científicos, não é o mesmo sentido que o professor, frequentemente, tem em relação ao seu trabalho: desenvolve sua prática para sobreviver (FACCI; ESPER, 2020c, p. 70).

Novamente o capitalismo age, ao referendar a farmacologia como alternativa do fim do sofrimento/adoecimento psíquico, e não o interesse em entender e investigar as verdadeiras causas que o originaram. Não permite ao trabalhador expressar o que lhe causa realmente o sofrimento/adoecimento psíquico e apontar as circunstâncias do contexto de trabalho que podem contribuir para essa situação.

Uma sociedade fortemente medicalizada é fruto de grandes investimentos da indústria farmacêutica que, sem considerar as reações adversas, promove o medicamento como o único meio de obter o bem-estar (FACCI; ESPER, 2020c). Em relação aos efeitos negativos da medicação, apesar de a maioria dos participantes ter respondido não ter nenhum sintoma, as outras duas maiores frequências mencionam o medo da dependência da medicação e os sintomas clínicos causados pela ingestão do medicamento.

Sob uma perspectiva consumista, pela busca do bem-estar a qualquer preço, em que há a banalização das doenças e dos medicamentos, os indivíduos são levados cada vez mais ao consumo de uma quantidade enorme e variada de medicamentos (FACCI; ESPER, 2020c):

A forma como a sociedade desconsidera a historicidade, as relações, e empurra exclusivamente ao ser humano a responsabilidade de toda as situações, inclusive as da sua saúde e/ou doença, ocorre devido a individualidade instaurada na maneira que está organizada e de como se esquivava de qualquer compromisso e responsabilidade com os seres humanos que fazem parte dessa mesma sociedade. É de caráter individual, você é responsável, logo, você deve se tratar, e não prejudicar a produção, assim se medica e não pare.

Entendemos que esta mesma sociedade, que revela os produtores, demonstra a forma como os sujeitos vêm sendo formados e educados, formação esta que deveria ser responsável pela humanização dos homens e pelo desenvolvimento psicológico, mas que vem produzindo um desenvolvimento parcial e a consequente desumanização. Por meio desse processo, que evidencia a forma como o gênero humano vem lidando com os insumos tecnológicos e com o remédio, o medicamento se constitui em uma mercadoria, é consumido e acaba por influenciar todas as esferas da vida das pessoas,

prometendo soluções rápidas e milagrosas para problemas de ordem social (FACCI et al., 2017, p. 107).

Os que não consideram que os problemas de saúde prejudicam a sua atividade profissional está representado na tabela 22. Os participantes especificaram os **prejuízos impostos à atividade pelos problemas de saúde**, que são inúmeros, como ansiedade, dificuldade de concentração, absenteísmo devido aos efeitos da medicação ou aos sintomas, irritabilidade, estresse, mudança de humor e outros:

Tabela 22 – Você considera que os problemas de saúde enfrentados causam prejuízo na sua atividade profissional? Considerações sobre os prejuízos na atividade devido aos problemas de saúde

Sim	29 (25%)
Não	89 (75%)
Respostas	Frequência
Ansiedade, dificuldade de concentração, prejuízos no desempenho do trabalho	9
Absenteísmo devido os efeitos da medicação ou sintomas	5
Irritabilidade; estressada; mudança de humor	4
Não se aplica	4
Dificuldade para trabalhar, relacionar com colegas ou alunos	3
Sensação de cansaço, indisposição, falta de concentração devido a medicação	3
Total	28

Freire: (2021)

Considerando que o trabalho garante ao ser humano a sua independência e a sua humanidade, é a partir de seus resultados que a qualidade e a motivação se tornam características dos seus objetivos. Por meio da atividade, percebemos as propriedades do desenvolvimento humano, pois devido à sua complexidade e magnitude, o ser humano tem a capacidade de realizar transformações na natureza que podem provocar mudanças em sua própria vida e na vida de outras pessoas.

A escola, enquanto uma instituição organizada, sistematizada, na sociedade atual pode contribuir para a formação da consciência dos alunos. O professor, nesse caso, colabora para esse processo, uma vez que cabe a ele, por meio da transmissão dos conhecimentos científicos, fornecer subsídios para que o aluno compreenda a realidade para além da aparência.

Sendo a consciência o reflexo psíquico da realidade, por meio do conhecimento das várias ciências, o professor instrumentaliza o aluno para que possa analisar os fatos e, na coletividade, buscar transformá-los. Ele contribui para própria formação humana (CANTARELLI; FACCI; CAMPOS, 2017, p. 25).

Por representar uma atividade singular para o desenvolvimento humano, o trabalho docente precisa estar integrado aos seus motivos objetivos e subjetivos, atrelado as suas funções superiores, como a percepção que lhe permite ter consciência da sua ação e tudo que a envolve. A partir do momento em que o professor deixa de realizar a atividade com prazer, suas ações não mais atenderão às suas reais necessidades e não alcançarão seus objetivos, tornando-se uma atividade mecanizada, pois as necessidades não são mais as do sujeito, a não ser a necessidade de sobreviver.

Sem necessidades e aspirações próprias, o sujeito se nega. Sua atividade é executada somente pelo valor de troca, não manifesta sua individualidade, característica própria da organização capitalista (MARTINS, 2004):

Alguns transtornos e doenças relacionados ao trabalho têm sido característicos do trabalho atual, marcado por novos modelos de gestão flexíveis, que solicitam mudanças e pressões constantes na atuação dos profissionais. A tensão resultante está muitas vezes associada a ambientes de trabalho marcados por violência psicológica e, em situações extremas, a assédio moral no trabalho (MOREIRA; RODRIGUES, 2018, p. 239).

Assim, Gouvêa (2016) assinala como a expansão da educação básica contribuiu para gerar condições desfavoráveis de trabalho e, ao mesmo tempo, instigado estudos sobre o adoecimento docente, pois diante a universalização da educação básica, o país produziu uma elevação na incorporação da força de trabalho dos professores. Nessa direção, o adoecimento docente como consequência de suas condições de trabalho, vem sendo tema de estudos tanto no âmbito acadêmico quanto nas instituições sindicais.

questionamos se a atividade docente pode ter sido a causa dos problemas de saúde, e pedimos aos participantes que responderam que sim, que a **atividade docente pode ter causado o problema de saúde** para especificar de que maneira. A maior frequência de 10 professores, foi dos que acreditam que os fatores excesso de trabalho e excesso de prazos são os responsáveis.

Tabela 23 – Considera que a atividade docente pode ter provocado seu problema de saúde? Se sim, como o trabalho pode ter causado seu problema de saúde

Sim	22 (19%)
Não	96 (81%)
Respostas	Frequência
Excesso de trabalho e de prazos	10
Falta de respeito, motivação, companheirismo, apoio, ambiente desfavorável	6
Devido ao trabalho, estudo	2
Postura inadequada por longo período	1
Ausência de resultados	1
Gradativamente	1
Total	21

Fonte: Freire, 2023

Analisando as respostas em relação à possibilidade de o trabalho ter provocado o problema de saúde, é evidente o desencadeamento do sofrimento/adoecimento docente devido às condições e exigências de trabalho impostas pela sociedade neoliberal. Como verificado em outros estudos as condições de trabalho atingem diretamente a saúde do professor e podem desencadear o sofrimento/adoecimento psíquico caso não seja realizado ações, programas, formações que possam instrumentalizar os professores para enfrentarem as adversidades do dia a dia.

Sob essa perspectiva, Freitas e Cruz (2008) apontam como a organização de trabalho pode ocasionar o sofrimento/adoecimento dos professores frente as insatisfações e constrangimentos que estão submetidos ao longo da história profissional, as diferentes patologias, o absentéismo e até mesmo o abandono da profissão, tem instigado estudos mais aprofundados.

O professor, exigido pela necessidade de se adaptar as condições sociais, econômicas, tecnológicas e ainda pela exigência continua de se manter atualizado diante da rápida transformação do conhecimento científico entre outros fatores da vida moderna, torna-se vulnerável as manifestações de estresse (FREITAS; CRUZ, 2008, p. 7).

A qualidade de vida no trabalho requer estrutura e recursos apropriados para o bom desenvolvimento das atividades, assim como para a saúde, segurança e satisfação dos indivíduos (MOREIRA; RODRIGUES, 2018).

Em se tratando do trabalho docente, as exaustivas cargas horárias, o excesso de burocracia e de prazos e os ambientes de trabalho, as relações, integram alguns dos vários fatores citados pelos participantes, que se confirmam em outros estudos que apontam como a organização atual do trabalho tem provocado prejuízos na saúde do trabalhador.

Numa quadra de precarização do trabalho, com a lei da acumulação capitalista se impondo cada vez com mais celeridade, na qual aumenta a concentração de riqueza na mão de poucos ricos e aumenta o número de pobres cada vez mais pobres, as subjetividades se tornam cada vez mais empobrecidas (SOUZA, 2017, p. 171).

O trabalho organizado pela sociedade atual promove o sofrimento/adoecimento psíquico do professor por oferecer condições desumanas, exigências exacerbadas e por pormenorizar a contribuição do professor para o desenvolvimento humano e de toda sociedade. Trata se de uma organização precarizada que vem sendo estendida por um longo tempo e que não induz a nenhuma tendencia de mudança.

3.4.5 Trabalho remoto e adoecimento docente

O ser humano enfrenta a natureza como uma força da natureza." O organismo enfrenta o mundo como uma magnitude que luta ativamente e enfrenta as influências do ambiente com a experiência herdada. O ambiente esmaga e forja essa experiência com uma espécie de marteladas e a deforma. O organismo luta pela autoafirmação. O comportamento é um processo dialético e complexo de luta entre o mundo e o ser humano no seio do próprio ser humano. E, no desenlace dessa luta, as forças do próprio organismo, as condições de sua construção herdada, desempenham um papel igual ao das influências incisivas do ambiente (VIGOTSKI, 2003, p. 78-79).

Neste eixo, estudamos as condições de trabalho e percepções do professor durante o período da pandemia da COVID 19. Na questão organizada na Tabela 24, investigamos o quanto o **trabalho remoto durante a pandemia pode ter prejudicado a saúde dos professores**.

Tabela 24– A pandemia prejudicou sua saúde?

O trabalho remoto prejudicou sua saúde?	Frequência	Caso tenha prejudicado sua saúde de que forma?	Frequência
Não prejudicou	57	Saúde física	07
Prejudicou levemente	31	Saúde psíquica	32
Prejudicou moderadamente	20	Ambas	23
Prejudicou gravemente	09	Não houve prejuízos	56
Perdeu espaço, a privacidade*	01		
Total	118	Total	118

Fonte: Freire, 2022.

“Perdi meu espaço privado, agora a sala de aula está em todos os lugares, no meu WhatsApp pessoal, no meu Facebook, no YouTube, em desafios..., mas totalmente distante de quem realmente precisa, crianças que não têm conseguido usufruir do seu direito à educação, ou ainda pior, que estão recebendo essa educação por meio de metodologias que não contribuem para o seu desenvolvimento” (RESPOSTA L).

Apesar de 57 participantes terem respondido que a sua saúde não teve prejuízos durante a pandemia, somando as demais respostas que tiveram prejuízos de forma leve, moderada e grave e uma resposta dissertativa, 61 responderam que tiveram algum tipo de prejuízo. Ao solicitar que informassem como percebem o prejuízo, novamente a soma da maneira como a saúde foi prejudicada prevalece, em comparação com os que não tiveram qualquer prejuízo.

Não nos restam dúvidas de que a pandemia apenas intensificou uma crise já existente, uma crise muito além da saúde pública, mas também social. No contexto da pandemia, setores tradicionalmente organizados em razão de atividades coletivas, como é o caso da educação e da cultura, foram bastante afetados (SOUZA et al., 2021). Ainda sobre tais questões em relação à pandemia, Teixeira (2020) pontua:

A pandemia do Coronavírus não é um evento de apreensão imediata, que pode ser considerado apenas na dimensão dos seus efeitos sobre o corpo biológico, nem mesmo se acrescentarmos a isso, os impactos na saúde mental decorrentes do medo do contágio e das mudanças abruptas produzidas pelas práticas de isolamento social. Evento complexo, a pandemia nos convoca a compreendê-la na multiplicidade de suas consequências sociais, culturais e econômicas, como também nos seus efeitos sobre os modos de subjetivação. Não por acaso, diversos intelectuais acreditam que estamos diante de um acontecimento histórico, que marcará os rumos do mundo como o conhecemos desde a modernidade, embora haja divergências radicais nas leituras de como será esse novo mundo (TEIXEIRA, 2020, p. 202).

Devido à pandemia, os professores tiveram que se adaptar a um novo modelo de trabalho, e a carga de tarefas para desenvolver duplicaram, e com isso a saúde emocional foi

sobrecarregada por estar submetida as mudanças repentinas das atividades e as exigências do novo modelo de ensino. Como na área da saúde os profissionais tiveram que aprender a realizar suas funções perante o risco desconhecido, os professores também tiveram que modificar a maneira de trabalho. Apesar das disparidades das funções durante a pandemia, tanto a saúde quanto a educação sofreram com excessiva carga emocional.

Em meio à pandemia, o fator emocional também está atrelado ao trabalho docente. Sentimentos de ansiedade, estresse, angústias, incertezas, acúmulo de informações e, principalmente, o acréscimo de tarefas a serem realizadas pelo professor são temas diariamente discutidos desde o início do estabelecimento das atividades remotas, onde, a partir da invasão do ambiente domiciliar, o docente possui a difícil tarefa de fazer a distinção entre vida privada e vida profissional (DELFINO et al., 2020, p. 250-251).

Diferentes níveis de governo aderiram ao sistema do trabalho remoto, mas em sua maioria, poucos se preocuparam com o professor e suas condições na realização das atividades, tão pouco com as condições dos alunos, e frente essa situação as ordens eram entre algumas gravas vídeos, manter o aluno online prestando atenção, elaborar exercícios, mesmo sabendo que a grande maioria, se não, todos alunos da rede pública não disponibilizassem qualquer acesso à internet ou qualquer equipamento que pudessem utilizar para manutenção do aprendizado.

“A quantidade de informações que estamos recebendo e tendo que lidar durante a pandemia; problemas com a internet da nossa cidade” (RESPOSTA M).

A nível estadual e municipal houve também a adesão ao ensino remoto por meio da aquisição de plataformas privadas, que reduzem o trabalho educativo a elaboração de tarefas e a gravação de aulas transmitidas pela TV ou de modo síncrono. O discurso de alguns gestores da mídia passa, em maior ou menor grau, por “o tempo está passando e como ficarão nossas crianças sem aula?” ou ainda “é uma oportunidade de nos reinventarmos e criarmos uma escola do futuro”. Sem oferecer nenhuma condição, resta ao docente fazer um esforço desumano para conseguir estabelecer algum contato educativo com o estudante (NETO; PIRES, 2020, p. 52).

Como uma tempestade, a falta de empatia transborda em meio a cobranças, desvalorização, desrespeito e descaso com o trabalho docente. E toda a fúria dessa tempestade brotou desenfreadamente de todos os lados, governos, pais, gestores locais, e nem mesmo os alunos pouparam os julgamentos. As constantes críticas em relação ao professor provocaram a retomada das discussões sobre as formações. Pois, as dificuldades em realizar o ensino remoto denunciou a fragilidade das formações quanto ao uso das tecnologias. Essa percepção fez com que o professor desencadeasse diversos sentimentos negativos.

Nesse contexto em que vidas são tratadas como números, o sofrimento psíquico, a sobrecarga do trabalho, os assédios sofridos no trabalho, entre outras questões, seguem sendo desprezadas. Não é a qualidade do ensino ou a segurança dos atores da escola que é colocada em pauta, mas a ideia de que professores precisam voltar ao seu trabalho para justificar seu salário (NETO; PIRES, 2020, p. 52).

A percepção do professor sobre o novo modelo de trabalho ocasionou sentimentos de angústias, ansiedade, insegurança que contribuíram para o surgimento ou o agravamento dos problemas de saúde. Se tratou de uma situação que o professor mesmo diante da percepção real das condições precárias de trabalho foi obrigado a exercê-la para atender as cobranças.

Diante de condições tão extenuantes, incertas e que impedem o professor de saber se sua vida material está garantida no próximo mês, aliado ao fato de que sua atividade fim – educar os estudantes – está impossibilitada e, além disso, é preciso fingir, com um sorriso no rosto, que ali está acontecendo uma aula normal, não há dúvida que o sofrimento psíquico adoeceador será inevitável. Essa situação forma o professor cindido: de um lado, preocupado com seus estudantes e sem querer perder o vínculo com ele, angustiado com sua possibilidade de evadir, ou mesmo não ter nenhum contato com o patrimônio da humanidade a ser ensinado, o professor tenta fazer o melhor que pode nessas condições. Do outro, a vigilância de ter suas aulas gravadas, do questionamento sobre sua competência, a pressão constante do patrão (do estado ou da iniciativa privada) e o medo da situação em que o mundo se encontra tornam o peso desta proto-docência insuportável (NETO; PIRES, 2020, p. 54).

Tozatto (2020) nos remete à resposta do participante identificado nesse trabalho pela letra L, que em seu texto, a autora descreve como o trabalho remoto interferiu em sua vida particular e em seu estado emocional:

O trabalho passou a ocupar a maior parte do meu dia. Reservava as tardes para preparar as aulas e esse tempo era dividido com inúmeras e intermináveis reuniões. Durante a manhã, eu me dedicava a cuidar dos afazeres domésticos e das atividades do meu outro emprego. Inúmeras outras demandas foram surgindo: atendimento aos alunos (de outros cursos) em crise, lives sobre saúde mental, estágios clínicos e supervisão. Os links de reuniões começavam a me causar um sentimento de angústia, comecei a me sentir sobrecarregada. Via minhas amigas cuidando de si, fazendo artesanatos, montando jardins e eu só conseguia trabalhar, trabalhar e trabalhar. Parei de produzir, parei de sentir prazer em ler. Eu só contava os minutos para desconectar, sentar na minha varanda e beber uma taça de vinho no final da noite. Com isso me desconectei da minha filha e mergulhei em crises de ansiedade diárias (TOZATTO, 2020, p 276-277).

A nova forma de ensino e suas consequências também foram verificadas por Souza et al. (2021) em uma pesquisa com professores de diferentes níveis de ensino que sofreram por terem que migrar de uma forma de trabalho para outra nunca antes experienciada e sem as condições necessárias para poder exercê-las.

As condições adversas enfrentadas pelos professores nessa migração das aulas presenciais para as plataformas virtuais são diversas evidenciadas por 92% dos professores brasileiros. Essas dificuldades englobam desde condições materiais e informacionais a conflitos na dimensão das relações interpessoais. Dentre essas condições adversas destacam-se as dificuldades em pensar uma didática adequada para as aulas on-line (53%) e as dificuldades inerentes à preocupação em decorrência do não acesso dos alunos às atividades (51%), sendo essa mudança abrupta e não planejada dos ambientes de ensino, reconhecidamente difícil tanto para professores quanto alunos. Essas dificuldades vivenciadas pelos professores estiveram associadas ao aumento nas condições de depressão, ansiedade e estresse (SOUZA et al., 2021. p. 149-150).

O cenário de crise pandêmica trouxe uma dura verdade, difícil de ser aceita: a vulnerabilidade da vida humana, a certeza de que há uma linha tênue entre a vida e a morte e que, um dia, o pêndulo da vida se inclinará para o outro lado (LADEIRA, 2020).

Dos professores que responderam ter tido dificuldade em exercer a atividade docente, como mostra a Tabela 25, houve igualdade de frequência de respostas. **As dificuldades apontadas pelos professores** são de diferentes naturezas, desde a falta de domínio da tecnologia, a falta de recursos para uso da internet, a produção de materiais para a preparação das aulas, até sentimentos como frustração em termos do rendimento, ansiedade, preocupação, exaustão, estresse e medo do adoecimento, entre outros fatores.

Tabela 25 – Você teve dificuldade de exercer seu trabalho em tempo de pandemia? Caso sim, qual?

Sim	59 (50%)
Não	59 (50%)
Respostas	Frequência
Dificuldade em lidar com a tecnologia / falta de materiais – acesso (internet)	13
Elaborar as atividades / gravar vídeos / digitar	11
Ansiedade / preocupação / exaustão / estressada / Exposição dos professores durante a busca ativa / medo / adoecimento	11
Ausência das aulas presenciais	8
Pouco rendimento devido às aulas remotas	6
Pouco retorno das atividades dos alunos	5
Ter que cumprir prazos / cobranças / falta de direcionamento	3
Os alunos não tem acesso à internet	3
Falta de recursos em casa / Gastos com internet	2
Vários	1
Total	63

Fonte: Freire, 2022.

Quando falamos de dificuldades na educação, temos a clareza de que existem, seja no modelo tradicional de ensino (presencial) ou no ensino remoto. Há tempos a educação pública brasileira tem comportado inúmeras incongruências que respaldam em todos os personagens do contexto escolar, o que ocorreu com a pandemia foi a exposição das condições existentes e a afirmação das desigualdades e da falta de estruturas materiais e humanas necessárias para uma educação de qualidade.

Escrever sobre educação e pandemia é, portanto, um grande desafio. Em primeiro lugar, porque a pandemia é um evento em andamento, sem que saibamos ainda os seus desdobramentos e suas consequências. Em segundo, porque a educação no Brasil já estava alinhada a um projeto neoliberal, que é decisivo para compreensão do cenário onde a ela se instaura e, portanto, para os rumos dos acontecimentos (TEIXEIRA, 2020, p. 202).

O isolamento social foi uma das estratégias adotadas por governos e autoridades sanitárias para a contenção da COVID-19 e se estendeu às escolas. O professor, de forma instantânea e forçosa, teve a sua modalidade de trabalho reformulada mesmo não tendo nunca

vivenciado esse método de trabalho, e consciente da pouca ou nenhuma condição favorável para sua realização.

A pandemia da COVID-19 nos tem feito vivenciar diversas experiências antes inimagináveis. Dentre elas, a impossibilidade da continuidade de aulas presenciais, desde março de 2020, tem causado forte impacto no cotidiano dos alunos e de suas famílias, na comunidade escolar e, especialmente, no trabalho docente (SILVA; PIATTI, 2021, p. 2)

No mesmo caminho, Teixeira (2020) acrescenta que o trabalho remoto gerou inúmeras questões e desafios que afetaram o trabalho docente, dentre eles, estão a necessidade de adaptar o modelo de trabalho para dar continuidade as atividades escolares utilizando as tecnologias, reconfigurando o ensino. Junto ao novo modelo de trabalho, houve o aumento das exigências e o professor não se deu conta da quantidade de serviço que passou a realizar extra aula.

A princípio, foi solicitado que cumpríssemos metade da nossa carga horária em aulas online, para dispendir o tempo restante nas outras atividades, mas em pouco tempo não só nos vimos cumprindo todo o horário contratado de aula (pois os conteúdos não foram modificados e exigiam este tempo) como precisávamos nos desdobrar nas novas demandas obrigatórias no ambiente remoto como fazer chamada, viabilizar a entrada dos alunos na sala, escutar e acolher as queixas, os medos e as inseguranças que atravessavam a todos (TEIXEIRA, 2020, p. 211).

O professor se deparou com a obrigatoriedade de manusear os diferentes dispositivos tecnológicos para exercer a sua atividade durante o período da pandemia, porém é fato que as escolas públicas não disponibilizam de condições e recursos eletrônicos que pudessem favorecer ou colaborar para que o ensino ocorresse de fato. Muitos professores, ainda se utilizam dos quadros negros e giz para ensinar, o acesso à tecnologia não é uma privação apenas dos alunos, mas de todos que compõem esse contexto, e mais esse modelo de trabalho estruturou, escancarou a precariedade do trabalho docente. Todos sofreram, estão sofrendo e sofrerão com as consequências da pandemia do COVID-19.

No arremedo de educação, “aqui tudo parece que era ainda construção, e já é ruína”. A pandemia somada aos ditames neoliberais de política de morte, orquestrada por um fascista, tem vulnerabilizado ainda mais a educação pública, que, não mais vista como necessária aos interesses burgueses, míngua na precarização louvada por entusiastas das tecnologias digitais (CARVALHAL; OLIVEIRA; RIBEIRO, 2020, p. 30).

As cobranças, a duplicidade das tarefas e a sobrecarga de trabalho foram, aos poucos, se intensificando, foi necessário que os professores aprendessem em tempo recorde a manusear e utilizar ferramentas para elaborar e realizar as aulas, as avaliações, gravações, e correções, tudo como se fosse algo natural, não sendo. Não é natural quando não se tem acesso a esses mecanismos no dia a dia, também não é, quando se tem que fazê-lo por conta própria utilizando também os seus próprios recursos digitais.

Silva e Piatti (2021) apresentam dados que corroboram com os elementos levantados por outros pesquisadores quanto ao uso das tecnologias pelos professores durante o ensino

remoto. Todas as pesquisas veem apresentado a escassez de materiais tecnológicos nas escolas e as cobranças sofridas pelos professores quando tiveram que mudar a forma de trabalho.

A informação de que a grande maioria (89%) dos professores/as não possuía nenhuma experiência com ensino remoto não nos causou surpresa, mas a informação de que, diante desse quadro 41,8% dos/as professores/as puderam contar apenas com seus esforços para realizar as atividades que envolviam recursos tecnológicos se mostrou assustadora. Aliado a isso, pesa o fato de que mais da metade dos colaboradores se declaram despreparados para as atividades exigidas na modalidade remota (SILVA; PIATTI, 2021, p. 11).

Somando-se às dificuldades do professor, a realização para o ensino remoto também depende de que o aluno possua os recursos necessários (celular, computador, acesso à internet). Mas não foi essa situação verificada na maioria das escolas públicas e que foi denunciada durante a pandemia. Apesar dos discursos terem sido em prol a manutenção e regularidade do ensino, não foi o que se constatou. Ao contrário das escolas privadas que sempre disponibilizaram condições estruturais para o aprendizado de seus alunos e de trabalho para os docentes, as escolas públicas se viram despidas das ferramentas necessárias para a permanência do ensino. A desigualdade de oportunidades nunca foi tão evidenciada quanto na pandemia.

Enquanto que, para estudantes nascidos e criados em áreas nobres das grandes capitais brasileiras, com acesso pleno aos mais diversos recursos educacionais, o grande obstáculo atual entre uma aprovação ou não no Enem parece ser o foco e a determinação para continuar seus estudos remotamente, a população periférica - que sequer possui acesso significativo aos aparatos tecnológicos de ponta que são exibidos no ambiente de estudos de cada um dos jovens no vídeo - enfrenta outros desafios, que vão muito além do simples desejo de estudar (HEINSFELD; PINTO, 2020, p. 157).

Pois nem todos os responsáveis possuem acesso às aulas remotas, com isso meu trabalho não chega a todos os alunos (RESPOSTA N).

Mesmo diante da disponibilidade e interesse dos professores e demais colaboradores, na tentativa de manter o ensino, as desigualdades sociais já estabelecidas antes mesmo da pandemia foram escancaradas. Embora seja recente apontarmos as consequências para a educação devido às inúmeras dificuldades na realização do ensino remoto, é plausível inferirmos que não são superficiais e tão poucas reversíveis. Temos a consciência de que a pandemia muito contribuiu para o escancaramento dessas desigualdades e mais pavorosa foi a constatação do quanto a sociedade neoliberal, além de ter conhecimento dessa realidade, normalizaram a barbárie. A pandemia apenas colaborou para

Em nosso contexto atual, em que deslocamentos e interações sociais foram cerceados por conta do inimigo invisível SARS-CoV-2, projetamos um desejo insaciável pelo “novo normal”. Afinal, “a vida não pode parar”. No entanto, às populações pobres, faveladas e periféricas, esse “novo normal” nunca foi genuinamente ofertado: a violência, o extermínio e a fome indicam que o único “normal” proposto a esses territórios é a normalização da barbárie pelo olhar daqueles que apenas observam, de longe, essa realidade (HEINSFELD; PINTO, 2020, p. 168).

Os recursos tecnológicos não são acessíveis a todos os alunos, os pais não conseguem acompanhar o aprendizado dos filhos e como consequência, as crianças não tiveram nem de longe o aproveitamento que teriam em dias de aulas normais (RESPOSTA O).

A tabela 26 trata da **disponibilização de recursos tecnológicos** para o desempenho da função.

Tabela 26 – Foram disponibilizados os recursos tecnológicos para o desempenho das atividades docente? Caso sim, quais?

Respostas	Frequência
Sim	67 (57%)
Não	51 (43%)
Recursos como redes sociais / celular / e-mails / computadores / Google drive / Google Meet/vídeos / lives	18
Acesso à internet	15
Sistema Tagnos	14
Sala de tecnologia / sala para aplicação das atividades / meios midiáticos / capacitação e Orientações / impressões / material de apoio / atividades complementares / etc.	13
Formação para professores / oficinas / treinamentos / reuniões para uso de ferramentas tecnológicas / edição de vídeos	8
Plataforma online	5
Wi fi liberado para comunicação através de Whatsapp	4
Recursos próprios	2
AVA	2
Tripé para celular	1
Utilizo a internet de casa, pois a internet da escola é muito lenta	1
Total	83

Fonte: Freire, 2023.

Internet e computadores, entretanto, em home office, os recursos são todos particulares, envolvendo aplicação financeira própria para manter o funcionamento (RESPOSTA P).

Tenho internet em casa e no trabalho (escola). Contudo, na escola a internet é muito lenta (RESPOSTA Q).

Como se não bastasse o novo cenário que a pandemia impôs aos trabalhadores e em especial aos professores, além de novas formas de preparar, executar e acompanhar as aulas, o ensino remoto atribuiu a esses profissionais de forma contundente a pressão em lidar com as tecnologias, sem quaisquer outras alternativas, como se fosse algo simples. Mas, diante da necessidade de conter o vírus do COVID-19, o ensino remoto foi a única maneira que se pensou como meio de dar continuidade no ensino, contudo, o que não se pensou é que essa forma de trabalho iria intensificar o trabalho do professor, além de gerar um grau elevado de sofrimento/ adoecimento psíquico. Anterior a pandemia, a tecnologia por meio da educação a distância já se apresentava como uma imposição, pois diante a criação de cursos por meio de plataformas online essa metodologia já se apresentava, mas nada tão repentino e estruturação.

Apresentada como possibilidade que “amenizava” o desinteresse dos poderes públicos em investir em mais políticas públicas de construção e expansão das universidades, a inclusão acontecia nos remendos da precarização, enquanto abria caminho para a iniciativa privada explorar mais um nicho de mercado. Um exemplo bastante representativo é o caso da formação de professores em nível inicial, em especial a partir da década de 1990 (CARVALHAL; OLIVEIRA; RIBEIRO, 2020, p. 32).

Tamanha desigualdade de condições de acesso aos recursos sociais e educacionais, aprofundada com o modelo remoto de ensino, tem como consequência o êxito e a permanência dos alunos da classe média e alta e o fracasso escolar dos pobres (CASTRO, 2020).

Não se resume apenas em ter acesso aos materiais eletrônicos, mas a dificuldade em ter acesso a internet, que é uma realidade do povo brasileiro, e que mesmo diante um aumento na expansão desse serviço, poucos são os que conseguem adquiri-los. Essa mesma população que não tem acesso à internet, é a população que está à mercê do ensino ofertado nas escolas públicas e que terão como resultado a impossibilidade de terem na educação uma maneira de transformar suas vidas.

De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), uma em cada quatro pessoas no Brasil não tem acesso à internet. Em números totais, isso representa cerca de 46 milhões de brasileiros que não acessam a rede. Nas casas em que se observou acesso à internet, a renda média por pessoa era de R\$ 1.769,00, já nas casas que não tinham acesso, a renda média por pessoa era de R\$ 940,00, praticamente a metade. Não por coincidência se trata, justamente, da mesma parcela da população a quem ainda hoje tem sido negado o acesso à educação básica, e para quem tem sido oferecido, no caso dos que têm acesso à escola, condições pedagógicas de péssima qualidade e geralmente pautadas pela lógica economicista. Nesse barulho, a boiada da EaD vai sendo empurrada, fundamentada na naturalização das desigualdades, retroalimentando o darwinismo social do “faz parte do processo, sempre tem uns que caem e outros que resistem” (CARVALHAL; OLIVEIRA; RIBEIRO, 2020, p. 30-31).

Esse momento foi propício para o favorecimento da privatização de determinados serviços para a escola pública, com a justificativa de melhorias, a empresas privadas adquiriram espaços e foram se estabelecendo com as promessas de melhoria no ensino por meio das plataformas digitais, porém não são os alunos das escolas públicas que realmente foram ou serão os verdadeiros beneficiados.

No caso da escola pública, o vírus COVID-19 forneceu, entre outras coisas, espaço necessário para o Estado abrir brechas para fazer “parcerias” com a iniciativa privada, adquirindo plataformas digitais pagas e fazendo um processo pedagógico excludente, visto que a maioria da população não tem acesso à internet e nem condições de estudo nas suas casas. Se o ensino remoto já é um simulacro de aula presencial, no contexto do ensino público, por falta de condições objetivas e a desigualdade abissal, escancarada na pandemia fruto do neoliberalismo, esse simulador é ainda mais precário e pode prejudicar gravemente os filhos da classe trabalhadora (NETO; PIRES, 2020, p. 44).

Como se não bastasse a desigualdade social e econômica, outra situação evidenciada durante a pandemia foi também a desvalorização e as constantes críticas ao professor, como se a escolha pelo ensino remoto coubesse total responsabilidade a esse profissional. A sociedade está tão alienada que não perceberam que os professores sofreram tanto quanto os alunos, ou

até mais, porque observaram a verdadeira realidade ser escancarada e confirmada, a precariedade do ensino e a falta de condições para exercer a profissão.

O que se percebe também é que o momento atual despontou uma crescente desvalorização deste profissional e uma enxurrada de críticas indevidas pelos mais diversos motivos. Facilmente nos deparamos com comentários pejorativos que se dirigem ao professor como alguém que hoje “recebe o salário sem trabalhar”, ou como, “ganha para ficar em casa”. Esses comentários apontam a falta de reconhecimento e empatia em relação ao trabalho docente (FREIRE; RODRIGUES; URT, 2020, p. 2).

Neto e Pires (2020) rebatem as críticas aos professores ao ouvirem que são profissionais resistentes ou tecnofóbicos, pois não se trata de não querer aceitar a tecnologia e utiliza-la, mas sim, de ter de entender que é preciso que a sociedade esteja realmente envolvida nesse processo, que a tecnologia seja de fato acessível a todos.

Chamar qualquer professor de resistente ou tecnofóbico quando faz alguma crítica à inserção da tecnologia dentro de uma lógica mercadológica tem apenas como função minar o debate e deixar transparecer que a tecnologia é neutra e que sua entrada na escola/universidade tem apenas benefícios. Na contrariedade ou adesão aos projetos políticos burgueses, alertamos que não temos medo ou ódio às máquinas, como os ludistas. Por conseguinte, o que aqui destacamos é a necessidade de o projeto de sociedade que envolva a tecnologia seja explícito antes de adentrar qualquer instituição de ensino (NETO; PIRES, 2020, p. 56).

A pandemia foi a forma mais triste de se confirmar a precarização e desvalorização da educação e do professor. o modelo do ensino remoto contribuiu para expor a degradação da educação pública, apontou inúmeras lacunas que desde a formação às condições de trabalho, e mais ainda, constatou que não há qualquer preocupação com a saúde dos professores, nem por meio de políticas públicas nem pela forma de organização de trabalho.

Quanto à oferta de formação para a utilização dos recursos tecnológicos, as **formações informadas**, constam na tabela 27.

Tabela 27 – Foi ofertada formação para a utilização? Caso tenha respondido Sim, fale sobre essas formações.

	Frequência
Sim	67 (57%)
Não	51 (43%)
Respostas	Frequência
Formação online / vídeos/ lives / WhatsApp / Facebook / Google meet / YouTube	25
Formação / Oficina / Orientações em serviços oferecido pela SEMED - Núcleo de Tecnologias	13
Formação para uso do sistema Tagnos	9
Muito boas / objetivas	6
Cansativas / difícil entendimento / superficiais	3
Formação com os Gestores	2
Várias formações	2
Formação para uso de tecnologias / aplicativos	1
Materiais impressos	1
Formações para uso de tecnologias de informação, utilizando computador/celular particulares	1
Total	63

Fonte: Freire, 2023.

Diante do contexto caótico em que estamos é preciso resistir para não sucumbir. Como se não bastassem todas as angústias e males sociais e econômicos produzidos pela pandemia da COVID-19, os profissionais da educação e os estudantes ainda precisam lidar com os desafios impostos pelo ensino remoto (CASTRO, 2020, p. 116).

A formação dos professores para o uso de tecnologias durante o período da pandemia alertou-nos para a necessidade da formação contínua e de qualidade, o uso das ferramentas tecnológicas, durante o ensino remoto, escancarou o descaso com as formações educacionais e nenhuma consideração com o objetivo real da educação. Essa atitude é visivelmente mantida pela sociedade pautada em produção e exclusão:

A qualidade social da educação se manifesta na integralidade da formação, no compromisso com a formação de sujeitos e profissionais críticos e comprometidos com a transformação, com a reversão das desigualdades sociais e com a emancipação. Nesse sentido, observou-se que a mudança do ensino presencial para o remoto contribuiu para o agravamento da crise educacional brasileira e para o aumento das desigualdades educacionais e sociais entre estudantes (CASTRO, 2020, p. 116-117).

Além do medo da situação e do desconhecido, os professores se viram tomados por demandas exacerbadas pelo novo modelo de ensino, e o tema formação também ficou em evidência por ter exposto a fragilidade das formações em relação ao uso das tecnologias, e mais, de existir realmente essas ferramentas dentro das escolas independente de situações adversas que requerem nova formulação dos métodos de ensino diante a situações inesperadas. É fato que a pandemia confirmou a precariedade existente no ensino público e a desvalorização do trabalho do professor. Calejon e Brito (2020) reforçam a importância da formação inicial dos professores e da valorização do trabalho docente:

Assim, não basta o uso e o acesso às tecnologias mais modernas para que o processo de produção do conhecimento na escola tenha a dimensão de cidadania. Entendemos como necessário considerar a formação inicial e continuada dos professores, assim como as condições de trabalho e a valorização social dada ao trabalho do professor. O relato de docentes sobre as condições de realização da atividade pedagógica e educativa desenvolvida a distância com os recursos da tecnologia digital demonstra a ansiedade e o desgaste produzido pela atividade. Não se trata de negar ou desconsiderar a contribuição e importância destes recursos, mas de compreender as exigências de uma educação escolar de qualidade e as possibilidades de incorporação das TICs. Para tanto consideramos relevante analisar a formação inicial de professores e particularmente os professores que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental considerados como polivalentes (CALEJON; BRITO, 2020, p. 296-297).

Por consequência, os pesquisadores enfatizam a importância da linguagem no uso das tecnologias e acrescentam que a teoria criada por Vigotski esclarece, de forma cuidadosa, a relação entre o processo de ensino e aprendizagem e o desenvolvimento humano.

O uso da tecnologia digital requer o desenvolvimento da capacidade de lidar com símbolos e signos, um processo adequado de domínio da linguagem escrita que por sua vez requer o desenvolvimento adequado da linguagem oral. A natureza das relações interpessoais produzidas a partir dos recursos da tecnologia da informação e da comunicação precisa ser compreendida de modo mais adequado, na medida em

que estes recursos criam cenários novos e relações de outra ordem (CALEJON; BRITO, 2020, p. 307).

E, mais uma vez, deparamo-nos com a linguagem como aspecto fundamental seguida das relações interpessoais para o desenvolvimento e condições favoráveis para o desempenho de qualquer ação do ser humano. Embora as relações e a linguagem tenham outro formato, outra maneira de se desenrolarem por meio da tecnologia, é a linguagem oral e as relações interpessoais que estarão subsidiando esse modelo.

Por esse motivo, é fundamental que a formação docente seja pautada em motivos, desejos, anseios próprios e objetivos, que não seja apenas mais uma ação imposta ao seu trabalho. É necessário que o professor esteja confiante, satisfeito, motivado no desempenho da sua função, para que possa de fato alcançar os objetivos propostos pela educação, a transformação.

Assim, é importante que, mais que conhecimento tecnológico, a formação docente inspire confiança nos resultados e contribua para a alteração do sentido da docência, provocando uma abertura para as modificações. Sem isso, a utilização das TDIC, independentemente do serviço, será apenas uma repetição de ações não exitosas, mas agora realizadas com outro meio (SILVA; PIATTI, 2021, p. 7).

As explicações sobre os **prejuízos causados na qualidade do trabalho** estão listadas na Tabela 28. As mais frequentes foram a falta do contato com os alunos e a baixa produtividade, entre outras

Tabela 28 – A pandemia prejudicou a qualidade do seu trabalho? Caso tenha respondido Sim, de que forma? Exemplifique.

Respostas	Frequência
Sim	73 (62%)
Não	45 (38%)
Respostas	Frequência
Não ter contato direto com os alunos	26
Baixa produtividade / prejuízo na qualidade da educação	16
Nem todos os alunos não tem acesso à internet	10
Pouco interesse / acompanhamento dos pais	10
Sobrecarga de trabalho / cobranças	3
Em todo o momento / todas	2
Dificuldade de fazer as atividades, dificuldade de manusear a tecnologia / Dificuldade em planejar / enviar atividades para alunos desconhecidos	2
Falta de outros recursos dos alunos impressora, livros	1
Não dá para identificar habilidades ou dificuldades do aluno por meio do ensino remoto	1
Dificuldade de ensinar por meio do ensino remoto	1
As atividades ficam limitadas	1
Não houve excelência no exercício do trabalho, não houve plenitude e por vezes, sequer entusiasmo próprio.	1
Necessidade de mudança para reinventar e adaptar	1
Prejuízo no vínculo afetivo e no desenvolvimento	1
Total	76

Fonte: Freire, 2022.

Passados os quinze primeiros dias do isolamento social, iniciou-se o questionamento quanto à continuidade do período escolar. E como seria dar encaminhamento sem que pudessem estar interagindo presencialmente? E no Brasil, como isso poderia ocorrer, com as constatações das gigantescas diferenças sociais? Com as incoerências tanto para os professores quanto para os alunos? O ensino remoto, modelo de ensino utilizado por outros países para não interromper o ano letivo, foi a opção abraçada também no Brasil. Algumas das demandas são citadas por Ladeira (2020):

“Grava o vídeo da aula!”, “Produz a apostila para os alunos!”, “Entrega tudo até sexta às 14 horas!”. São alguns dos desafios que se apresentaram para mim ao longo das aulas remotas. “Não ficou bom. Refaz essa parte. Reajusta aquela outra”.

E tantas outras demandas do ensino remoto me desafiaram ao longo de toda a quarentena, fazendo das minhas manhãs e tardes uma grande sinfonia de vários tons, a empolgação de estar produzindo um material didático autoral para os alunos era no final do dia substituída por um cansaço e um sentimento de esgotamento, uma sensação de que no ensino remoto, o trabalho havia aumentado.

Isso justifica, por exemplo, uma sensação de perda da qualidade em elaborar as aulas, com uma ausência de sentido no próprio trabalho desenvolvido. Um sentimento, de que aquilo não estava colaborando em nada para os alunos. Valendo-me da famosa expressão, fazendo “apenas para inglês ver” (LADEIRA, 2020, p. 272).

O professor, já assoberbado com tantas informações e orientações quanto o manejo da tecnologia, ainda precisou aprender a prender a atenção e o interesse dos alunos, para conseguir mediar o aprendizado por meio das plataformas digitais. Além de não ter o domínio das ferramentas tecnológicas, tentar prender a atenção dos alunos, todas as emoções durante esse período foram reprimidas devido a necessidade de manter e executar o trabalho. Coube-lhes mais não só lidar com a sobrecarga de trabalho, mas também a elevação dos sentimentos ruins quanto ao seu trabalho durante a pandemia devido o modelo de trabalho remoto. Sobre tais desafios, Teixeira (2020) aponta que:

O primeiro grande desafio consistiu em se comunicar com uma tela estática. O sistema se mostrou insuficiente para sustentar tantos dados e a solução encontrada foi os alunos desligarem as câmeras. Passamos a falar sozinhos, sem ideia de como nossas falas estavam sendo recepcionadas. Fomos encontrando soluções, para manter o diálogo e reduzir a sensação de solidão, como instituir um momento para nos cumprimentarmos e nos despedirmos com as câmeras ligadas e pedidos explícitos de feedback por áudio sobre o conteúdo no decorrer da aula. Rapidamente naturalizamos a ideia de que todas as aulas eram gravadas e ficariam disponíveis, assim como teríamos membros do administrativo e da coordenação com acesso às equipes. Internalizamos, então, mecanismos de autovigilância e controle da fala e dos gestos, receosos dos destinos dessas gravações (TEIXEIRA, 2020, p. 211-212).

O ensino remoto, além de confirmar a dimensão das diferenças sociais, possibilitou-nos ampliar o olhar e avaliar a qualidade do ensino oferecido, e confirmou a necessidade de se garantir o direito à educação. As contradições expostas durante a pandemia reforçam a impetuosidade da sociedade neoliberal e preveem as desastrosas consequências para os sujeitos privados de educação e o comprometimento, ou mesmo a impossibilidade do desenvolvimento de uma sociedade, de fato, para todos.

Castro (2020) sublinha o valor da saúde mental, das formações apropriadas e da qualidade das relações sociais como aspectos fundamentais no processo de humanização.

Diante de tal cenário, é fundamental refletirmos sobre a ineficácia do ensino remoto na garantia de uma formação de qualidade, pelas razões que já foram expostas anteriormente, e é bom reforçar, porque a boa saúde mental é condição *sine qua non* para a aprendizagem. Se essa premissa não for devidamente considerada, será inútil qualquer esforço técnico ou operacional para garantir a formação de nossos estudantes. Além disso, ainda que garantíssemos o acesso de todos os estudantes ao ensino remoto, seria impossível garantir a formação integral e a qualidade social da educação, uma vez que o ser humano só se torna humano a partir de suas relações sociais (CASTRO, 2020, p 108-109).

Essa tormenta que a educação passou durante a pandemia foi o começo do que vem adiante. As consequências da precariedade das condições de trabalho durante o ensino remoto estão por vir, e não serão em hipótese alguma superficiais, nem tão poucas breves, e mais, se não houver políticas públicas que visem mudanças, financiamentos, valorização, continuaremos a viver em uma permanente pandemia, a do descaso com a educação pública - a deseducação

3.4.6 Enfrentamento ao adoecimento

A ciência ainda não chegou aos dados e às descobertas que lhe permitiriam encontrar a chave para a psicologia do professor. Dispomos apenas de dados fragmentários, observações descontínuas ainda não organizadas em um sistema, e algumas tentativas de natureza puramente prática relacionadas à seleção psicotécnica dos professores. Cabe observar que, também no campo da psicotécnica, a elaboração de um psicograma do professor apresenta maiores dificuldades que para as demais profissões (VIGOTSKI, 2003, p. 295).

No eixo sentido e consciência, objetivamos conhecer a percepção do docente sobre o enfrentamento ao adoecimento por meio das questões sobre experiências em ações ou projetos para enfrentamento ao adoecimento, alternativas que considerem ser importantes e informações que possíveis queiram considerar sobre o tema.

Como verificamos na Tabela 29, **os professores, em sua maioria, desconhecem ou não participam de ações e projetos de forma contínua para a prevenção do adoecimento.** Alguns tomaram conhecimento sobre medidas de biossegurança, afastamento, vacina e agravamentos da pandemia.

Tabela 29 -Relate alguma experiência ou projeto de enfrentamento que você conhece ou participou para situações emergenciais de adoecimento?

Respostas	Frequência
Nenhum	20

Desconheço	19
Não participei / não tenho experiência	19
Respostas aleatórias	14
Palestras / lives	12
No caso de pandemia, apenas medidas de biossegurança/ afastamento / vacina / agravamento com a pandemia	11
Não recorde	6
Não se aplica	4
Formação na Escola / Realizada pelo município	3
Não sei responder	2
Sem resposta	2
Projeto Não pira não	2
CEREST	1
Curso do Ministério da Saúde	1
Protocolo de Segurança na Escola	1
Terapia	1
Total	118

Fonte: Freire, 2022.

Antes da pandemia, já ocorria um número considerável de adoecimento entre os docentes, acredito que isto se agravou (RESPOSTA R).

As quatro maiores frequências de respostas sugerem que não há no município qualquer projeto com o objetivo de prevenir o sofrimento/adoecimento docente, ao menos de forma específica.

O município fez uma formação no início do ano falando sobre a síndrome de burnout, um distúrbio psíquico causado pela exaustão extrema, sempre relacionada ao trabalho de um indivíduo. Essa condição também é chamada de “síndrome do esgotamento profissional” e afeta quase todas as facetas da vida de um indivíduo. Esse mesmo município que liga a qualquer horário e manda informações de segunda a segunda, em diversos grupos de WhatsApp criados (RESPOSTA S).

Ainda não verificamos um projeto específico que possa prevenir o sofrimento/adoecimento, mas diferentes ações, programas podem ser pensados como possibilidade de instrumentalizar o professor para enfrentar ao sofrimento/adoecimento psíquico. A linguagem e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores são fatores imprescindíveis para instrumentalizar o ser humano a controlar e expressar suas emoções, pois a fala e o manejo das emoções geram o alívio de angústias e sofrimentos, e podem prevenir o adoecimento.

Nessa direção, Queiroz (2021) aponta a dificuldade de encontrar estudos que possam orientar quanto a prevenção, pois não há uma técnica exata para executar projetos, ações, programas de prevenção ao adoecimento:

Outro ponto importante que podemos averiguar é a escassez de pesquisas que visam uma intervenção e/ou ações efetivas sobre o fenômeno do adoecimento psíquico dos(as) professores(as), que propõem algum benefício direto de bem-estar para os pesquisados. A partir das buscas foi encontrado somente 2 trabalhos com proposta de estratégias e enfrentamentos frente ao adoecimento na atividade e atuação docente (QUEIROZ, 2021, p. 159).

É necessário que se conheça todo o contexto que envolve o ser humano para pensar em estratégias que cercam todos e tudo a sua volta. Como percebemos nas respostas dos participantes as relações interpessoais e as condições são fatores de prevenção, mas também causadoras de sofrimento/adoecimento psíquico, e para além dessa constatação, verificamos o quanto a repressão das próprias emoções podem ocasionar o sofrimento/adoecimento psíquico docente. Deve se observar e considerar o todo para ao se pensar em elaborar ou facilitar estratégias o maior número de fatores do contexto seja abrangido. Por não haver nada definido, específico, as questões individuais, grupais, estruturais e relacionais, devem ser consideradas para elaboração de técnicas para o enfrentamento:

A utilização de um ou outro tipo de estratégia de enfrentamento será determinada não só pelo repertório idiossincrático de cada professor, mas também pelas condições externas, sociais e do ambiente de trabalho, que determinarão o modo, ou os modos, que cada professor empregará para enfrentar as dificuldades (REBOLO, 2012, p. 128).

Na esteira dessas considerações apontadas, Dias (2021) assinala alguns aspectos apontados pelos professores universitários como causadores do adoecimento, entre eles estão, as políticas públicas, as formações, o próprio sistema produtivo, a precarização, flexibilização e sobrecarga de trabalho, intensificação e o produtivismo acadêmico, e como demais pesquisadores também percebe incipientes as formas de prevenir o adoecimento.

O bem-estar docente, delimitado como algo que decorre da vivência de experiências positivas é, desse modo, um processo dinâmico construído na intersecção de duas dimensões, uma objetiva e outra subjetiva (REBOLO; BUENO, 2014).

A relação entre as dimensões objetivas e subjetivas e a organização do pensamento só se viabilizam por meio das relações interpessoais e da linguagem, que contribuiu para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, e da compreensão e conhecimento de si e do outro, controle e organização das emoções e mecanismos de expressar o que o incomoda. Não basta apenas relacionar-se, é preciso reconhecer-se expressar-se diante de toda e qualquer situação:

As avaliações cognitivas e afetivas que o professor faz de si próprio como trabalhador e das condições oferecidas para a realização do seu trabalho é que determinam o bem-estar ou o mal-estar docente. Considerando que é da natureza humana buscar o equilíbrio e o bem-estar, investigar os modos de lidar com os conflitos e com as situações avaliadas como não satisfatórias é fundamental para que se possa melhor entender as dinâmicas de obtenção do bem-estar docente (REBOLO; BUENO, 2014, p. 325).

Leão (2020) assinala como a subjetividade interfere na constituição da identidade e ações do sujeito no decorrer do desempenho de sua atividade, e de como as palavras utilizadas ajudam a compreender a realidade. Ressalta que ao realizar uma atividade o ser humano

constitui sua identidade, conforme os seus sentidos e significados pessoais, e produzem novas representações da realidade e de si em função das relações inter e intrapessoais.

As formas como o professor recorre às estratégias tanto externas quanto internas para a prevenção ao sofrimento/adoecimento psíquico dependem, além das condições de trabalho, ambiente e estruturas físicas e materiais, das condições psicológicas superiores. Estas só podem ser utilizadas quando o funcionamento psíquico do ser humano obtém condições, aspectos qualitativos. Além do mais, esse desenvolvimento e funcionamento nortearão a forma de como o ser humano se percebe, reage e se expressa. É necessária essa organização interna para que suas emoções, seus pensamentos por meio da linguagem contribuam como ferramentas de instrumentalização para prevenção ao sofrimento/adoecimento psíquico.

Indagados a respeito das **medidas de prevenção de enfrentamento que poderiam serem realizadas** (Tabela 30), os docentes listaram as seguintes:

Tabela 30 - Quais medidas/ações de enfrentamento poderiam ser realizadas para minimizar o Sofrimento/adoecimento psíquico do(a) professor(a)? Descreva neste espaço.

Respostas	Frequência
Terapia / Acompanhamento psicológico individual ou grupo / profissional da área da saúde mental / Formações com pessoas especializadas / presença do psicólogo na escola	33
Mais valorização do profissional / empatia / motivação / respeito	15
Não sei responder/nenhum/ em branco/ desconheço	15
Melhor organização de trabalho / menos burocracia / Sobrecarga de trabalho e horário	13
Medidas Preventivas / palestras	10
Melhores condições, estrutura para o professor trabalhar	9
Medidas de prevenção/ ação relacionado à COVID-19	8
Grupos de ajuda e análise / dinâmicas de motivação / yoga / ginástica laboral / diálogo	6
Compreensão por parte da direção/ menos pressão/ cobranças	5
Tomar medicação / acompanhamento médico	4
Orientações de profissionais de fisioterapia e fonoaudiologia e terapia ocupacional	4
Outros / respostas aleatórias	3
Mais empenho de pais e alunos nas atividades remotas / respeito	3
Melhores salários	2
Retorno das aulas	2
Projetos	1
Difícil cada um tem seu sofrimento e doenças	1
Total	134

Fonte: Freire, 2022.

Quanto se trata de ações consideradas necessárias para prevenir o sofrimento/adoecimento psíquico, os professores se reportam a um suporte emocional por meio da relação com um profissional especializado, da saúde mental. Questões subjetivas quanto ao respeito e valorização antecedem questões de ordem objetivas como organização, menos burocracia e sobrecarga de trabalho.

O enfrentamento ao sofrimento/adoecimento psíquico dos professores comporta, sobretudo, uma consciência do conturbado momento em que vive, do funcionamento do modo

de produção capitalista e como isso influencia a saúde ou o adoecimento dos professores (REBOLO, et al., 2020). Segundo a PHC:

Para entender o adoecimento segundo a abordagem da Psicologia Histórico-Cultural, de base marxista, é preciso compreender que estamos falando de homens reais, que vivem dentro de uma sociedade desigual, em que as relações de trabalho são alienadas e, portanto, influenciam na formação do psiquismo, que, por sua vez, reflete no sofrimento/adoecimento (FACCI; LEONARDO; ALVES, 2020a, p. 186).

O enfrentamento é um processo dinâmico que implica a tentativa de adaptar-se às condições e situações que também se alteram constantemente (REBOLO; BUENO, 2014). Além das possibilidades de desistir da carreira ou seguir trabalhando na pós-graduação, as estratégias de enfrentamento dos professores são individualizadas, tais como: a autopercepção, o autocuidado, as atividades físicas, a meditação e a oração (DIAS, 2021, p. 51).

Por meio do pensamento, o ser humano organiza seus comportamentos e suas motivações. A consciência permite-lhe avaliar as diferentes situações que lhe são impostas e o quanto podem prejudicar sua saúde física e psíquica. Entretanto, esse processo só é possível quando sua personalidade não foi fragmentada pela atividade alienante e o reconhecimento e manejo de suas emoções:

O pensamento racional analisa a vivência emocional e a categoriza sob uma determinada denominação, explicitando-a como emoção, caracterizada pelas condições socioculturais. É como emoção que o sentido pessoal da atividade demonstra os interesses do sujeito pelo objeto e o relaciona com a possibilidade de êxito da atividade condicionada pelas relações sociais (LEÃO, 2020, p. 385).

O sujeito só pode avaliar e dominar o que compreende, e só por meio da consciência, da percepção de si e do que o rodeia tem condições de organizar seus pensamentos e comportamentos, objetivando mudanças de situações que lhe causam sofrimento/adoecimento. Assumir e expressar o que sente fará com que o ser humano seja ele próprio, o fato de ser quem a sociedade exige o faz esmagar seus sentimentos, suas emoções, e a partir dessa percepção sofre resultando no adoecimento:

Como o mal-estar é um estado incômodo, de desconforto psicológico, desencadeia reações que visam eliminá-lo ou diminuí-lo. Haverá, nesse sentido, uma tentativa de alterar as condições externas ou modificar a própria conduta e o modo de perceber as situações, com a finalidade de obter bem-estar (REBOLO; BUENO, 2014, p. 328).

Vigotski (2003) não só atribui méritos à linguagem e ao pensamento sobre o comportamento humano, como explica como se dá esse percurso e como se perceber a partir relações interpessoais. Essas relações interferem diretamente na maneira que o ser humano se reconhece e também se comportará em suas relações.

Além das condições de trabalho e as individuais, Queiroz (2021), a partir de sua pesquisa, aponta algumas considerações sobre o enfrentamento que podem acontecer à medida que as exigências da sociedade sejam repensadas e deixam de acontecer pautadas apenas na

produção, no lucro, no capital. Trata-se de uma questão histórica, que percebe no trabalhador a forma de alcançar e priorizar apenas os resultados, e não o percurso e quem os alcançou:

[...] que as possibilidades de enfrentamento ao adoecimento do professor universitário se constituem a partir da compreensão dos determinantes do adoecimento, que são históricos e socialmente produzidos. Em última análise, o enfrentamento ao adoecimento comporta a necessidade de alteração da lógica capitalista, centrada no produtivíssimo, na expropriação e no lucro; para uma lógica que tenha como centro a emancipação e a realização das possibilidades do desenvolvimento humanizante. É possível superar o adoecimento, sobretudo o adoecimento psíquico (QUEIROZ, 2021, p. 111).

Silva (2020) complementa a hipótese de que a forma de organização da sociedade atual é que causa o sofrimento/adoecimento dos trabalhadores entre eles o professor. Mesmo que poucas e remotas, há sim a possibilidade de prevenir ou minimizar o sofrimento/adoecimento docente:

Apesar dos limites impostos pelo atual momento histórico, com poucas perspectivas revolucionárias, há possibilidades de superação, mesmo que pontual, da situação degradante imposta a milhões de trabalhadores em todo o mundo, sendo parte deles os professores. É urgente que estudos sobre a saúde do professor sinalizem possibilidades mais efetivas para a transformação da realidade, tendo em vista que se considera o sofrimento e o adoecimento ocupacional como um repúdio do corpo à exploração que os trabalhadores sofrem cotidianamente (SILVA, 2020, p. 47).

Na Tabela 31, a seguir, foram inseridas **informações que os participantes consideraram importantes acrescentar**. De modo proposital mantivemos as respostas na íntegra, sem agrupá-las, para mostrar aos leitores que os temas da teoria de Vigotski como sofrimento/adoecimento psíquico, as emoções, a constituição do sujeito professor e as relações surgem como fatores importantes para os participantes.

Tabela – 31 Informações que considere importantes acrescentar:

1. Identificação do clima escolar e da comunidade em torno da escola.
2. Buscar sempre ouvir os professores.
3. Que a secretaria de educação Municipal fosse coerente.
4. Reuniões, estratégias de atendimento e saúde
5. A pandemia tem prejudicado ainda mais o trabalho pedagógico
6. Empatia.
7. Acredito bastante na relevância social dessa pesquisa, parabéns.
8. Cobrança por resultados ocasiona desgaste físico e emocional. Prof. contratado tem a maior carga, pois se não apresentar rendimento, não continua na escola. Prof. antigo sente-se desmotivado.
9. Acredito que uma profissão não deva ser para adoecimento do ser e se isso está acontecendo, cabe ao profissional mediante a sua dor, recorrer à análise e ajuda. Pois só assim saberá o que lhe falta. Celas mentais são terríveis!
Se, após análise de toda a sua trajetória, até chegar aonde estar, perceber que o que exerce já não lhe dar prazer, procurar novos horizontes. Vejo muitos colegas adoecerem por não aceitarem isso. Problemas financeiros, salários incompatíveis com o dia a dia do educador, política corrosiva e tóxica, problemas com a marginalidade, as drogas e a evasão escolar sempre irão existir, pois fazem parte do processo. O importante é manter a sensatez dentro de toda essa problemática, encontrando soluções criativas e motivantes. Mantendo o bom ânimo para continuar o bom e velho combate que é a vida. E viver é um ato de coragem.
10. Acho que como estamos trabalhando totalmente com recursos tecnológicos, a escola devia liberar o Wifi ao professor
11. Observo na equipe a procrastinação, ansiedade e frustração. No grupo de dez pessoas, duas se reinventarem e estão otimistas, oito falam pra quê?...

12. Só retomar as aulas presenciais quando a maioria das pessoas estiverem vacinadas
13. Ser profissional da educação nestes tempos está difícil, angústias e falta de um salário condizente desafiam e fazem a gente pensar em desistir. Comigo isso não aconteceu, mas tem muita gente que ocorre. Ter uma política de apoio à docência em termos de saúde psíquica faz toda a diferença.
14. O papel do docente é muito importante para a sociedade, e essa pandemia serviu para muitas coisas, Os pais estão valorizando mais o professor, pois perceberam o quão importante é o seu papel. Os docentes evoluíram muito profissionalmente com relação às tecnologias, com o intuito de chegar até seus alunos. Mas quem está no papel de gestor, diretor, coordenador, que devem ser os direcionadores das políticas públicas, devem saber dar suporte e mediar esse processo, para evitar a sobrecarga emocional e de trabalho e consequentemente o adoecimento dos docentes.
15. A pandemia veio derrapante, todos sem exceção sofreram com as consequências. O que nos resta é aproveitar cada oportunidade de desenvolver nosso trabalho, de acordo com esta nova realidade.
16. Afeto um pelo outro.
17. Deve sempre existir um comprometimento mútuo entre escola e todos os envolvidos na educação.
18. Divulgação da pesquisa.
19. Tenha empatia pelo seu próximo. Juntos vamos vencer, mas cada um deve fazer a sua parte.
20. Falta agir. É muita burocracia, pouca ação. Muitas reuniões, que apenas ficam arquivadas e só reativadas quando novos/velhos problemas ressurgem. Muitos profissionais têm receio de serem o que de fato são, pelo medo de serem isolados., não relatando o que de fato acontece, mantendo seus nomes ou títulos profissionais reservados de problemas.
21. Gostar do que você faz no seu serviço.
22. Sempre motivar para não desistir neste momento difícil.
23. O professor precisa ser valorizado não só em termos de salário, mas como pessoa essencial para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno.
24. O próximo questionário deveria ter a opção, às vezes.
25. Que sua pesquisa seja divulgada. Para sabermos mais sobre a saúde dos professores do município de Corumbá.
26. Valorização quanto ao salário para que os professores não precisem trabalhar três períodos.
27. O trabalho em equipe ajuda a diminuir a sobrecarga do trabalho, falta um pouco.
28. Todos pela Educação, sem falsidades, hipocrisias e valorizando os profissionais das escolas.
29. A secretaria de educação lutar pelos nossos direitos como o direito às férias dos professores contratados. Ficamos reféns desse sistema. Sem voz.
30. Obtive formação fora da escola.
31. Desnecessária elaboração de tantas atividades, pois os pais não têm tempo para realizar, não têm preparo e nós, os professores, também estamos vivenciando o luto, e a única coisa às vezes no pensamento é querer viver.
32. Escolas equipadas com internet, computadores, uma sala de professores adequada, ...
33. A vida saudável é importante para o bom desempenho profissional.
34. Sugestão: Atendimento de um profissional fixo para atendimento específico da equipe escolar.
35. O professor que trabalha descontente adoce com frequência.
36. Em qualquer situação, devemos nos colocar no lugar do outro. Assim poderemos ajudar mais.
37. O mais fundamental para um bom desempenho é a sintonia entre toda a equipe, com respeito e humildade, agindo como uma família.
38. Trabalho em equipe.
39. Trabalho coletivo.

Fonte: Freire, 2023.

A partir das relações do ser humano com a realidade, Vigotski observou a relação entre o pensamento e a linguagem e sua inexigibilidade para o desenvolvimento humano. A linguagem em suas diferentes formas, sejam elas escrita, falada ou expressada corporalmente,

são fundamentais para as relações, para o aprendizado, para a sobrevivência, e compõem o processo de desenvolvimento do psiquismo humano.

A conversão desse processo natural elementar em processo cultural complexo ocorre, como nos demais processos psicológicos que orientam e regulam a conduta humana, pela interposição de signos na relação entre sujeito e objetos da realidade (MESQUITA; BATISTA; SILVA, 2019).

Esse processo complexo de desenvolvimento resulta da constituição do ser humano e trabalhador. Com base nos aspectos sociais, históricos e culturais, o ser humano vai se desenvolvendo e se apropriando do sentimento de pertencimento da sociedade. Nesse meio, forma-se humano e profissional, escolhe suas ferramentas, transforma a natureza para o alcance de seus objetivos e a satisfação das suas necessidades, mas é dominando suas emoções que consegue buscar o prazer e a satisfação, e não guarda para si o que lhe faz mal, consegue de maneira madura expressar o que lhe incomoda, perturba.

Assim, a atividade interna, por sua forma, ao se originar da atividade externa prática, não se separa e não se coloca acima dela, mas preserva uma ligação fundamental e, ademais, dupla, com ela (LEONTIEV, 2021).

A partir do momento em que essa ligação deixa de existir, o ser humano perde sua individualidade, sua personalidade é corrompida e os seus interesses pessoais deixam de ter sentido, direção. Essa condição o leva a desempenhar sua atividade de forma alienada, mesmo percebendo tudo a sua volta, o ser humano se cala, suas emoções não são mais controladas, passam a ser silenciadas até que surgem os sintomas do seu sofrimento/adoecimento psíquico.

Para o entendimento das funções psicológicas no trabalho, devemos considerar que a coincidência entre os interesses e os fins da atividade humana só ocorrem quando estes últimos se tornam conscientes para o sujeito. Porém, apesar da consciência dos interesses motivadores depender da realização da atividade, eles não estão ausentes dos processos psíquicos, porque se manifestam na sua representação psicológica sob a forma de tónus emocional das ações (LEÃO, 2020, p. 384-385).

A história do desenvolvimento das emoções se vincula à história da atividade de produção da realidade. Como ser social, o ser humano responde às necessidades forjadas na relação ativa com o mundo, satisfazendo-as por meio da atividade consciente (MESQUITA; BATISTA; SILVA, 2019).

Vigotski e Moreno consideram que a relação dialética entre condições objetivas e subjetivas, são promovedoras tanto do adoecimento, quanto das formas de enfrentamento para manutenção da saúde. Os autores dão ênfase ao papel do outro, às relações sociais, e têm como pressuposto da humanização a apropriação do que foi objetiva e historicamente criado pelo ser humano – o que em Moreno é nominado conserva cultural, e da ação criativa no universo – a ação do sujeito que transforma a própria realidade objetiva. Para ambos, a constituição psíquica humana se dá no processo social. Esse posicionamento expande o campo de interpretação sobre o adoecimento e as considerações sobre os transtornos mentais (DIAS, 2021, p. 87).

Encerramos esse tópico com as análises dos questionários dos professores, e foi possível perceber em determinados momentos que há a consciência e percepção da existência do sofrimento/adoecimento, contudo, também inferimos haver uma dificuldade, “recusa” em se expressar, mesmo que seja para falar de si, e mais ainda, sobre todo o processo de trabalho.

O silenciamento das emoções é de fato aspecto importante propulsor do sofrimento/adoecimento psíquico, e mais, o quanto a percepção do ser humano sobre essa atitude o faz gerar angústia, e aparição de sintomas que são devido essa repressão. O falar é terapêutico, o silenciar é padecedor. Os dados até aqui confirmam nossa tese sobre o silenciamento das emoções e suas consequências para o corpo e mente.

3.5 Das escalas dos professores: Resultados e análises

Assim, a psicologia não pode fornecer diretamente nenhum tipo de conclusões pedagógicas. Mas como o processo de educação é um processo psicológico, o conhecimento dos fundamentos gerais da psicologia ajuda, naturalmente, a realizar essa tarefa de forma científica. A educação significa sempre, em última instância, a mudança da conduta herdada e a inoculação de novas formas de reação (VIGOTSKI, 2003, p. 41).

Neste tópico apresentamos as análises e discussões das 118 respostas de duas escalas a **Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20)** e a **Questionário de estresse nos Professores: Ensino Básico e Secundário (QSPEBS)**. Os dois instrumentos foram aplicados no mesmo formulário online junto do questionário.

3.5.1 Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20)

O Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20) se destina à detecção de sintomas, ou seja, sugere nível de suspeição (presença/ausência) de algum transtorno mental, mas não discrimina um diagnóstico específico. É formado por 20 questões para o rastreamento de transtornos não psicóticos e as respostas são dicotômicas, sendo que, cada afirmativa soma um ponto, em um escore de 0 a 20, que varia de nenhuma à extrema probabilidade de TMNP¹⁵.

As 20 questões da escala SRQ-20 e as 118 respostas estão organizadas na Tabela 32. Referem-se a dores de cabeça, falta de apetite, dificuldades de sono, ocorrência de sustos, tremores nas mãos, nervosismo, tensão, preocupação, má digestão, clareza de pensamento, tristeza, frequência de choro, dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias,

¹⁵ RENSTEIN, C.; WANG, Y-P.; HUNGERBÜHLER, I. (Org.). Instrumentos de avaliação em saúde mental. Porto Alegre: Artmed, 2016.
Harding e cols. (1980) (Validação para uso no Brasil Mari & Williams, 1986).

dificuldades para tomar decisões, dificuldades no serviço, ser incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida, perda de interesse pelas coisas, sentir-se uma pessoa inútil, sem préstimo, ideias de acabar com a vida, sentir-se cansado o tempo todo, sensações desagradáveis no estômago e facilidade de cansaço.

Tabela 32 – Respostas da Escala – SRQ-20

Perguntas a respeito da sua saúde	SIM	NÃO	Total
01- Tem dores de cabeça frequentes?	39	79	118
02- Tem falta de apetite?	9	109	118
03- Dorme mal?	49	69	118
04- Assusta-se com facilidade?	40	78	118
05- Tem tremores na mão?	16	102	118
06- Sente-se nervoso (a), tenso (a) ou preocupado (a)?	72	46	118
07- Tem má digestão?	33	85	118
08- Tem dificuldade de pensar com clareza?	29	89	118
09- Tem se sentido triste ultimamente?	54	64	118
10- Tem chorado mais do que de costume?	36	82	118
11- Encontra dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias?	36	82	118
12- Tem dificuldades para tomar decisões?	33	85	118
13- Tem dificuldades no serviço (seu trabalho é penoso, causa sofrimento)?	13	105	118
14- É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida?	11	107	118
15- Tem perdido o interesse pelas coisas?	30	88	118
16- Você se sente uma pessoa inútil, sem préstimo?	8	110	118
17- Tem tido ideias de acabar com a vida?	5	113	118
18- Sente-se cansado (a) o tempo todo?	29	89	118
19- Tem sensações desagradáveis no estômago?	38	80	118
20- Você se cansa com facilidade?	38	80	118

Fonte: Freire, 2022

Alguns dados são relevantes destacar na tabela SRQ-20, a questão número 03, onde é questionado se dorme mal, há uma proximidade nas respostas, das 118 respostas, 49 responderam que sim, e 69 não, e a questão 09 que se refere sentir se triste ultimamente 54 professores afirmam que sim, e 64 não.

Vários estudos apontam as diferentes situações que podem desencadear o sofrimento/adoecimento psíquico do professor e como os sintomas podem surgir de diferentes maneiras, sem mesmo que o sujeito os perceba como resultado do sofrimento/adoecimento.

O trabalho é relevante para a vida dos indivíduos e tem consequências em suas condições de saúde, tanto físicas quanto mentais (MOREIRA; RODRIGUES, 2018).

Outra questão que ressalta a importância de ouvir os professores trata sobre sentir-se nervoso, tenso, preocupado, questão número 06. O resultado para sim, apresenta um número de 72 professores com essa sensação, sendo que para não apenas 46. Vale indagar-se o porquê

dessa sensação prevalecer entre os professores, o que pode estar causando preocupação, tensão e o nervosismo? Inúmeras são as possibilidades, mas diante as respostas anteriores sobre as condições, atividades, podemos sugerir que a organização do trabalho pode contribuir para o aparecimento desses sintomas desse tipo. Não o bastante, cabe também ressaltar o período em que a pesquisa foi realizada, em plena pandemia, onde a contaminação alcançava índices alarmantes e não havia ainda iniciado a vacinação contra a COVID-19.

Oliveira e Santos (2021) verificaram que, devido às condições de trabalho, professores têm solicitado afastamento por causa do adoecimento, e com base em pesquisas recentes sobre o tema, a função de ensinar tem preocupado os profissionais da saúde e da educação. Com resultado nos estudos, verifica-se a presença de vários sintomas mentais nessa categoria devido as condições de trabalho.

Sintomas estes, que estão causando longos afastamentos do trabalho por doença. A partir desse debate sobre a relação do adoecimento mental e a categoria docente, se faz importante uma busca de mudanças nessa relação (OLIVEIRA; SANTOS, 2021, p. 2).

Moreira e Rodrigues (2018) observaram em seu estudo diversas situações que podem adoecer o professor. Dentre elas, os autores apontam as condições de trabalho dos professores que não estão adequadas, e acabam adoecendo por falta de estruturas físicas e materiais, violência e desrespeito. Além disso, os estudiosos ressaltam a importância de investigar formas de melhorar essa situação, além de decisões efetivas dentro e fora das escolas que contribuam para mudança dessa realidade. A educação brasileira e condições de trabalho docente são assuntos de grande relevância.

As condições de trabalho são potencializadoras do adoecimento, inclusive dos professores, como apontam as pesquisas levantadas por Oliveira e Santos (2021) e salientam, que toda classe trabalhadora pode adoecer, porém as pesquisas têm apontado que os professores pertencem a uma categoria com grande exposição ao adoecimento mental devido às condições de trabalho.

Quanto a aplicação dos instrumentos no período crítico da pandemia, no início do trabalho remoto, do isolamento social, do crescente número de óbitos e das diferentes e novas formas de ministrar aulas e acompanhar o aprendizado dos alunos, nos permite sugerir que podem ter influenciado às respostas.

O adoecimento docente é uma realidade que não deve ser negada ou negligenciada. Essa condição experienciada pelo professor já trazia preocupações antes da pandemia causada pela COVID-19. As dificuldades desencadeadas pela insegurança que a pandemia mundial gerou nas pessoas, somadas às demandas de transformar às pressas o ensino presencial em ensino remoto, mostraram-se como fatores que desencadearam a tendência ao adoecimento psíquico dos professores brasileiros (SOUZA et al., 2021, p. 154).

Os pesquisadores complementam os comentários, com considerações relevantes quanto ao trabalho remoto e suas consequências, pois se trata de uma forma de trabalho que os professores não concordam e reconhecem as dificuldades e limitações do processo. Essa situação gerou estresse, ansiedade, e mesmo depressão.

Outro fator apontado nos diferentes estudos durante a pandemia sobre o trabalho remoto e suas consequências, é o fato de os professores terem de lidar com o retorno das aulas presenciais e todas as demais dificuldades encontradas pelos alunos durante e pós-pandemia:

Uma vez que, não se sabe ainda por quanto tempo as aulas on-line se manterão como formato possível de escolarização de crianças, adolescentes e adultos, essa condição laborativa experienciada pelo professor traz dados importantes, ao se pensar que, mesmo quando for possível a ampliação do retorno às aulas presenciais, não se deve negligenciar a saúde do professor. A sua integridade física e mental é absolutamente necessária e o professor enfrentará novas demandas para a realização da readaptação dos alunos ao contexto educacional, depois de terem ambos, professores e alunos vivenciado o isolamento social e confinamento (SOUZA et al., 2021, p. 154).

O trabalho é uma atividade fundamental para o sujeito e sua existência, sobrevivência e transformação. Essa atividade regula a vida e suas maneiras de existir. Quando o sujeito não consegue ter controle, escolhas e objetivação próprias, o trabalho passa a desencadear o sofrimento/adoecimento psíquico.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2005) avalia a atividade docente como uma das categorias de trabalho mais estressantes, com forte incidência de elementos que conduzem à Síndrome de Burnout (SB).

De maneira geral, o adoecimento mental docente se estabelece de modo gradual, e se refere a eventos com os quais o sujeito não encontra estratégias de lidar, pois são situações vistas por eles como adversas (OLIVEIRA; SANTOS, 2021).

Leontiev (2021) esclarece que o objeto da atividade confere a ela certa orientação. Trata-se de seu motivo efetivo, podendo ser tanto material quanto ideal, mas o que de fato existe é a necessidade, ou seja, o trabalho sempre responderá a uma necessidade.

Compreender todo o contexto que envolve o ser humano e sua atividade é essencial para entender o sofrimento/adoecimento psíquico. As condições, as relações, os motivos e as necessidades estão integradas na ação do sujeito, questões objetivas e subjetivas devem estar integradas durante a atividade, essa relação é necessária.

O ponto de partida para a investigação do sofrimento e/ou adoecimento ocupacional é a própria atividade, as condições para a sua execução, sua estrutura e como esta determina e é determinada por outros processos psíquicos, especialmente a consciência e a personalidade num dado momento (se ela é ou não a atividade principal), considerando os mecanismos e tipos de alienação existentes no e para o indivíduo (SILVA, 2020, p. 48).

Não resta dúvida da necessidade de se (re)pensar, criar e aplicar estratégias de prevenção ao sofrimento/adoecimento psíquico docente, considerando a atividade primordial

que desempenha para/na sociedade. Contudo, é fato que perante a organização da sociedade atual dificilmente teremos a mudança necessária, mas se torna imprescindível diante a situação que o trabalho docente se encontra nos dias atuais:

Especialmente se considerarmos que a educação tem papel importante nesse processo de transformação social e emancipação humana. Tal processo fica bastante limitado com a intensificação dos processos destrutivos da saúde e da vida, que desorganizam ou desintegram o psiquismo, caracterizando o adoecimento. Entende-se que o adoecimento é construído na relação do indivíduo com o mundo, em que apropriações alienantes e desumanizadoras promovem a cisão e fragmentação do indivíduo, ampliando os conteúdos inconscientes e restringindo as possibilidades da consciência, o que ocasiona a alteração na hierarquia dos motivos, das necessidades e da própria personalidade (SILVA, 2020, p. 70).

A resposta da questão 16 nos remete a satisfação em ser professor dos participantes dessa pesquisa. Ao serem questionados sobre a sensação de inutilidade, apenas 08 responderam que sim, que tem essa sensação, ao contrário de 110 professores que responderam não se sentirem inúteis. Percebemos que os professores percebem em si a possibilidade de fazer, criar, construir. Podemos relacionar essas respostas não só a satisfação em ser professor, mas também as atividades que mais consideram prazerosas onde se referem as diferentes formas de ensinar, de trabalhar, se percebem uteis, criativos, capazes.

Apesar do instrumento não ser direcionado especificamente para o ambiente de trabalho, percebemos que as respostas nos remetem ao tema da percepção e subjetividade. Por ser um instrumento de respostas objetivas, diretas observamos ao mesmo tempo que ora há situações que confirmam o sofrimento/adoecimento, ora não. Essa contradição nos confirma a importância do ser humano se perceber, se conhecer e de tudo que está a sua volta. Refere-se a um instrumento que procura investigar a percepção de si próprio, de como se vê e como se sente, e contribui para compressão de como a saúde vai sofrendo alterações gradativamente devido a maneira de reagir diante a percepção de si e do mundo. E como um instrumento de rastreio pode colaborar para o planejamento e elaboração de estratégias para que os professores consigam administrar, ter o manejo de situações ou outros eventos que possam causar o sofrimento/adoecimento psíquico.

3.5.2 Questionário de estresse nos Professores: Ensino Básico e Secundário (QSPEBS)

O outro instrumento que foi aplicado junto ao questionário foi o QSPEBS, que também obteve 118 respostas, e é constituído por duas partes distintas. A primeira parte é caracterizada por uma questão destinada a avaliar os níveis globais de estresse dos professores, numa escala que varia entre 0 (Nenhum estresse) a 4 (Elevado estresse). Na segunda parte são incluídos 36 itens, correspondentes a diferentes fontes de estresse colocadas aos docentes no processo de

ensino, sendo respondidos em uma escala tipo “Likert” de cinco pontos (0 = Nenhum estresse; 1 = Pouco estresse; 2 = Moderado estresse; 3 = Bastante estresse 4 = Elevado estresse)¹⁶.

Na escala, na parte 1, o entrevistado responde assinalando com um círculo o número que melhor indicar o nível de estresse que sente geralmente no exercício da sua atividade profissional. A questão dessa parte investiga o nível de estresse que a atividade profissional provoca no professor, e está organizada dividida em 05 níveis que correspondem 0 para nenhum estresse; 01 para pouco estresse; moderado estresse 02, bastante estresse 03 e elevado estresse 04.

Na parte 1 da escala QSPEBS as respostas estão expostas na tabela 33.

Nenhum estresse	Pouco estresse	Moderado estresse	Bastante estresse	Elevado estresse
0	1	2	3	4

Tabela 33 - o nível de estresse que sente geralmente no exercício da sua atividade profissional.

Respostas	Frequência
Nenhum estresse	17 (14%)
Pouco estresse	45 (38%)
Moderado estresse	39 (33%)
Bastante estresse	10 (09%)
Elevado estresse	07 (06%)
Total	118

Fonte: Freire, 2022

Na parte 2 da escala QSPEBS, verificamos as respostas referentes às 36 questões, envolvendo possíveis causadores de estresse vinculados ao exercício da profissão docente, em termos de alunos, colegas, locais de trabalho, autoridades, tipo de ações docentes, questões salariais e de carreira. Para melhor compreensão do leitor organizamos a tabela por quesitos que se apresentam da seguinte maneira¹⁷:

Tabela 34 Quesito ALUNO - questões que envolvem as relações, percepções sobre os alunos. Se referem as questões da escala QSPEBS: 01, 04, 07, 10, 13, 16, 19, 22, 27, 30, 34 e 36.

Tabela 35 Quesito CARREIRA – questões que avaliam a percepção sobre a carreira, e são as questões da escala: 06,12, 14, 18, 24, 29, 35.

¹⁶ Rui Gomes (QSPEBS). Universidade do Minho. Escola de Psicologia.

¹⁷ Organizamos a apresentação por quesitos para que o leitor tenha melhor compreensão durante a leitura, a escala com sua estrutura original está anexa a esse trabalho.

Tabela 36 Quesito ORGANIZAÇÃO/CONDIÇÕES DE TRABALHO – investigam a percepção referente ao processo de trabalho e dizem respeito as questões: 02, 03, 05, 08, 09, 11, 15, 17, 20, 21, 23, 25, 26, 28, 31, 32, 33.

Tabela 34 - Fontes potencialmente geradoras de estresse – Quesito ALUNOS

FONTES POTENCIALMENTE GERADORAS DE ESTRESSE	0=Nenhum estresse	%	1= Pouco estresse	%	2 = Moderado estresse	%	3= Bastante estresse	%	4=Elevado estresse	%	Total	%
1. Mau comportamento dos alunos em geral	41	35	48	41	14	12	10	8	5	4	118	100
4. Falta de iniciativa e vontade de trabalhar pelos alunos	52	44	34	29	22	19	6	5	4	3	118	100
7. Comportamento indecente/descarado dos alunos	47	40	35	30	19	16	9	7	8	7	118	100
10 Alunos com baixas capacidades	54	46	38	32	15	13	6	5	5	4	118	100
13. Mau comportamento contínuo de alguns alunos	44	37	34	29	22	19	9	7	9	8	118	100
16. Disparidade nas capacidades dos alunos	53	45	35	30	19	16	7	6	4	3	118	100
19. Alunos barulhentos	54	46	35	29	15	13	8	7	6	5	118	100
22. Alunos com capacidades muito diferentes	53	45	40	34	12	10	10	8	3	3	118	100
27. Alunos que demonstram falta de interesse	28	24	49	41	22	19	7	6	12	10	118	100
30. Problemas de comportamento difícil por parte dos alunos	43	36	42	35	15	13	9	8	9	8	118	100
34. Alunos pouco motivados	36	30	45	38	15	13	15	13	7	6	118	100
36. Turmas difíceis	46	39	39	33	15	13	8	7	10	8	118	100

Fonte: Freire, 2022

As dinâmicas, as relações, as condições e organização de trabalho dos professores comprometem a qualidade do ensino. A própria atividade gera angústias e sentimentos negativos que acabam desencadeando uma série de consequências, inclusive para saúde desses trabalhadores.

No que se refere aos comportamentos dos alunos, de forma geral, 48 (41%) professores sentem pouco estresse. Não diferentemente, o mau comportamento contínuo é considerado por outros 34 (29%) como provocadores de pouco estresse. A falta de interesse dos alunos é apontada por 49 (41%) como propensão a pouco estresse e 22 (19%) para moderado estresse. A falta de motivação dos alunos é apontada por 45 (38%) como causa de pouco estresse, 15 (13%) de moderado estresse e também 15 (13%) de bastante estresse.

É interessante apontar que, diante disso, conforme Pontes e Guaraldo (2014), o ser humano, como sujeito histórico, produz história e se (re)constrói na relação com o outro. Portanto, é um ser social, que influencia e sofre influência da sociedade na qual se insere (PONTES; GUARALDO, 2014).

As respostas referentes a percepção dos professores em relação aos alunos confirmam e reafirmam o quanto as relações interpessoais influenciam não só os aspectos objetivos como os subjetivos na atividade humana. Se sentir estressado devido a maneira que o outro se comporta em relação a si, do pouco ou nenhum interesse pelo seu trabalho, por sua contribuição, faz com que o professor inicie um processo de desmotivação. A sensação de desrespeito e inutilidade passam a comprometer não só o trabalho, mas também sua saúde.

O processo de ensino e aprendizagem se dá por meio da relação professor-aluno, da organização do conteúdo, da mediação. Esse percurso só é possível quando os sujeitos envolvidos se relacionam mutuamente e motivados, assim transmitem, organizam e transformam o conteúdo, contribuindo para o desenvolvimento do psiquismo.

Vale ressaltar a compreensão de que, no desenvolvimento do psiquismo humano, as dimensões afetiva e cognitiva existem em unidade, de forma que os processos educativos incidem sobre a unidade afetivo-cognitiva, envolvendo a transmissão-apropriação de conhecimentos em unidade com o desenvolvimento de motivos e sentidos da atividade. Para tanto, o professor organiza o conteúdo escolar e as estratégias de ensino, considerando, por um lado, os princípios e as particularidades do desenvolvimento infantil em cada período do desenvolvimento humano e, em particular, o desenvolvimento real e o desenvolvimento próximo (ou iminente) do educando. O professor é, portanto, aquele que dirige o processo de ensino e aprendizagem do aluno. Entre professor e aluno há uma relação de desigualdade no ponto de partida do processo, que deve ser superada no ponto de chegada. (PASQUALINI; EIDT, 2013, p. 40).

Em todos os lugares, as relações são fundamentais para o desenvolvimento humano. Contudo, no contexto escolar a relação professor-aluno é indispensável para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, apropriação do conhecimento, além de ser um aspecto importante para não ocorrer o desencanto em relação a profissão, além disso, as relações interferem

diretamente na maneira de agir, nos comportarmos. Assim, as relações precisam de afeto, respeito mútuo, pois o sentimento negativo na relação professor-aluno interfere na maneira de como um perceberá o outro, e esse processo pode ser além de uma fonte geradora de estresse, também um desencadeador do sofrimento/adoecimento psíquico:

Por exaustão emocional entende-se o estado em que os vínculos afetivos, característica estrutural do trabalho que envolve o cuidado para com o outro, se encontram desgastados. O professor nessa situação percebe esgotados seus recursos emocionais próprios, em decorrência do desgaste resultante dos inúmeros desafios com os quais deve lidar em seu dia a dia.

A despersonalização é caracterizada pela substituição do vínculo afetivo por um vínculo racional, pela qual se perde o sentimento de que se está lidando com outro ser humano. As relações interpessoais acabam caracterizando-se pela dissimulação afetiva, por atitudes negativas, exacerbadamente críticas, comprometendo como consequência a própria integração social do professor (MARTINS, 2015b, p. 15).

As relações estão envoltas de emoções, quando há a perda do encanto, do interesse, da admiração, a repressão dos sentimentos envolvidos nessas relações provocam a decepção, e essa situação leva não só a renúncia em realizar a atividade com prazer e satisfação, mas também de se relacionar com as pessoas envolvidas nesse processo. Esse contexto é gerador de sofrimento/adoecimento, pois o professor assegura a necessidade de realizar a atividade para sobreviver, e não porque se percebe essencial nessa atividade, as relações sadias são imprescindíveis para a saúde psíquica do ser humano.

As relações interpessoais é um dos assuntos de grande importância nas organizações e na gestão de recursos humanos por estar presente no dia a dia de nossas vidas e por envolver aspectos tanto do crescimento pessoal e interpessoal, como profissional. Hoje se vive um mundo tecnológico, onde muitas das interações pessoais e profissionais ocorrem por este meio. Assim, há necessidade de uma atenção e preparo por parte das organizações de cultivarem de forma estratégica os relacionamentos internos (DANTAS; HENRIQUES, 2020, p. 2).

Podemos inferir que uma das consequências da pandemia foi o fortalecimento do distanciamento social e pessoal: uma individualização. Por termos consciência que os meios eletrônicos já induziam ao afastamento das pessoas, agora pós pandemia essa situação pode se intensificar. Essa situação deve ser verificada diante a escassez de empatia e envolvimento pessoal nas relações atuais, pois podem contribuir para o sofrimento/adoecimento psíquico de forma concreta e demasiada.

Tabela 35 - Fontes potencialmente geradoras de estresse – Quesito CARREIRA

FONTES POTENCIALMENTE GERADORAS DE ESTRESSE	0=Nenhum estresse	%	1= Pouco estresse	%	2 = Moderado estresse	%	3= Bastante estresse	%	4=Elevado estresse	%	Total	%
6. Salário inadequado	28	24	34	29	28	24	13	11	15	12	118	100
12 Poucas oportunidades de promoção	49	42	32	27	16	14	11	9	10	8	118	100
14. Falta de poder e influência nas sanções disciplinares	52	44	36	30	16	14	8	7	6	5	118	100
18. Baixo estatuto socioprofissional da profissão	58	49	30	25	14	12	7	6	9	8	118	100
24. Carreira mal estruturada	43	37	37	31	17	14	8	7	13	11	118	100
29. Falta de perspectivas de desenvolvimento e promoção na carreira	45	38	37	31	19	16	8	7	9	8	118	100
35. Falta de estabilidade e segurança na carreira	51	43	23	20	25	21	7	6	12	10	118	100

Fonte: Freire, 2022

No quesito que avaliou a percepção dos professores sobre a carreira, o salário inadequado é apontado como agente de pouco estresse para 34 (29%) professores, de moderado estresse para 28 (24%) e de elevado estresse para 15 (12%).

Apesar das poucas oportunidades de promoção terem sido apontadas por 49 (42%) como fonte de nenhum estresse; para 32 (27%) dos participantes causam pouco estresse; moderado estresse para 16 (14%); bastante estresse para 11 (9%); e elevado estresse para 10 (8%).

A carreira mal estruturada é uma condição que resulta em pouco estresse para 37 (31%) dos docentes, moderado estresse para 17 (14%) e elevado estresse para 13 (11%). A falta de perspectiva de desenvolvimento e promoção na carreira é indicada como fonte de pouco estresse para 37 (31%) e moderado estresse para 19 (16%). A falta de estabilidade e segurança na carreira é determinante de pouco estresse para 23 (20%) dos professores, moderado estresse para 25 (21%) e elevado estresse para 12 (10%).

O termo valorização docente reúne três importantes elementos que interferem na condição profissional: 1) a remuneração; 2) a carreira e condições de trabalho; e 3) a formação inicial e continuada (OLIVEIRA, 2013).

As constantes mudanças no âmbito educacional, a ampliação do acesso à educação, qualificação do ensino, materiais e condições melhores também levaram ao aumento das discussões no que tange à valorização do sujeito professor:

O direito à diferença e ao reconhecimento vêm sendo fortemente afirmados por vários movimentos na sociedade contemporânea. Esses movimentos produzem impactos na educação, especialmente nas disputas relativas aos currículos escolares, portanto na formação dos professores e no seu trabalho. Ambas as tendências são forças sociais que se avolumam e colocam novas condições para a concepção e consecução de políticas públicas voltadas ao social, e, mais enfaticamente, para as redes educacionais escolares. Aqui, o fator humano – quem ensina, quem aprende, quem faz a gestão do sistema e da escola e como – destaca-se como polo de atuação dos vários grupos envolvidos na busca de uma nova posição social e de novas condições para suas relações sociais, de convivência e de trabalho. A uma vez, o reconhecimento social de grupos diversificados que demandam por escolarização, e, simultaneamente, a necessidade do reconhecimento social da categoria dos professores como trabalhadores essenciais. Essas questões se inserem no amplo âmbito da justiça social. Não se trata, portanto, de reconhecimento no sentido do orgulho pessoal, mas no sentido de uma subjetividade coletiva na demanda por equidade social (GATTI, 2012, p. 91-92).

No tocante ao sujeito (EU) e professor (PROFISSIONAL), o conjunto dos aspectos que envolvem a valorização do professor deve considerar as diferentes circunstâncias que precisam abarcar desde a formação, a remuneração e as condições de trabalho. São as condições para o desempenho da atividade que colaboram para a permanência da satisfação e prazer em exercer a profissão. Não há condições de trabalhar de forma prazerosa se não houver qualidade para execução da atividade, pois as péssimas conjunturas nas suas diferentes esferas fazem com que a profissão docente deixe de ser atraente, vai se perdendo o encanto:

Ainda quanto à valorização docente e às condições de trabalho, no âmbito dos sistemas de ensino, ressalta-se a importância dos planos de carreira por pressupor a inserção na profissão via concurso público de provas e títulos, definir a remuneração com base no piso salarial profissional e estimular o crescimento profissional por meio da formação continuada e da avaliação do desempenho docente. Os planos de carreira tendem a favorecer a atratividade da profissão ao promover a articulação entre formação inicial e continuada, remuneração, condições de trabalho (especialmente, no que se refere à remuneração e à jornada, incluindo um terço da carga de trabalho para planejamento, reuniões pedagógicas e elaboração de avaliações) e possibilidades de progressão profissional (GOMES; NUNES; PÁDUA, 2019, p. 282).

Trata-se de voltar o olhar para o ser humano que, por meio da sua atividade, se desenvolve e satisfaz as suas necessidades, ao mesmo tempo em que colabora para o desenvolvimento e a hierarquização de motivos do outro sujeito da relação, o aluno. A inconstância das condições de trabalho oportuniza de forma progressiva uma descontinuação com a docência, ou pelo adoecimento ou pelo desapontamento pela profissão. Nessa direção, é fundamental a adoção de políticas de cuidado para com a saúde do professor, as quais também podem ser compreendidas como uma das estratégias de valorização docente (GOMES; NUNES; PÁDUA, 2019, p. 292).

Gatti (2012) sinaliza para a pertinência das discussões sobre a valorização do profissional-professor que realiza a educação e as mudanças culturais indispensáveis para o seu reconhecimento social.

É preciso assumir a existência da desvalorização e das condições precárias de trabalho do professor. Além disso, é fundamental iniciar um processo de retomada de empatia por esse profissional que necessita de novos olhares, que vão desde sua formação aos planos de cargos e carreiras. A segurança e estabilidade são condições necessárias para todos os trabalhadores, e não há qualquer possibilidade de se trabalhar de forma satisfatória e prazerosa se não houver o reconhecimento profissional, é essencial retomar o prestígio de ser professor!!

Assim, compreender as políticas governamentais em relação aos docentes pode iluminar aspectos da relação opaca entre legisladores e gestores dessas políticas e as novas postulações de grupos sociais que reivindicam para si, de diferentes formas, equidade, reconhecimento social e dignidade humana. Grupos sociais que se candidatam à formação e adentram a profissão docente, por diversas injunções, e grupos sociais que adentram, por meio dos filhos, as escolas. Transformar a educação escolar implica transformar radicalmente o reconhecimento social da profissão docente e dos professores (GATTI, 2012, p. 92-93).

Souza (2018) declara que os professores percebem uma desvalorização da profissão docente em todas as esferas da sociedade, principalmente com relação ao reconhecimento social do professor.

Esse sentimento o leva a frustração, e percebe sua profissão como desmerecedora de reconhecimento, e a sociedade da qual de forma incisiva tem reforçado esse sentimento, intensifica essa percepção de inutilidade, e nesse sentido o professor perdendo o prazer em lecionar apenas resiste, eis o caminho para o sofrimento/adoecimento, pois essa sensação de descaso com a profissão que exerce realiza gera dor em qualquer trabalhador.

Assim, essa ausência de reconhecimento da sociedade a respeito do seu trabalho pode contribuir para que o docente se sinta desvalorizado e frustrado, assumindo uma imagem negativa da profissão que, em seguida, será transmitida à mesma sociedade, reforçando sua visão. Diante das frustrações que afirmaram vivenciar em seu trabalho, vários admitiram já terem pensado em trocar de profissão. No entanto, muitos não o fizeram porque realmente gostam da área da Educação. E outros por não terem mais motivação para voltar aos estudos (SOUZA, 2018, p. 112).

As consequências do sofrimento/adoecimento psíquico docente são tantas, que os próprios professores percebem e sentem os resultados do descaso com a profissão. No entanto, diante da sensação de perda do prazer em ensinar muitos não conseguem nem mesmo motivos para mudar de profissão. As emoções são as mais negativas possíveis, e vão desintegrando o ser humano a ponto de não perceber outra saída a não ser de lutar contra suas próprias emoções e as silenciar a ponto de sofrer/adoecer.

A exata percepção das condições que rodeiam a profissão e a pouca/nenhuma possibilidade de melhora leva o trabalhador a desempenhar sua atividade com base no racional. O emocional deixa de existir a partir do momento que sua subjetividade é abolida e tem a profissão apenas como forma de existir e não de sentir. Assim, é retirado do ser humano a possibilidade de se sentir útil, feliz, realizado, motivado, e a sensação de não pertencimento na sociedade desencadeia uma série de emoções que vão sendo silenciadas e vão aos poucos se tornando sintomas.

Tabela 36 - Fontes potencialmente geradoras de estresse – Quesito ORGANIZAÇÃO/CONDIÇÕES DE TRABALHO

FONTES POTENCIALMENTE GERADORAS DE ESTRESSE	0=Nenhum estresse	%	1= Pouco estresse	%	2 = Moderado estresse	%	3= Bastante estresse	%	4=Elevado estresse	%	Total	%
2. Existência de sanções disciplinares pouco adequadas	42	35	42	36	22	19	5	4	7	6	118	100
3. Falta de tempo para preparar as aulas	55	47	28	24	24	20	6	5	5	4	118	100
5. Trabalho administrativo	49	41	40	34	14	12	8	7	7	6	118	100
8 Falta de aceitação da autoridade do professor	53	45	29	25	19	16	12	10	5	4	118	100
9 Demasiado trabalho para fazer	40	34	37	31	16	13	16	14	9	8	118	100
11 Obrigações burocrático-administrativas	40	34	33	28	21	18	11	9	13	11	118	100
14. Falta de poder e influência nas sanções disciplinares	52	44	36	30	16	14	8	7	6	5	118	100
17. Demasiado trabalho burocrático	33	28	40	34	22	19	5	4	18	15	118	100
20. Ineficácia das sanções disciplinares existentes	52	44	38	32	13	11	8	7	7	6	118	100
21. Exigências ou obrigações para além do período letivo	38	32	36	31	17	14	8	7	19	16	118	100
23. Excesso de tarefas de caráter burocrático	35	30	36	30	22	19	4	3	21	18	118	100
25. Políticas disciplinares inadequadas da escola e do ensino	48	41	36	30	17	14	8	7	9	8	118	100
26. Ritmo demasiado rápido do período letivo	49	42	36	31	17	14	6	5	10	8	118	100
28. Deveres e obrigações administrativas	45	38	30	25	23	20	8	7	12	10	118	100
31. Falta de participação nas decisões disciplinares a tomar	55	47	32	27	16	13	6	5	9	8	118	100
32. Falta de tempo para cumprir o programa	49	42	35	30	17	14	7	6	10	8	118	100
33. Nível de barulho bastante elevado nas aulas	50	42	41	35	12	10	6	5	9	8	118	100

Fonte: Freire, 2022

A intensificação do trabalho gera desconforto e estresse para o professor, conforme as respostas dos participantes. O trabalho administrativo é apontado por 40 (34%) professores, como também demasiado trabalho a se fazer. 37 (31%) apontam como situação que gera pouco estresse; 16 (13%) consideram como fonte de moderado estresse; 16 (14%) como bastante estresse e 9 (8%) como elevado estresse.

Outra situação gerada por essas mudanças educacionais é relativa aos trabalhos burocráticos direcionados aos professores. Na presente pesquisa, 40 professores (34%) apontam essas situações como relacionadas a pouco estresse, mas 22 (19%) consideram como geradoras de moderado estresse e 18 (15%) apontam como elevado estresse. Sob essa mesma perspectiva, encontram-se as exigências ou obrigações além do período letivo, que são percebidas por 36 (31%) professores como dispositivo para pouco estresse e com elevado estresse por 19 (16%). Entre outras respostas, o excesso de tarefas de caráter burocrático é assinalado por 36 (30%) como ocasiões de pouco estresse, por 22 (19%) como moderado estresse, e como elevado estresse por 21 (18%). A falta de tempo para aprofundar o estudo de temas curriculares gera pouco estresse para 25 (21%), moderado estresse para 21 (18%) e bastante e elevado estresse para 10 (9%).

As novas políticas educacionais surgiram visando a ampliação da educação, porém não se repensou a adequação das condições e organização do trabalho dos professores. Ao contrário, houve um aumento na quantidade de alunos em sala de aula, das novas grades curriculares e o acréscimo dos trabalhos burocráticos reformulados apenas com base em quantidade, e esse novo formato resultou na intensificação dos afazeres docente, que por sua vez, inibi qualquer possibilidade de se ter qualidade no ensino e tão pouco a valorização docente.

A docência é uma das mais antigas ocupações e a figura do professor é anterior à criação das instituições de ensino. A docência e os processos de ensino-aprendizagem vêm se modificando ao longo da institucionalização dos processos de formação profissional, especialmente em função das transformações no mundo do trabalho e da produção, das mudanças culturais e da evolução tecnológica, que repercutiram e repercutem sobre as condições de vida e trabalho dos professores (CRUZ; LEMOS, 2005, p. 65).

As condições de trabalho se modificam para atender às demandas capitalistas, mas não consideram o trabalhador, nesse caso o professor, os reflexos dessa situação caótica sobressaem em sua saúde. Não se pode falar em qualidade da educação diante as condições de trabalho dos professores nos dias atuais. Trata se de situações degradantes, que corroboram cada vez mais para a perda do interesse na profissão. Aos que permanecem resistindo, tem restado o silenciamento das emoções, a busca por sobrevivência e o sofrimento/adoecimento psíquico por constatarem as reais condições e a desvalorização do seu trabalho.

[...] as condições de trabalho dos professores estão distantes do adequado. Professores responsáveis por formar novas gerações de alunos adoecem no trabalho, por falta de estrutura física e material, por violência nas escolas e por desrespeito profissional. Esse quadro é muito sério e tem se agravado. Seria importante investigar medidas que tenham sido tomadas para a melhoria dessa situação e, mais do que isso, tomar decisões efetivas, dentro e fora das escolas, para mudar essa realidade. O tema é de grande importância para o aperfeiçoamento da educação brasileira e das condições de trabalho dos professores (MOREIRA; RODRIGUES, 2018, p. 246).

Até este ponto, organizamos e analisamos os dados obtidos por meio dos questionários e escalas para analisar as causas do sofrimento/adoecimento psíquico dos docentes. As análises dos instrumentos aplicados aos professores nos possibilitaram até aqui confirmar nossa Tese.

O silenciamento das emoções é sim de fato um propulsor para o sofrimento/adoecimento psíquico. Trabalhar tendo total percepção das condições e desvalorização do próprio trabalho é angustiante, é como se o professor se levantasse todos os dias sabendo a que horas se iniciará e terminará a tortura. É exercer uma atividade que na grande maioria foi escolhida pela paixão e por acreditar na possibilidade de mudança, mas que na realidade se depara diariamente com a indiferença, com as constantes críticas destrutivas, com a falta de empatia, com as imposições, com o excesso de trabalho, com as cobranças, com a anulação de um ser humano.

As emoções regem as relações, os comportamentos, as escolhas e o modo de ser. Ao se silenciar as emoções, cala-se os desejos, vontades, motivos, prazeres e percepções. Ou seja, o sujeito deixa de ser quem se é.

O que esperar do ser humano nessas condições? Pois bem, sabendo da necessidade de sobreviver e na grande maioria de cuidar dos seus também, o ser humano tem a consciência de que a forma de como a sociedade está organizada não tem qualquer pretensão de mudar essa situação. Não é o trabalhador que não reage, é a sociedade que não lhe dá opções de mudança, não o garante a possibilidade de escolhas. Igualmente, como se popularizam algumas profissões serem uma atividade de retorno financeiro e prestígio de imediato, como por exemplo, a medicina, contudo, é necessário frisar a mercantilização dessa profissão, ao contrário da profissão docente. Ao mesmo tempo, por outro lado, no que se refere à profissão da docência, é tida, de modo estereotipado, como algo fulcrado na paixão, admiração e excelência, todavia, hoje escutamos também que a escolha se deu pela necessidade de trabalhar, por ter mais vagas, de ter cursos de formação superiores mais fáceis, à distância, como resultado da organização da sociedade atual. Os dois exemplos de profissão aqui citados não são isolados, muitas outras profissões passam por desvalorização, mercantilização. Contudo, é necessário frisar, no entanto, que toda profissão perpassa por uma formação a qual é sempre regida por um professor. Diante dessas constatações, e com base em suas próprias percepções, o ser humano luta para resistir e silencia sua dor devido a inevitabilidade de sobreviver.

Um dado relevante percebido, a partir das análises dos instrumentos dos professores e que também corrobora com a nossa Tese, foi que, os questionários permeiam um certo receio em descrever claramente os sentimentos, as emoções, as angústias, ainda que tenham sido registradas, entretanto de forma sucinta. Mas, ao analisarmos as escalas, verificamos que os professores não hesitaram em assinalar as diferentes situações e sensações em relação ao trabalho, suas condições e consequências. Esse dado nos chamou atenção. Será as escalas uma forma de registrar as reais situações e não ter qualquer possibilidade de identificação? Esse questionamento é pertinente quando recordamos que os participantes responderam ao questionário e as escalas ao mesmo momento, em um único formulário, pois estavam juntos na plataforma do *google forms*, contudo, as escalas são instrumentos que não nos permite identificar de maneira alguma qualquer participante, ao contrário dos questionários, que podem elucidar a identificação de algum participante por meio da escrita.

Dessa maneira, houve um silenciamento das emoções nas respostas que pudessem induzir a alguma identificação. De certa forma, foi silenciado o desejo de se expressar, recorrendo as respostas objetivas das escalas. Esse dado é de extrema importância! Sim, os professores temem se expressarem, e diante as respostas de todos os instrumentos apuramos que as emoções estão sendo silenciadas e o sofrimento/adoecimento psíquico tem sido resultado desse processo.

O filme citado no início desse capítulo apresenta a paixão pela profissão, a historicidade e peculiaridade da atividade, as funções do trabalho do peão e as consequências para as outras pessoas. Outra questão abordada no curta, são os riscos e as inúmeras implicações que a atividade pode acometer quem a exerce, além da influência que pode causar nas pessoas próximas, como o caso do filho, que admira e deseja ter a mesma profissão do pai, mesmo diante os riscos que tem. Essa percepção que propomos instigar aos eleitores quanto a importância e implicações para si e para os outros da profissão docência.

A partir do próximo subtítulo, conheceremos os sujeitos que realizam a gestão da educação no município, e abordaremos o *conhecimento*, a *percepção* e a *consciência* dos gestores quanto às Ações, Programas ou Projetos para prevenir o adoecimento docente e a percepção e a consciência quanto à primordialidade da existência de práticas que promovam a saúde psíquica do docente.

3.6 Dos questionários dos gestores: resultados e análises

Entretanto, o comportamento do ser humano se desenvolve no complexo contexto do ambiente social. O ser humano só entra em contato com a natureza através desse ambiente e, por isso, esse meio é o fator

mais importante que determina e organiza o comportamento humano (VIGOTSKI, 2003, p. 39-40).

3.6.1 Identificação dos participantes da pesquisa

O questionário para os gestores foi direcionado aos Profissionais de Educação que desempenham função de chefia e não de docência, como Secretários de Educação, Assessores Pedagógicos, Diretores, Coordenadores, entre outros que atuam nas Escolas e na Secretaria Municipal de Educação (SEMED).

É importante ressaltar que o objetivo em aplicar o questionário aos gestores, foi o de investigar a existência ou não de ações, programas, projetos para enfrentar o sofrimento/adoecimento docente e a concepção desses profissionais sobre o tema abordado nessa tese.

Iniciamos a apresentação da caracterização dos gestores expondo os dados das questões de 1 a 8 da primeira parte do questionário, referentes à identificação (sexo, idade, estado civil, formação, ano e instituição, Pós-Graduação, ano e instituição, vínculo empregatício, cargo atual e função que desempenha).

De 251 gestores, 26 responderam ao questionário *online* conforme Tabela 37. Na Tabela 38, constam a formação inicial e o ano de graduação, e apresentam ainda as informações quanto a Pós-graduação e o ano de conclusão.

Tabela 37 - Identificação: sexo, idade e estado civil

Sexo		Idade		Estado civil	
Feminino	19 (73%)	20 a 30 anos	02 (08%)	Casado	13 (50%)
Masculino	07 (27%)	31 a 40 anos	05 (19%)	Solteiro	03 (12%)
		41 a 50 anos	13 (50%)	União estável	06 (23%)
		51 ou mais	06 (23%)	Divorciado	04 (15%)

Fonte: Freire, 2023.

Tabela 38 – Graduação e ano de conclusão.

Formação inicial		Ano de Graduação	
Pedagogia	13	1991-1999	08 (31%)
Letras	03	2000-2009	08 (31%)
Ciências Biológicas	02	2011-2021	08 (31%)
Geografia	01	não informaram	02 (07%)
Artes/Artes Visuais	01		
Ensino lúdico	01		
2 graduações ou mais	02		
não especificaram	02		

Fonte: Freire, 2023

Tabela 39 – Pós-Graduação e ano de conclusão.

Pós-Graduação		Ano de Conclusão da Pós	
Especialização	14 (54%)	1998-2009	05 (19%)
Mestrado	06 (23%)	2012-2018	10 (38%)
Mais de 01 Pós-Graduação	02 (0,8%)	2019-2021	03 (12%)
Não informaram	03 (11%)	Não responderam	07 (27%)
Não possuem	01 (0,4%)		

Fonte: Freire, 2023.

A tabela 40 se refere ao **Vínculo empregatício, Cargo que ocupa, Função que desempenha**:

Tabela 40 – Vínculo empregatício/ Cargo que ocupa/ Função que desempenha

Vínculo empregatício	Frequência	cargo que ocupa	Frequência	Função que Desempenha	Frequência
Estatutário	25 (96%)	Gestor (a)	08 (31%)	Gestor (a)	09 (35%)
Comissionado	01 (0,4%)	Assessor (a)técnico Pedagógico	04 (15%)	Diretor (a)	06 (23%)
		Coordenador (a)	02 (0,8%)	Assessor (a) técnico Pedagógico	03 (11%)
		Profissional de educação	10 (38%)	Coordenador	03 (11%)
		Direção	01 (0,4%)	Apoiador de formação de professores	01 (0,4%)
		Secretária Adjunta	01 (0,4%)	Formador em tecnologias educacionais	01 (0,4%)
				Ordenadora	01 (0,4%)
				Gerente	01 (0,4%)
				Professora	01 (0,4%)

Fonte: Freire, 2023.

Ainda são poucos os estudos encontrados sobre os gestores escolares. A inexistência de uma formação específica e a definição da função e legislações podem ser alguns dos motivos para o desinteresse de pesquisas sobre o tema, apesar de serem de extrema relevância, mesmo porque, o trabalho dos gestores conduz o trabalho dos professores.

Oliveira e Vasques-Menezes (2018) assinalam que, em relação à gestão escolar, há lacunas que as pesquisas precisam preencher sobre o cotidiano da gestão e dos sujeitos que compõem a comunidade escolar (OLIVEIRA; VASQUES-MENEZES, 2018). Vieira e Vidal (2014) também reforçam que no Brasil são poucos os estudos sobre essa relevante categoria, e salientam que as próprias mudanças nas políticas de educação confundem a formação, a definição de papéis, o acesso ao cargo, e a importância desse profissional no contexto escolar.

Contudo, mesmo com poucas pesquisas disponíveis, é possível encontrar trabalhos que contribuam para uma reflexão sobre a importância da função exercida por esse profissional. Bizol (2018) esclarece que esse profissional é responsável em garantir a qualidade do ensino

ofertado ao aluno, condução da elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP), auxilia na elaboração do currículo escolar, acompanha e avalia a aprendizagem:

Portanto, é necessário, que o gestor esteja devidamente equipado para criar e sustentar um ambiente que promova e incentive a participação ativa de todos, dando destaque à responsabilidade que possui no bom desenvolvimento do processo educacional. Desta forma, entende-se que essa é a maneira que um gestor deve conduzir uma escola, de forma que os inúmeros segmentos da comunidade escolar sejam representados, em um lugar onde todos consigam participar de maneira ativa para a melhoria da qualidade de ensino (BIZOL, 2018, p. 3-4).

Cabe aos gestores a organização e o funcionamento da educação. As diferentes tarefas atribuídas a esse profissional devem contribuir para uma gestão democrática e transformadora:

Entende-se que o trabalho do gestor é transformar a realidade, com a finalidade de alcançar a aprendizagem de todos na escola e para isso ele precisa saber conduzir bem os processos e mobilizar as pessoas para que todos tenham o mesmo foco, que no caso é o aluno, mantendo seu compromisso com a aprendizagem. Os gestores sabem que apesar de serem os responsáveis pela escola, sua função não é apenas burocrática, mas também deve participar das reuniões pedagógicas, ajudar a planejar projetos e atividades, dar sugestões de livros a serem lidos ou comprados e acompanhar de perto as dificuldades dos docentes, colaborando, desta forma, com a aprendizagem de todos na escola (BIZOL, 2018, p. 8).

O gestor é quem direciona as atividades do professor. Cabe a esse profissional adequar toda a estrutura do âmbito escolar para que o professor utilize de seus conhecimentos e meede o aprendizado. Essa organização faz a diferença na percepção do professor quanto as condições de trabalho, e podem ser realizadas além do objetivo de propiciar o aprendizado do aluno, também de manter a satisfação e o prazer do professor em ensinar.

3.6.2 *Projetos realizados para prevenir o adoecimento docente*

Neste tópico pesquisamos acerca de Programa, Ação ou Projeto existente que tivessem o intuito de prevenir o adoecimento psíquico docente. Nisso, obtivemos alguns principais tópicos os quais utilizamos como base de observação, como: que ações realizadas nas escolas dos gestores pelos Projetos/Ação/Programa; quais temáticas seriam necessárias em programas para prevenir o adoecimento docente; qual a frequência considerada importante para realização de ações que visam à prevenção; e se os gestores têm conhecimento das principais causas de afastamento para tratamento de saúde dos docentes, e caso tenham, quais seriam.

Para iniciarmos a investigação sobre ações de prevenção ao adoecimento docente no município de Corumbá MS, perguntamos aos gestores (tabela 41) se **existe algum Programa, Ação ou Projeto para prevenir o sofrimento/adoecimento psíquico docente**¹⁸.

Tabela 41 - Existe algum Programa, Ação, Projeto para prevenção do adoecimento docente no município de Corumbá MS? Se sim, Qual?	
Sim	05 (19%)
Não	21 (81%)

¹⁸ Todas as tabelas tiveram suas respostas organizadas por frequência e mantido o texto original dos participantes.

Resposta	Frequência
Secretaria de Saúde / Na Secretaria de Saúde, existe o atendimento, principalmente em relação à COVID	02
Atividade laboral	02
Eu não sei	01
Forma de tratamento qualificada tentando ouvir funcionários driblando o dia a dia com escuta qualificada	01
Palestras	01
Total	07

Fonte: Freire, 2023

Ao perguntarmos aos gestores sobre o porquê da inexistência. Tabela 42 a maioria não tem conhecimento ou simplesmente diz que não existe.

Tabela 42 – Caso Não, por quê?

Resposta	Frequência
Não tenho conhecimento/Desconheço/Não existe/Nenhum	11
Estamos estudando possibilidades/ Acredito, que iniciaram agora esses debates.	02
Na verdade, existe uma rede de atendimento, porém neste momento atual, com pandemia e tudo mais, essas iniciativas não estão acontecendo na nossa rede.	01
Não tenho conhecimentos de um programa específico para esse fim, mas existem palestras motivacionais através de lives.	01
Ausência de estudos para verificar necessidade.	01
O poder público não investe no setor de prevenção a doenças dessa área.	01
Não atuo como gestor	01
Total	18

Fonte: Freire, 2023

Embora a maioria dos gestores tenham respondido **que não existe nenhum programa, ação ou projeto**, cinco responderam o contrário, logo pedimos que informassem quais seriam essas ações.

A Educação no Brasi, sofreu uma expansão da escolarização, com o objetivo de ampliar o acesso ao ensino. Contudo, não fez parte desse processo uma organização que cuidasse de todos os aspectos pertinentes à intensificação do trabalho dos professores ou que visasse à prevenção do sofrimento/adoecimento psíquico docente. Apesar das constantes mudanças, busca de adequações, a saúde do professor ainda parece ser um tema pouco pensado.

Nesse contexto, o profissional que atua para que sejam efetivados os pressupostos de uma educação diferente, com qualidade e que atenda aos anseios da comunidade educacional, enfrenta cada vez mais os desafios para atuar na área, tanto em instituições públicas quanto privadas, haja vista que o docente sofre pressões e cobranças, sendo atribuída e a este profissional a responsabilidade por resultados. Logo, se o profissional da educação é considerado como elemento básico para elevar o nível da educação no Brasil, preocupar-se com suas condições físicas e mental são imprescindíveis para que isso aconteça.

Os professores se deparam com péssimas condições de trabalho, e que são repetidamente citadas, por serem bem conhecidas, que vão desde as estruturas físicas até as relações existentes nesse contexto. Todos os dias essas e outras diversas situações têm gerado um aumento na insatisfação e desprazer em lecionar. Não há mais como deixar de questionar e

discutir as causas que podem causar o sofrimento/adoecimento psíquico docente, os sentimentos de insatisfação e desprazer giram em torno do desrespeito, pouco ou nenhum reconhecimento, planos de cargos e carreiras precários, relações entre outros.

Por outro lado, os profissionais sentem-se desvalorizados e desencantados pela profissão, pois em quase todos os discursos políticos está sempre presente o ponto valorização docente, entretanto, pouco se efetivam as propostas suscitadas o que vem causando desgaste para os docentes. Nesse caso, compreender as causas que desencadeiam o sofrimento, seja físico ou psíquico, é relevante para que se possa pensar em ações para, senão dirimir, ao menos minimizar tais problemas.

Via de regra, o docente trabalha em mais de um turno e/ou estabelecimentos distintos em razão de a remuneração para a classe ser baixa e ser preciso complementar a renda. Além disso, sente-se enfraquecido, desrespeitado, desmotivado, trabalhando num ambiente sem estrutura, com turmas cheias, alunos desinteressados e indisciplinados, com inúmeras negações de direitos e violações (SILVA; VIEIRA, 2021, p. 182).

Mesmo que um maior número de gestores tenha respondido que não existe nenhuma ação para prevenir o adoecimento, os que responderam que sim não souberam especificar quais. Essas contradições podem sugerir que pouco se conhece ou se tem discutido, planejado e realizado na gestão municipal pra prevenir o sofrimento/adoecimento psíquico docente. Nesse ponto, verificamos mais uma vez o quanto a comunicação (fala) é importante para organização do trabalho.

O termo gestão de pessoas está atrelado ao processo administrativo e funcional de uma organização, ou seja, podemos entender que gira em torno da dinamização dos processos, o planejamento, a direção e ao fortalecimento do controle dos recursos da organização para o alcance dos objetivos desejados. A tarefa da gestão relaciona-se a administrar, dispor, gerar, arranjar, conduzir, governar e propor os processos e procedimentos para dar fluxo positivo dentro da organização.

A tarefa da gestão relaciona-se a administrar, dispor, gerar, arranjar, conduzir, governar e propor os processos e procedimentos para dar fluxo positivo dentro da organização (SILVA, 2016, p. 33).

Nesse cenário, é preciso que os gestores estejam focados nos sujeitos que realizam as atividades que objetivam os resultados, seja das escolas públicas ou privadas. Assim, é fundamental que os gestores tenham conhecimento das lacunas existentes, mas persistentes no contexto escolar que podem desencadear o sofrimento/adoecimento psíquico. Ademais pensar na gestão enquanto forma de organizar o trabalho é orientar quem, como e o que fazer de forma a dispor de todos os recursos necessários:

A Gestão de Pessoas é um campo vasto que recentemente vem sendo discutido sob diferentes enfoques, estes que vão desde as conceituações elementares sobre o termo, até uma visão mais aprofundada no que concerne a motivação, desempenho e engajamento pessoal, entre outros na vida da organização/instituição que direcionam e estimulam a participação direta ao bem-estar, proporcionando a reciprocidade de ações que tão grandiosamente vem-se abordando como mote da mudança de paradigmas nas relações entre pessoas e atuação de seu trabalho. E nos ambientes escolares essa premissa é de abordagem central, quando ressaltamos a importância de seus gestores estimularem essa participação de suas categorias de trabalho, especialmente dos professores (SILVA, 2016, p. 34).

Os gestores, por exemplo, que estão ligados diretamente nas atividades da organização, metas e objetivos, necessitam desenvolver bom relacionamento interpessoal com sua equipe e mediar todos os processos internos (DANTAS; HENRIQUES, 2020, p. 2)

Procuramos, também, examinar **se na escola que os gestores coordenam existe alguma Ação, Projeto ou Programa para prevenir o adoecimento**, como vemos na tabela 43. **Para os gestores que responderam sim, solicitamos que especificassem.**

Tabela 43 - Em relação a escola que coordena, existe alguma Ação, Projeto, Programa para prevenir o adoecimento docente? Caso afirmativo, como?

Resposta	Frequência
Sim	03 (12%)
Não	22 (88%)
Tentativas de utilizar o que aprendi no curso de psicologia tentando distribuir sementes, influenciando, sugerindo a criação do espaço verde, de forma a diminuir ansiedade, depressão, digo, tentativas além de roda de conversa com a gestora	01
Ginástica laboral	01
Palestras	01
Total	03

Fonte: Freire, 2023

Sobre as respostas positivas percebemos que se trata de gestores que atuam especificamente nas escolas, pois a própria questão foi direcionada às ações nas escolas coordenadas pelos participantes e de uma forma mais explicativa que na questão anterior (tabela 43), quando os participantes descreveram o que e como são realizadas as ações para contribuir na prevenção do sofrimento/adoecimento psíquico docente.

Diante das complexidades atuais das instituições escolares, cabe a figura do gestor escolar encaminhar-se na busca de resoluções eficazes capazes de desvendar obstáculos que atrapalham e dificultam o processo educativo. E, para esta missão tão importante, observar os valores organizacionais que auxiliam nesta tarefa, uma vez que é a partir deles que se procuram elementos dentro da cultura organizacional que possam estar sendo violados. O contrário também é verdadeiro, acontece quando a dificuldade parte dos gestores onde pouco ou nenhum esforço é feito para vivenciar novos valores, ou mesmo erradicar obstáculos culturais que impedem o sucesso (SILVA, 2016, p. 39).

Na escola em que atua, o gestor conhece sua equipe, clima, situações que podem contribuir ou prejudicar um resultado e toda a dinâmica de trabalho. Por mais que sejam muitos professores em uma única escola, cada um possui sua individualidade e subjetividade, nos desejos, motivos e emoções. O gestor precisa conhecer e identificar o potencial e também as dificuldades de cada profissional, o todo só se forma por meio do individual.

O problema surge quando as instituições se dão conta, que o simples fato da equipe possuir características de alto desempenho funcional não lhe é o suficiente para garantir o sucesso e mantê-la eficiente em seus resultados. Os seres humanos são complexos e singulares, cada membro da equipe pode dar uma conotação diferente, podendo interpretar os padrões estabelecidos, as normas e autoridade de forma diferenciada.

Ante ao exposto, cabe aos gestores, enquanto líderes diretos das instituições educacionais, acreditar que cada grupo ou categoria dentro das escolas possui a potencialidade singular e essencial para se chegar a possíveis soluções dos problemas que se apresentam, reforçando a função da diagnose como instrumento auxiliar para a identificação dos principais entraves que emperram a sua dinâmica (SILVA, 2016, p. 40).

Na organização do trabalho, nas relações, no planejamento, o gestor necessita considerar o sujeito (EU) e profissional (Professor) como um ser humano atuante, responsável e parte integrante de todo o processo de ensino. Não deve caber ao professor somente ‘acatar’ ordens e receber demandas absurdas de trabalho, mas participar da construção do processo. Dar voz ao professor é respeitar sua percepção, seu entendimento das situações no contexto escolar, e isso influencia diretamente a saúde psíquica, pois ele não se vê apenas como o trabalhador obrigado a executar, mas como parte integrante e existente da equipe de trabalho.

O sofrimento característico da profissão, principalmente dos docentes de escola públicas, ocorre tanto pela evidente perda da substância de seu trabalho quanto pela perda de seu próprio valor como trabalhador, uma vez que o professor se obriga a aceitar condições laborais muito aquém das que merece, com atribuições que não fazem parte de seu trabalho, não raro acumulando a função de pai, mãe, orientador, psicólogo dos estudantes.

A falta de apoio psicológico para esses profissionais compromete o desenvolvimento laboral, considerando que em muitas situações recai sobre eles a tarefa de resolver os problemas de aprendizagem e emocionais dos alunos. Esses pontos vêm criando uma crise de identidade nos docentes, que vão perdendo a referência sobre o que fazer, como trabalhar, como comportar-se em sala. O ofício de ensinar vai se perdendo juntamente com o papel do professor (SILVA; VIEIRA, 2021, p. 182).

Vigotski (2003) contribui com observações que consideram todos os integrantes seres ativos no processo de educação, pois a dinamização do processo educativo resulta da participação de todos. Essa constatação abrange toda e qualquer situação do contexto escolar, inclusive para a prevenção do sofrimento/adoecimento:

O processo educativo não deve ser concebido como algo unilateralmente ativo, nem devemos atribuir tudo à atividade do ambiente, anulando a do próprio aluno, a do professor e tudo o que entra em contato com a educação. Pelo contrário, na educação não há nada passivo ou inativo. Até as coisas inanimadas, quando incorporadas ao âmbito da educação, quando adquirem um papel educativo, se tornam dinâmicas e se transformam em participantes eficazes desse processo (VIGOTSKI, 2003, p. 78).

Na Tabela 44 foram listados os **temas necessários em Programas para prevenir o adoecimento docente, segundo os gestores:**

Tabela 44 - Na sua opinião, quais temáticas e períodos seriam necessários em Programas para prevenção do sofrimento/adoecimento docente?

Respostas	Frequência	Período	Frequência
Doenças emocionais/estresse/síndrome de Burnout/depressão	14	Semestral	8
Políticas públicas na área da saúde	6	Mensalmente	6
Gestão de Trabalho/Carga horária/organização de agenda do trabalho/EPIs/ Salário	2	Sempre/ Frequentemente	5
Palestras direcionadas à educação	2	Bimestral	3

Relações interpessoais /questões sociais	2	Permanente	2
Orientação sobre disciplina/violência/uso de drogas/temas do cotidiano escolar	1	Semanalmente	1
Nenhum	1	Importante a criação	1
Total	28		26

Fonte: Freire, 2023

Os temas que apresentaram maior frequência nas respostas são sobre sofrimento mental, estresse, síndrome de Burnout, depressão e doenças emocionais. Apesar de não existir nenhum projeto, ação ou programa específico, os gestores percebem a necessidade da prevenção do sofrimento/adoecimento psíquico docente.

Souza (2018) verificou, em sua pesquisa com professores de uma escola pública, que a maioria já se afastou para tratamento de depressão, síndrome do pânico, estresse e problemas com a voz, que são os casos mais comuns da categoria: “Os docentes apontaram o risco de adoecimento mental no exercício da sua profissão, pois avaliam que o desgaste emocional e o esforço cognitivo são altos” (p. 112).

Silva e Vieira (2021) registraram em seu estudo, os mesmos motivos que resultaram no afastamento dos professores, onde os transtornos mentais e comportamentais, seguidos das doenças osteomusculares são as principais causas de licença-saúde, como o próprio afastamento do professor de suas funções. Entre os transtornos mentais e comportamentais, os mais frequentemente observados são: estresse, depressão, ansiedade, nervosismo e síndrome do pânico (SILVA; VIEIRA, 2021, p. 189).

Outros estudos que buscaram identificar as causas de sofrimento/adoecimento docente também apontam que os transtornos mentais estão entre a maioria das causas dos afastamentos para tratamento de saúde dos docentes. Depressão, transtorno misto ansioso, estresse, síndrome do pânico, tristeza, ansiedade, insônia, síndrome de Burnout são alguns dos motivos mais prevalentes (BASTOS, 2009; BAIÃO; CUNHA, 2013; SOUZA; COUTINHO, 2018; SOUZA, 2018; FERNANDES, 2019; FACCI; ESPER, 2020c; SILVA; VIEIRA, 2021);

Trata-se de um panorama geral, em que diversas pesquisas identificam as causas que estão acometendo a saúde docente: a intensificação de trabalho, a ausência de políticas públicas voltada para essa temática, a constante e recorrente desvalorização da profissão, a imposição de trabalhos burocráticos, ambiente e relações desfavoráveis são algumas das muitas causas identificadas em diferentes estudos. Em todas as situações há uma coisa em comum, o silenciamento do professor, de suas emoções. Em nenhuma das situações, o professor é ouvido, é permitido falar o que pensa, o que sente, o que deseja, se concorda ou não.

[...] considerando-se um retrato geral da saúde no trabalho docente, é possível inferir o seguinte quadro: a intensificação da jornada de trabalho e a desarticulação das políticas que legislam sobre o tema perpetuam a construção de um ciclo de adoecimento físico e mental que implica sofrimento, desestruturação psíquica e problemas vocais aos professores (SOUZA, et al., 2017, p. 119).

A segunda reposta com maior frequência foi políticas públicas na área saúde, o que também é observado por outros pesquisadores como uma possibilidade de ação para prevenir ou minimizar o sofrimento/adoecimento docente. Souza e Coutinho (2018) com base nas demandas dos professores, verificaram a implementação de políticas públicas direcionadas para o atendimento profissional do professor com o intuito de minimizar o sofrimento docente.

Sempre urgente! Rodas de conversas, inclusive com equipe de gestores. Também é muito tenso este outro lado, quando chegam as informações e é necessário ter equilíbrio emocional para filtrar e ouvir de todos os lados, mantendo a calma da equipe (RESPOSTA T).

Nesse viés, os pesquisadores também apontam que o corpo, mente e ambiente de trabalho devem estar alinhados. São um conjunto de fatores importantes para que as emoções estejam organizadas. É certo que por vezes sofremos de alguma maneira ou outra em decorrência de uma situação no trabalho, mas esse sofrimento não pode ser contínuo, pois ele se torna adoecimento, e o sofrimento/adoecimento psíquico aqui entendido nesse trabalho, é justamente essa condição duradoura, que passa de um para o outro devido a permanência de sua existência.

Pois a observação acerca de que o corpo, a mente e o ambiente de trabalho devem funcionar em um estado de harmonia para que seja possível diminuir os fatores causadores de mal-estar, desconforto e sofrimento na atividade ocupacional que em conjunto com a prática pedagógica prevalece sobre o trabalho docente, foi unânime. Dessa forma, a necessidade de encontrar meios, através de políticas públicas determinantes visando qualidade de vida desta classe profissional, já está atrasada há muitas décadas (SOUZA; COUTINHO, 2018, p. 24).

Todavia, pouco se discute sobre políticas de prevenção ao sofrimento/adoecimento docente. O adoecimento docente constitui um tema de grande relevância e tem sido objeto de inúmeros estudos e pesquisas realizados no país nos últimos 15 anos. No entanto, as políticas de prevenção à saúde docente ainda são escassas (SILVA; VIEIRA, 2021).

Acredito na importância de se criar rede de apoio socioemocional e afetivo aos professores. (RESPOSTA U)

Vários autores apontam para a imprescindibilidade de melhoras nas condições de trabalho, valorização, remuneração, organização no processo de trabalho, formação, jornada de trabalho, ambiente de trabalho, planos de cargos e carreira, para fazer frente a problemas como falta de autonomia, estruturas e recursos precários, indisciplina dos alunos, falta de acompanhamento familiar, violência e salas superlotadas, como formas de prevenir ou amenizar

o sofrimento/adoecimento (BAIÃO; CUNHA, 2013; BARROS; GRADELA, 2017; SOUZA, 2018; SOUZA; COUTINHO, 2018; DAGHER, 2019).

A maior amplitude temática, além de expandir o foco de atenção, evidencia um movimento relevante na compreensão dos processos de adoecimento numa perspectiva de produção social, redirecionando a atenção para processos coletivos, rompendo, mesmo que timidamente, com a ênfase nos indivíduos.

Desse modo, adquirem maior potência e capacidade transformadora, posto que as medidas a serem propostas ultrapassam a perspectiva individual de ação (cuidados com a voz, postura corporal, clima organizacional ou relacional) e inclui ações coletivas como a elaboração de políticas públicas, de leis que regulem os ambientes escolares, de oferta de serviços de atenção e assistência à saúde, dentre um conjunto de outras medidas (ARAÚJO; PINHO; MASSON, 2019, p. 10).

Não obstante, diante das constatações, por meio de pesquisas, sobre a indispensabilidade de se pensar em evitar ou amenizar e sobre quais temas considerar para contribuir nesse processo, chama-nos a atenção o fato de um gestor declarar que não interessaria discutir nenhuma temática. Espera-se que o gestor se comprometa com a qualidade do clima de trabalho, encadeie ações e motivação de todos os envolvidos no processo de aprendizagem, demonstrando que o interesse pelos cuidados de todos os envolvidos é uma de suas prioridades.

Para que a escola alcance os ideais de qualidade de ensino e para que a aprendizagem de todos de fato aconteça, é necessário que o gestor torne-se um articulador, atuante e participativo em todas as questões que envolvam o campo pedagógico de sua escola. Sabemos que a gestão pedagógica é a razão de ser de uma escola, pois uma organização bem gerenciada é que direciona e dá qualidade ao ensino através do planejamento, acompanhamento e avaliação do rendimento da proposta pedagógica; além de observar o desempenho dos alunos, do corpo docente e de todos que formam a equipe escolar (BIZOL, 2018, p. 7).

A busca pela qualidade da aprendizagem também requer uma boa gestão, não cabe somente o domínio do conteúdo por parte do professor para obter bons resultados, é preciso uma boa organização, bom planejamento, boas intervenções e acima de tudo que haja o bom senso nas divisões de tarefas e o respeito com os profissionais que estarão executando tudo o que foi programado, nesse caso com os professores.

Portanto, é indispensável salientar que um dos grandes desafios no gerenciamento das escolas refere-se à busca de uma educação de qualidade, em que uma equipe gestora, comprometida e qualificada torna-se fundamental para garantir a qualidade das aprendizagens. Devido a isso, o planejamento precisa ser constantemente avaliado, não somente pela equipe gestora escolar, mas também por todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Em consequência disso, as aprendizagens de todos na escola serão de fato significativas e eficientes, sendo capazes de nortear as tomadas de decisões para uma formação educacional de qualidade (BIZOL, 2018, p. 7).

Considera-se que o gestor também é um professor, já exerceu a docência, e/ou poderá retornar à sala de aula, e como o professor também precisa por meio da mediação contribuir com o aprendizado, dominar os conteúdos, além do mais, o gestor precisa também dominar as legislações, as políticas educacionais e tudo que envolva os objetivos da educação para que ele possa contribuir com o direcionamento de sua equipe e efetivar o trabalho enquanto desempenha sua função, e diante essas circunstâncias, o gestor conseguirá conduzir um bom

trabalho, formar e manter uma boa equipe, e ao mesmo tempo atingir as mudanças, as transformações dos envolvidos.

Nesse período de pandemia e pós-pandemia, acho que teríamos todos ter acompanhamento psicológico, pelo menos uma vez ao mês. Foi e está sendo um período de lidar com as emoções do aluno, do familiar responsável pelo aluno e do próprio profissional da educação. (RESPOSTA V)

Sempre, pois sempre temos relatos dos profissionais em situações delicadas com relação ao tema abordado. (RESPOSTA X)

Por meio das respostas da Tabela 44 ou pelas respostas descritivas, os gestores percebem a necessidade de ações, programas ou projetos permanentes. A existência do sofrimento/adoecimento psíquico é perceptível e o fato de considerarem que as ações devem ocorrer em intervalos curtos, de forma permanente, corrobora com essa constatação.

As enfermidades dos docentes podem ser analisadas como respostas, provisórias ou não, do organismo, à pressão do ambiente, podendo seus sintomas representar mecanismos de defesa pelos trabalhadores, frente às pressões desfavoráveis do ambiente laboral (SILVA; VIEIRA, 2021):

O docente precisa sentir-se mais seguro e amparado pelo seu empregador e não ameaçado, pressionado e culpado por eventuais fracassos dos alunos. Há que se pensar nos protagonistas do processo educacional e entender que os problemas devem ser repensados e as possíveis soluções devem perpassar também pelo papel do professor como um profissional a ser respeitado e valorizado não somente nos discursos políticos e nos planos postos pelos gestores, mas sim em ações concretas (SILVA; VIEIRA, 2021, p. 190).

Perguntamos aos gestores **se teriam conhecimento das principais causas de afastamento para tratamento de saúde dos docentes? E caso tenham respondido sim, pedimos que especificassem quais eram** (Tabela 45).

Tabela 45- Atualmente tem conhecimento das principais causas de afastamento para tratamento de saúde dos docentes? Se sim, fale sobre elas

Sim	18 (69%)
Não	08 (31%)
Depressão, ansiedade e síndrome do Pânico/estresse/ doenças psicológicas/Pressão	16
Coluna	03
Doenças físicas e emocionais	02
COVID-19	02
Estresse devido à pandemia	01
HAS	01
doenças causadas por esforço repetitivo	01
doença do intestino, câncer	01
Total	27

Fonte: Freire, 2023.

De acordo com as respostas dos gestores sobre as principais causas de afastamento dos docentes para tratamento de saúde, os transtornos mentais, como em outros estudos

(GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2006b; BASTOS, 2009; BAIÃO; CUNHA, 2013; SOUZA; COUTINHO, 2018; SOUZA, 2018; CARLOTTO et al., 2018; FERNANDES, 2019; ARAUJO, PINHO; MANSSON, 2019; FACCI; ESPER, 2020c; SILVA; VIEIRA, 2021), lideram as estatísticas.

As causas osteomusculares, LER, também surgem como segunda causa de afastamento, em outros estudos (BAIÃO; CUNHA, 2013; BARROS; GRADELA, 2017; SOUZA; COUTINHO, 2018; SILVA; VIEIRA, 2021); além da presença pandêmica da COVID-19 que, como já salientamos anteriormente, ocasionou o afastamento pela própria infecção do vírus e/ou suas consequências.

Souza et al. (2021) esclarecem que o adoecimento psíquico dos professores já era conhecido e destacado por departamentos responsáveis pelos registros. Porém, a pandemia da COVID-19 desencadeou a insegurança e o desconforto, sobretudo pela nova forma de trabalho: os professores tiveram que adaptar todo o seu cotidiano e práticas para atender às demandas educacionais, sem formação adequada para propiciar o suporte necessário ao desenvolvimento das atividades desempenhadas (SILVA; SILVA, 2021):

Diante desta realidade, ainda é fundamental destacar que os professores e alunos enquanto seres sociais, estão vivendo e sendo afetados por esse contexto de pandemia em diversos aspectos, não apenas o educacional. Assim, é necessário se preocupar com tais indivíduos para além do cotidiano escolar, mas também pensar no pós-pandemia, que profissionais e alunos estarão de volta ao ambiente escolar quando tudo isso passar (SILVA; SILVA, 2021, p. 830).

O período pós-pandemia inicia, as aulas aos poucos foram sendo retomadas. Nesse cenário, estão os professores e alunos que, de forma experimental, estão sendo colocados em uma verdadeira berlinda e a única certeza que temos é um relevante atraso na aprendizagem e mais sobrecarga de trabalho.

A conjuntura revela que nossa sociedade está adoecida. Toda vez em que há a perda de alguém para o COVID-19 e que a fome bate na porta daqueles que perderam seus vínculos de trabalho em função da pandemia, o sentimento de luto se apresenta, nem sempre objetivamente com a perda do outro, mas em certos momentos, com a perda de si mesmo e da dignidade humana (PRADO; LADEIRA; SENTINELI, 2020, p. 227).

E como se não bastasse, o retorno vem carregado de lutos, inseguranças, tristezas e profundo sentimento de incertezas. Famílias foram arrebatadas pelo desemprego, fome, perda de entes queridos, e mais nitidamente, a exposição às desigualdades vividas pela sociedade que no dia a dia se debruça nas poucas oportunidades em busca de sobrevivência. Ademais, surge como consequência nesse momento de pós-pandemia uma nova pandemia que parece estar sendo negligenciada aos olhos dos responsáveis, a pandemia da saúde mental, ou melhor, do sofrimento mental. Após um longo período de medo e incertezas, o que vimos agora é uma tempestade de pessoas com transtornos depressivos, ansiosos, pensamentos suicidas,

transtornos de humor, entre outros que tem acarretado prejuízos significativos passando de sofrimentos para adoecimento psíquico por iniciar um processo de incapacidade e descontinuidade das atividades do ser humano.

3.6.3 Processo de trabalho docente em tempo de pandemia

O trabalho remoto se tornou, assim, uma realidade para os professores devido à pandemia da COVID-19 e suas consequências. Quando perguntamos se foram disponibilizados recursos tecnológicos para o trabalho docente, tabela 46, a maioria respondeu que sim. Complementando a questão sobre os **recursos disponibilizados para o trabalho docente, solicitamos que especificassem quais. Sobre a qualidade dessa disponibilidade** a tabela 47 traz as respostas transcritas integralmente.

Tabela 46 - Foram disponibilizados recursos tecnológicos para o desempenho das atividades docentes? Se sim, quais?

Resposta	Frequência
Sim	20 (77%)
Não	06 (23%)
Rede de internet e computadores	11
Foram várias/ quadro digital / Ferramentas e mídias/biblioteca	05
Cursos e formações continuados sobre o tema / Formações continuadas com uso dos aplicativos	03
WhatsApp	03
Plataforma remota	03
Palestras <i>online</i>	01
celulares e notebooks (pessoais)	01
Tagnos	01
equipamentos de áudio e vídeo.	01
Total	26

Fonte: Freire, 2023

Tabela 47 - E quanto à qualidade dessa disponibilidade, fale sobre ela

Resposta	Frequência
Regular, devido ao acesso à internet/ A nossa internet é bem precária na cidade, muitas vezes perdemos os cursos e capacitações por conta do sinal/ Mais ou menos	06
Atualmente a conexão é boa/ Boa qualidade na sala de Tecnologia.	04
Cursos de muito boa qualidade/Boas/ Bons	04
Existe ausência de recursos didáticos tecnológicos educacionais, os que existem precisam ser atualizados/ Temos poucas máquinas na escola pela quantidade de profissionais/ computadores antigos	04
Está em adaptação cada vez se aprimorando mais/ Poucos computadores mais todos funcionando/ Alguns percalços como tudo que é novo	03
Os professores utilizaram seus próprios equipamentos	01
São as que os alunos responderam melhor ao chamado dos professores e ali conseguem fazer até algumas chamadas de vídeo.	01
Temos em nossa Unidade Escolar uma profissional que auxilia os professores quanto ao uso dessas ferramentas. Mesmo com uma internet ruim os profissionais são bem atendidos.	01
Ótima	01

Mensalmente	01
Só foi ofertada à comunidade uma plataforma e pro docente trabalho de preenchimento dela, impressão e alimentação do sistema Tagnos. Entrega de kit merenda e kit escolar aos alunos	01
Total	27

Fonte: Freire, 2023

Em se tratando de formação para os docentes utilizarem os recursos tecnológicos, a maioria confirmou que sim tabela 48 e mostramos quais **formações foram realizadas**, segundo os gestores entrevistados:

Tabela 48- E houve formação para os docentes utilizarem os recursos tecnológicos? Se sim, qual?

Resposta	Frequência
Sim	22 (85%)
Não	04 (15%)
Formações /Formação do Ntec, e oficinas que o Proatic realiza/Formações internas	09
Formação continuada sobre a utilização do Google meet e outras ferramentas de apoio do Google/ Ferramentas do Google Apps/ Google forms	07
Sobre a plataforma/plataforma online	03
Lives/	03
Digitalização de documentos/Informática básica/ entre outros	02
Total	24

Fonte: Freire, 2023

O uso da tecnologia, apesar de ser uma realidade para muitos, não passa de privilégios para poucos, as escolas públicas em sua maioria não disponibilizam recursos tecnológicos adequados e disponíveis para todos os professores e alunos. A pandemia apenas mostrou a realidade de todos os dias do ensino público, independente de situações adversas, emergências que requerem uma reestruturação do ensino.

Assim, surgem alguns problemas na dinâmica de aulas que são comuns nas diversas realidades da educação e por que não dizer que são comuns a realidade do país, são eles: problemas com manuseio das tecnologias necessárias, computador, internet ou mesmo os celulares, falta de disciplina no gerenciamento do tempo, falta de infraestrutura básica, sobretudo nas escolas públicas para promover aos professores e alunos o material necessário ao desenvolvimento das aulas remotas (SILVA; SILVA, 2021, p. 830).

O acesso e o manuseio das tecnologias ainda não é uma realidade comum nas escolas públicas, as inúmeras alterações e expansões das políticas públicas da educação ainda não permitiram uma equidade no que diz respeito ao acesso e qualidade do ensino público. Silva e Silva (2021) esclarecem que a relação da escola e do professor com as tecnologias ainda é bastante confusa e conflituosa, sobretudo nas instituições públicas. Em complemento, Pereira e Barros (2020) afirmam que:

É necessário considerar a inserção de todos num contexto mundial e por esse fato não se pode ficar à margem dos acontecimentos e das consequências, nem sempre positivas. A educação deveria ser beneficiada e privilegiada com os avanços

tecnológicos, porém, infelizmente não é devidamente contemplada como deveria, afinal, mesmo considerada prioridade pelos órgãos governamentais, continua de modo geral, obsoleta em tecnologia e elitista, na qual os menos favorecidos lutam por uma escola pública de maior qualidade e por um acesso à universidade mais democrático e menos excludente (PEREIRA; BARROS, 2020, p. 4).

O ensino remoto e o uso das tecnologias surgem como algo miraculoso para o ensino, mas essa percepção não é a realidade da escola pública e seus protagonistas. Não dá para crer que da noite para o dia tudo estaria resolvido, de forma rápida e automática. Vigotski (2003) elucida que a educação não é um processo mecânico e ressalta o mérito do processo de troca, do acesso aos conteúdos, das experiências. Com o uso das tecnologias e o ensino remoto, não seria diferente:

Com uma visão superficial fica fácil extrair da teoria dos reflexos condicionados a conclusão de que o comportamento humano e a educação são entendidos de forma totalmente mecânica e que o organismo é parecido com um robô [autômato] que responde com regularidade maquinal às excitações do meio. Já destacamos que esse critério é incorreto. O próprio processo de formação do reflexo condicionado - como demonstramos - surge da luta e do encontro de dois elementos totalmente independentes um do outro em sua natureza, que [...] se cruzam e interceptam no organismo conforme as leis desse mesmo organismo (VIGOTSKI, 2003, p. 78).

As mudanças no contexto escolar, assim como durante toda a vida do ser humano, são partes essenciais de sua transformação, pois nada e ninguém são imutáveis, quando se relaciona, o ser humano interage com o meio e aprende. Por isso, é essencial compreender que essas mudanças não ocorrerão de maneira breve e com facilidade. Trata-se de um processo, e o uso da tecnologia nas escolas, ainda que importantes, também faz parte desse processo e requer um minucioso estudo para que seja feito de forma apropriado.

Para tanto, é fundamental lembrarmos que esse debate e a introdução de tecnologias na educação e no cotidiano escolar não acontecerão de forma instantânea, existem uma série de fatores que precisarão ser pensados antes disso acontecer, tais como a infraestrutura das escolas, a capacitação dos profissionais para seu uso e mesmo a instrução dos alunos, e acima disso tudo, a reflexão da necessidade e da colaboração que tais instrumentos podem de fato ter na educação (SILVA; SILVA, 2021, p. 830).

As respostas dos gestores vão ao encontro de outros estudos sobre formação, uso das tecnologias, acesso e qualidade. No Brasil, o acesso aos recursos tecnológicos não é presente nas escolas, nem para os professores nem para os alunos. Tampouco as formações até então previam o uso de tecnologias para o desempenho de ensino remoto.

No contexto atual, vivemos uma situação atípica, em que o uso do computador (ou celular) e da internet se tornaram fundamentais para o cotidiano escolar, a sala de aula foi substituída pelas salas virtuais, a presença física deu espaço a imagem em telas, o contato humano trocado pelas videoconferências ou videoaulas. Tudo isso sem que as escolas, alunos e professores pudessem se preparar. Um momento em que, além da preocupação com a vida e saúde, os alunos, professores e demais profissionais da educação também precisam se preocupar em cumprir horários, metas, e tudo o que envolve os regulamentos escolares (SILVA; SILVA, 2021, p. 830).

Não obstante, há preocupação com os conteúdos os quais se têm acesso nas redes. A falta de uma formação crítica leva ao aprendizado alienante, e quem os acessa pode facilmente ser envolvido pelos interesses obscuros das redes sociais, midiáticas e perversas do capitalismo. Como se não fosse suficiente, a preocupação com os conteúdos disponíveis também é assunto de extrema importância nesse cenário de expansão da tecnologia. Diferentemente dos alunos que já possuem as oportunidades tecnológicas, de ensino de qualidade, pode ser, que tenham uma maior percepção ao conteúdo disponível, isso não é uma regra, mas é um fato. Por terem maiores e melhores condições, pode ser que tenham maiores e melhores percepção do mundo a sua volta.

Além disso, também se deve levar em consideração que, para as que têm acesso fácil à internet, aos outros dispositivos necessários, assim como outras condições objetivas de participação das aulas remotas, a compreensão crítica das informações ali encontradas só ocorre àquelas que tiveram acesso a formações críticas (não necessariamente escolares), pois são essas formações que contribuem para dar sentido ao que se vê, ouve, lê, acessa. Ou seja, a busca por informações nos meios digitais pode ser facilmente capturada pela rede alienante do capital, impedindo a livre navegação e afogando o sonho de emancipação pela tecnologia. Nesse sentido, o olhar para as tecnologias deve deixar de ser em busca de sua natureza, que não é nada neutra, voltando-se para a imbricada relação com suas finalidades políticas e éticas (CARVALHAL; OLIVEIRA; RIBEIRO 2020, p. 32-33).

Os professores se depararam com uma situação que gerou diferentes e intensos sentimentos quanto ao momento experienciado no ensino remoto. Silva e Silva (2021), ao perguntarem aos professores para que expusessem, por meio de uma dinâmica, o que representa o cenário educacional atual, verificaram:

[...] a palavra mais apontada pelos professores para definir a educação neste momento de pandemia foi “desafiadora”, seguida de outras como: difícil, exclusão, frustração, estresse etc. Estas palavras nos permitem refletir o quão difícil tem sido o processo de adaptação ao modelo de aulas remotas, visto que os profissionais não tiveram uma preparação para o uso de tecnologias e na maioria das vezes já possuíam dificuldades com o manuseio destas ferramentas. Esta realidade traz aos docentes uma carga de estresse muito maior do que aquele já presente no ensino presencial, pois o desafio vai além do domínio das tecnologias, está presente também no atual ambiente de trabalho (a própria casa) que teve que ser adaptado no tempo destinado ao atendimento dos alunos, aulas e tudo o que envolve as responsabilidades docente (SILVA; SILVA, 2021, p. 834).

Esses sentimentos por muitas vezes estavam acompanhados do silêncio. Os professores foram pegos de surpresa e obrigados a desenvolver o trabalho de uma forma totalmente alheia a sua rotina, e não lhe foi dado tempo e na grande maioria condições para que desempenhassem a atividade, o que lhes causou grande angústia, medo, receio e novamente emoções silenciadas.

Essas constatações estão presentes em diferentes estudos realizados durante o período da pandemia, e nos possibilita verificar que novamente ocorreu o silenciamento dos professores, pois por meio das pesquisas se observou o quanto esse modelo de trabalho gerou

sofrimento/adoecimento psíquico aos professores que não tiveram oportunidades de se expressar diante as intensas cobranças na execução de suas atividades e as condições que lhes foram apresentadas. Cabe aos gestores oferecer formação, recursos tecnológicos, suporte aos professores e alunos, com o objetivo de criar condições favoráveis e saudáveis enquanto prosseguir o ensino remoto.

É importante destacar que a gestão escolar significa o ato de gerir a dinâmica cultural de uma escola juntamente com as diretrizes e políticas públicas educacionais para a implementação de seu projeto político-pedagógico e, além disso, deve ser compromissada com os princípios da democracia e métodos que proporcionem condições para um ambiente educacional autônomo (soluções próprias, no âmbito de suas competências), mas também permitindo a participação e compartilhamento das demais pessoas envolvidas nesse processo educacional (tomada de decisões conjunta e efetivação de resultados) com autocontrole (acompanhamento e avaliação com retorno de informações).

A gestão escolar estabelece uma dimensão com enfoque de atuação na qualidade da educação, que objetiva promover a organização, a mobilização e a articulação de todas as condições materiais e humanas essenciais para assegurar o avanço dos métodos educacionais dos estabelecimentos de ensino, contribuindo para uma aprendizagem eficaz, de modo a tonar os alunos capazes de enfrentar, da melhor maneira possível os desafios da sociedade complexa e da economia centrada no conhecimento (BIZOL, 2018, p. 6).

Contudo, a discussão sobre a inclusão da tecnologia no ensino se faz presente há tempos, mas nada foi tão enfático como a pandemia para reforçar e retomar essa discussão. Silva e Piatti (2021) assinalam que a pandemia acentuou o quanto é preciso discutir e incluir nas formações docentes o uso de tecnologias e a inserção dessas ferramentas no processo de ensino aprendizagem.

Porque o que era chamado de normal antes da pandemia e o que se convencionou chamar de “novo normal” pouco colaboram para a Tecnologia Educacional; antes afastam e traumatizam professoras e professores. Não é possível ensinar o que não se sabe, como também é pouco provável que sejam incorporadas às práticas docentes outras possibilidades que não sejam amplamente compreendidas (SILVA; PIATTI, 2021, p. 12-13).

Apesar de compreendermos a necessidade da inserção da tecnologia nas formações e no cotidiano do processo ensino-aprendizagem, a forma imposta durante a pandemia pode ter causada repulsa a esse método, por ter sido tão forçosa. Alguns professores podem ter desencadeados comportamentos aversivos a esses recursos, situações importantes de serem identificadas para que não haja novas emoções e sentimentos silenciados e geradores de sofrimento/adoecimento psíquico frente a essas circunstâncias.

Quanto às **ações necessárias para contribuir com o trabalho docente, caso persista a pandemia** (Tabela 49), os gestores sugeriram algumas medidas:

Tabela 49-Quais ações considera importante para contribuir com o Trabalho Docente caso persista o trabalho remoto?

Resposta	Frequência
Mais formações para o uso das tecnologias/ Formações técnicas específicas e presenciais de como manusear a plataforma remota/ Formação qualitativa/ Continuidade das formações	11
Palestras direcionadas à saúde /Formações sobre a saúde psíquica que contribuem com o emocional do docente/ Rodas de conversas voltadas para tranquilizar a elasticidade de tantas mudanças/ Palestra de motivação/ as palestras motivacionais principalmente para acalmar a angústia de não conseguir alcançar o objetivo da forma que gostariam, enfim, ajudá-los sempre a entender e aceitar a situação que vivenciamos/ Oferta de materiais pontuais e prazerosos sobre a saúde emocional/ Acompanhamento psicológico	07
Investir mais em equipamentos tecnológicos/ Melhoria de equipamentos e também da Internet. Temos uma Internet ruim na nossa cidade	03
Que a Internet funcione bem para que os trabalhos possam ser realizados com sucessos	03
Assessoria pedagógica e coordenação/ Computadores para os professores, pois nós é que compramos os nossos notebooks e impressoras coloridas	02
Uma plataforma <i>online</i> para os alunos.	01
Estimular os docentes a gravar as suas aulas, pois muitos não conseguem, fazer as videoaulas, sobrecarregando os alunos com atividades	01
Mais empatia	01
Todas são extremamente relevantes	01
O apoio e acompanhamento dos responsáveis dos alunos é muito importante.	01
Total	31

Fonte: Freire, 2023.

Nesse tópico, conferimos que a maioria percebe a formação para o uso de tecnologias, melhores recursos materiais e assessoria para o trabalho *online* como prioridades. Essas constatações são importantes devido as consequências que o trabalho remoto ocasionou aos professores. Não se tratou apenas de uma situação que tiveram que optar em trabalhar remotamente em utilizar esse método de ensino, ao contrário, foi algo imposto, algo novo, com pouco ou nenhum recurso que, bem possivelmente, causou vários sentimentos negativos.

Sendo o ensino remoto emergencial por ser uma necessidade no momento, muitas foram as transformações no fazer docente de cada profissional que se viu diante de uma nova realidade, onde ao invés do contato direto com os alunos, teriam que aprender a interagir através do ensino a distância, o que além de desafiador, causou estranheza e inquietações para esses profissionais da educação básica (FREITAS; ALMEIDA; FONTENELLE, 2021, p. 2).

Apesar de sabermos que o ensino remoto foi pensado como uma alternativa durante as ausências das aulas presenciais, são notórias as dificuldades encontradas. Vale ressaltar que não foi um desafio que gerou expectativas positivas, ou excitação, mas sim estranhamento, medo, angústias e inseguranças. Tanto os professores quanto os alunos se viram obrigados a manusear recursos tecnológicos sem terem tido a chance de dominar esse método de ensino aprendizagem, e não só a falta de domínio, mas o acesso a esses recursos era para poucos ou nada disponíveis:

E isso tem sido um desafio para professores, alunos e famílias, pois alguns professores não dominam ou não dominavam as ferramentas tecnológicas, famílias também não dispõem dos suportes necessários para que os/as alunos/as possam acompanhar as aulas remotas e isso tem gerado um cenário de muita complexidade (FREITAS; ALMEIDA; FONTENELLE, 2021, p. 5).

Diante desse quadro, é razoavelmente possível concluir que não adianta informatizar as escolas sem que haja esforços para capacitar os professores para o uso em sala de aula, com perspectivas de mudanças na prática educativa (PEREIRA; BARROS, 2020).

O ensino remoto além de denunciar, provocou novas discussões sobre as formações docentes. A forma como todos foram pegos de surpresa por uma pandemia que parou o mundo, desestabilizou um dos setores essenciais para o desenvolvimento humano, a educação. E por ter sido o trabalho remoto necessário para continuidade do processo de ensino aprendizagem, o uso de tecnologias foi a única maneira de se fazer, mas foi feito sem quaisquer condições e/ou tempo hábil de organização.

A discussão sobre a formação docente nesse período da pandemia se faz necessária pelo motivo das aulas presenciais estarem suspensas e os professores terem que produzir as suas aulas por meio das tecnologias, em muitos casos, não existirá tempo suficiente para capacitar os professores para essa nova demanda que se faz presente. (PEREIRA; BARROS, 2020, p. 2).

Castro (2020) cita diferentes possibilidades e ações de formação continuada, entre elas a frequência em cursos de aperfeiçoamento, especialização, mestrado, doutorado, a participação em palestras, minicursos, congressos, mesas-redondas e grupos de estudos. O autor sugere ainda que as rodas de conversa podem ser fortes aliadas para a formação continuada em tempos de pandemia, por ambiente virtual, e enfatiza que essa proposta se baseia na ação coletiva:

As rodas de conversa são um espaço de formação continuada do professor, em que, juntamente com seus pares, ele reflete criticamente acerca da educação, do ensino e de questões cotidianas da sala de aula; em que ele compartilha suas experiências, angústias e desafios, formando uma rede de aprendizagem e de apoio, que são fundamentais para o seu desenvolvimento profissional e para o “empoderamento” do grupo. Elas podem ser um espaço de resistência às desigualdades sociais e aos ataques antidemocráticos à educação e aos professores, também são e devem ser um espaço de criação – aquela criação que sucede o caos – mas, acima de tudo, são um caminho possível e que deve ser trilhado por todos os professores e profissionais da educação (CASTRO, 2020, p. 104-105).

No que se refere à **prevenção ao sofrimento/adoecimento docente caso persista o trabalho remoto** (Tabela 50), as sugestões variaram entre:

Tabela 50 – Quais ações considera importantes para contribuir com Saúde Psíquica do Docente, evitando o seu adoecimento, caso persista o trabalho remoto?

Resposta	Frequência
-----------------	-------------------

Clima organizacional e ambiente de trabalho saudáveis/ Apoio/ diminuir a carga cognitiva diária sobre as ações do docente/ Atividade sobre a postura do profissional. Formas de utilizar o computador. Tempo de permanecer sentado. Alongamento/ grupos de atividades culturais coletivas para que o professor possa vivenciar alguns momentos de descontração/ Incentivo aos exercícios, à música e às técnicas de respiração/ Evitar o acúmulo de trabalho/Grupo de estudos e de apoio às demandas do cotidiano escolar/ Palestras e muita informação/ Palestra que trabalha temas que evitem o adoecimento do profissional da educação/ Conversas constantes com os professores, precisamos de momentos para ouvi-los/ Encontro semanal por meet de até uma hora os quais tragam temáticas relativas a saúde emocional Etc.	15
Terapia, acompanhamentos terapêuticos/ Presença de um psicólogo na instituição/ Que o docente tenha disponível um psicólogo	07
Ações de conscientização/ Continuar incentivando o trabalho em equipe	02
Formação em trabalho remoto/ Trabalhar com o docente também de forma que ele se sinta seguro para o atendimento remoto e híbrido	02
Persisto na motivação tanto docente como discente e família	01
É complicado, pois cada um tem uma visão diante desta delicada situação, mas ter uma equipe da saúde disponível com orientações básicas é fundamental	01
Salário digno para que não precisar trabalhar tanto	01
Prefiro falar em minhas terapias	01
Total	30

Fonte: Freire, 2023.

Como já apontado, devido à pandemia, os professores sofreram mudanças súbitas na maneira de realizar seus trabalhos. Assim, o manejo das tecnologias e da internet foi imposto de forma brusca. O pouco tempo e as demandas para a continuidade das aulas sobrecarregaram os docentes, não lhes restando outra saída senão se debruçarem na realização do ensino remoto:

A transição abrupta do ensino presencial para o remoto, num contexto de medo e preocupação devido ao novo coronavírus, trouxe uma série de novos desafios aos professores. Expondo a categoria docente a diversas situações e pressões das instituições escolares referentes ao manuseio das tecnologias que busca pela inovação de ensino que garanta o envolvimento e aprendizagem dos alunos, o que reverbera no adoecimento mental (OLIVEIRA; SANTOS, 2021, p. 39194).

É válido ressaltar que, mesmo antes da pandemia, os professores já vivenciavam uma intensificação do trabalho e inúmeras condições desfavoráveis que contribuíam para o sofrimento/adoecimento psíquico, o cenário da pandemia apenas elucidou e intensificou as péssimas condições que os professores vinham se deparando rotineiramente e, mais ainda, o sofrimento/adoecimento psíquico já existente também foram sendo estendidos perante os sentimentos negativos nessa nova forma de trabalho. Porém, importante salientar que como a pandemia apenas escancarou algo que há tempos vinha acontecendo, mas que intensificou, no período pós-pandemia. É certo que essa situação pode agravar caso a negligência sobre essa questão continue:

Com a pandemia então, escancara uma nova conjuntura de trabalho que acentua quadros de adoecimento mental nos professores. Contexto que apresenta intensas instabilidades nas relações humanas e rupturas para a educação. Uma vez que, o ritmo do trabalho virtual se torna mais intenso do que nas aulas convencionais, exigindo dos

professores mudanças de práticas que resultam em sofrimento e possivelmente o adoecimento mental.

Os professores, em virtude das condições de mudanças no trabalho, ensino presencial para remoto, são impulsionados ou até mesmo obrigados a se adequarem às atribuições de um “novo” perfil profissional e, conseqüentemente, às exigências de novas performances para que as demandas sejam atendidas com qualidade. Fatores que geram graves problemas à saúde mental dos professores (OLIVEIRA; SANTOS, 2021, p 39195-39196).

O cuidado com a saúde do docente deve ser tópicos de discussões para os próximos documentos que legislam a educação, devem se tornar políticas públicas, e antes mesmo que essa isso aconteça, é fundamental que haja nesse momento um olhar diferenciado para a saúde do professor. Após a passagem de um acontecimento como a pandemia que deixou rastros de sofrimento/adoecimento, não há como não discutir e abordar as conseqüências causadas por essa situação caótica que foi imposta aos trabalhadores. O retorno das aulas presenciais é certo, e será tomada de resquícios desse período horrífico.

Contudo, a execução de ações e diligências preventivas e promotoras de saúde para reduzir as implicações psicológicas da pandemia não podem ser deixadas de lado neste momento (PEREIRA; SANTOS; MANENTI, 2020).

Diante do contexto atual, torna-se claro que o acompanhamento psicológico é fundamental para os professores universitários. Neste aspecto, o psicólogo deve trabalhar formas de minimizar os medos e frustrações dos clientes e incentivar a busca por atividades que estimulem a resiliência e a redução do estresse, com foco na retomada do trabalho de forma segura, evitando futuros agravos psicológicos e fortalecendo os docentes para o enfrentamento de possíveis adversidades. Já que os docentes apresentam uma grande incidência de síndrome de Burnout e transtornos psicológicos, faz-se necessário que as instituições de ensino busquem formas de proteger esses profissionais, colaborando para a melhor troca de experiências entre alunos e professores (HERNANDES; ROZÁRIO, 2021, 1366-1367).

Importantes estudos indicam a necessidade do acompanhamento da saúde psíquica do professor e a supervisão dos órgãos competentes, a gestão precisa tomar para si essa responsabilidade, procurar por colaboração junto aos setores responsáveis pela saúde do trabalhador, trata-se de condições de trabalho, não há como negligenciar essa situação. As conseqüências advindas da pandemia na saúde do professor devem ser tema constante em todas as pautas de organização e planejamento do trabalho a partir de agora.

Assim, reafirma-se a necessidade de monitoramento contínuo da saúde dos profissionais da educação no contexto de retorno às atividades de trabalho, que precisa ser direcionado sob o enfoque da saúde coletiva e da vigilância em Saúde do Trabalhador, com adoção de estratégias de construção participativas com sindicatos e base de professore(a)s (SOUZA et al. 2021, p. 11).

Pereira, Silva e Belmonte (2021) complementam que é imprescindível que órgãos responsáveis abordem essa temática e que realizem ações que envolvam planejamento e capacitação. Os autores salientam ainda que mesmo diante as dificuldades, incertezas, medo e diferentes outros sentimentos, os professores protagonizaram a virtualização do ensino. Sob a

algunha de imobilismo, essa categoria profissional tem transformado e ressignificado a sua prática com criatividade, compromisso e responsabilidade (SANTOS; SILVA; BELMONTE, 2021, p. S250).

É preciso dar condições para que os professores trabalhem caso o ensino remoto continue, e não o bastante, é preciso das condições para que consigam retomar o trabalho presencial após a pandemia também. Os seres humanos são capazes de se adaptar, transformar, mas é preciso lhe ofertar possibilidades, condições para se adaptarem, se transformarem, caso contrário, apenas o farão sem qualquer satisfação.

Indagados se tiveram **conhecimento sobre afastamento de docentes no período de pandemia por problemas de ordem psíquica** tabela 51 pouco mais da metade alegou que não soube, também, solicitamos que descrevessem **quais seriam caso tenham respondido que sim**. A metade não soube definir. Outros disseram que foi por causa de ansiedade, pânico, estresse, depressão, falta de saber lidar com a situação e perda de familiares.

Tabela 51- Houve afastamento de docentes por problemas de ordem psíquica no período de pandemia? Se sim, saberia descrever quais?

Resposta	Frequência
Sim	12 (46%)
Não	14 (54%)
Não	06
Ansiedade/ Pânico/estresse/depressão	04
No início, por causa de não saber lidar com a situação	01
Tenho conhecimento de professores que, por perderem familiares, não conseguiram retornar às suas atividades	01
Total	12

Fonte: Freire, 2023

O período pandêmico colaborou apenas para comprovar a existência da desvalorização do trabalho docente, contribuiu para a intensificação do sofrimento/adoecimento psíquico que por diferentes motivos já surgiam durante o processo de trabalho, além da confirmação da ausência de políticas públicas voltadas a saúde do professor.

Mediante ao atual cenário da educação devido a pandemia, a urgente necessidade de se reinventar, tem provocado em muitos professores a sensação de mal-estar pelos desafios impostos por esse cenário. Visto que, algumas demandas escolares como o uso de tecnologias e aplicação de metodologias ativas para o ensino remoto exige rápida adaptação dos professores (OLIVEIRA; SANTOS, 2021, p. 39196).

As causas verificadas pelos gestores são apontadas por diferentes pesquisadores que constataram que não só há o medo e ansiedade em lidar com uma crise sanitária repercutiram na saúde dos professores, nesse caso, pela pandemia, como também o incremento de trabalho e as inseguranças que envolveram todo esse contexto.

Além da falta de capacitação, pressão de pais e gestores, esforço para repassar aprendizado aos alunos, obrigações pessoais, os professores ainda têm a preocupação de precisar conviver com uma doença que já matou milhares e, ainda, devido à crise

econômica causada pelo coronavírus, surge a angústia de ter seu salário reduzido e sua carga horária aumentada (HERNANDES; ROZÁRIO, 2021, p. 1363).

O que parecia ser algo provisório tornou-se uma realidade para professores e alunos que se depararam com uma modificação abrupta no processo de ensino e aprendizagem, as relações, a afetividade, a proximidade foram substituídas por aparelhos, as atividades coletivas, foram realizadas por meio da internet individualmente, os professores tiveram que dispor de muita criatividade na elaboração, execução, explicação e correção do conteúdo, enquanto os alunos tiveram que se desdobrar para conseguir ter acesso a internet e aparelhos. Vale ressaltar que nem sempre havia tais estruturas em casa, portanto, deparavam-se com a dificuldade de compreender as orientações e tarefas a serem executadas.

O caos causado pela pandemia propôs refletirmos porque há a dificuldade ou a negação em discutir algo que a tempos tem gritado por atenção, a saúde dos professores. Durante a pandemia vários foram os momentos que o sofrimento/adoecimento docente foi se expandindo. Teixeira (2020) descreve como a saúde dos docentes foi sendo atingida ao longo da pandemia:

Focados em um processo educacional que foi sendo reduzido a transmissão de conhecimentos e cumprimento de protocolos, os docentes passaram a sentir o peso do esvaziamento dos espaços de encontro, desabafo, trocas afetivas e de conhecimento que se davam pelos corredores com professores e alunos. Nos grupos de WhatsApp® de docentes, assistimos a mensagens de colegas relatando perdas de parentes, pedindo

Tabela 52 - Causas de afastamento no período de 01/01/2020 até 31/12/2021 CID 10- F:	Quantidade de Atestados
F 31.3 Transtorno afetivo bipolar, episódio atual depressivo leve ou moderado	1
F 32 Episódios depressivos	7
F 32.0 Episódios depressivos leve	2
F32.1 Episódio depressivo moderado	3
F 33 Transtorno depressivo recorrente	3
F38.8 Outros transtornos especificados do humor (afetivos)	1
F 39 Transtorno do humor (afetivo) não especificado	1
F 40.1 Fobias sociais	1
F 41 Outros transtornos ansiosos	2
F41.0 Transtorno de pânico (ansiedade paroxística episódica)	2
F 41.1 ansiedade generalizada	2
F 41.2 Transtorno misto ansioso e depressivo	2
F 43 Reações ao “estresse” grave e transtornos de adaptação	2
F 43.2 Transtornos de adaptação	1
F 45 Transtornos somatoformes	1
Total	31

Fonte: Freire 2023

indicações de médicos e remédios para dores no corpo decorrentes de horas sentados em espaços improvisados em casa e dicas de anti-inflamatórios e analgésicos foram tomando o lugar de uma crítica quando as novas posturas de trabalho. Subentendidos e de modo mais sutil, também se comentava dos

ansiolíticos e remédios para dormir, que ajudavam a suportar a ansiedade, o medo, a solidão e o excesso de tarefas.

Nos grupos e reuniões, sentimos o terror pelos colegas cada vez que alguém tinha sintomas de gripe ou era confirmado com COVID-19, escutamos os relatos cada vez mais frequentes de contágio e perdas de parentes e nos solidarizamos às famílias atingidas, sem que ninguém se afastasse do trabalho por muito tempo. Alguns colegas compartilhavam a dificuldade do espaço de casa, outros as dificuldades com os cuidados com os filhos, agora coabitando integralmente no mesmo espaço doméstico,

outros anunciavam a mudança para um espaço maior, muitos compraram novos equipamentos e todos aumentaram a velocidade da internet. Esse custo, claro, foi assumido sem titubeio pelos docentes, que agora compartilham o receio de não conseguir dar aulas por dificuldades técnicas e conseqüentemente ser detectado ou punido, o medo ainda mais avassalador do desemprego e a preocupação constante com uma volta precipitada ao trabalho e os conseqüentes riscos de contaminação. (TEIXEIRA, 2020, p. 212-213).

Verificamos que a metade dos participantes não respondeu a essa questão, e outra metade respondeu de forma monossilábica – não. Contudo, chamam-nos a atenção os registros do setor de Recursos Humanos da Secretaria Municipal de Educação que nos foram disponibilizados pelo Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) do município no qual apontam que, no período de 01/01/2020 até 31/12/2021, 31 profissionais de educação solicitaram afastamento para tratamento de saúde com atestados CID F¹⁹. (Tabela 52).

O trabalho remoto, sem dúvida, ocasionou conseqüências avassaladoras para o professor. Ainda não sabemos a amplitude e a permanência desses resultados e o quanto podem contribuir para a perda da satisfação e prazer, seus motivos e objetivos em relação à sua atividade.

Assim, os trabalhadores acabam sendo guiados por ações que levem a suprir as suas necessidades básicas, deixando de lado a unidade consciente entre motivos e fins. Executam o trabalho, mas somente para terem recursos financeiros para gastos com a sobrevivência, sem ascender ao gênero humano, ou seja, sem se apropriar da riqueza do que é produzido pelos homens historicamente (FACCI; LEONARDO; ALVES, 2020, p.186).

Silva (2021) enfatiza como as condições com que o ser humano se depara podem desintegrar e debilitá-lo psicologicamente e que essas condições precisam ser repensadas, para possibilitar a sua melhora, pois surgem a partir da internalização de uma realidade. Como o ser humano adoece na realidade de uma sociedade, também é nessa mesma sociedade que deve existir maneiras de superação.

Nesse viés, Teixeira (2020) nos instiga a pensar o mundo pós-pandemia, pois pouco sabemos o que está por vir. Mas dois nortes apontam expectativas que se referem ao retorno do bem-estar social, com a diminuição do consumismo e do individualismo, e assim, fortalecimento das relações sociais, menos competição, e por outro lado, há quem acredita que aumentará os nacionalistas, o obscurantismo, o fortalecimento das religiões, a desvalorização humana, e como resultado, a mediocrização da morte.

¹⁹ Foi solicitado por interesse da pesquisadora ao Centro de Referência de Saúde do Trabalhador as informações especificamente sobre os afastamentos dos professores relacionados ao CID-10 F.

Concluindo as entrevistas com os gestores, perguntamos se gostariam de acrescentar algo. Suas respostas revelam preocupações em relação à saúde de todos, de modo geral, e à valorização dos profissionais da Educação, como lemos na Tabela 53:

Tabela 53 - Informações que considere importantes acrescentar

1 Com a saúde não se brinca
2 Valorização da profissão da docência
3 São muito importantes terapias fora do ambiente também além das todas com temas específicos
4 Que todos os nossos docentes e funcionários tenham tomados a 2ª dose para poder receber os nossos alunos
5 Não
6 Vivemos em tempos difíceis, não temos mais certeza de nada. Os professores, pais e alunos estão desanimados e com receio, acredito que isso abala muito o psicológico de muitos deles
7 Parabéns pela pesquisa! Temática muito relevante!
8 Na Rede existem profissionais que foram remanejados ou tiveram a função alterada por motivo de problemas de ordem psíquica.
9 Espero que sua pesquisa retrate o quanto estamos necessitados de apoio psicológico agora em plena pandemia principalmente depois dela, onde nada será como antes. As pessoas tiveram transformações profundas por vários fatores como perdas na família, separação de pais, muito tempo em casa gerou tantos conflitos aflorando a violência doméstica, não só entre cônjuges, mas de mãe batendo em filhos sem paciência para fazer tarefa, vó, tio, enfim. As crianças estão ociosas, passam mais tempo na rua e isso vai refletir diretamente no comportamento do grupo em sala de aula, quando houver o retorno. Então o acompanhamento de um profissional como Psicólogo seria essencial em cada unidade de ensino de forma permanente. Boa sorte e parabéns pelo trabalho.
10 Não tivemos profissionais afastados durante a pandemia, mas em inúmeras conversas percebemos a ansiedade, o medo e a preocupação de cada um.
11 Não houve afastamento formal, pois estávamos em teletrabalho, mas muitos professores entraram em depressão, ficaram ansiosos.
12 Pensar em estudos e na saúde dos profissionais de educação é primordial para garantir uma Educação ativa e de qualidade.
13 Somos a base, nos valorizem. É um absurdo o professor receber um mísero salário e com isso tem que trabalhar 3 períodos para sustentar sua família.

Fonte: Freire, 2023

Como já mencionado anteriormente, as respostas dos gestores foram mantidas na íntegra em todas as tabelas. Ao que tudo indica, as respostas reforçam que reconhecem a necessidade de ações para a prevenção do sofrimento/adoecimento psíquico docente.

Os professores, profissionais mais afetados com o método do ensino remoto, tiveram que adaptar todo o seu cotidiano para atender às novas exigências da educação e de sua profissão docente (SILVA; SILVA, 2021).

Nessa nova forma de trabalho, de organização de vida, a pandemia, de maneira explícita, revelou as grandiosas, inúmeras e sérias divergências no país. O número de óbitos, o caos da saúde pública, o aumento da violência, as imposições para que serviços e produções continuassem acontecer e o desemprego foram algumas das várias situações existentes da sociedade que foram absurdamente escancaradas.

Nesse cenário, de corrida contra o tempo e cobrança pela continuidade das aulas para que não houvesse prejuízos no ensino, o professor se deparou com as exigências da sociedade e foi colocado no pelotão de frente dessa batalha, e sem poder se expressar, tendo que garantir

o seu sustento, o professor mais uma vez silenciou suas emoções e se viu em uma situação inesperada e repleta de insegurança e incertezas.

[...] E com a pandemia causada pelo novo coronavírus, as mudanças tem-se intensificado. Mudanças estas que causam repercussões, direta ou indiretamente, em toda organização social e que geram impactos significativos na saúde mental do professor (OLIVEIRA; SANTOS, 2021, p. 39194-39195).

Pessoa Pereira, Viana Santos e Aguiar Manenti (2020) apontam para o cenário precário, e mesmo cruel da educação ao qual os professores foram submetidos, tendo que se reinventarem a qualquer custo independente das condições de trabalho.

Ao que nos parece, em nenhum momento foi pensado nas condições de trabalho e as consequências para os professores. As exigências foram exclusivamente para a continuidade do ensino, cumprimento de prazos, conteúdos, metas, e sem ao menos, organizar um novo modelo de trabalho que pudesse ser acessível e plausível as reais condições dos docentes. Essa situação nos remete a discussão das formações, quando nos reportamos as observações de como acontecem, sem qualquer participação ativa dos professores nas escolhas das teorias pedagógicas, conteúdos, duração, entre outros elementos importantes. O que se percebe, é que em todos os momentos, os professores apenas executam, não são ouvidos, não se expressam. O silenciamento é característica constante na realização da atividade.

O que precisa ser pensado a partir de agora e não se pode deixar escapar esses resquícios da pandemia na sociedade, é que se entendemos a educação como forma de transformar, de criar possibilidades de mudanças, não podemos manter esse silêncio frente as mais diversas atrocidades que a sociedade vem impondo a tempos. O negacionismo, obscurantismo, as imposições aos profissionais da educação, as péssimas condições de trabalho não são em hipótese alguma o real objetivo da educação. Como as diferentes sequelas da pandemia, essas reflexões precisam acontecer, ser discutidas e repensadas para que possamos assumir o quanto as desigualdades já existiam e estavam apenas mascaradas, e de alguma forma iniciar um real processo de transformação.

Até esse ponto, conhecemos a organização, condições e ações existentes na educação do município. Percebemos que são inúmeras as questões existentes que precisam ser discutidas, avaliadas e reorganizadas para que haja um bom ambiente de trabalho. Também, constatamos que a comunicação, aspecto essencial para as relações, é um fator que precisa ser refletido. Dentre as respostas, foi possível verificar que o município não realiza nenhum projeto específico e contínuo para prevenir ou instrumentalizar os profissionais da educação para saberem lidar com o sofrimento/adoecimento psíquico. A linguagem e o silenciamento foram aqui percebidos como temas necessários a serem abordados visando melhoria nas relações, nas condições de trabalho e outros fatores importantes para organização e planejamento do trabalho

e futuras ações. No próximo tópico, abordaremos semelhanças e diferenças nos dados dos professores e dos gestores.

3.7 DOCENTES X GESTORES: percepções sobre o sofrimento/adoecimento psíquico

A linguagem carrega consigo os conceitos generalizados, que são a fonte do conhecimento humano. Instrumentos culturais especiais, como a escrita e a aritmética, expandem enormemente os poderes do homem, tornando a sabedoria do passado analisável no presente e passível de aperfeiçoamento no futuro (LURIA, 2010, p. 26).

Com base nos dados coletados e analisados nessa pesquisa, esse tópico pretende analisar fatores importantes que possam contribuir para confirmação dessa tese. A comunicação, as semelhanças e/ou contradições entre as respostas dos participantes, professores e gestores que podem ajudar na comprovação de que a linguagem e as emoções são ferramentas indispensáveis para o ser humano se instrumentalizar e conseguir organizar e refletir sobre suas percepções, sentimentos e prevenir o sofrimento/adoecimento psíquico.

A comunicação é primordial para o desenvolvimento, para as relações, para o convívio e os bons resultados. É a linguagem – a comunicação que propicia uma boa integração e resolutividade em diferentes situações, mesmo que inesperadas.

Quanto aos dados de identificação, professores e gestores são, na maioria, do sexo feminino, com a faixa etária entre 41 e 50 anos. O estado civil é outro dado compatível entre professores e gestores. Em relação à graduação, a maioria é formada em Pedagogia. A instituição de ensino superior mais registrada tanto para professores quanto para os gestores foi a UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Observamos também uma proximidade quanto aos períodos de formação. O curso de Especialização é a pós-graduação predominante entre os dois grupos.

Chamam-nos a atenção as similaridades em todos os aspectos da identificação. A maioria tem formação em Pedagogia e possui Especialização na instituição UFMS. Isso se explica porque os cursos são oferecidos no CPAN – *Campus* do Pantanal, localizado em Corumbá.

A partir desses dados, propomos uma análise por dois vieses. A primeira refere-se ao meio. De acordo com Vigotski (2018), o meio tem papel e significado no desenvolvimento da criança e o sentido direto da palavra se modifica para a criança a cada degrau etário:

Como se sabe o mundo distante não existe para o recém-nascido. Para essa criança, existe apenas o mundo que se relaciona diretamente com ela, ou seja, o que se articula

em torno de um espaço estreito, formado por fenômenos e objetos ligados a seu corpo. Aos poucos, o mundo distante começa a se aproximar. Contudo, no início, trata-se também de um mundo muito pequeno: o mundo do quarto, do pátio mais próximo, da rua. Quando começa a andar, esse mundo se expande e, cada vez mais, novas relações entre a criança e as pessoas que a circundam se tornam possíveis. Posteriormente, o meio se modifica por força da educação, o que o torna específico para a criança a cada etapa etária: na primeira infância, a creche; na idade pré-escolar, o jardim de infância; na idade escolar, a escola. Cada idade tem seu próprio meio, organizado para a criança de tal maneira que, quando tomando no sentido de algo puramente externo, se modifica na passagem de uma idade para outra (VIGOTSKI, 2018, p. 74-75).

Esse primeiro viés nos leva a entender que os profissionais de educação optaram por se formar em pedagogia, ter especialização, além da coincidência das idades e períodos por influência do meio em suas escolhas, por viverem as experiências no mesmo momento histórico e cultural, conforme as faixas etárias e interesses, como aponta Vigotski (2018).

Todavia, isso é pouco. Até mesmo quando o meio se mantém pouco alterado, o mero fato de a criança mudar, no processo de desenvolvimento, faz com que se modifiquem o papel e o significado dos momentos do meio que parecem permanecer inalterados. Um evento que tem determinado significado desempenha um papel numa idade específica. Todavia, dois anos depois, começa a ter outro significado e a desempenhar outro papel por força de mudanças da criança. Ou seja, a relação da criança com aqueles eventos do meio mudou.

Valendo-nos de exemplos que vimos quando analisamos crianças, podemos dizer, com mais precisão ou exatidão, que os momentos essenciais para definição da influência do meio no desenvolvimento psicológico, no desenvolvimento da personalidade consciente, são a vivência. A vivência de uma situação qualquer, de um componente qualquer do meio define como será a influência dessa situação ou meio sobre a criança. Ou seja, não é esse ou aquele momento, tomado independentemente da criança, que pode determinar sua influência no desenvolvimento posterior, mas o momento refratado através da vivência da criança (VIGOTSKI, 2018, p. 75).

Mas, por outro viés, percebemos que as escolhas se deram por conta da restrição do próprio meio, digamos, restrito, no sentido de localização, acesso. Se pensarmos no período de graduação dos participantes, poucas eram as possibilidades de realizarem seus estudos e pesquisas fora do município.

Corumbá é o município mais distante da capital do estado de Mato Grosso do Sul. Por muito tempo, houve poucas possibilidades de locomoção e oportunidades de expandir seus conhecimentos, que não na própria cidade. Essa análise ganha força quando observamos os outros cursos, períodos de conclusões e faixa etárias. Constatamos que são profissionais mais jovens, que tiveram acesso a novas oportunidades, concluíram seus estudos em outros municípios, ou mesmo vieram de outras cidades.

Sobre o meio e o desenvolvimento, Vigotski (2018) ressalta:

O meio não deve ser estudado como um ambiente de desenvolvimento que, por força de conter determinadas qualidades ou características, já define pura e objetivamente o desenvolvimento da criança. É sempre necessário abordá-lo do ponto de vista da relação existente entre ele e a criança numa determinada etapa de desenvolvimento (p. 74).

Outro ponto em comum da investigação foi sobre o trabalho remoto. Perguntamos sobre a disponibilização e formação para uso de recursos tecnológicos no desempenho do trabalho dos professores.

A maioria dos professores respondeu que foram disponibilizados recursos tecnológicos. Essa informação vai ao encontro das respostas da maioria dos gestores. Sobre a formação para utilizar os recursos tecnológicos a maioria dos docentes confirmou que as recebeu. Nesse quesito, é possível verificar uma proximidade no número de respostas entre os professores, supondo uma possível incongruência, ou mesmo a existência de diferentes interpretações para o que seria uma ação proposta como formação.

Os dados coletados sugerem a existência de falhas na comunicação, conhecimento e percepções em relação às situações desiguais desse mesmo meio.

De acordo com Vigotski (2018), o desenvolvimento do pensamento como dependente de instrumentos externos, no caso a linguagem, está vinculado à experiência sociocultural da criança.

A comunicação entre professores e gestores deve ser um dispositivo de aproximação, de auxílio para as relações e a prevenção de conflitos. Só por meio de funções fundamentais como o pensamento e a linguagem é que a consciência, a percepção e a memória também se desenvolvem.

As informações extraídas da pesquisa revelam uma falha de comunicação e percepção entre os professores, quando os participantes respondem sobre os recursos tecnológicos e a formação disponibilizada. Há uma proximidade entre as respostas *sim* e *não*, mas que faz toda diferença e pode direcionar a uma contradição entre essas ações, ou entre as percepções e/ou compreensão dos participantes:

Para o materialismo histórico-dialético, o mundo empírico representa apenas a manifestação aparente da realidade em suas definibilidades exteriores. Os fenômenos imediatamente perceptíveis, ou seja, as representações primárias decorrentes de suas projeções na consciência dos homens, desenvolvem-se à superfície da essência do próprio fenômeno (PASQUALINI; MARTINS, 2015, p. 363).

A linguagem e o pensamento são as principais funções para o sujeito aprimorar seu conhecimento, sua consciência, desempenhar sua atividade, manter suas relações, expressar suas emoções e impulsionar o desenvolvimento de outras funções superiores.

O progresso principal do desenvolvimento do pensamento assume a forma de uma passagem do primeiro modo de utilizar uma palavra como nome próprio, para o segundo modo, em que uma palavra é signo de um complexo e, finalmente, para o terceiro modo, em que uma palavra é instrumento ou recurso para desenvolver o conceito. Assim como se verificou que o desenvolvimento cultural da memória tinha as mais íntimas ligações com o desenvolvimento histórico da escrita, verifica-se que o desenvolvimento cultural do pensamento possui a mesma conexão íntima com a história do desenvolvimento da linguagem humana (VIGOTSKI; LURIA, 1999, p. 133).

A consciência é outro fator importante do desenvolvimento, pois é um resultado das experiências do sujeito e colabora ou não para percepção de si no mundo. Por isso a consciência não pode ser identificada exclusivamente com o mundo das vivências internas, mas apreendida como ato psíquico experienciado pelo indivíduo e, ao mesmo tempo, expressão de suas relações com os outros homens e com o mundo (MARTINS, 2015a).

A consciência é a soma das experiências do sujeito e deve permitir-lhe compreender os fenômenos à sua volta e a perceber a si mesmo. A forma que percebe o mundo a sua volta influencia diretamente nos sentimentos, emoções, no psiquismo do ser humano.

Portanto, a imagem psíquica desenvolve-se com complexidade estrutural dos organismos por meio da atividade que a condiciona, e nisso reside a materialidade da própria consciência. Os fenômenos objetivos preexistem a ela, a quem compete a captação e a reconstituição no plano subjetivo (MARTINS, 2015a, p. 29).

No que tange aos prejuízos a saúde por causa do trabalho remoto, novamente a soma dos docentes que foram afetados ultrapassa a soma dos que não foram.

Os docentes, em condições de mudanças, são impulsionados ou obrigados a se adequarem às atribuições de um novo perfil profissional e, conseqüentemente, às exigências de novas performances para que as demandas sejam atendidas (PEREIRA, SANTOS e MANENTI, 2020).

A nova forma de trabalho que devido a pandemia foi imposta aos professores, no traz de maneira agressiva a necessidade de analisar o que o ser humano sente ou sentiu com toda essa mudança. Se o ser humano é criador de sua história, se o seu trabalho transforma a si e ao mundo a sua volta, o que pensar quando o professor se depara com as exigências e péssimas condições do trabalho. Esse momento trouxe além das imposições das condições e excessos de trabalho o silenciamento de um ser humano como um todo. As emoções, os prazeres, as satisfações, desejos e motivos foram simplesmente enclausurados.

Partimos do pressuposto de que o homem é o sujeito da história, criador e reproduzidor de suas condições de existência e, por consequência, autor de seu processo de personalização. O homem é um ser que produz pelo trabalho social os seus meios de subsistência e dessa forma se produz a si mesmo (MARTINS, 2015b, p. 112).

A pandemia ocasionou muitas e sérias mudanças no modo de trabalho docente, por isso o cuidado com a saúde psíquica desses profissionais deve ser repensado. Pessoa Pereira, Viana Santos e Aguiar Manenti (2020) realçam que o cuidado com a saúde do professor precisa ser levado a sério e ainda ressaltam a importância de se considerar a forma de organização e execução do trabalho remoto, como também o processo de retorno as aulas presenciais.

Aos gestores foi indagado se houve afastamento de professores para tratamento de saúde durante a pandemia. Nesse ponto, averiguamos nova incoerência nas respostas, pois as

quantidades de *sim* e *não* estão bem próximas. Novamente desvelamos as diferentes possíveis percepções existentes nesse contexto.

A percepção é corroborada, portanto, na atribuição de significado às impressões sensoriais, e, na unidade que se forma entre estas, ela reside em um processo altamente complexo e estruturado, constituído pelas imbricadas relações que fazem das sensações os meios pelos quais os objetos e fenômenos da realidade são percebidos. (MARTINS, 2015a, p. 130-131).

Perguntamos aos gestores quais os motivos dos afastamentos por sintomas psíquicos durante a pandemia. Novamente observamos a falta de percepção, comunicação e conhecimento sobre os afastamentos para tratamento de saúde durante a pandemia, pois 31 profissionais da educação, com critérios diagnósticos de sofrimento mental se afastaram nesse período. Esse dado é de extrema relevância. Quando compreendemos a percepção como uma abstração do concreto, torna-se conhecimento de uma dada realidade:

São os estreitamentos da função específica no sistema psíquico, isto é, são as conexões interfuncionais, que tornam possível à percepção “emancipa-se” de conexões primitivas, próprias à sua manifestação natural, para, libertando-se delas, assumir um papel altamente especializado na orientação do comportamento complexo. Destarte, também, a percepção deve galgar uma formação que promova a “superação” do atendimento aos ditames naturais, psicofísicos, em direção ao atendimento das demandas da atividade complexa culturalmente formada (MARTINS, 2015a, p. 134-135).

O gestor precisa estar atento às diferentes circunstâncias, não tão somente, mas ter também conhecimento das situações, saber lidar com as adversidades e perceber o meio e suas mudanças. A percepção é importantíssima para as relações, o convívio, o ambiente. Trata-se de uma função psíquica superior que complementa outras funções e necessita de outras para o seu desenvolvimento:

Verifica-se, pois, que a percepção não é um processo autônomo, em relação às condições nas quais ocorre, tanto do ponto de vista biológico, quanto da atividade que integra. Por conseguinte, sendo variável e instável, demandará vínculos com outros mecanismos tendo em vista sua “correção”, ou seja, a conquista de correspondência objetiva entre o objeto percebido e a imagem construída por ele. O desenvolvimento da percepção requer, portanto, a formação dos referidos mecanismos-dentre os quais se destacam os conhecimentos acerca dos objetos (MARTINS, 2015a, p. 137).

Apesar de metade dos gestores não especificar, a soma das demais respostas resulta na outra metade, dos que indicam que os afastamentos foram por causas psíquicas e biopsicossociais. Essa informação nos remete às observações de Pessoa Pereira, Viana Santos e Aguiar Manenti, (2020) que elucidam sobre a educação e os professores percorrerem dias de obscuridade, tanto na organização do processo de trabalho quanto as políticas, diretrizes, formações e demais demandas. O período pandêmico apenas desmascarou o que já existia, não surgiu nada a partir de agora, a dificuldade e falta de acesso à educação de qualidade já estavam postas mesmo antes de toda essa reestruturação do ensino remoto:

Além dos impactos psicológicos diretamente relacionadas à COVID-19, coexistem conjuntamente, os abalos biopsicossociais causados pelas medidas preventivas de

contenção da pandemia, como por exemplo, os efeitos da quarentena e do isolamento social, que limitam não somente nossas interações presenciais e relações sociais, como também, restringem a realização de atividades de lazer e entretenimento, sendo estes, também considerados como potenciais fatores de risco à saúde mental e bem-estar emocional (PESSOA PEREIRA, VIANA SANTOS e AGUIAR MANENTI, 2020, p. 30-31).

Em face das constatações sobre as diferentes formas de sofrimento/adoecimento geradas por causa da pandemia, os pesquisadores ainda salientam que frente as velhas novas condições de trabalho são preciso discutir as diferentes maneiras de resistir dos professores ao adoecimento e discutir possibilidades de reconfigurar o trabalho (PESSOA PEREIRA, VIANA SANTOS; AGUIAR MANENTI, 2020).

Sobre ter conhecimento ou participado de algum projeto para enfrentamento em situações emergenciais para prevenção ao adoecimento, a maioria dos docentes desconhece a existência de ações para tal enfrentamento, não teve experiência ou não participou. Quanto às respostas afirmativas para a questão, não houve a descrição com maiores detalhes, citando apenas palestras e *lives*. Para os gestores, questionamos se há programas para prevenção ao adoecimento. A grande maioria negou a existência.

Essas novas formas de trabalho impostas ao docente devido à pandemia contribuem para o sofrimento/adoecimento psíquico. Há tempos os sintomas vêm surgindo, e aos poucos as consequências vão sendo conhecidas, registradas:

Neste seguimento, a literatura acerca da relação entre o meio do trabalho e os impactos na saúde mental ressaltam que a conjuntura de exploração e precariedade das condições de trabalho têm resultado em prejuízos preocupantes à saúde de professores e demais trabalhadores da educação. Assim, é possível notar um indicador ascendente no processo de adoecimento entre os docentes nas últimas décadas, denotando o sofrimento mental como uma das formas mais preponderantes deste adoecimento, ligado às novas condições de trabalho (PESSOA PEREIRA, VIANA SANTOS; AGUIAR MANENTI, 2020, p. 28).

Por consequência, Hernandez e Rozário (2021) reforçam que a pandemia não permitiu as pessoas retomarem suas vidas, o medo e a insegurança foram regulares. Diante disso, circunstancia-se a necessidade de se retomar o trabalho, contudo, o convívio acaba gerando a ansiedade, e como resultado surge os sinais e sintomas relacionados à saúde mental.

Seja durante ou pós-pandemia, os sentimentos mais diversos tomaram conta do ser humano, e as consequências dessas sensações - a insegurança do retorno as atividades - contribuem para o sofrimento/adoecimento psíquico. Os que de alguma forma já sofriam, em algum momento, o sofrimento se intensificou; os que não, mas que também perpassaram o período pandêmico, em sua grande maioria, desencadearam algum sofrimento/adoecimento psíquico.

Por esse motivo, Santos, Silva e Belmonte (2021) salientam a imprescindibilidade de existir estratégias com o objetivo de reduzir a sobrecarga intelectual, física e social dos

professores, além de criar espaços destinados ao compartilhamento de suas angústias, medos e outros sentimentos.

Ao serem indagados sobre os temas e medidas que consideram importantes para a prevenção ao adoecimento, tanto os professores quanto os gestores elencaram assuntos pertinentes à saúde mental: atendimento psicológico, coletivo ou individual, ambientes de trabalho saudáveis, mais e melhores formações e alguns aspectos relativos às condições de trabalho e a profissão.

Em meio às diferenças e semelhanças nas respostas das questões em comum estudadas, tanto professores quanto gestores percebem os mesmos temas para prevenção ao sofrimento/adoecimento docente. Esse fato leva a crer que há consciência, a percepção dos riscos que o trabalho docente tem gerado ou podem gerar frente às inúmeras adversidades. Martins (2015b) esclarece que o ser humano é produto da vida material, das relações, das condições alienantes, e a falta de consciência atende a uma ordem social, objetiva e prática. Assim, essa condição afeta a personalidade por atingir os motivos e vivências subjetivas:

Embora se possa pressupor que numa sociedade não alienada também existam processos inconscientes, parece razoável supor que os indivíduos não sejam, porém, dominados por esses processos. Nesse sentido, a alienação gera uma tirania do inconsciente que só poderá ser superada com o fim das relações sociais que alimentam esse fenômeno. Assim sendo, para esta inconsciência, a cura individual está longe de ser a solução, pois, por sua própria natureza, só pode ser superada no âmbito de uma luta coletiva por transformações sociais (MARTINS, 2015b, p. 101).

O contato com o mundo real e consciente favorece o ser humano a se desenvolver e formar sua personalidade, fazer suas escolhas, priorizar seus motivos, intervir nas condições de trabalho, nas relações interpessoais e nas formas de atender às suas necessidades e até mesmo se instrumentalizar para enfrentar o sofrimento/adoecimento psíquico:

Pelo exposto, vemos que a tomada de consciência dos motivos envolve a complexidade do funcionamento psicológico, surgindo no nível da personalidade, acompanhando sua formação e desenvolvimento. A personalidade, por sua vez, desenvolve-se nas situações de atividade do indivíduo, quando manifestando suas particularidades este indivíduo estabelece relações com o mundo real.

A infraestrutura da personalidade compreende o conteúdo objetivo da atividade real do indivíduo concreto, o que ele faz, encerra, portanto, a realidade prática de sua existência, abarca o sistema de atividades que se constrói temporariamente, isto é, um sistema cuja substância é o tempo. Se toda existência é existência temporal, o emprego do tempo revela a base infraestrutural da personalidade desenvolvida.

O conjunto de atividades psicologicamente infraestruturais compreende as atividades em relação ao trabalho socialmente produtivo, as atividades de relações diretas consigo mesmo e as atividades de relações interpessoais (MARTINS, 2015b, p. 102).

A consciência e a percepção são aspectos importantes para personalidade do ser humano, além do mais, contribuem para o reconhecimento e organização de suas emoções, e motivam a busca pela satisfação e prazer em suas escolhas. A forma de se perceber e tudo ao seu redor, contribuirá com a organização de seus pensamentos e de sua linguagem, percebe o mundo e o contexto do qual está inserido, favorece ou não a constante construção de sua

personalidade. Essa construção se dá por meio do uso da linguagem falada e abstrata, do controle de suas emoções, das relações, da sua atividade. Todos esses fatores interferem uns nos outros e constrói a subjetividade humana.

Não só esse tópico, mas todos os outros nos permitiram esclarecer o quanto o comprometimento das relações - sejam por causa do afastamento pelas (in)diferenças, ou mesmo pela necessidade de manter o distanciamento social - e o silenciamento das emoções podem causar o sofrimento e adoecer o ser humano. Ilustram o quanto as relações interferem diretamente no comportamento, na percepção, nas emoções, na personalidade e na forma de desempenhar sua atividade. Ademais, que o ser humano não vive só, necessita de outros seres humanos, das relações, de ações que promovam a satisfação e o prazer. Não só as condições de trabalho, tanto as objetivas quanto as subjetivas são importantes elementos para percepção do todo, mas como nos expressamos frente a todas as adversidades, contradições, incongruências, insatisfações compõem o dinâmico e extenso campo das relações humanas que acontece no espaço chamado trabalho pode desencadear o sofrimento/adoecimento psíquico.

4. CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

Analisar as causas que podem gerar o sofrimento/adoecimento psíquico docente foi o objetivo principal dessa tese. Para tanto, foi necessário um intenso levantamento sobre de como foi construída a percepção e o cuidado da pessoa com sofrimento mental ao longo dos anos, além de compreender o sofrimento/adoecimento psíquico sob a luz da Psicologia Histórico-Cultural, também, apreender sobre a formação e constituição do professor e a importância das emoções e relações para o enfrentamento, além de realizar uma investigação das produções científicas sobre o tema a partir dos descritores sofrimento psíquico, adoecimento psíquico, adoecimento psíquico relacionado ao trabalho docente à luz da PHC e histórico-cultural. Contudo, como no decorrer de todo o trabalho, aqui também ressaltamos que a partir dos dados teóricos e empíricos entendemos que nem todo sofrimento gera o adoecimento.

Em relação ao objetivo geral foi possível analisar por meio dos dados coletados que as condições sociais consequentes da materialidade da sociedade capitalista por meio da maneira que organiza o trabalho oportunizam a desvalorização e desprestígio do trabalho do professor, que na grande maioria possuem condições e sobrecarga de trabalho impróprias, além de intensa responsabilização na pessoa do professor os levando a silenciar suas emoções, suas angústias por inúmeros motivos, seja por medo, insegurança, fragilidade emocional, descontentamento, desesperança, entre outros, e comprometer suas relações interpessoais. E diante de todo esse contexto permanece trabalhando devido a precisão de sobreviver, mesmo negando a atender suas necessidades subjetivas. Esse processo decorre de uma relação dialética que se inicia da pluralidade das condições sociais existentes por meio da organização posta por essa sociedade e atinge a singularidade do ser humano, do professor de forma física e emocional.

Essa conjuntura e a forma de como a sociedade percebe o professor reforçam a continuidade das péssimas condições de trabalho gerando contradições importantes a serem analisadas e discutidas, como exemplo, as verificadas nessa pesquisa apresentadas na tabela 12, que exhibe que as mesmas condições que agradam alguns professores, desagradam outros. A partir desses dados, verificamos mais uma vez a dialética, do plural para o singular, onde mais de uma condição foi citada como agradável por um grupo e desagradável por outro. Esse fato constatado ressalta a importância de analisar o ser humano em sua individualidade mesmo estando em coletividade, pois as percepções, sensações são diferentes, pois a soma das respostas originaria de percepções individuais.

E como se não bastasse as incontáveis condições desfavoráveis que envolvem o trabalho docente, ainda é imprescindível refletir em situações e condições que podem surgir frente a cenários súbitos e arrebatadores, como o caso da pandemia do COVID-19, que reforça

a nossa tese de que as condições precárias existem e são mascaradas pela sociedade neoliberal e submetem o professor a modelos de trabalho impiedoso, comprometendo suas relações e silenciando suas emoções.

O professor se deparou com situações adversas, inesperadas, com a pandemia, que exigiu o distanciamento social, condições de trabalho nem um pouco adequadas, favorecendo o surgimento do sofrimento/adoecimento psíquico. A dificuldade em se ter acesso aos recursos materiais, a limitação no manuseio da tecnologia, a ausência dos alunos, a sobrecarga de trabalho, o excesso de burocracia e de prazos foram alguns dos agravantes reforçados nesse processo, e não o bastante, a constatação da desvalorização profissional pelas avaliações e imposições que não consideraram o sujeito (EU) e o profissional (Professor). Ademais, a pandemia da COVID-19 escancarou as desigualdades sociais, a precarização da educação e do trabalho docente. Vale salientar, que essa pesquisa ocorreu em pleno período pandêmico, e vários dados foram constatados nas respostas dos professores. No eixo que tratou sobre o trabalho remoto e o adoecimento docente foi nítido a insegurança e a debilidade do trabalho dos professores da rede pública pesquisada, além da forma como tiveram suas privacidades e os sentimentos desrespeitados devido o modelo de trabalho imposto. O professor teve clareza das condições difíceis para o exercício da profissão durante a pandemia, contudo sentiram se obrigados a cumprir determinações por não obter outra forma de ensinar, mesmo não tendo condição apropriada para tal.

Outro ponto importante a evidenciar é a quantidade de medicamentos ingeridos pelos professores para amenizar a dor. Ao serem questionados sobre o tipo de medicação, a segunda maior frequência estão os medicamentos psicotrópicos. A busca pelo alívio da dor física e emocional está representado fortemente nesses dados, e corroboram para a tese de que as condições sociais adoecem ao impor uma forma de trabalho geradora de sofrimento/adoecimento, podendo ser em tempo de pandemia ou não.

No que tange aos objetivos específicos, constatamos que: **a)** houve os afastamentos nos últimos 12 meses por motivo de saúde, conforme frequência de 17 respostas, sendo 4 delas especificamente a COVID-19 o motivo, e 11 não informaram (tabela 19). Entretanto, dados do Centro de Referência de Saúde do Trabalhador (tabela 52) apontam para 31 atestados de afastamento no período de 01/01/2020 até 31/12/2021 para CID F; **b)** Não há ações, programas, projetos no município de Corumbá MS que visem instrumentalizar os professores para administrar seus sentimentos, angústias, emoções e não ter prejuízos severos à saúde devido o sofrimento/adoecimento psíquico. Essa constatação pode ser observada nas tabelas 30, 31 e 44; **c)** Verificamos a partir dos dados dos participantes, tanto os professores quanto os gestores são a maioria do sexo feminino, a faixa etária 41 a 50 anos, estado civil casados e graduados em

pedagogia e formados na instituição de ensino superior Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (tabelas 8,9,10,37,38,39).

A partir da Psicologia Histórico-Cultural, o sofrimento/adoecimento psíquico pode ser compreendido como resultado das relações sociais do sujeito, da atividade alienante, da repressão de seus sentimentos, das poucas oportunidades que o sujeito tem de se desenvolver e da carência de acesso à educação, das condições inseguras para exercer sua atividade. Além disso, como fator preponderante para o desenvolvimento humano, está a linguagem, considerada a habilidade humana que estabelece e fortalece as relações contribuindo para o desenvolvimento de todos os outros componentes do psiquismo humano, como as emoções, sentimentos, consciência, percepção, atenção, memória, sentidos e significados que são características próprias da espécie humana, e a constituição da personalidade. Fato observado nas análises a partir da confirmação da percepção das condições insuficientes para exercerem o trabalho e de como se silenciam e prejudicam suas relações por motivos já elencados anteriormente.

A personalidade, por sua vez, é formada por meio das relações interpessoais, das experiências, do conhecimento e da atividade. O trabalho (atividade) do ser humano precisa da consciência para o seu desempenho. Quando o sentido pessoal rompe com o significado da atividade, o ser humano passa a desempenhar sua função de forma alienada, vendida, e as características individuais vão sendo enclausuradas, rompendo com a realidade. As emoções não alcançam a catarse necessária no e para o gozo da atividade, que colabora para a realização pessoal, deixa de existir, podendo desencadear o sofrimento/adoecimento psíquico.

O presente trabalho viabilizou conhecer particularidades dos professores do município de Corumbá MS. Percebemos que a satisfação e o prazer ainda se mantêm interligados, mesmo diante das inúmeras dificuldades no desempenho das atividades dos docentes. Essa constatação derivou das declarações dos docentes, de que gostam da profissão e têm satisfação em ensinar. Mas também, verificamos um certo receio quando solicitado que registrassem por meio dos questionários de forma explicativas suas respostas sobre condições, atividades, percepções, emoções ligadas diretamente ao processo de trabalho e suas consequências, poucas foram as respostas com maior conteúdo explicativo, e essas foram inseridas ao longo do texto para enriquece-lo, e esse fato dificulta a possibilidade de oportunizar mudanças necessárias e reais. Entretanto, as respostas das escalas demonstram que o sofrimento/adoecimento permeiam o contexto do trabalho, como alguns dados da tabela SRQ-20, que valem ser destacados, como por exemplo, se dorme mal (questão 03), há uma proximidade nas 118 respostas, 49 responderam que sim e 69 não, e sobre sentir se triste ultimamente (questão 09), 54 professores afirmam que sim e 64 não. Sobre o questionário de estresse nos professores (QSPEBS) a soma

de 101 professores aponta para algum grau de estresse, sendo 45 pouco estressado, 39 moderados, 10 bastante e 07 elevados estresse, além da tabela 36 que aponta que a intensificação, o excesso de trabalho burocrático e administrativo são condições geradoras de estresse.

Por outro lado, as análises nos permitem afirmar que não há uma ação, projeto, programa específico de prevenção ou enfrentamento ao sofrimento/adoecimento docente presentes na rede pública de ensino municipal, conforme tabela 29 que foi solicitado aos professores que registrassem alguma experiência ou projeto de enfrentamento que conhecessem ou tenham participado para situações emergenciais de adoecimento, e as importantes informações das tabelas 30,31,44 corroboram para nossa afirmação.

O estudo possibilitou conhecer a percepção do professor e do gestor em relação ao sofrimento/adoecimento psíquico, identificou angústias e anseios e a urgência de implementação e/ou implantação de políticas públicas para instrumentalizar os professores, e permitiu confirmarmos a tese inicial de que as condições sociais consequentes da materialidade da sociedade capitalista resultam na desvalorização e falta de prestígio do trabalho docente, nas condições inadequadas e sobrecarga de trabalho, e portanto propiciam o comprometimento das relações interpessoais e o silenciamento das emoções dos professores oportunizando o sofrimento/adoecimento psíquico. Assim, o professor sofre e se não se expressar, falar, expor suas angústias, sua insatisfação e desprazeres adocece, e o resultado pode levar a sua própria despersonalização. Ao falarmos, expulsamos o que nos causa dor, o coração e a mente aliviam, os conteúdos reprimidos passam a ser organizados, e aos poucos a sensação de alívio gera a sensação de deleito, podendo ser comparado a catarse. A fala e a escuta são terapêuticas.

Assim, admitimos e defendemos que há a necessidade de possibilitar melhoria nos ambientes, condições e organização de trabalho, para que as relações interpessoais possam ser mantidas de forma saudáveis, e principalmente que os trabalhadores possam se expressar, sem calar seus sentimentos, suas emoções e ainda, receberem a atenção adequada para o enfrentamento ao sofrimento/adoecimento psíquico.

Por fim, e não menos importante, retomamos as explicações quanto as possibilidades de analisar o sofrimento/adoecimento psíquico pautado na Psicologia Histórico-Cultural. Após todo o material teórico pesquisado e utilizado nessa tese para introduzir, amparar e pautar as análises e discussões, primeiramente verificamos que a privação do acesso aos conteúdos sistematicamente organizados, modificados histórico e culturalmente, carência do desenvolvimento dos signos e instrumentos, podem desencadear o sofrimento/adoecimento psíquico por não contribuir para que o ser humano desenvolva habilidades suficientes em lidar com as dificuldades que permeiam suas diferentes relações, resultando no comprometimento

do desenvolvimento de suas funções psicológicas superiores, e também por terem sido prejudicados quanto a escassez da qualidade no desenvolvimento do pensamento e da linguagem. Segundo, e como efeito, o ser humano poderá ter consequências nas suas funções psíquicas superiores, prejuízos em sua personalidade, e dificuldade para enfrentar as adversidades, reprimir sentimentos e emoções causando o sofrimento/adoecimento psíquico.

Sem se expressar, o trabalhador adocece, trabalha de forma mecanizada e sofre enquanto tem consciência, percepção da realidade. Pela necessidade da sobrevivência, procura na farmacologia o alívio para a dor física e psíquica.

Consideramos, no entanto, que não se esgotou aqui a discussão sobre o tema. Ao contrário, este texto anuncia a pertinência de novas e profundas análises e estudos sobre o objeto, com o propósito sempre viável de ampliação e divulgação de novos conhecimentos, pois a partir dos achados nessa pesquisa, se verificou a imprescindibilidade de valorizar o ser humano e suas emoções mesmo diante a tantas e eficazes tecnologias, pois ainda somos a principal ferramenta para a humanização.

Como pesquisadores assinalamos nesse trabalho questões acessíveis e fundamentais do cotidiano que podem ser utilizadas como ferramentas para compor as estratégias e instrumentalizar os professores a manter a saúde psíquica ou minimizar danos que possam vir acomete-la, que passam pelas melhores e mais adequadas condições de trabalhos, maior valorização e respeito com o trabalho docente, ambientes que favorecem o diálogo e a expressão de sentimentos e emoções e valorização e respeito às relações interpessoais. Nesse caminho, também desenvolvemos nossa responsabilidade social ao apresentarmos aos professores, gestores e outros pesquisadores os conhecimentos aprendidos e compreendidos nessa pesquisa, e que possam colaborar e instigar novas e importantes investigações sobre o tema por apresentar ampla relevância para sociedade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Maria Aparecida Lapa de. Processos de formação docente: a constituição do “ser” professor. **IX Congresso Nacional de Educação. EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. 26 a 29 de outubro de 2009. PUCPR. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2024_1268.pdf. Acesso em 04 de jun de 2021.

ALMEIDA, Melissa Rodrigues. **A formação social dos transtornos de humor**. 416f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Medicina de Botucatu, 2018.

ALVES, Álvaro Marcel. O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. **Revista de Psicologia** da UNESP 9(1), 2010. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/422/400>. Acesso em: 07 de mar. de 2022.

AMARANTE, Paulo. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2007.

AMARANTE, Paulo; NUNES, Mônica de Oliveira. A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. **Ciênc. saúde coletiva** [online]. v. 23, n.6, p. 2067-2074, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.07082018>. Acesso em: 15 de mar. De 2020.

ARAÚJO, Álvaro Cabral.; NETO, Francisco Lotufo. A Nova Classificação Americana Para os Transtornos Mentais – o DSM-5. **Rev. Bras. de Ter. Comp. Cogn.**, 2014, v. 15, n. 1, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v16n1/v16n1a07.pdf>. Acesso em 23 de abr. de 2021.

ARAÚJO, Sidnei Ferreira.; PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo. SER PROFESSOR: VOCAÇÃO OU FALTA DE OPÇÃO? Os motivos que envolvem a escassez de jovens na profissão docente no Brasil. **Revista Científica Novas Configurações. Diálogos Plurais**, v. 2 n. 1, 2021.

ARAÚJO, Tânia Maria de.; PINHO, Paloma de Sousa.; MASSON, Maria Lucia Vaz. Trabalho e saúde de professoras e professores no Brasil: reflexões sobre trajetórias das investigações, avanços e desafios. **Cad. Saúde Pública**, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1001693>. Acesso em 28 de mar. de 2022.

ARAÚJO, Tânia Maria de; GODINHO, Tiana Mascarenhas; REIS, Eduardo J F B dos; ALMEIDA, Maura Maria G de. Diferenciais de gênero no trabalho docente e repercussões sobre a saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, 11(4):1117-1129, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000400032>. Acesso em: 27 de jan. 2023.

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. 1 ed. São Paulo, Geração Editorial, 2013.

ASSUNÇÃO, Ada Ávila.; OLIVEIRA, Dalila Andrade. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, n. 107, p. 349-372, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 18 de jan. de 2022.

BAIÃO, Lidiane de Paiva Mariano.; CUNHA, Rodrigo Gontijo. Doenças e/ou disfunções ocupacionais no meio docente: uma revisão de literatura. **Revista Formação@Docente** – Belo Horizonte, vol. 5, n. 1, jan/jun 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-izabela/index.php/fdc/article/viewFile/344/338>. Acesso em 11 de out. de 2021.

BARROS, Carlos Antonio Ferreira da Silva.; GRADELA, Adriana. Condições de trabalho docente na rede pública de ensino: os principais fatores determinantes para o afastamento da atividade docente. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, Petrolina-PE, v. 7, n. 13, p. 75-87, agosto, 2017. ISSN: 2177-8183. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/9>. Acesso em 01 de mar. de 2022.

BASAGLIA, Franco Ongaro. Saúde/doença. In: AMARANTE, Paulo. **Saúde Mental, formação e crítica**. Rio de Janeiro: Laps, 2015.

BASTOS, Josiane Aparecida Quintão Romero. **O mal-estar docente, o adoecimento e as condições de trabalho no exercício do magistério, no ensino fundamental de Betim MG**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte, 2009.

BIZOL, Kátia Maria Fabiani. **O Papel do gestor na unidade escolar: desafios e possibilidades**. Instituto Federal Catarinense. Campus Abelardo Luz, Especialização em Educação: Educação e Prática de ensino, Abelardo Luz, 2018. Disponível em: <http://abelardoluz.ifc.edu.br/wp-content/uploads/2019/02/TC-Katia.pdf>. Acesso em 25 de fev. de 2022.

BUENO, Francisco da S. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. São Paulo: Lisa, 1988.

BRAATZ, J. P.; KRAEMER C. A norma, o saber e o poder. **X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. I Seminário de Representações Sociais, Subjetividade e Educação**. SIRSSE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba, 2011. https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5197_2725.pdf. Acesso em 15 de mar. de 2020.

BRANDAU, Ricardo.; MONTEIRO Rosangela; BRAILE Domingo M. Importância do uso correto dos descritores nos artigos científicos. **Rev Bras Cir Cardiovasc**, v. 20, n. 1, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbccv/a/YjJ9Hw34dfDTJNcTKMFnKVC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 27 de ago. de 2021.

BRASIL. **Reforma Psiquiátrica e política de Saúde Mental no Brasil**. Brasília, novembro de 2005. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf. Acesso em 16 de mar. de 2020.

BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho. O método de investigação na psicologia histórico-cultural e a pesquisa sobre o psiquismo humano. **Rev. psicol. polít.** [online], v. 10, n. 20, p. 297-313, 2010. ISSN 2175-1390. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-549X2010000200009&script=sci_abstract. Acesso em 27 de ago. de 2021.

BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho. O método na teoria histórico-cultural: a pesquisa sobre a relação indivíduo-generacidade na educação. In: MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima, PENITENTE, Luciana Aparecida Araújo, MILLER Stela (organizadores). **A Questão do método e a teoria histórico-cultural: bases teóricas e implicações pedagógicas**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

BENDASSOLLI, Pedro F.; GONDIM, Sonia Maria Guedes. Significados, sentidos e função psicológica do trabalho: Discutindo essa tríade conceitual e seus desafios metodológicos. **Avances en Psicología Latinoamericana**. Bogotá (Colômbia). v. 32, n. 1, p.131-147. 2014. ISSN2145-4515. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/apl/v32n1/v32n1a10.pdf>. Acesso em 05 de out de 2021.

CALEJON, Laura Marisa Carnielo.; BRITO, Alan de Santana. Entre a pandemia e o pandemônio: uma reflexão no campo da educação. **Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente**, Humaitá, v. 25, n. 2, jul-dez, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/educamazonia/article/view/7835>. Acesso 11 de mar. de 2022.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6. Ed. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2009.

CANTARELLI, Adriana Gonzaga.; FACCI, Marilda Gonçalves Dias.; CAMPOS Herculano Ricardo. Trabalho docente e personalidade: alienação e adoecimento. In: FACCI, Marilda Gonçalves Dias.; URT, Sonia da Cunha. **Precarização do trabalho, adoecimento e sofrimento do professor** (Orgs). EDUFPI, Teresina, 2017.

CARLOTTO, Mary Sandra.; CÂMARA, Sheila Gonçalves.; BATISTA, Jaqueline Vidal. SCHNEIDER, Gabriela Azeredo. Prevalência de Afastamentos por Transtornos Mentais e do Comportamento Relacionados ao Trabalho em Professores. **PSI UNISC**, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 1, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v3i1.12464>. Acesso em 01 de mar. de 2022.

CARNEIRO, Berenice Victor.; YOSHIDA, Elisa Medici Pizão. Alexitimia: Uma Revisão do Conceito. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25 n. 1, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/WxJrZhZ9Nn78jyQqJD5ZyKp/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 12 de jul. de 2021.

CARVALHAL, Tito Loiola.; OLIVEIRA, Elaine Cristina de.; RIBEIRO, Maria Izabel Souza Políticas de morte nas educações instituídas e contágios insurgentes em contextos pandêmicos. In: INSFRAN, Fernanda Fochi Nogueira et al. (Orgs). **Fraturas expostas pela pandemia: escritos e experiências em educação**. Encontrografia, Campos dos Goytacazes (RJ), 2020.

CASTRO, Karina Rocha Rosa de. Formação continuada de professores em tempos de pandemia: empoderamento, resistência e possibilidades. In: INSFRAN, Fernanda Fochi Nogueira et al. (Orgs). **Fraturas expostas pela pandemia: escritos e experiências em educação**. Encontrografia, Campos dos Goytacazes (RJ), 2020.

CASTRO, Vanessa Mariano de. Trabalho e saúde: estudo sobre o adoecimento docente. **Temas em Educação e Saúde**, Araraquara, v. 16, n. 1, p. 62–83, 2020. Disponível em: DOI: 10.26673/tes. v16i1.13489. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/13489>. Acesso em: 27 ago. 2021.

CEDRO, Wellington Lima.; NASCIMENTO, Carolina Picchetti. Dos métodos e das metodologias em pesquisas educacionais na teoria histórico cultural. In: MOURA, Manoel Oriosvaldo de (organizador). **Educação escolar e pesquisa na teoria histórico cultural**. Edição Loyola, São Paulo, 2017. ISBN 978-85-15-04452-8.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CICARELLO JUNIOR, Ivan Carlos.; CAMARGO, Denise de Tempo histórico: um importante conceito para compreender a concepção Vygotskiana de desenvolvimento humano. In: DIAS, Maria Sara de Lima (Org.) **Introdução às leituras de Lev Vygotski: debates e atualidades na pesquisa** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019. 326 p. ISBN -978-85-5696-645-2.

CODO, Wanderley. **Por uma psicologia do trabalho: ensaios recolhidos** [organizador]; Conselho Editorial Roberto Cruz, Marco Antonio Tadeschi, João Carlos Alchieri, Maria Helena Hoffmann – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

COELHO, Elenise Abreu.; SILVA, Ana Claudia Pinto da.; PELLEGRINI, Tais Barcellos de.; PATIAS, Naiana Dapieve. Saúde mental docente e intervenções da Psicologia durante a pandemia. **PSI UNISC**, v. 5, n. 2, p. 20-32, 10 jul. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v5i2.16458>. Acesso em 06 de jun de 2022.

CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE SAÚDE. **Vigilância em saúde**. Brasília: CONASS. 2011.

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Brasília, 24 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://mail-attachment.googleusercontent.com/attachment/u/1/?ui=2&ik=4008041c6d&attid=0.2&permmsgid=msg-f:16926885449...> acesso em 01 de set. de 2021.

CRUZ, Roberto Moraes.; LEMOS, Jadir Camargo. Atividade docente, condições de trabalho e processos de saúde. **Motrivivência**. Ano XVII, Nº 24, P. 59-80 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/%25x>. Acesso em 16 de fev. de 2022.

DAGHER, Thalita Ortiz Neves. **Trabalho docente e expressões do sofrimento psíquico: uma análise a partir da psicologia histórico-cultural**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) UFMS- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, p.184, 2019.

DAMASCENO, L. M. et al. Potencialidades e limitações da coleta de dados através de Pesquisa online. XVII SEMEAD. **Anais...**, 2014. Seminários em Administração. outubro de 2014. Disponível em: <<http://sistema.semead.com.br/17semead/resultado/trabalhosPDF/1099.pdf>>. Acesso em: 9/7/2021.

DANTAS, Andrezza Aleixandre.; HENRIQUES, Fabiana Regina. Relacionamento interpessoal no ambiente de trabalho. **Revista Científica Integrada**. v. 4, n. 5, 2020. Disponível em: <https://www.unaerp.br/revista-cientifica-integrada/edicoes-anteriores/volume-4-edicao-5/4171-rci-relacionamento-interpessoal-122020/file>. Acesso em 28 de set. de 2022.

DELARI Jr., Achilles. **Personalidade e sofrimento psíquico: compilação de citações com breves comentários**. In: “Estação Mir” Arquivos digitais, 2017. 22 p. Disponível em: http://www.estmir.net/delari_2017_sfr-psi-cmp-pdf. Acesso em 20 de abr. de 2021.

DELFINO Francisco Claudenio dos Santos.; SILVA Sara de Castro.; TEIXEIRA, Rejane Maria Lacerda.; et al.. O trabalho docente no cenário da pandemia: relato de experiência sobre as práticas pedagógicas no ensino remoto. **Revista Eletrônica arma da crítica** n.14, dezembro/2020 ISSN 1984-4735. Disponível em: <http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/10%20o%20trabalho%20docente%20no%20cenrio%20da%20pandemia.docx.pdf>. Acesso em: 14 de out. de 2021.

DEL'OLMO, Florisbal de Souza.; CERVI, Taciana Marconatto Damo. Sofrimento Mental e Dignidade da Pessoa Humana: os desafios da reforma psiquiátrica no Brasil. **Sequência (Florianópolis)**, n. 77, p. 197-220, nov. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2177-7055.2017v38n77p197>. Acesso em: 26. de abr. de 2021.

DIAS, Marina Abreu.; NASCIMENTO, Ruben de Oliveira. Autoestima do professor, satisfação/insatisfação profissional e valorização/desvalorização docente: caracterização e correlações. **Perspectivas em diálogo: Revista de Educação e Sociedade** – ISSN 358-1840. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/index>. Acesso em: 06 de dez. de 2021.

DIAS, Alcione Ribeiro. **Adoecimento docente no ensino superior na perspectiva da Psicologia Histórico-cultural**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Campo Grande, 2021. p. 402.

DUARTE, Adriana Maria Cancelli et al. **Trabalho docente em tempos de pandemia – relatório técnico**. GESTRADO/UFGM, 2020. Disponível em: <http://abet-trabalho.org.br/relatorio-tecnico-trabalho-docente-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 05 de out. de 2020.

ESPER, Marina Beatriz Shima Barroco. **Sofrimento/Adoecimento do Professor Universitário e Relações de Trabalho: estudo a partir da psicologia histórico-cultural**. Dissertação. (Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual de Maringá. Maringá. P. 152, 2019.

ESCARABOTO, Kellen M. Sobre a importância de conhecer e ensinar. **PSICOL. USP**, São Paulo, out./dez. 2007, 18(4), 133-146. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642007000400009>. Acesso 08 de out. de 2021.

FACCI, Marilda Gonçalves.; LEONARDO, Nilza Sanches Tessaro.; SILVA, Rosane Gumiero Dias da. O Trabalho e a formação do professor nos anais da Anped: uma análise a partir da psicologia histórico-cultural. **Intermeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Campo Grande, MS, v. 16, n. 31, p. 216-237, jan./jun.2010. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/2451>. Acesso em: 16 de jun. de 2021.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. O adoecimento do professor frente à violência na escola. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. 2, p. 130-142, maio-ago. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i2/5647>. Acesso em 26 de jul. de 2021.

FACCI, Marilda Gonçalves.; LEONARDO, Nilza Sanches Tessaro.; ALVES, Eloisa Rocha de Sousa. Retrato do adoecimento e da medicalização de docentes no ensino superior: algumas reflexões. In: INFRAN, Fernanda Fochi Nogueira et al. (Orgs). **Fratras expostas pela pandemia: escritos e experiências em educação**. Encontrografia, Campos dos Goytacazes (RJ), p. 320, 2020a.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias.; CRISPIN, Crisleine da Silva. Significado social, sentido pessoal e readaptação docente: reflexões à luz da psicologia histórico-cultural. In: FACCI, Marilda Gonçalves Dias.; URT, Sonia da Cunha. **Quando os professores adoecem [recurso eletrônico]**: demandas para a psicologia e a educação. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020b.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias.; URT, Sonia da Cunha.; & BARROS, Ana Teresa Fernandes. Professor readaptado: a precarização do trabalho docente e o adoecimento. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, n. 2, maio/agosto de 2018e: 281-290. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/Fp3LN9tv4Ym9QfpV8dfGyLS/abstract/?lang=pt>. Acesso em ago de 2021.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias.; MEZZARI, Diana Priscilla de Souza.; TESSARO, Nilza Sanches Leonardo.; URT, Sônia da Cunha. Uso de medicamentos ou medicalização dos professores? Uma discussão sobre as relações de trabalho e adoecimento. In: FACCI, Marilda Gonçalves Dias.; URT, Sonia da Cunha. **Precarização do trabalho, adoecimento e sofrimento do professor (Orgs)**. EDUFPI, Teresina, p. 236, 2017.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias.; ESPER, Marina Beatriz Shima Barroco. Adoecimento e medicalização de professores universitários frente a precarização e intensificação do trabalho. **Movimento-Revista de Educação**, Niterói, ano 7, n. 15, p. 50-78, set./dez., 2020c. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/mov.v7i15.42453>. Acesso em 13 de out. de 2021.

FERNANDES, Letícia Brito da Mota. O adoecimento psíquico (in)visível docente: uma perspectiva da psicologia histórico-cultural. Dissertação (Mestrado em Psicologia) UFMS- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, p.176, 2019.

IORE, Mariana. O professor está doente? Refletindo sobre a dimensão política do sofrimento docente. **Anais XV ENABRAPSO**, 2009. (online) Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/328.%20o%20professor%20e%20st%C1%20doente.pdf. Acesso em 13 de out. de 2021.

FILHO Irineu A. Tuim Viotto. Psicologia histórico-cultural: contribuições para a ação do educador numa escola em transformação. **Revista em Educere at Educare**. v. 2, n. 3, jan./jun. 2007 p. 49-68. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereateducare/article/view/654/546>. Acesso em 18 de jun. de 2020.

FREIRE, Luís. Alexitimia: Dificuldade de Expressão ou Ausência de Sentimento? Uma Análise Teórica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 1, p. 15-24, Jan-Mar 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/hYtYQV8tvhSbsfPNxKB3qDk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 12 de jul. de 2021.

FREIRE, Silvia Segovia Araujo.; RODRIGUES, Adaline Franco.; URT, Sonia da Cunha. A (des) empatia emergida e denunciada em tempos de pandemia: os dissabores vivenciados pelo professor. **XV ANPED. CO. Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro Oeste**. ISSN 25957945. Disponível em: <https://www.anped.org.br/reunioes-cientificas/regional>. Acesso em 10 de jan. de 2022.

FREITAS, Claudia Regina.; CRUZ, Roberto Moraes. Saúde e trabalho docente. **XXVIII Encontro Nacional de Engenharia de Produção. A integração de cadeias produtivas com a abordagem da manufatura sustentável**. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 13 a 16 de outubro de

2008. Disponível em:
http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2008_TN_STO_072_509_10776.pdf. Acesso em 17 de jan. de 2022.

FREITAS, Ana. Célia Sousa.; ALMEIDA, Nadja. Rinelle Oliveira de.; FONTENELE, Inambê. Sales. Fazer docente em tempos de ensino remoto. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 1–11, 2021. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6068>. Acesso em: 1 mar. 2022.

FONSECA, Fabiana de Cássia Almeida et al. A influência de fatores emocionais sobre a hipertensão arterial. **J Bras Psiquiatr.** 58(2): 128-134, 2009. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/CKrxBnS4hMw3dztH9mdjJp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 11 de out. de 2021.

FOUCAULT, Michel. **Doença Mental e Psicologia**. Edições Tempo Brasileiro LTDA. Rio de Janeiro, Brasil, 1975.

FUNGHETTO, Suzana Schwerz.; NETTO, Regina Cláudia Coelho. Ser Professor: formação e subjetividade. **Revista Universitas FACE.** v. 2, n. 1, 2005. Disponível:
<https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/face/issue/view/72>. Acesso em: 8 de out. de 2021.

GASPARINI, Sandra Maria.; BARRETO, Sandhi Maria.; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005a. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ep/a/GdZKH9CHs99Qd3vzY5zfmnw/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 06 de out de 2021.

GASPARINI, Sandra Maria.; BARRETO, Sandhi Maria.; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Cad. Saúde Pública.** 22 (12), 2006b. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006001200017>. Acesso em 01 de mar. de 2022.

GATTI, Bernadete A. Reconhecimento social e as políticas de carreira na educação básica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 145, p. 88-111, jan./abr. 2012. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cp/a/TBZ9snxf4ZCYGfkrzDv43Zz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 17 de fev. de 2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Valdete Aparecida Fernandes Moutinho.; NUNES, Célia Maria Fernandes.; PÁDUA, Karla Cunha. Condições de trabalho e valorização docente: um diálogo com professoras do ensino fundamental. **Rev. bras. Estud. pedagog.**, Brasília, v. 100, n. 255, p. 277-296, maio/ago. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.100i255.4146>. Acesso em 16 de fev. 2022.

GONÇALVES, Peres, Josiane. **O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério**. Tese (Doutorado). Porto Alegre, RS: PUC-RS, 2009.

GOTTMAN, John.; De CLAIRE, Joan. **Inteligência emocional**. 7ª edição. Editora: Objetiva. Rio de Janeiro, 1997.

GOUVÊA, Leda Aparecida Vanelli Nabuco de. As condições de trabalho e o adoecimento de professores na agenda de uma entidade sindical. **Saúde Debate**. Rio de Janeiro, v. 40, n. 111, p. 206-219, out-dez, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/csTLDPyFBWXLBtCnSn6R8qp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 17 de jan. 2022.

GOULART. Daniel Magalhães. **Saúde Mental**. Desenvolvimento e subjetividade: da patologização à ética do sujeito. São Paulo: Cortez, 2019.

GUIMARÃES. Thaís de Andrade Alves.; ROSA, Lucia Cristina dos Santos. A remanicomialização do cuidado em saúde mental no Brasil no período de 2010-2019: análise de uma conjuntura antirreformista. **O Social em Questão**, v. 22, n. 44, maio-ago, 2019. ISSN: 2238-9091 (Online). Disponível em: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_44_art5.pdf. Acesso em: 13 de mar. de 2021.

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico. **Estudo da Dimensão Territorial do Estado de Mato Grosso do Sul**: Regiões de Planejamento. Grande Campo Janeiro de 2015. Disponível em: http://www.semagro.ms.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/estudo_dimensao_territorial_2015.pdf. Acesso em 30 de mar. de 2020.

HASHIZUME, Cristina Miyuki. O trabalho docente na rede estadual e impactos na docência: ensaio a partir de experiências de campo no estado de São Paulo. In: FACCI, Marilda Gonçalves Dias.; URT, Sonia da Cunha. **Quando os professores adoecem** [recurso eletrônico]: demandas para a psicologia e a educação. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020.

HEINSFELD, Bruna Damiana.; PINTO, Breno Laerte Pacífico. “A vida não pode parar”: desafios da população periférica no desenvolvimento de comunidades remotas de ensino-aprendizagem. In: INSFRAN, Fernanda Fochi Nogueira et al. (Orgs). **Fraturas expostas pela pandemia**: escritos e experiências em educação. Encontrografia, Campos dos Goytacazes (RJ), p. 320, 2020.

HERNANDES, Lincon Fricks.; ROZÁRIO, Jefferson Diório do. Tempos de pandemia e educação: um olhar para a saúde mental dos professores universitários. **Pensar Acadêmico, Manhauçu**, v. 19, n. 5, p. 1359-1368, 2021. ISSN on-line 2674-7499. Disponível em: <https://doi.org/10.21576/pa.2021v19i5.3070>. Acesso em 02 de mar. de 2022.

HIRDES, Alice. A Reforma Psiquiátrica no Brasil: uma (re) visão. **Ciências & Saúde Coletiva**. 14 (1) 297-305, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v14n1/a36v14n1.pdf>. Acesso em: 15 de mar. de 2020.

JACKSON FILHO, José. Marçal. et al. A saúde do trabalhador e o enfrentamento da COVID-19. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. ISSN: 2317-6369 (online). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6369ED0000120>. Acesso em: 20 de jul. de 2020.

LADEIRA, Thalles Azevedo. Vida e morte na pandemia: não sairemos da mesma forma que entramos. In: INSFRAN, Fernanda Fochi Nogueira et al. (Orgs). **Fraturas expostas pela pandemia**: escritos e experiências em educação. Encontrografia, Campos dos Goytacazes (RJ), p. 320, 2020.

LAPO, Flavinês; REBOLO.; BUENO, Belmira Oliveira. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, março/ 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/yYkBtnYbQ5SXvYrypXvswzh/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 15 de jun. de 2021.

LEÃO, Inara Barbosa et al. Implicações Psicossociais do Desemprego para a Consciência Individual: Manifestações no Pensamento e Emoção. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 1, n. 2, São João del-Rei, dez. 2006. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapi/InaraLeao.pdf>. Acesso em 14 de julho de 2021.

LEÃO, Inara Barbosa. Professores universitários são felizes quando o poder político permite que se emocionem. In: FACCI, Marilda Gonçalves Dias.; URT, Sonia da Cunha. **Quando os professores adoecem [recurso eletrônico]: demandas para a psicologia e a educação**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020.

LEITE, Hilusca Alves.; SILVA Renata da.; TULESKI, Silvana Calvo. A emoção como função superior. **Interfaces da Educ.**, Paranaíba, v. 3, n. 7, p.37-48, 2013. ISSN2177-7691. file:///C:/Users/55679/Downloads/570-806-1-PB.pdf. Acesso em 12 de jul. de 2021.

LEITE, Carla Alessandra Ruiz.; LEITE, Elaine Campos Ruiz.; PRANDI, Luiz Roberto. A aprendizagem na concepção histórico cultural. **Akrópolis** Umuarama, v. 17, n. 4, p. 203- 210, out./dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/viewFile/2900/2135>. Acesso em 16 de fev. de 2022.

LEONTIEV, Aleksei N. **Atividade Consciência Personalidade**. Tradução de Priscila Marques. Bauru, SP: Mireveja, 2021, p. 256.

LINHARES, Renata.; FACCI Marilda Gonçalves Dias. O desenvolvimento das funções psíquicas superiores: rompendo com a dicotomia entre o natural e o histórico-cultural. In: FIRBIDA, Fabiola Gomes Batista; FACCI, Marilda Gomes Dias; BARROCO, Sonia Mari Shima (Orgs.). **O desenvolvimento das funções psicológicas superiores na psicologia histórico-cultural: contribuições à psicologia e à educação**. ISBN: 978-65-86678-97-0. DOI: 10.29388/978-65-86678-97-0. Uberlândia: Navegando Publicações, 2021.

LURIA, Alexander Romanovich. O Cérebro Humano e a Atividade Consciente. In: Vigotski, Lev. Semenovich. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. 11ª edição - São Paulo: ícone, 2010.

MACHADO, Letícia Vier.; FACCI Marilda Gonçalves Dias.; BARROCO, Sonia Mari Shima Teoria das emoções em Vigotski **Psicol. estud.** v. 16, n. 4, oct./dec. 2011. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000400015>. Acesso em 02 de set. de 2020.

MARINO FILHO, Armando. Atividade, significação e sentido: bases do sofrimento psicológico e a especificidade do adoecimento do professor. In: FACCI, Marilda Gonçalves Dias.; URT, Sonia da Cunha. **Quando os professores adoecem [recurso eletrônico]: demandas para a psicologia e a educação**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020.

MARQUES, R. M.; ASSIS, N. P. de.; GOMIDE, U. de S. Educação em tempos de pandemia e crise do capital. **Trabalho & Educação**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 7–13, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/20987>. Acesso em: 18 ago. 2021.

MARTINEZ, Maria Carmen. **As relações entre a satisfação com aspectos psicossociais no trabalho e a saúde do trabalhador**. 2002. Dissertação (Mestrado em Saúde Ambiental) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. doi:10.11606/D.6.2002.tde-07112006-210400. Acesso em: 06 de jun. de 2022.

MARTINS, Lígia Márcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015a.

MARTINS, Lígia Márcia. A Natureza Histórico-Social da Personalidade. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 82-99, abril, 2004. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 04 de mar. de 2021.

MARTINS, Lígia Márcia. A constituição histórico-social da subjetividade humana: contribuições para a formação de professores. In: MILLER, Stela; BARBOSA, Maria Valéria; MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima (orgs). **Educação e Humanização: as perspectivas da teoria histórico-cultural**. Jundáí. Paco Editorial: 2014.

MARTINS, Lígia Márcia. **A formação social da personalidade do professor: um enfoque vigotskiano**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2015b.

MARTINS, Lígia Márcia. Psicologia sócio histórica: o fazer científico. In: ABRANTES, A.A.; SILVA, N.R.; MARTINS, L. M. (Org.). **Método histórico social na psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p.118-138.

MEDEIROS, Jucélia Linhares Granemann de; AZEVEDO, Renan Ramires de. Educação de pessoas com deficiências frente à pandemia. **Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 5, p. 303-308, 2022.

MELO Pamella Beserra de.; BRITO, Mariana Aguiar Alcântara.; AQUINO, Cássio Adriano Braz. Et al. Contribuições da psicologia histórico-cultural para o poder de agir do trabalhador. **Revista De Psicologia**, 9(2), 96-106, 2018. Recuperado de <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/19296>. Acesso em 27 de ago. de 2021.

MELLO, Elisângela de Fátima Fernandes de.; TEIXEIRA, Adriano Canabarro. A interação social descrita por Vigotski e a sua possível ligação com a aprendizagem colaborativa através das tecnologias de rede. **IX ANPED SUL. Seminário de Pesquisa em Educação da região Sul**. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/6/871>. Acesso em 04 de out. de 2021.

MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima.; PENITENTE, Luciana Aparecida Araújo.; MILLER Stela (organizadores). **A Questão do método e a teoria histórico-cultural: bases teóricas e implicações pedagógicas**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 170, 2017.

MESQUITA, Afonso Mancuso de.; BATISTA, Jéssica Bispo.; SILVA, Márcio Magalhães da. O desenvolvimento de emoções e sentimentos e a formação de valores. **Obutchénie: R. de Didat. e Psic. Pedag.** Uberlândia, MG, v. 3, n. 3, p. 1-25, set./dez. 2019. ISSN: 2526-7647. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/OBv3n3.a2019-51695>. Acesso em 20 de set. de 2021.

MORAIS, Joelson de Sousa. Ser professor/a iniciante diante das políticas curriculares atuais. **Revista Teias** v. 20, n. 57, abr./jun. 2019. Pesquisa em Educação em múltiplos contextos. Disponível em: doi.org/10.12957/teias.2019.38584. Acesso em: 11 de out. de 2021.

MORIN Estelle. M. Os sentidos do trabalho. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41 n. 3 p. 8-19, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v41n3/v41n3a02>. Acesso em: 06 de jun. de 2022.

MOREIRA, Daniela Zanoni; RODRIGUES, Maria Beatriz. Saúde mental e trabalho docente. **Estudos de Psicologia**, 23(3), julho a setembro de 2018, p. 236-247. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20180023>. Acesso em 16 de jan. de 2022.

MORETTI, Vanessa Dias.; MOURA, Manoel Oriosvaldo. A formação docente na perspectiva histórico-cultural: em busca da superação da competência individual. **Psicologia Política**, v. 10, n. 20, p. 345-361, jul. – dez. 2010. Acesso em 04 de jun. de 2021.

MORETTINI, Marly Teixeira.; URT, Sonia da Cunha. A Psicologia e os desafios da prática educativa. In: MORETTINI, Marly Teixeira e URT, Sonia da Cunha. **Um estudo sobre a escola e o professor na ótica da psicologia histórico-cultural**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2005.

MOTA, Rosália Monteiro. O trabalho docente: impactos e desafios frente ao cenário educacional atual. **Ponto-e-vírgula**, v. 11, p. 22-37, 2012. Disponível em: [file:///C:/Users/55679/Downloads/13878-Texto%20do%20Artigo-33479-1-10-20130314%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/55679/Downloads/13878-Texto%20do%20Artigo-33479-1-10-20130314%20(2).pdf). Acesso em 08 de out. de 2021.

NETA, Abília Ana de Castro.; CARDOSO Berta Leni Costa.; NUNES, Claudio Pinto. O adoecimento docente: um produto do capitalismo. **LES – Linguagem, Educação, Sociedade**. Teresina, v. 25, n. 46, set./dez. 2020. ISSN 2526-8449 (Eletrônico) 1518-0743 (Impresso) <https://revistas.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/11083/pdf>. Acesso em: 19 de julho de 2021.

NETO, Hélio da Silva Messeder.; PIRES, Izadora dos Santos. Ensino (para o controle) remoto: quase um episódio de Black Mirror. In: INSFRA, Fernanda Fochi Nogueira et al. (Orgs). **Fraturas expostas pela pandemia: escritos e experiências em educação**. Encontrografia, Campos dos Goytacazes (RJ), p. 320, 2020.

NÓVOA, Antônio. Profissão: Professor. Reflexões Históricas e Sociológicas. **Análise Psicológica** (1989), 1-2-3 (VII): 435-456. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/80521177.pdf>. Acesso em 04 de jun. de 2021.

NÓVOA, Antônio. **Profissão Professor**. Porto Editora, 2ª edição, 2003.

NÓVOA, Antônio. **Professores Imagens do futuro presente**. EDUCA. Lisboa, 2009.

OLIVEIRA, Betty. A dialética do singular-particular-universal. In: ABRANTES, A. A.; RENILDES, N. S.; MARTINS, S. T. F. **Método histórico-social na psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, Erik Cunha de.; SANTOS, Vera Maria dos. Adoecimento mental em professores brasileiros. ANAIS do SIMEDUC. 10º **Simpósio Internacional de Educação e Comunicação**. 24 a 26 de março de 2021. ISSN: 2179-4901. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/simeduc/article/view/14868>. Acesso em: 16 de fev. de 2022.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). Meeting of experts on updating the list of occupational diseases, Geneva. 2005.

Organização Mundial da Saúde (OMS), Organização Pan-americana da saúde (OPAS). Folha informativa - **COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)** 2020 abr [acessado 2020 Abr 17]. [cerca de 10 p.]. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em 18 de ago. de 2021.

OLIVEIRA, Ivana Campos.; VASQUES-MENEZES, Ione. Revisão de literatura: o conceito de gestão escolar. **Cadernos de pesquisa**, v. 48, n. 169, p. 876-900, jul./set. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053145341>. Acesso em 25 de fev. de 2022.

OLIVEIRA, Erik Cunha de.; SANTOS, Vera Maria dos. Adoecimento mental docente em tempos de pandemia. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 4, p. 39193-39199, 2021. Disponível em: DOI:10.34117/bjdv7n4-399. Acesso em: 02 de mar. de 2022.

PALUDO, Elias Festa. Os desafios da docência em tempos de pandemia **Em Tese**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 44-53, jul/dez., 2020. ISSN 1806-5023. DOI: <https://doi.org/10.5007/1806-5023.2020v17n2p44>. Acesso em 24 de ago. de 2021.

PASQUALINI, Juliana Campregher.; EIDT, Nádia Mara. A relação professor-aluno à luz de diferentes abordagens da psicologia. **Horizontes** – Revista de Educação, Dourados, v. 1, n. 1, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/55679/Downloads/tairo,+ART+2+--+JULIANA.pdf>. Acesso em 16 de fev. de 2022.

PASQUALINI, Juliana Campregher.; MARTINS, Lígia Márcia. Dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 2, 2015, p. 362-371. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/WFbvK78sX75wDNqbcZHqcPj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 04 de mar. de 2022.

PEIXOTO, Reginaldo.; MATOS, Joaquim. Donizete. De.; SILVA, Edna. Pereira. Causas e consequências dos afastamentos de professores no município de Aparecida do Taboado - MS. **Revista Profissão Docente**, v. 20, n. 44, p. 01–16, 2020. DOI: 10.31496/rpd.v20i44.1345. Disponível em: <https://revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/1345>. Acesso em: 11 dez. 2021.

PEREIRA, Marcio Donizeti.; BARROS, Edjane Angelo de. A educação e a escola em tempos de Corona Vírus. **Scientia Vitae**, v. 9, n. 28, abril/jun. 2020.

PESSOA PEREIRA, Hortência.; VIANA SANTOS, Fábio.; AGUIAR MANENTI, Mariana. Saúde mental de docentes em tempos de pandemia: os impactos das atividades remotas. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 3, n. 9, p. 26-32, aug. 2020. ISSN 2675-1488. Disponível em: <<https://revista.ufr.br/boca/article/view/Pereiraetal>>. Acesso em: 02 mar. 2022.

PESSOA, Claudia. Turati. & quot; Ser professora: **Obutchénie**. **Revista de Didática e Psicologia Pedagógica**, v. 3, n. 2, p. 1-8, 14 nov. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/OBv3n2.a2019-51566>. Acesso em 20 de set. de 2021.

PESSOA, Camila Turati.; LEONARDO, Nilza Sanches Tessaro. Sentido pessoal e atividade docente pela Psicologia Histórico-Cultural. **Rev. educ. PUC-Camp.**, Campinas, 25, 2020. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/4611/3023>. Acesso em 09 de jun. de 2021.

PIATTE, Celia Beatriz. A leitura na escola e a leitura da escola: linguagem, cultura e prática social. **Interfaces da Educ.**, Paranaíba, v. 9, n. 25, p.110-128, 2018. ISSN 2177-7691. Disponível em: <https://doi.org/10.26514/inter.v9i25.2495>. Acesso em 10 de mar. de 2022.

PIATTE, Celia Beatriz. Formação continuada: questões que suscitam. RPD – **Revista Profissão Docente**, Uberaba, v. 6, n. 14, p. 89-98, out/dez. 2006 – ISSN 1519-0919. Disponível em: <https://doi.org/10.31496/rpd.v6i14.265>. Acesso em 10 de mar. de 2022.

PINHO, Maria José Souza; FERREIRA, Claudia Suely Barreto; PINA, Tatiane. As influências de gênero nas condições de trabalho e saúde docente. **GÊNERO**, Niterói. v. 18, n. 1, p. 200-211, 2017.

PIRES, Marília Freitas Campos. O materialismo histórico-dialético e a Educação. **Interface — Comunicação, Saúde, Educação**, v. 1, n. 1, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32831997000200006>. Acesso em 16 de mar. de 2022.

PIZZINI, Ana Amélia.; TURECK, Lucia Terezinha Zanato. As contribuições da Psicologia Histórico-Cultural na busca de mediações para com os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. In: Governo do Estado. Secretaria de Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Cadernos PDE. Volume 1, 2013. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unioeste_edespecial_artigo_ana_amelia_pizzini.pdf. Acesso em 16 de fev. 2022.

POMPEI, Luciano de Melo. Descritores ou palavras-chave nas bases de dados de artigos científicos. **Femina**, v. 38, n. 5. 2010. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2010/v38n5/a001.pdf>. Acesso em 27 de ago. de 2021.

PONTES, Eliane Cristina.; GUARALDO, Luciana de Araújo Nascimento. O processo ensino-aprendizagem na perspectiva histórico-cultural. In: Governo do Estado. Secretaria de Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Artigos. Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3 Cadernos PDE. Volume 1. 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unespar-paranavai_ped_artigo_eliane_cristina_pontes.pdf. Acesso em: 20 de jul. de 2021.

PONTES, Fernanda Rodrigues.; ROSTAS, Márcia Helena Sauaia Guimarães. Precarização do trabalho do docente e adoecimento: COVID-19 e as transformações no mundo do trabalho, um recorte investigativo. **Revista Thema**. v. 18, 2020, p.278-300. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.15536/thema.V18.Especial.2020.278-300.1923>. Acesso em 24 de ago. de 2021.

PRADO, Paulo Afonso do.; LADEIRA, Thalles Azevedo.; SENTINELI, Tiago Afonso. Sociedade enlutada: lutas e lutos de uma sociedade na busca por educação. In: INFRAN, Fernanda Fochi Nogueira et al. (Orgs). **Fraturas expostas pela pandemia: escritos e experiências em educação**. Encontrografia, Campos dos Goytacazes (RJ), p. 320, 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CORUMBÁ. Decreto N° 2.266, de 19 de março de 2020. Dispõe sobre a jornada especial e temporária de trabalho nas repartições do Município de Corumbá, como medida de combate ao novo Coronavírus COVID-19 e dá outras providências. **DioCorumbá**. Ed. N° 1875, 19 mar. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CORUMBÁ. Plano Municipal de Educação. Corumbá, 2015. Disponível em: http://leis.camaracorumba.ms.gov.br/uploads/attachment/archive/2696/PME_CORUMB%C3%81_2015_-_ANEXO_LEI_24842015.pdf Acesso em 01 de abr. de 2020.

QUEIROZ, Vanderlei Braulino. **Possibilidades de enfrentamento ao adoecimento do professor universitário**. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso do sul. Campo Grande, 2021.

RAMOS, et al. Satisfação no trabalho docente: Uma análise a partir do modelo social cognitivo de satisfação no trabalho e da eficácia coletiva docente. **Psicologia Social do Trabalho**, Estud. psicol. (Natal) 21 (2), Apr-Jun, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20160018>. Acesso em: 06 de dez. de 2021.

REBOLO, Flavinês. Caminhos para o bem-estar docente: as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos professores frente às adversidades do trabalho docente na contemporaneidade. **Quaestio (UNISO)**, v. 14, p. 115-131. 2012.

REBOLO, Flavinês.; DIAS, Alcione Ribeiro.; QUEIROZ, Vanderlei Braulino.; FREIRE, Silvia Segovia Araujo. Saúde e adoecimento dos professores no brasil: uma análise a partir das produções acadêmicas. In: FACCI, Marilda Gonçalves Dias.; URT, Sonia da Cunha. **Quando os professores adoecem [recurso eletrônico]: demandas para a psicologia e a educação**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020.

REBOLO, Flavines.; BUENO, Belmira Oliveira. O bem-estar docente: limites e possibilidades para a felicidade do professor no trabalho. **Acta Scientiarum. Education**, v. 36, n. 2, p. 323-331, 7 jul. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v36i2.21222>. Acesso em: 13/07/2021.

REGO, Teresa Cristina. **Uma perspectiva histórico cultural da educação**. Editora vozes, 25ª edição, Petrópolis, RJ, 2014.

RESENDE, Marina Silveira de.; PONTES, Samira.; CALAZANS, Roberto. O DSM-5 e suas implicações no processo de medicalização da existência. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 534-546, dez. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v21n3/v21n3a08.pdf>. Acesso em 23 de abr. de 2021.

ROMANELLI, Nancy. A questão metodológica na produção vigotskiana e dialética marxista. **Psicologia em Estudo**, Maringá v. 16 n. 2, p. 199-208. abr/jun, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v16n2/a03v16n2.pdf>. Acesso em: 05 de dez.2020.

ROTELLI Franco.; OTA Leonardis.; MAURI, Diana. **Desinstitucionalização**. São Paulo: Hucitec; 1990.

SANTOS, Livia Gomes dos.; LEÃO, Inara Barbosa. O inconsciente sócio-histórico: aproximações de um conceito. **Psicologia & Sociedade**, 26(n. spe. 2), 38-47. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/Nbk37wJBpcqB3XBD53qrPKN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 13 de jul. de 2021.

SANTOS, Luciana Marques dos.; URT, Sônia da Cunha.; VITAL, Soraya Cunha Couto. Readaptação docente: qual o sentido atribuído pelo professor? In: FACCI, Marilda Gonçalves Dias.; URT, Sonia da Cunha. **Precarização do trabalho, adoecimento e sofrimento do professor** (Orgs). EDUFPI, Teresina, p. 236, 2017.

SANTOS, Geórgia Maria Ricardo Félix dos.; SILVA, Maria Elaine da.; BELMONTE, Bernardo do Rego. COVID-19: ensino remoto emergencial e saúde mental de docentes universitários. **Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.**, Recife, 21 (Supl. 1), fev., 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93042021005100013>. Acesso em 02 de mar. de 2022.

SILVA, Renata da. **A biologização das emoções e a medicalização da vida**: contribuições da psicologia histórico-cultural para compreensão da sociedade contemporânea. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Estadual de Maringá, 2011.

SILVA, Claudia Lopes da. **Concepção histórico-cultural do cérebro na obra de Vigotski**. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Psicologia e Educação. São Paulo, 2012.

SILVA, Flavia Gonçalves da. Inconsciente e adoecimento psíquico na psicologia histórico-cultural: estudo a partir da atividade docente In: FACCI, Marilda Gonçalves Dias.; URT, Sonia da Cunha. **Quando os professores adoecem [recurso eletrônico]**: demandas para a psicologia e a educação. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020.

SILVA, Flavia Gonçalves da. O Adoecimento Psíquico na Psicologia Histórico-Cultural: A Patopsicologia. **Interação em Psicologia**. v. 25, n 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/71721/44737>. Acesso em 15 de mar. de 2022.

SILVA, Thiago Loreto Garcia da.; BRUNET, Alice Einloft.; LINDERN, Daniele.; et al. O normal e o patológico: contribuições para a discussão sobre o estudo da psicopatologia. **Aletheia** 32, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n32/n32a16.pdf>. Acesso em: 13 de mar. de 2021.

SILVA, Maria Aparecida Santiago da.; TULESKI, Silvana Calvo. Patopsicologia Experimental: Abordagem histórico-cultural para o entendimento do sofrimento mental. **Estudos de Psicologia**, 20(4), outubro a dezembro de 2015a, 207-216. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20150022>. Acesso em: 21 de mai. de 2021

SILVA, Maria Aparecida Santiago da. **Compreensão do adoecimento psíquico de L. S. Vigotski à Psicopatologia Experimental de Bluma V. Zeigarnik**. Mestrado (dissertação). Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maringá PR. 256 f. 2014b

SILVA, Guilherme Leonardo Freitas Silva.; ROSSO, Ademir José. As condições do trabalho docente dos professores das escolas públicas de Ponta Grossa – PR. **Congresso nacional de educação, EDUCERE**. 2008. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/495_536.pdf. Acesso em 06 de out de 2021.

SILVA, Elza Fagundes da.; VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. Adoecimento docente nas escolas públicas do estado do Paraná. **Revista Humanidades e Inovação** v.8, n.59, 2021.

Disponível em: <file:///C:/Users/55679/Downloads/2273-Texto%20do%20artigo-22039-1-10-20220214.pdf>. Acesso em 25 de fev. de 2022.

SILVA, Laianny de Fátima Simões da. **Gestão educacional: análise do mal-estar docente nas escolas do distrito administrativo de Mosqueiro**. Mestrado (Dissertação). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Escola de Ciências Económicas e das Organizações. Lisboa, 104 f. 2016. Disponível em: <https://recil.ensinolusofona.pt/jspui/bitstream/10437/8748/1/Laianny%20Silva.pdf>. Acesso em 25 de fev. 2022.

SILVA, Maria José Sousa da.; SILVA, Raniele Marques da. Educação e ensino remoto em tempos de pandemia: desafios e desencontros. **E-book VII CONEDU (Conedu em Casa) - Vol 03**. Campina Grande: Realize Editora, 2021. p. 827-841. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/74287>>. Acesso em: 01/03/2022.

SILVA, Joelci Mora.; PIATTI, Célia Beatriz. FORMAÇÃO E ENSINO REMOTO NO "NOVO NORMAL": e o/a docente como vai? **REVELLI**, v. 13, 2021. Dossiê novo normal (?): artes e diversidades em isolamento ISSN 1984-6576. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.51913/revelli.v13i0.12101>. Acesso em: 10 de mar. de 2022.

SILVEIRA, Luhilda Ribeiro.; NASCIMENTO Geraldo Melônio do. Normal, anormal e patológico nas teses sobre a sanidade e a loucura em O Alienista de Machado de Assis. **Nau Literária: crítica e teoria de literaturas**, v. 11, n. 1 – 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/55679/Downloads/53572-232092-2-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/55679/Downloads/53572-232092-2-PB%20(1).pdf). Acesso em: 15 de mar. de 2020.

SOARES, Valéria Antônia Benevides Solano.; MARTINS, Lígia Márcia. Relações entre sofrimento/adoecimento do professor e formação docente. In: FACCI, Marilda Gonçalves Dias.; URT, Sonia da Cunha. **Precarização do trabalho, adoecimento e sofrimento do professor** (Orgs). EDUFPI, Teresina, p. 236, 2017.

SOUZA, Terezinha Martins dos Santos. Efeitos da precarização do trabalho na vida dos/as professores/as: assédio moral e adoecimento. In: FACCI, Marilda Gonçalves Dias.; URT, Sonia da Cunha. **Precarização do trabalho, adoecimento e sofrimento do professor** (Orgs). EDUFPI, Teresina, p. 236, 2017.

SOUZA, Kátia Reis. et al. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021, DOI: 10.1590/1981-7746-sol00309. Acesso em 24 de ago. de 2021.

SOUZA, Jackeline Maria.; DELL'AGLI, Betânia Alves Veiga.; COSTA, Rodney Querino Ferreira da.; et al. Docência na pandemia: saúde mental e percepções sobre o trabalho on-line. **Teoria e Prática da Educação**. v. 24, n. 2, p. 142-159, maio/agosto 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/tpe.v24i2.59047>. Acesso em: 17 de ago. de 2022.

SOUZA, Edna Maria Rodrigues de.; COUTINHO, Diógenes José Gusmão. Adoecimento das professoras das primeiras letras em Olinda: sintomas, queixas e diagnósticos. Educação em **Revista Belo Horizonte**, v. 34, e188055, 2018. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698188055>. Acesso em: 25 de fev. de 2022.

SOUZA, Farney Vinícios Pinto. Adoecimento mental e o trabalho do professor: um estudo de caso na rede pública de ensino. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 21, n. 2, p. 103-117, 2018 – DOI: 10.11606/issn.1981-0490.v21i2p103-117. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172018000200001. Acesso em: 25 de fev. de 2022.

TEIXEIRA, Anelise Lusser. Educação, saúde mental e pandemia: algumas considerações. In: INSFRAN, Fernanda Fochi Nogueira et al. (Orgs). **Fraturas expostas pela pandemia: escritos e experiências em educação**. Encontrografia, Campos dos Goytacazes (RJ), p. 320, 2020.

TOSTES, Maiza Vaz; ALBUQUERQUE, Guilherme Souza Cavalcanti de; SOUZA E SILVA Marcelo José de; PETTERLE, Ricardo Rasmussen. Sofrimento mental de professores do ensino público. **Saúde debate** 42 (116), Jan-Mar, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201811607>. Acesso em: 27 de jan. de 2023.

TOZATTO, Alessandra. Professora em época de pandemia. In: INSFRAN, Fernanda Fochi Nogueira et al. (Orgs). **Fraturas expostas pela pandemia: escritos e experiências em educação**. Encontrografia, Campos dos Goytacazes (RJ), p. 320, 2020.

TULESKI, S. C. A Unidade do Psiquismo Humano para Vigotski e a Desagregação desta na Esquizofrenia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Maringá, v. 35, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35424>. Acesso em 24 de ago. de 2022.

TUNES, Elizabeth.; TACCA Maria Carmen V. R.; JÚNIOR, Roberto dos Santos Bartholo. O professor e o ato de ensinar. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, p. 689-698, set./dez. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742005000300008>. Acesso em 07 de jun. de 2020.

URT, Sonia da. A constituição do sujeito por meio da apropriação da cultura e da educação: o foco na atividade docente. In: URT, S. da C; CINTRA, R. C. G. G. (Org) **Identidade, Formação e Processos Educativos**. Campo Grande, MS: Life, 2012.

URT, Sonia. da Cunha. A produção científica e a constituição de grupos de pesquisa na universidade: apenas um sonho? In: URT, S.C.; MORETTINI, M.T. (Orgs.). **A psicologia e os desafios da prática educativa**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2005. p. 43-62.

VIANA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência* **Cadernos pagu** (17/18) 2001/02: pp.81-103. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hQFDykQmWnPvj4TYTWYmKZb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 de set. de 2021.

VIEIRA, Sofia Lerche.; VIDAL, Eloísa Maia. Perfil e Formação de Gestores Escolares no Brasil. **Dialogia**, São Paulo, n. 19, p. 47-66, jan./jun. 2014. Disponível em: [e:///C:/Users/55679/Downloads/4984-28432-2-PB%20\(1\).pdf](e:///C:/Users/55679/Downloads/4984-28432-2-PB%20(1).pdf). Acesso em: 25 de fev. de 2022.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. Livraria Martins Fontes Ltda. 4ª edição brasileira. São Paulo - SP 1991.

VIGOTSKI, Lev. Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich. **Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1996.

VYGOTSKY, L. Lev S. Vygotsky: manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, Traduzido do original russo, publicado no Boletim da Universidade de Moscou, Série 14, Psicologia, 1986, No. 1, por A. A. Puzirei e gentilmente cedido pela filha de Vigotski, G. L. Vigotskaia. Tradução:

Alexandra Marenitch; assistente de tradução: Luís Carlos de Freitas; revisão técnica: Angel Pino. 2000.

VYGOTSKY, Lev. Semenovich. **Obras Escogidas V Fundamentos de defectología**. Editorial Pedagógica, Moscú 1983.

VIGOTSKI, Lev. Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução: PAULO BEZERRA. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, Lev. Semenovich. (1930/1996). Sobre os sistemas psicológicos. In **L. S. Vigotski**. (1996). **Teoria e método em psicologia** (pp.103-135). São Paulo: Martins Fontes.

VIGOTSKI, Lev. Semenovich. **Psicologia Pedagógica** Edição Comentada. trad. Claudia Schilling - Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIGOTSKI, Lev. Semenovich. **Psicologia Pedagógica** (1896/1934). 2ª edição. Editora: Martins Fontes. 2004.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VIGOTSKI, L. S. (Lev Semionovich), 1896-1934 **Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia** / L. S. Vigotski; organização [e tradução] Zoia Prestes, Elizabeth Tunes; tradução Cláudia da Costa Guimarães Santana. - 1. ed. - Rio de Janeiro: EPapers, 2018.

VITAL, Soraya Cunha Couto.; URT, Sonia da Cunha. A atividade humana e a constituição docente na educação integral. In: URT, Sonia da Cunha (Org). **Políticas Educacionais e formação: produção, projetos e ações em Educação**. Editora: Oeste. Campo Grande, 2017

VITAL, Soraya Cunha Couto.; URT, Sonia da Cunha. Constituição docente na educação integral: um olhar a partir da teoria da atividade. **Anais eletrônicos da III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem/ III Encontro dos Programas de Mestrado Profissionais em Educação e Letras e XII Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul**, 2018. Disponível em: file:///C:/Users/55679/Downloads/4903-10600-1-SM%20(1).pdf. Acesso em 16 de jul. de 2021.

VITAL, Soraya Cunha Couto.; URT, Sonia da Cunha Formação de professores e educação integral: palavras docentes acerca de suas concepções **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 5, n. 9, 2019. ISSN 2525-8761. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv5n9-217>. Acesso em 15 de jul. de 2021.

VITAL, Soraya Cunha Couto.; FREIRE, Silvia Segovia Araujo.; URT, Sonia da Cunha. Formação continuada e os fundamentos da didática histórico-crítica: pensando possibilidades de enfrentamento ao adoecimento docente. **XX ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino / Rio 2020 – Fazeres-saberes pedagógicos: Diálogos, insurgências e políticas**. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/10-7rjCV1tqt4735bqhEJf6LNLr-ftZL/view>. Acesso em: 20 de julho de 2021.

WEBBER, Deise Vilma.; VERGANI, Vanessa. A profissão de professor na sociedade de risco e a urgência por descanso, dinheiro e respeito no meio ambiente laboral. **Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI**. Fortaleza - CE. Junho de 2010. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/fortaleza/3122.pdf>. Acesso em 11 de out. de 2021.

YASUI, Silvio. **Rupturas e encontros:** desafios da Reforma Psiquiátrica Brasileira. Tese (Doutorado em Ciências na área de Saúde.) Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2006.

YOSHIDA, Elisa Medici Pizão. Validade da Versão em Português da Toronto Alexithymia Scale-TAS em Amostra Clínica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 20(3), 2007. 389-396. Disponível em: www.scielo.br/prc. Acesso em 12 de jul. de 2021.

ZAIDAN, Junia. Mattos.; GALVÃO, Ana. Carolina. “COVID19 e os abutres do setor educacional: a superexploração da força de trabalho escancarada”. In: AUGUSTO, C. B.; SANTOS, R. D. (orgs.). **Pandemias e pandemônio no Brasil**. São Paulo: Instituto Defesa da Classe Trabalhadora, 2020.

ZANELLA, Andréa Vieira.; REIS, Alice Casanova dos.; TITON, Andréia Piana.; et al. Questões de método em textos de Vigotski: contribuições à pesquisa em psicologia. **Psicologia & sociedade**; 19 (2): 25-33, 2007. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000200004>. Acesso em: 05 de dez. 2020.

ZANELATO, Eliete.; COUTO, Soraya Cunha.; URT, Sonia da Cunha. A formação docente e a atividade de trabalho com adolescentes: diálogos possíveis. **Dialogia**, São Paulo, 37, p. 1-14, e18235, jan./ab 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/dialogia.n37.18235>. Acesso em 15 de jul. de 2021.

ZANDEVALLI, Carla Busato.; SILVA, Marize Aparecida Leite Siqueira. O trabalho docente em tempos de covid-19: percepções na produção científica brasileira. **CIET- congresso Internacional de Educação e Tecnologias. Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância**. 24 a 28/08 de 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/55679/Downloads/1222-31-4737-1-10-20210127.pdf>. Acesso em 24 de ago. de 2021.

ZEIGARNIK, B. V. **Psicopatologia**. Madrid: Akal Editor, 1976/1981

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

SOLICITAÇÃO

Solicitação de participação na pesquisa intitulada: "SAÚDE PSÍQUICA E DOCÊNCIA: um mapeamento da percepção do adoecimento para profissionais da Educação em região de fronteira – Corumbá MS".

Prezado(a) Professor(a),

Convidamos você a participar da pesquisa intitulada " SAÚDE PSÍQUICA E DOCÊNCIA: um mapeamento da percepção do adoecimento para profissionais da Educação em região de fronteira – Corumbá MS.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Apresentamos a pesquisa "SAÚDE PSÍQUICA E DOCÊNCIA: um mapeamento da percepção do adoecimento para profissionais da Educação em região de fronteira – Corumbá MS. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa/quantitativa desenvolvida junto a profissionais da Educação do município de Corumbá MS. Os instrumentos utilizados na coleta de dados serão Questionário dirigidos e duas escalas apresentadas a saber Questionário de Stress nos Professores: Ensino Básico e Secundário (QSPEBS) e Self Reporting Questionnaire (SRQ-20).

O objetivo da pesquisa é mapear a percepção do adoecimento para os profissionais da Educação do Município de Corumbá MS.

Sua participação é muito importante, e se dará na forma de respostas a perguntas feitas por meio de questionário e escalas. Informamos que sua participação é totalmente voluntária, logo você pode se recusar a participar ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isso lhe acarrete qualquer ônus ou prejuízo. Comunicamos também que, caso haja desconforto ou constrangimento com alguma questão apresentada, você poderá optar em não a responder.

Esclarecemos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo. Confirmamos que as informações serão guardadas sob a responsabilidade da acadêmica Silvia S. Araujo Freire seguindo as normas estabelecidas pelo Comitê de Ética e Pesquisa em seres humanos.

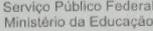
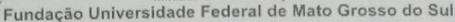
O benefício esperado é a defesa por políticas para melhorias de condições de trabalho para o professor e o auxílio da compreensão e proposição de ações que contribuam para que o sentido da prática docente seja apreendido por gestores e demais apoiadores.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, contate por meio: Silvia Segovia Araujo Freire: ssafsm@gmail.com / (67) 98133-0575 ou Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, prédio das Pró-Reitorias 'Hércules Maymone' – 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande – MS. e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 3345-7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino.

Caso concorde em participar desta pesquisa, assinale abaixo

() Declaro que fui devidamente esclarecido e CONCORDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

APENDICE B –SOLICITAÇÃO E AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CORUMBÁ MS.


Campo Grande, 24 de abril de 2020.

Ao
 Ilmo. Sr.
 Genilson Canavaro de Abreu
 Secretário Municipal de Educação
 A/C Sra. Maria do Carmo Provenzano
 Subsecretária de Educação
 Corumbá-MS

Assunto: Autorização de Atividade de Disciplina Complementar – Atividades Programadas IV – Coleta de dados.

Ilmo. Sr. Secretário,

Silvia Segóvia Araujo Freire aluna do Programa de Doutorado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – PPGEdu/UFMS, em Campo Grande-MS, está regularmente matriculada sob minha orientação na linha de ‘Pesquisa Processos Formativos, Práticas Educativas, Diferenças’ com o projeto de pesquisa de doutorado a ser desenvolvido intitulado ‘Saúde Mental e Docência’.

Sua proposta é investigar a percepção dos professores acerca da saúde mental dos profissionais de Educação do município de Corumbá MS, por isso solicito gentilmente a autorização da coleta de dados por meio de questionário eletrônico. Em tempo solicito o apoio e a ressalva da importância da participação de todos os profissionais da Secretaria Municipal de Educação de Corumbá - MS

Sem mais para o momento, colocamo-nos à disposição para quaisquer informações pelos telefones da orientadora – (67) 99998-7301 – e da doutoranda – (67) 98133-0575.

Atenciosamente,

Sônia da Cunha Urt

Prof. Dra. Sônia da Cunha Urt

Professora Titular Aposentada da UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Professora Pesquisadora Sênior do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGEdu/UFMS)
 Professora Pesquisadora Sênior do Programa de Pós Graduação em Psicologia (PPGPsi/UFMS)
 Coordenadora do GEPPE - Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia e Educação.
 Coordenadora - Representação Núcleo Regional ABEP/MS
 E mail: surt@terra.com.br / sonia.urt@gmail.com
 Currículo lattes - CV: <http://lattes.cnpq.br/5338193871900977>
 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0309-3498>
 Fone: (67) 99998-7301
 Campo Grande – MS

Autorizado!
Assinado
Maria do Carmo P. de Arruda Brun
 Secretária Adjunta Municipal de Educação
 Portaria "P" Nº 571 - 17/10/2019
 SEMED
 Em 24/04/2020

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO APLICADO PARA COLETA DE DADOS DOS PROFESSORES

Dados de Identificação

Com qual sexo você se identifica?

- Feminino
 Masculino
 Outros

Idade

- Menos de 20 anos
 20 a 30 anos
 31 a 40 anos
 41 a 50 anos
 51 anos ou mais

Estado Civil

- Casado
 Solteiro
 Divorciado
 União estável

Formação em nível de Graduação: 1 Curso: 2 Instituição: 3 Ano:

Formação em nível de Pós-Graduação: 1 Curso: 2 Instituição: 3 Ano:

II Questões sobre o Trabalho Docente:

1. Como você se sente em relação ao seu trabalho?

- extremamente satisfeito
 Muito satisfeito
 Satisfeito
 Razoavelmente satisfeito
 Pouco satisfeito
 Insatisfeito
 Indiferente

2. Em relação às condições de trabalho, cite até três que mais o agradam.

3. Em relação às condições de trabalho, cite até três que mais o desagradam.

4. Quais as atividades realizadas no seu trabalho que você considera prazerosas? Cite até três.

5. Quais as atividades realizadas no seu trabalho que você considera desprazerosas? Cite até três.

6. Você gosta do seu trabalho? Justifique sua resposta.

7. Se pudesse mudaria de profissão?

- Sim
 Não

Caso sua resposta for sim, para qual profissão? Por que?

III Questões sobre adoecimento

1. Você tem algum problema de saúde?

- Sim
 não

Caso tenha respondido Sim, qual?

2. Seu problema de saúde é anterior ou posterior ao início da sua atividade profissional?

- anterior
 posterior
 não se aplica

3. Você tem alguma hipótese sobre os motivos do seu adoecimento? Quais? Caso tenha respondido que tem algum problema de saúde
4. Há situações específicas em que sua doença se manifesta? Quais? Caso tenha respondido que tem algum problema de saúde
5. Você solicitou afastamento de seu trabalho por razões de saúde nos últimos 12 meses?

sim
 não

Caso tenha respondido Sim, quantas vezes nos últimos 12 meses?

Se sim, por quanto tempo ficou afastado?

6. Você toma ou tomou algum medicamento nos últimos 12 meses?

sim
 não

Caso tenha respondido Sim, quais?

7. Que efeitos positivos você considera que o medicamento proporciona a você?

8. Que efeitos negativos você considera que o medicamento proporciona a você?

9. Você considera que os problemas de saúde enfrentados causam prejuízo na sua atividade profissional?

Sim
 Não

Caso tenha respondido Sim, descreva a situação.

10. Você considera que a atividade docente pode ter provocado seu problema de saúde?

sim
 não

Caso tenha respondido Sim, do seu ponto de vista, de que forma isso ocorreu?

IV - Questões sobre Trabalho Docente na Pandemia

1. Em tempo de pandemia o quanto você considera que o trabalho remoto prejudicou sua saúde?

Não prejudicou
 Prejudicou levemente
 Prejudicou moderadamente
 Prejudicou gravemente

- 1.1 Caso tenha prejudicado você considera que prejudicou de que forma?

Saúde física
 Saúde psíquica
 Ambas
 Não prejudicou

2. Você teve dificuldade de exercer seu trabalho em tempo de pandemia?

sim
 Não

Caso tenha respondido Sim, qual?

3. Foram disponibilizados os recursos tecnológicos para o desempenho das atividades docente?

sim
 Não

Caso tenha respondido Sim, quais?

4. Em caso de disponibilização de recursos tecnológicos, foram ofertados formação para a utilização?

sim
 Não

Caso tenha respondido Sim, qual?

5. Você considera que o trabalho remoto devido a pandemia prejudicou a qualidade do seu trabalho?

sim

Não

Caso tenha respondido Sim, de que forma? Exemplifique

V. Questões sobre ações para o enfrentamento docente

1. Relate alguma experiência ou projeto de enfrentamento que você conhece ou participou para situações emergenciais de adoecimento?

2. Quais medidas/ações de enfrentamento poderiam ser realizadas para minimizar o adoecimento do(a) professor(a)? Descreva neste espaço.

3. Como você pensa que os professores gostariam de ser acolhidos pela escola quando sentem dificuldades?

4. Informações que considere importantes acrescentar:

OBRIGADA!!!!

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO APLICADO PARA COLETA DE DADOS DOS GESTORES

I Dados de Identificação

1. Qual sexo você se identifica?

- () Feminino
 () Masculino
 () Outros

2. Idade

- () Menos de 20 anos
 () 20 a 30 anos
 () 31 a 40 anos
 () 41 a 50 anos
 () 51 anos ou mais

3. Estado Civil

- () Casado
 () Solteiro
 () Divorciado
 () União estável

4. Formação em nível de Graduação: 1 Curso: 2 Instituição: 3 Ano:

5. Formação em nível de Pós-Graduação: 1 Curso: 2 Instituição: 3 Ano:

6. Vínculo empregatício

- () Estatutário
 () Contratado
 () Comissionado

7. Qual seu cargo Atual?

8. Qual função desempenha?

II Questões sobre Projetos realizados para o Bem Estar Docente:

1. Existe algum Programa, Ação, Projeto para prevenção do adoecimento docente no município de Corumbá MS?

- () Sim
 () Não

Se sim, Qual?

Se não, porque?

2. Na sua opinião, quais temáticas e tipos de Programas seriam necessários para prevenção do adoecimento docente?

3. Com qual frequência considera que seja importante existir Programas, Ações ou Projetos, que possam proporcionar o Bem Estar Docente?

4. Atualmente tem conhecimento das principais causas de afastamento para tratamento de saúde dos docentes?

- () Sim
 () Não

Se sim, quais são?

III Questões sobre o processo de Trabalho Docente em tempo de pandemia

1. Foram disponibilizados os recursos tecnológicos para o desempenho das atividades docente?

- () Sim
 () Não

Se sim, quais?

2.Em caso de disponibilização de recursos tecnológicos, foram disponibilizado formação para os Docentes utiliza-los?

Sim

Não

Se sim, qual?

3.Quais ações considera importante para contribuir com o Trabalho Docente caso persista o trabalho remoto?

4.Quais ações considera importante para contribuir com o Bem Estar Docente caso persista o trabalho remoto?

5.Houve afastamento de Docentes por problemas de ordem psíquica no período de pandemia?

Sim

Não

Se sim, saberia descrever quais?

6.Informações que considere importantes acrescentar

OBRIGADA!!!

ANEXO A – APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA PELO COLEGIADO DOS CURSOS DE MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

13/07/2020

SEI/UFMS - 2041482 - Resolução



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



RESOLUÇÃO Nº 101, DE 07 DE JULHO DE 2020.

O COLEGIADO DOS CURSOS DE MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO da Faculdade de Educação da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no uso de suas atribuições legais resolve:

Art. 1º Aprovar o Projeto de Pesquisa da acadêmica do Curso de Doutorado em Educação, Sílvia Segóvia Araujo Freire, sob orientação da Professora Dra. Sônia da Cunha Urt, intitulado SAÚDE PSÍQUICA E DOCÊNCIA: um mapeamento da percepção do adoecimento para profissionais da Educação em região de fronteira – Corumbá MS.

FABIANY DE CÁSSIA TAVARES SILVA



Documento assinado eletronicamente por **Fabiany de Cassia Tavares Silva**, Coordenador(a) de Curso de Pós-graduação, em 13/07/2020, às 09:44, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2041482** e o código CRC **3E6D89ED**.

COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

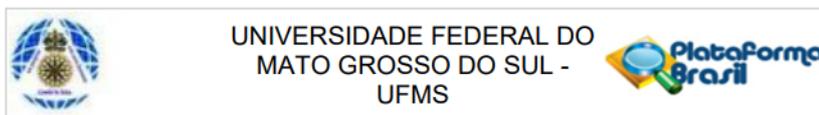
Referência: Processo nº 23104.006880/2020-17

SEI nº 2041482



https://sei.ufms.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=2507532&infra_sister

ANEXO B – APROVAÇÃO E AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA - COMITÊ DE ÉTICA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MATO GROSSO DO SUL -
UFMS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SAÚDE PSÍQUICA E DOCÊNCIA: um mapeamento da percepção do adoecimento para profissionais da Educação em região de fronteira ζ Corumbá MS

Pesquisador: SILVIA SEGÓVIA ARAÚJO FREIRE

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 42974720.8.0000.0021

Instituição Proponente:

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.717.662

Apresentação do Projeto:

A proposta desse projeto de pesquisa é buscar compreender o processo de adoecimento de professores do ensino fundamental no município de Corumbá MS, tendo como objetivo geral mapear a percepção do adoecimento para os profissionais da Educação do Município de Corumbá MS com base teórica na Psicologia Histórico-Cultural". Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa/quantitativa desenvolvida junto de profissionais da Educação do município corumbá MS. Os instrumentos utilizados na coleta de dados serão entrevista semiestruturada, e duas escalas a saber: Questionário de Stress nos Professores:Ensino Básico e Secundário (QSPEBS) e Self Reporting Questionnaire (SRQ-20). Como critério para coleta de dados serão

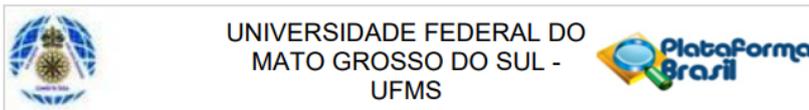
consideradas as duas escolas com menor número e outras duas com maior número de professores, as duas mais antigas, as duas localizadas na área central e outras duas escolas com maior número de alunos que apresentam vulnerabilidade social.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Mapear a percepção da saúde e do adoecimento psíquico para professores da rede municipal de ensino de Corumbá MS.

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros ζ Prédio das Pró-Reitorias ζ Hércules Maymone ζ 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br



Continuação do Parecer: 4.717.662

Objetivos Secundários:

- a) Inventariar os afastamentos de docentes – aposentadorias por doença – e no caso doença psíquica;
- b) Mapear a existência de ações ao bem estar e/ou adoecimento do professor no município de Corumbá MS;
- c) Compreender a concepção da saúde e adoecimento dos profissionais responsáveis pelas políticas de formação da Secretaria Municipal de Educação;
- d) Traçar o perfil sociodemográfico dos professores da rede municipal de ensino de Corumbá MS.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa não apresenta riscos aparentes, contudo, os participantes podem exibir cansaço, fadiga ao responder o questionário e escalas podendo decidir em encerrar ou mesmo adiar o preenchimento enquanto houver tempo hábil para participar da pesquisa.

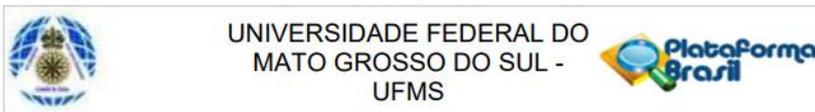
Benefícios:

Diante da constatação de inúmeros possíveis fatores causadores de sofrimento psíquico, da ausência de saúde psíquica e a iminência do adoecimento dos profissionais de educação, da relevância da saúde psíquica no campo da saúde pública e da educação, da importância de se conhecer a realidade de cada local, o presente projeto justifica-se pela necessidade de contribuir com a literatura que tem demonstrado cada vez mais interesse por esse tema e futuras políticas públicas que possam surgir no desígnio de melhorar e/ou oferecer qualidade de vida no ambiente de trabalho, e se necessário dos profissionais de educação do município de Corumbá MS.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa nacional de natureza qualitativa/quantitativa desenvolvida junto de profissionais da Educação do município corumbá MS. No total serão 900 participantes. Os instrumentos utilizados na coleta de dados serão entrevista semiestruturada, e duas escalas, a saber: Questionário de Stress nos Professores: Ensino Básico e Secundário (QSPEBS) e Self Reporting Questionnaire (SRQ-20). Como

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros √ Prédio das Pró-Reitorias √ Hércules Maymone √ 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br



Continuação do Parecer: 4.717.662

critério para coleta de dados serão consideradas as duas escolas com menor número e outras duas com maior número de professores, as duas mais antigas, as duas localizadas na área central e outras duas escolas com maior número de alunos que apresentam vulnerabilidade social.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos foram anexados de forma satisfatória.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências foram atendidas, de modo que esse comitê aprova o projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

CONFIRA AS ATUALIZAÇÕES DISPONÍVEIS NA PÁGINA DO CEP/UFMS

1) Regimento Interno do CEP/UFMS

Disponível em: <https://cep.ufms.br/novo-regimento-interno/>

2) Renovação de registro do CEP/UFMS

Disponível em: <https://cep.ufms.br/registro/>

3) Calendário de reuniões de 2021

Disponível em: <https://cep.ufms.br/calendario-de-reunioes-do-cep-2021/>

4) Composição do CEP/UFMS

Disponível em: <https://cep.ufms.br/composicao-do-cep-ufms/>

5) Etapas do trâmite de protocolos no CEP via Plataforma Brasil

Disponível em: <https://cep.ufms.br/etapas-do-tramite-de-protocolos-no-cep-via-plataforma-brasil/>

6) Legislação e outros documentos:

Resoluções do CNS.

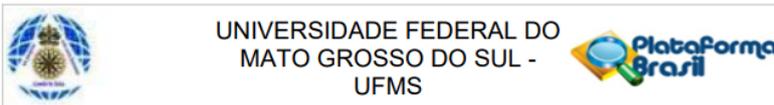
Norma Operacional nº001/2013.

Portaria nº2.201 do Ministério da Saúde.

Cartas Circulares da Conep.

Resolução COPP/UFMS nº240/2017.

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros √ Prédio das Pró-Reitorias √ Hércules Maymone √ 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br



Continuação do Parecer: 4.717.662

Outros documentos como o manual do pesquisador, manual para download de pareceres, pendências frequentes em protocolos de pesquisa clínica v 1.0, etc.

Disponíveis em: <https://cep.ufms.br/legislacoes-2/>

7) Informações essenciais do projeto detalhado

Disponíveis em: <https://cep.ufms.br/informacoes-essenciais-projeto-detalhado/>

8) Informações essenciais – TCLE e TALE

Disponíveis em: <https://cep.ufms.br/informacoes-essenciais-tcle-e-tale/>

- Orientações quanto aos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e aos Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) que serão submetidos por meio do Sistema Plataforma Brasil versão 2.0.

- Modelo de TCLE para os participantes da pesquisa versão 2.0.

- Modelo de TCLE para os responsáveis pelos participantes da pesquisa menores de idade e/ou legalmente incapazes versão 2.0.

9) Biobancos e Biorrepositórios para armazenamento de material biológico humano

Disponível em: <https://cep.ufms.br/biobancos-e-biorrepositorios-para-material-biologico-humano/>

10) Relato de caso ou projeto de relato de caso?

Disponível em: <https://cep.ufms.br/662-2/>

11) Cartilha dos direitos dos participantes de pesquisa

Disponível em: <https://cep.ufms.br/cartilha-dos-direitos-dos-participantes-de-pesquisa/>

12) Tramitação de eventos adversos

Disponível em: <https://cep.ufms.br/tramitacao-de-eventos-adversos-no-sistema-cep-conep/>

13) Declaração de uso de material biológico e dados coletados

Disponível em: <https://cep.ufms.br/declaracao-de-uso-material-biologico/>

14) Termo de compromisso para utilização de informações de prontuários em projeto de pesquisa

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros √ Prédio das Pró-Reitorias √ Hércules Maymone √ 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br



Continuação do Parecer: 4.717.662

Disponível em: <https://cep.ufms.br/termo-de-compromisso-prontuarios/>

15) Termo de compromisso para utilização de informações de banco de dados

Disponível em: <https://cep.ufms.br/termo-de-compromisso-banco-de-dados/>

16) Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual

Disponível em: <https://cep.ufms.br/orientacoes-para-procedimentos-em-pesquisas-com-qualquer-etapa-em-ambiente-virtual/>

17) Solicitação de dispensa de TCLE e/ou TALE

Disponível em: <https://cep.ufms.br/solicitacao-de-dispensa-de-tcle-ou-tale/>

DURANTE A PANDEMIA CAUSADA PELO SARS-CoV-2, CONSIDERAR:

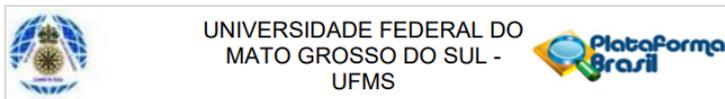
Solicitamos aos pesquisadores que se atentem e obedeçam às medidas de segurança adotadas pelos locais de pesquisa, pelos governos municipais e estaduais, pelo Ministério da Saúde e pelas demais instâncias do governo devido a excepcionalidade da situação para a prevenção do contágio e o enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (Covid-19).

As medidas de segurança adotadas poderão interferir no processo de realização das pesquisas envolvendo seres humanos. Quer seja no contato do pesquisador com os participantes para coleta de dados e execução da pesquisa ou mesmo no processo de obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido-TALE, incidindo sobre o cronograma da pesquisa e outros. Orientamos ao pesquisador na situação em que tenha seu projeto de pesquisa aprovado pelo CEP e em decorrência do contexto necessite alterar seu cronograma de execução, que faça a devida "Notificação" via Plataforma Brasil, informando alterações no cronograma de execução da pesquisa.

SE O PROTOCOLO DE PESQUISA ESTIVER PENDENTE, CONSIDERAR:

Cabe ao pesquisador responsável encaminhar as respostas ao parecer pendente, por meio da Plataforma Brasil, em até 30 dias a contar a partir da data de sua emissão. As respostas às

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros, Prédio das Pró-Reitorias Hércules Maymone, 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br



Continuação do Parecer: 4.717.662

pendências devem ser apresentadas em documento à parte (CARTA RESPOSTA). Ressalta-se que deve haver resposta para cada uma das pendências apontadas no parecer, obedecendo a ordenação deste. Além de indicar na carta resposta as alterações realizadas no protocolo de pesquisa, solicita-se que o pesquisador destaque estas alterações nos documentos que porventura sofram modificações. A carta resposta deve permitir o uso correto dos recursos "copiar" e "colar" em qualquer palavra ou trecho do texto, isto é, não deve sofrer alteração ao ser "colado".

Para que os protocolos de pesquisa sejam apreciados nas reuniões definidas no Calendário, o pesquisador responsável deverá realizar a submissão com, no mínimo, 15 dias de antecedência. Observamos que os protocolos submetidos com antecedência inferior a 15 dias serão apreciados na reunião posterior. Confira o calendário de reuniões de 2020, disponível no link: <https://cep.ufms.br/calendario-de-reunioes-do-cep-2021/>

SE O PROTOCOLO DE PESQUISA ESTIVER NÃO APROVADO, CONSIDERAR:

Informamos ao pesquisador responsável, caso necessário entrar com recurso diante do Parecer Consubstanciado recebido, que ele pode encaminhar documento de recurso contendo respostas ao parecer, com a devida argumentação e fundamentação, em até 30 dias a contar a partir da data de emissão deste parecer. O documento, que pode ser no formato de uma carta resposta, deve contemplar cada uma das pendências ou itens apontados no parecer, obedecendo a ordenação deste. Além de indicar na carta resposta as alterações realizadas no protocolo de pesquisa, solicita-se que o pesquisador destaque estas alterações nos documentos que porventura sofram modificações. O documento (CARTA RESPOSTA) deve permitir o uso correto dos recursos "copiar" e "colar" em qualquer palavra ou trecho do texto do projeto, isto é, não deve sofrer alteração ao ser "colado".

Para que os protocolos de pesquisa sejam apreciados nas reuniões definidas no Calendário, o pesquisador responsável deverá realizar a submissão com, no mínimo, 15 dias de antecedência. Observamos que os protocolos submetidos com antecedência inferior a 15 dias serão apreciados na reunião posterior. Confira o calendário de reuniões de 2020, disponível no link: <https://cep.ufms.br/calendario-de-reunioes-do-cep-2021/>

EM CASO DE APROVAÇÃO, CONSIDERAR:

É de responsabilidade do pesquisador submeter ao CEP semestralmente o relatório de atividades

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros 4 Prédio das Pró-Reitorias 4 Hércules Maymone 4 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br



Continuação do Parecer: 4.717.662

desenvolvidas no projeto e, se for o caso, comunicar ao CEP a ocorrência de eventos adversos graves esperados ou não esperados. Também, ao término da realização da pesquisa, o pesquisador deve submeter ao CEP o relatório final da pesquisa. Os relatórios devem ser submetidos através da Plataforma Brasil, utilizando-se da ferramenta de NOTIFICAÇÃO.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1680114.pdf	24/03/2021 17:03:08		Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA.docx	24/03/2021 17:00:47	SILVIA SEGÓVIA ARAÚJO FREIRE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.doc	24/03/2021 16:59:47	SILVIA SEGÓVIA ARAÚJO FREIRE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_QUESTIONARIO_GESTORES.docx	24/03/2021 16:59:22	SILVIA SEGÓVIA ARAÚJO FREIRE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	24/03/2021 16:58:59	SILVIA SEGÓVIA ARAÚJO FREIRE	Aceito
Outros	APROVACAO_COLEGIADO.pdf	11/12/2020 20:15:17	SILVIA SEGÓVIA ARAÚJO FREIRE	Aceito
Outros	Questionario_de_Stress.pdf	11/12/2020 20:13:59	SILVIA SEGÓVIA ARAÚJO FREIRE	Aceito
Outros	Self_Reporting_Questionnaire.pdf	11/12/2020 20:13:34	SILVIA SEGÓVIA ARAÚJO FREIRE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AUTORIZACAO_SEMED.pdf	11/12/2020 20:04:03	SILVIA SEGÓVIA ARAÚJO FREIRE	Aceito
Folha de Rosto	Folha.pdf	11/12/2020 18:51:18	SILVIA SEGÓVIA ARAÚJO FREIRE	Aceito

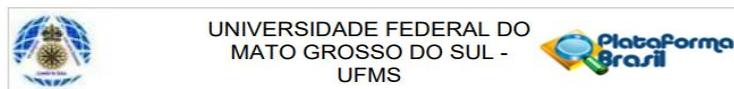
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros √ Prédio das Pró-Reitorias √ Hércules Maymone √ 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br

Página 07 de 08



Continuação do Parecer: 4.717.662

Não

CAMPO GRANDE, 17 de Maio de 2021

Assinado por:
Jeandre Augusto dos Santos Jaques
 (Coordenador(a))

ANEXO C – RESPOSTA E DISPONIBILIZAÇÃO À SOLICITAÇÃO DE INFORMAÇÕES DA SUPERINTENDENCIA DE RECURSOS HUMANOS



ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
MUNICÍPIO DE CORUMBÁ
SECRETARIA MUNICIPAL DE GESTÃO PLANEJAMENTO
SUPERINTENDÊNCIA DE GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

DO:	HUNNT CARVALHO DE ASSIS Superintendente de Gestão de Recursos Humanos
PARA:	SILVIA SEGOVIA ARAUJO FREIRE
ASSUNTO:	Solicitação de Informação (FAZ)

Corumbá-MS, 16 de novembro de 2021.

INFORMAÇÃO

Prezada Senhora,

Tendo em vista a solicitação de informação do Quantitativos de Profissionais de Educação para subsídio da pesquisa de doutorado em Educação de vossa senhoria, informamos que até a presente data contamos com os seguintes números de vínculos de Profissionais de Educação: 1.314 (Um mil trezentos e quatorze) Profissionais de Educação, sendo distribuídos em 973 (novecentos e setenta e três) Efetivos e 341 (trezentos e quarenta e um) Contratados.

Informamos que deste total supracitado, 1.156 (Um mil cento e cinquenta e seis) atuam diretamente nas Unidades Escolares da Rede Municipal de Ensino, sendo estes divididos em 815 (oitocentos e quinze) vínculos efetivos e 341 (trezentos e quarenta e um) vínculos contratados.

Nestas referidas Unidades de Ensino existem 134 (Cento e trinta e quatro) Coordenadores Pedagógicos, 30 (trinta) Gestores Escolares e 08 (oito) Gestores Adjuntos, todos com vínculos Efetivos.

A Secretaria Municipal de Educação possui hoje 79 (setenta e nove) vínculos de Profissional de Educação, distribuídos em 1 (um) Secretário Municipal de Educação, 1 (uma) Secretária Adjunta de Educação, 2 (dois) Servidores cedidos de outros órgãos e 75 (setenta e cinco) Assessores Técnicos Pedagógicos.

Sem mais para o momento, colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,

Hunnt Carvalho de Assis
Superintendente de Gestão de Recursos Humanos
Portaria "P" nº 61/2021

ANEXO D – ESCALA SELF-REPORTING QUESTIONNAIRE – SRQ-20

Anexo B

<i>Self Reporting Questionnaire (SRQ-20)</i>		
Harding e cols. (1980)	(Validação para uso no Brasil Mari & Williams, 1986)	

O (a) Sr (a). Poderia, por favor, responder às seguintes perguntas a respeito de sua saúde:

01- Tem dores de cabeça frequentes?	1-Sim	2-Não
02- Tem falta de apetite?	1-Sim	2-Não
03- Dorme mal?	1-Sim	2-Não
04- Assusta-se com facilidade?	1-Sim	2-Não
05- Tem tremores na mão?	1-Sim	2-Não
06- Sente-se nervoso (a), tenso (a) ou preocupado (a)?	1-Sim	2-Não
07- Tem má digestão?	1-Sim	2-Não
08- Tem dificuldade de pensar com clareza?	1-Sim	2-Não
09- Tem se sentido triste ultimamente?	1-Sim	2-Não
10- Tem chorado mais do que de costume?	1-Sim	2-Não
11- Encontra dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias?	1-Sim	2-Não
12- Tem dificuldades para tomar decisões?	1-Sim	2-Não
13- Tem dificuldades no serviço (seu trabalho é penoso, causa sofrimento)?	1-Sim	2-Não
14- É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida?	1-Sim	2-Não
15- Tem perdido o interesse pelas coisas?	1-Sim	2-Não
16- Você se sente uma pessoa inútil, sem préstimo?	1-Sim	2-Não
17- Tem tido ideias de acabar com a vida?	1-Sim	2-Não
18- Sente-se cansado (a) o tempo todo?	1-Sim	2-Não
19- Tem sensações desagradáveis no estômago?	1-Sim	2-Não
20- Você se cansa com facilidade?	1-Sim	2-Não

ANEXO E - QUESTIONÁRIO DE estresse NOS PROFESSORES: ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO (QSPEBS)

Descrição

O Questionário de Stress nos Professores do Ensino Básico e Secundário (QSPEBS) foi adaptado por Gomes e colaboradores (2006, 2010) a partir dos trabalhos realizados por Cruz e Freitas (1988), Cruz e Mesquita (1988) e Kyriacou e Sutcliffe (1978).

A primeira versão do instrumento era constituída por 27 itens relativos a potenciais fontes de *stress* na atividade docente (Gomes *et al.*, 2006). Posteriormente, e tendo em vista a estabilização da estrutura fatorial de algumas dimensões do questionário, foi apresentada uma versão final com 36 itens divididos por seis fatores (Gomes *et al.*, 2010).

Assim sendo, o QSPEBS é constituído por duas partes distintas, sendo a primeira caracterizada por uma questão destinada a avaliar os níveis globais de *stress* dos professores, numa escala que varia entre 0 (*Nenhum stress*) e 4 (*Elevado stress*). Na segunda parte, são incluídos 36 itens correspondentes a diferentes fontes de *stress* colocados aos docentes no processo de ensino, sendo respondidos numa escala tipo "Likert" de cinco pontos (0 = *Nenhum stress*; 2 = *Moderado stress*; 4 = *Elevado stress*).

QSPEBS

Parte 1

Na escala que se segue, assinale com um círculo o número que melhor indicar o nível de "stress" que sente **geralmente** no exercício da sua atividade profissional.

Em termos gerais, a minha atividade profissional provoca-me...				
Nenhum stress	Pouco stress	Moderado stress	Bastante stress	Elevado stress
0	1	2	3	4

Parte 2

Apresentam-se seguidamente várias fontes potencialmente geradoras de “stress” na atividade profissional dos professores. Por favor assinale com um círculo o número que melhor indicar o nível de stress/pressão que sente no exercício da sua atividade profissional (0=nenhum stress; 2 = Moderado stress; 4=Elevado stress).

	NENHUM STRESS	1	2	3	4	ELEVADO STRESS
1. Mau comportamento dos alunos em geral	0	1	2	3	4	
2. Existência de sanções disciplinares pouco adequadas	0	1	2	3	4	
3. Falta de tempo para preparar as aulas	0	1	2	3	4	
4. Falta de iniciativa e vontade de trabalhar pelos alunos	0	1	2	3	4	
5. Trabalho administrativo	0	1	2	3	4	
6. Salário inadequado	0	1	2	3	4	
7. Comportamento indecente/descarado dos alunos	0	1	2	3	4	
8. Falta de aceitação da autoridade do professor	0	1	2	3	4	
9. Demasiado trabalho para fazer	0	1	2	3	4	
10. Alunos com baixas capacidades	0	1	2	3	4	
11. Obrigações burocrático-administrativas	0	1	2	3	4	
12. Poucas oportunidades de promoção	0	1	2	3	4	
13. Mau comportamento contínuo de alguns alunos	0	1	2	3	4	
14. Falta de poder e influência nas sanções disciplinares	0	1	2	3	4	
15. Falta de tempo para aprofundar o estudo de temas curriculares	0	1	2	3	4	
16. Disparidade nas capacidades dos alunos	0	1	2	3	4	
17. Demasiado trabalho burocrático	0	1	2	3	4	
18. Baixo estatuto socioprofissional da profissão	0	1	2	3	4	
19. Alunos barulhentos	0	1	2	3	4	
20. Ineficácia das sanções disciplinares existentes	0	1	2	3	4	
21. Exigências ou obrigações para além do período letivo	0	1	2	3	4	
22. Alunos com capacidades muito diferentes	0	1	2	3	4	
23. Excesso de tarefas de carácter burocrático	0	1	2	3	4	
24. Carreira mal estruturada	0	1	2	3	4	
25. Políticas disciplinares inadequadas da escola e do ensino	0	1	2	3	4	
26. Ritmo demasiado rápido do período letivo	0	1	2	3	4	
27. Alunos que demonstram falta de interesse	0	1	2	3	4	
28. Deveres e obrigações administrativas	0	1	2	3	4	
29. Falta de perspectivas de desenvolvimento e promoção na carreira	0	1	2	3	4	
30. Problemas de comportamento difícil por parte dos alunos	0	1	2	3	4	
31. Falta de participação nas decisões disciplinares a tomar	0	1	2	3	4	
32. Falta de tempo para cumprir o programa	0	1	2	3	4	
33. Nível de barulho bastante elevado nas aulas	0	1	2	3	4	
34. Alunos pouco motivados	0	1	2	3	4	
35. Falta de estabilidade e segurança na carreira	0	1	2	3	4	
36. Turmas difíceis	0	1	2	3	4	